



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM LINGUAGEM E ENSINO**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E ENSINO**

VANDA KÉSSIA GOMES GALVÃO LACET

**O ACONTECIMENTO DISCURSIVO DA PANDEMIA DE COVID-19 NO BRASIL:
A CIRCULAÇÃO-CONFRONTO DE SENTIDOS
NA GRANDE MÍDIA, MÍDIAS ALTERNATIVAS E MÍDIAS CONSERVADORAS**

CAMPINA GRANDE-PB
2024

VANDA KÉSSIA GOMES GALVÃO LACET

**O ACONTECIMENTO DISCURSIVO DA PANDEMIA DE COVID-19 NO BRASIL:
A CIRCULAÇÃO-CONFRONTO DE SENTIDOS
NA GRANDE MÍDIA, MÍDIAS ALTERNATIVAS E MÍDIAS CONSERVADORAS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção do grau de Doutora em Linguagem e Ensino, na área de concentração de Estudos Linguísticos, linha de pesquisa de Práticas Sociais, Históricas e Culturais de Linguagem.

Orientador: Prof. Dr. Washington Silva de Farias

CAMPINA GRANDE-PB
2024

M488m

Lacet, Vanda Késsia Gomes Galvão.

O acontecimento discursivo da pandemia de Covid-19 no Brasil: a circulação-confronto de sentidos na grande mídia, mídias alternativas e mídias conservadoras / Vanda Késsia Gomes Galvão Lacet. – Campina Grande, 2024.

191 f. : il. color.

Tese (Doutorado em Linguagem e Ensino) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2024.

"Orientação: Prof. Dr. Washington Silva de Farias".

Referências.

1. Mídia de Notícias - Brasil. 2. Jornalismo Online. 3. Análise do Discurso. 4. Acontecimento Discursivo. 5. Covid-19. 6. Grande Mídia. 7. Mídia Alternativa. 8. Mídia Conservadora. 9. Cobertura Jornalística. I. Farias, Washington Silva de. II. Título.

CDU 070:81'42(81)(043)

VANDA KÉSSIA GOMES GALVÃO LACET

**O ACONTECIMENTO DISCURSIVO DA PANDEMIA DE COVID-19 NO
BRASIL: A CIRCULAÇÃO-CONFRONTO DE SENTIDOS
NA GRANDE MÍDIA, MÍDIAS ALTERNATIVAS E MÍDIAS CONSERVADORAS**

Defendida e aprovada em: 29/11/2024



Documento assinado digitalmente
WASHINGTON SILVA DE FARIAS
Data: 04/12/2024 14:24:29-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Washington Silva de Farias
Universidade Federal de Campina Grande — UFCG
Orientador



Documento assinado digitalmente
MARIA ANGELICA DE OLIVEIRA
Data: 03/12/2024 17:27:22-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Maria Angélica de Oliveira
Universidade Federal de Campina Grande — UFCG
Membro Titular Interna



Documento assinado digitalmente
MANASSES MORAIS XAVIER
Data: 04/12/2024 20:13:15-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Manassés Morais Xavier
Universidade Federal de Campina Grande — UFCG
Membro Titular Interno

Tânia Maria Augusto Pereira

Profa. Dra. Tânia Maria Augusto Pereira
Universidade Estadual da Paraíba — UEPB
Membro Titular Externa

Profa. Dra. Verli Fatima Petri da Silveira
Universidade de Santa Maria — UFSM
Membro Titular Externa

Dedico para Geraldina Freitas Galvão, minha querida
vozinha, que partiu durante a pandemia e cujo amor
iluminou a minha jornada.

AGRADECIMENTOS

Fazer um doutorado na cidade em que moro e tendo o privilégio de ser bolsista da Capes; trabalhar com a vertente teórica pela qual me encantei desde a graduação em jornalismo; ser aluna de um programa que me possibilitou ter uma ampla bagagem em estágios docentes, organização de eventos, financiamento para apresentar minha pesquisa em outras universidades e representação discente no colegiado do curso... São tantas coisas incríveis que a educação pública me proporcionou que eu realmente preciso agradecer a todos que lutaram e ainda lutam por ela, especialmente ao Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino (PPGLE) da UFCG, e ao meu orientador, o professor Washington Silva de Farias, o qual tenho como modelo profissional quando penso em como desejo ser em sala de aula.

Obrigada, professor Washington, por acreditar em mim e seguir nesta jornada de seis anos seguidos, do mestrado ao doutorado. Obrigada por, pacientemente, me ajudar a pensar (às vezes repetindo a mesma coisa várias vezes até que eu assimilasse bem — risos — sorry!). Obrigada por, generosamente, compartilhar conhecimento comigo. É uma honra ter sido sua aprendiz e me tornar doutora sob sua orientação!

Agradeço também aos professores que estiveram comigo nas disciplinas do curso e nas bancas de qualificação e defesa — Prof^ª. Verli Petri, Prof^ª. Tânia Maria, Prof^ª. Gerenice Oliveira, Prof^ª. Maria Angélica, Prof. Manassés Morais e Prof. Edmilson Luiz Rafael — por suas contribuições valiosas na presente pesquisa. Considero um privilégio ser avaliada por docentes e pesquisadores que tanto leio e admiro.

Gratidão também à minha família paterna e materna, que sempre me ensinou o quanto a educação é importante e segurou as cordas desde que eu era uma criança para que eu pudesse me jogar. Agradeço ainda à minha nova família, os Lacet, por me abraçarem e acolherem entre eles. Obrigada também, Diego Lacet, meu querido esposo, que conheci quando estava no começo do doutorado e tanto me incentivou a persistir. Meu amor, fez total diferença ter você na minha vida para conseguir chegar até aqui.

Expresso ainda meu agradecimento aos amigos de ontem e hoje, muito amados por mim e cujo apoio foi fundamental: Camila, Igor, Walter, Ariane, Rickson, Ramon, Haiany, Diana e Bruna. Obrigado por segurarem a minha mão quando eu precisei.

Por fim, fecho os agradecimentos louvando ao Criador, Deus Pai, “porque eu vivi para ver este dia chegar...”, como diz a canção Respirar.

RESUMO

Sob a orientação teórica da Análise do Discurso francesa fundada por Michel Pêcheux, esta tese tem como objetivo compreender como o acontecimento discursivo da pandemia de covid-19 ressoou na circulação-confronto de formulações feitas em três segmentos midiáticos brasileiros: a Grande Mídia (GM), a Mídia Alternativa (MA) e a Mídia Conservadora (MC). Para tanto, recorreremos aos conceitos centrais de *acontecimento discursivo* (Pêcheux, 2008; Orlandi, 2021); *memória discursiva* (Pêcheux, 1999); *posição-sujeito* (Pêcheux, 1995) e *lugar discursivo* (Grigoletto, 2007). Numa pesquisa qualitativa (Gibbs, 2009) de arquivo (Courtine, 2014), selecionamos nove sites como objetos de análise: da GM, a Folha de S.Paulo, a CNN Brasil e a Jovem Pan; da MA, a Agência Pública, o Brasil de Fato e o Brasil 247; da MC, o Brasil sem Medo, o Conexão Política e o Pleno News. De um arquivo composto por 990 matérias, publicadas entre 2020 e 2023, construímos um *corpus* de 47 publicações representativas dos discursos desses veículos. Dividimos a análise em três movimentos, focando os discursos sobre a origem do coronavírus, a eficácia dos protocolos de saúde pública e as responsabilidades na gestão da crise sanitária no Brasil. O estudo constatou que, a partir das ideologias que as interpelam, na discursivização da pandemia, parte dominante da GM e da MA aderiram ao discurso científico, enquanto outra parte da GM e a MC tendiam a sustentar discursos negacionistas e anticomunistas. Identificamos que essa circulação-confronto de sentidos ocorreu através de cinco posições-sujeito mais recorrentes, as quais eram de identificação com: a ciência, a concepção político-social de esquerda, o anticomunismo, o senso comum e o negacionismo. Nosso gesto de conclusão é de que, na cobertura jornalística dos três segmentos investigados, tendo em vista suas diferentes filiações ideológicas, se configuraram diferentes versões da pandemia. Nelas, apresentaram-se pontos de contato entre GM e MA, pela defesa da ciência, e entre GM e MC, pelo viés anticomunista, mas não da mesma maneira, uma vez que cada segmento produz sentido a partir de um dado lugar discursivo que afeta esses modos de significação, recorrendo à ciência em função do econômico ou do político (de esquerda e de direita). A tese contribui para os estudos discursivos ao demonstrar como o fato jornalístico é constituído ideologicamente e linguisticamente, sendo, portanto, um fato de ordem discursiva, que não será veiculado de igual modo nos diferentes segmentos de mídias, ainda que eles abordem um mesmo assunto. Argumentamos que a mediação jornalística dos acontecimentos representa uma prática política dos meios de comunicação, que vai além da mera mediação informativa e perpassa pelas relações de poder em jogo na sociedade. Nosso estudo ajuda também na compreensão de que os sentidos produzidos no jornalismo não são transparentes, mas opacos. Ainda, destacamos a importância de estudar a mídia conservadora emergente como um segmento distinto da grande mídia, tendo em vista suas diferenças históricas e ideológicas, sendo a MC, inclusive, um segmento pouco pesquisado, em crescimento no ambiente digital e carente de análise. O estudo evidencia a opacidade do acontecimento discursivo da pandemia e o jogo de posições no discurso jornalístico que representava as forças políticas ali simbolizadas para tentar regularizar sentidos específicos vindos do campo político, econômico e científico nas redes de memória que deram legibilidade a esse acontecimento.

Palavras-chave: Acontecimento discursivo. Pandemia de Covid-19. Grande Mídia. Mídia Alternativa. Mídia Conservadora.

ABSTRACT

Under the theoretical guidance of French Discourse Analysis founded by Michel Pêcheux, this thesis aims to understand how the discursive event of the COVID-19 pandemic resonated in the circulation-confrontation of formulations within three Brazilian media segments: Mainstream Media (GM), Alternative Media (MA), and Conservative Media (MC). For this, we resort to the central concepts of *discursive event* (Pêcheux, 2008; Orlandi, 2021); *discursive memory* (Pêcheux, 1999); *subject-position* (Pêcheux, 1995); and *discursive place* (Grigoletto, 2007). In a qualitative study (Gibbs, 2009) with a research *corpus* of archives (Courtine, 2014), we selected nine websites as objects of analysis: Folha de S.Paulo, CNN Brasil, and Jovem Pan for MM; Agência Pública, Brasil de Fato, and Brasil 247 for AM; and Brasil sem Medo, Conexão Política, and Pleno News for CM. From an archive composed of 990 articles, published between 2020 and 2023, we built a corpus of 47 publications as representative of the discourses from these outlets. We divided the analysis into three movements, focusing on discourses about the origin of the coronavirus, the efficacy of public health protocols, and responsibilities in managing the health crisis in Brazil. The study found that, from the ideologies that challenge them, in the discourse on the pandemic, a dominant part of GM and MA adhered to scientific discourse, while another part of GM and MC tended to support denialist and anti-communist discourses. We identified that this circulation-confrontation of meanings occurred through five most recurrent subject positions, which were identified with: science, the left-wing political-social conception, anti-communism, common sense, and denialism. Our gesture of conclusion is that, in the journalistic coverage of the three segments investigated, because their different ideological affiliations, different versions of the pandemic were configured. In them, points of contact were presented between GM and MA, in defense of science, and between GM and MC, in favor of the anti-communist bias, but not in the same way, since each segment produces meaning from a discursive place that affects these modes of signification, resorting to science for economic or political aspects (left and right) purposes. The thesis contributes to discursive studies by demonstrating how journalistic facts are ideologically and linguistically constituted, and are therefore facts of a discursive nature that will not be published in the same way in different media segments, even if they talk about the same subject. We argue that journalistic mediation of events represents a political practice of the media, which goes beyond simple informative mediation and permeates the power relations at play in society. Our study also helps in understanding that the meanings produced in journalism are not transparent, but opaque. Furthermore, we highlight the importance of studying emerging conservative media as a distinct segment from mainstream media, given their historical and ideological differences, with MC being a segment that has been little researched, growing in the digital environment and lacking analysis. The study highlights the opacity of the discursive event of the pandemic and the game of positions in the journalistic discourse that represented the political forces symbolized there in an attempt to regularize specific meanings coming from the political, economic and scientific fields in the memory networks that gave legibility to this event.

Keywords: Discursive event. Covid-19 pandemic. Mainstream media. Alternative media. Conservative media.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Sites da GM, MC e MA.....	71
QUADRO 2 – Produções jornalísticas durante a pandemia na GM, MC e MA.....	80
QUADRO 3 – Organização das montagens discursivas das nossas análises para cada segmento.....	82
QUADRO 4 – Organização das montagens discursivas das nossas análises de forma comparativa entre os três segmentos.....	82
QUADRO 5 – Lugares discursivos da GM, MA e MC.....	83
QUADRO 6 – Posições-sujeito e seus efeitos de sentidos dominantes durante a pandemia no discurso jornalístico.....	84
QUADRO 7 – Montagem discursiva 1: a origem do coronavírus segundo a GM.....	87
QUADRO 8 – Montagem discursiva 2: a origem do coronavírus segundo a MC.....	97
QUADRO 9 – Montagem discursiva 3: a origem do coronavírus segundo a MA.....	101
QUADRO 10 – Montagem discursiva 4: a origem do coronavírus segundo os três segmentos.....	107
QUADRO 11 – O jogo de posições-sujeito em relação à montagem discursiva 4.....	126
QUADRO 12 – Montagem discursiva 5: protocolos de saúde pública segundo a GM e a MA.....	128
QUADRO 13 – O jogo de posições-sujeito em relação à montagem discursiva 5.....	141
QUADRO 14 – Montagem discursiva 6: protocolos de saúde pública segundo a MC e a GM.....	142
QUADRO 15 – Montagem discursiva 7: protocolos de saúde pública segundo a GM, a MC e a MA.....	149
QUADRO 16 – O jogo de posições-sujeito em relação à montagem discursiva 7.....	159
QUADRO 17 – Montagem discursiva 8: responsabilidades na gestão da pandemia segundo GM e MC.....	161
QUADRO 18 – Montagem discursiva 9: responsabilidades na gestão da pandemia segundo a GM.....	168
QUADRO 19 – Montagem discursiva 10: responsabilidades na gestão da pandemia segundo a MA.....	174

LISTA DE SIGLAS

ADI - Ação Direta de Inconstitucionalidade

AP - Agência Pública

BR 247 - Brasil 247

BRF - Brasil de Fato

BSM - Brasil sem Medo

CNN BR - Cable News Network Brasil

CP - Conexão Política

CPI - Comissão Parlamentar de Inquérito

EUA - Estados Unidos da América

FBI - *Federal Bureau of Investigation* (Departamento Federal de Investigação)

FD - Formação discursiva

FSP - Folha de S.Paulo

GM - Grande Mídia

JP - Jovem Pan News

N - Número

MA - Mídia Alternativa

MC - Mídia Conservadora

OMS - Organização Mundial de Saúde

PN - Pleno News

PT - Partido dos Trabalhadores

SARS - Síndrome Respiratória Aguda Grave

STF - Supremo Tribunal Federal

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: PANDEMIA(S) DE COVID-19, DO FATO AO DISCURSO.....	10
2 MOVIMENTO IDEOLÓGICO E DISCURSIVO DA COBERTURA JORNALÍSTICA DOS FATOS.....	26
2.1 Pandemia(s) de covid-19 em pauta.....	27
2.2 O fato jornalístico enquanto fato discursivo.....	35
2.3 A heterogeneidade das mídias jornalísticas.....	44
2.4 Pandemia e mídia sob o olhar de analistas do discurso no Brasil.....	62
3 MOVIMENTO METODOLÓGICO DA PESQUISA	68
3.1 Abordagem teórico-analítica.....	68
3.2 Configuração do <i>corpus</i>	70
3.3 Movimentos de análise.....	81
4 A CIRCULAÇÃO-CONFRONTO DE SENTIDOS NAS MÍDIAS JORNALÍSTICAS EM RELAÇÃO AO ACONTECIMENTO DISCURSIVO DA PANDEMIA	85
4.1 Funcionamentos discursivos sobre a origem do coronavírus SARS Cov-2: culpabilização e defesa da China em debate	85
4.1.1 Efeitos de sentido acerca do caráter natural, intencional ou acidental do vírus	86
4.2 Funcionamentos discursivos sobre a eficácia dos protocolos de saúde pública: o científico e o anticientífico em debate.....	127
4.2.1 Efeitos de sentido acerca da legitimação ou refutação aos protocolos científicos	128
4.3 Funcionamentos discursivos sobre as responsabilidades na gestão da pandemia: prioridades do Poder Público em debate.....	160
4.3.1 Efeitos de sentido acerca das responsabilidades sobre a vida <i>e/ou</i> a economia.....	161
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: VERSÕES DO ACONTECIMENTO DISCURSIVO DA PANDEMIA DE COVID-19 NAS MÍDIAS JORNALÍSTICAS BRASILEIRAS.....	179
REFERÊNCIAS.....	184

1 INTRODUÇÃO: PANDEMIA(S) DE COVID-19, DO FATO AO DISCURSO

Era dezembro de 2019, quando uma doença de contágio acelerado e alto índice letal teve seu primeiro caso oficial registrado entre frequentadores de um mercado de animais em Wuhan, na República Popular da China. Esse local foi, assim, o epicentro da então epidemia¹ de Covid-19, enfermidade causada pelo coronavírus SARS-CoV-2.

Ante a evolução das contaminações, em 11 de março de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) postou na antiga rede social *twitter* a declaração oficial da classificação de pandemia² para o quadro de contaminação desencadeado pelo coronavírus, ao afirmar: “[...] a #COVID19 pode ser caracterizada como uma pandemia”³ e “Nunca vimos antes uma pandemia provocada por um #coronavirus”⁴. Esses enunciados significavam o reconhecimento de que vivíamos um *acontecimento histórico* de escala geográfica mundial, e não mais local apenas na China.⁵

Em decorrência desses enunciados da OMS, a constituição do discurso sobre o assunto na sociedade ocorreu sob uma constante regulação e desregulação do que se poderia entender acerca da doença, gerando muitos embates nos campos da política e da ciência, conforme noticiado em todo o mundo. Lideranças globais e locais apresentavam divergentes posicionamentos sobre o tema. Ambas investigavam a origem da doença, discutindo protocolos de saúde e efeitos econômicos aos quais a sociedade deveria se adequar, mas não havia uma interpretação única de combate ao vírus.

Nesse sentido, inclusive, Zizek (2020) argumenta que o coronavírus reacendeu o que ele chama de “epidemias de vírus ideológicos”, em relação a paranoias conspiracionistas em

¹ Segundo o dicionário Houaiss, na medicina, epidemia significa “aumento excessivo do número de casos de doença, fator mórbido ou fenômeno anormal em dada população e/ou região [...]”. Disponível em: https://houaiss.uol.com.br/houaission/apps/uol_www/v7-0/html/index.php#1. Acesso em 21 jul. 2024.

² Linha do tempo inicial da pandemia no site da Organização Mundial de Saúde em: <https://www.who.int/news/item/29-06-2020-covidtimeline>. Acesso em: 18 ago. 2020.

³ Tradução de: “We have therefore made the assessment that #COVID19 can be characterized as a pandemic” - @DrTedros #coronavirus”, postado no perfil da OMS. Disponível em: <https://twitter.com/WHO/status/123777304656449538>. Acesso em 20 jul. 2024.

⁴ Tradução de: “We have never before seen a pandemic sparked by a #coronavirus.” Postado no perfil da OMS. Disponível em: <https://x.com/WHO/status/123777304656449538>. Acesso em 20 jul. 2024.

⁵ A doença segue fazendo vítimas em 2024, mas não como pandemia. O status de emergência global de saúde perdurou por três anos e dois meses, de 2020 a 2023, deixando mais de 7 milhões de mortos, segundo dados oficiais de maio de 2023. No entanto, de acordo com a ONU, é possível que o número real seja em torno de 20 milhões. Fonte: OMS declara que Covid-19 não é mais uma Emergência Global de Saúde. **ONU News**, 05 maio 2023. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2023/05/1813942>. Acesso em 05 maio 2023.

torno do assunto, as quais, entre outras coisas, eram compostas por racismo e anticomunismo. Ou seja, desde os debates iniciais sobre o enfrentamento à doença, formulações embasadas em informações aceitas na comunidade científica se confrontavam com “teorias” sem sustentação na realidade, embasadas no preconceito contra chineses ou no anticomunismo, por conta da doença ter surgido na China, que é governada por um partido comunista.

Em relação ao que se entende por teoria de conspiração, Uscinski e Enders (2023) argumentam que ela se refere à crença de que algum acontecimento na sociedade teve uma conspiração como causa inicial, podendo ser desencadeada por ações de um indivíduo, uma organização, um governo etc. Isto é, acredita-se que há intencionalidade e provocação de um dado evento, de forma que explicações naturais se tornam invalidadas e são refutadas, sob a acusação de manipulação. Numa perspectiva que nega o que é reconhecido cientificamente como a pandemia de covid-19, por exemplo, essas teorias se materializam nos discursos de viés anticomunista, enunciados por meio de algumas expressões diferentes das produzidas e repetidas no campo científico: “vírus chinês”, “comunavírus”, “vachina” etc.

Inclusive, no que diz respeito às teorias da conspiração, concordamos com o argumento de Orlandi (2020, 2021) acerca da pandemia ser um *acontecimento discursivo* dominado por muitas discursividades: “Podemos considerar a Pandemia como um `acontecimento discursivo` que domina as discursividades. [...] contagiando não só as posições-sujeito, mas também as palavras, os sentidos [...]” (Orlandi, 2021, p. 3). Em sua análise, a teórica ressaltou a forma como a interpretação na pandemia estava sendo volátil e a sociedade incorporava em seus discursos o imaginário⁶ das teorias de conspiração, diluindo o real do acontecimento ao criar fatos a partir de interpretações isoladas, sem base científica⁷.

Dessa forma, num cenário de volatilidade de interpretação, o problema de saúde pública desencadeado pelo SARS-CoV-2 ora era descrito como “pandemia causada por *coronavírus*”,

⁶ Entendemos que o imaginário na análise de discurso refere-se ao que Pêcheux (1995) chama de Formação Imaginária, enquanto formulações que estabelecem as imagens dos lugares que diferentes sujeitos atribuem um ao outro. No imaginário de uma teoria conspiratória, o sujeito A assume que o sujeito B (governo, entidade ou indivíduo) tem uma posição de poder para provocar uma pandemia, por exemplo.

⁷ A autora discorreu sobre o tema durante o primeiro semestre de pandemia, no Congresso da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN) em 2020. A palestra foi intitulada como “Volatilidade da interpretação: política, imaginário e fantasia”. Conteúdo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MjCsJxfiXtg>. Acesso em 08 de ago, 2021. Ensaio teórico disponível em: <https://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos/article/download/310/325/>. Acesso em 20 set. 2022. O assunto também foi publicado em artigo: ORLANDI, Eni Puccinelli. Volatilidade da interpretação: política, imaginário e fantasia. **Cadernos de Linguística**, v. 2, n. 1, p. 01-15, 2021.

numa perspectiva científica, ora era descrito como “pandemia causada por um *vírus chinês*”, numa perspectiva política anticomunista.

No âmbito da política brasileira, inclusive, o Governo Federal da época, sob a liderança de Jair Bolsonaro, de maneira controversa, tentou alterar os dados relacionados à covid-19 no portal do Ministério da Saúde, ocultando estatísticas sobre as mortes⁸ em decorrência do coronavírus. Isso levou vários veículos de imprensa a se unirem de junho de 2020 até janeiro de 2023, em resistência a esse apagamento, para veicular tais informações de maneira independente por meio de um consórcio, cujos grupos integrantes eram todos pertencentes a grandes conglomerados de comunicação: G1, O Globo, Extra, Estadão, Folha de S.Paulo e UOL. O levantamento atualizado por eles era diário, a partir dos dados do site coronavirusnobrasil.org⁹, que reunia os números da doença conforme documentos dos Estados e Municípios de todo o país. Assim, uma parte dos grandes conglomerados indicava que os seus posicionamentos seriam diferentes dos adotados pelo Governo brasileiro. Logo, tínhamos: 1) posicionamento científico da OMS, 2) posicionamento negacionista do Governo Federal, 3) mediação das diversas mídias jornalísticas, entre as quais havia um consórcio de grandes conglomerados para divulgar dados que o Governo Federal tentava ocultar.

No panorama dos distintos posicionamentos sobre o coronavírus, o Brasil viveu ainda uma “queda de braços” no campo político, cujos discursos expressavam ou negavam o reconhecimento de que a pandemia de covid-19 seria algo de risco real, duradouro e alarmante, mediante grande discordância dos governos federal, estadual e municipal. Enquanto os casos de contaminação aumentavam, o Poder Público brasileiro discutia se deveria decretar Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional, o que ocorreu de 04 de fevereiro de 2020 até 22 de maio de 2020¹⁰; ou Estado de Calamidade Pública, reconhecendo a gravidade pandêmica, conforme se deu de 20 de março de 2020 a 31 de dezembro desse mesmo ano¹¹.

⁸ Na época, o Supremo Tribunal Federal (STF) havia determinado que o Governo Federal voltasse a divulgar as informações ocultadas.

⁹ Este site apresentou dados compilados pelo pesquisador Wesley Cota (Doutor em Física na Universidade Federal de Viçosa) e pela Johns Hopkins University, que catalogaram informações dos estados e municípios brasileiros. Eles possuíam um canal de contato no telegram que qualquer pessoa podia entrar para receber notificações diárias sobre a situação da pandemia no Brasil. O site era mantido pelo Laboratório de Estudos Espaciais da Rice University.

¹⁰ GOVERNO federal revoga decretos de enfrentamento à pandemia. **Agência Senado**, 23 maio. 2022. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2022/05/23/governo-federal-revoga-decretos-de-enfrentamento-a-pandemia>. Acesso em 12 jun. 2023.

¹¹ BRASIL. Decreto legislativo nº 6, de 2020. Reconhece, para os fins do art. 65 da Lei Complementar nº 101, de 4 de maio de 2000, a ocorrência do estado de calamidade pública. **Planalto**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/portaria/DLG6-2020.htm. 20 mar. 2020. Acesso em 12 jun. 2023.

Ainda no campo político, as controvérsias acerca de como enfrentar o vírus foram tão complexas que “defender a vida” ora significava querer dizer “defender o isolamento social”, porque aglomerar gerava risco de contaminação, e ora significava “defender a economia”, porque as pessoas morreriam de fome sem renda, como se as duas coisas fossem opostas e não houvesse outras possibilidades que articulassem ambas as necessidades.

No campo jornalístico, onde se dá a mediação das informações de interesse público para a sociedade, a pandemia de covid-19 foi noticiada numa grande cobertura internacional e nacional de imprensa ao longo de três anos. Nessa série de notícias e reportagens, conforme destaca Santos (2021, p. 17): “o mundo afirmou-se enquanto mundo nos noticiários”, de forma que, dificilmente, os jornais deixaram de ter a covid-19 em alguma pauta de suas redações, fazendo circular variados posicionamentos que interpretaram, silenciaram e mediaram dados deste acontecimento histórico para a sociedade. Em território brasileiro, os discursos jornalísticos textualizavam a pandemia com significados associados ora ao conhecimento científico, ora ao senso comum, ao anticomunismo ou ao negacionismo científico, alimentando o confronto de sentidos acerca da doença¹².

Na cobertura jornalística brasileira, publicações com o enunciado sobre o “coronavírus no Brasil”¹³ passaram a circular de forma intensa em vários veículos de divergentes filiações ideológicas, a partir das primeiras suspeitas de contaminação em fevereiro de 2020. Nesse começo, os jornais já circulavam também informações acerca da doença numa designação científica enquanto “novo coronavírus” e numa designação política anticomunista enquanto “vírus chinês”. Ainda, além de produzir sentido por meio de uma linguagem informativa científica, outros veículos discutiam aspectos sociopolíticos ligados à pandemia, em uma exposição crítica dos fatos em uma filiação política de esquerda, que além de científica também fazia oposição ao anticomunismo.

¹² Discutiremos na fundamentação teórica esses modos de significar a pandemia. De modo geral, o conhecimento científico é verificável e baseado em evidências testadas, passível de refutação, inclusive; o senso comum é estabelecido a partir de experiências particulares e pela emoção, sem base científica; o anticomunismo combate as ideias de esquerda; e o negacionismo nega, silencia ou distorce fatos científicos. (Marconi e Lakatos, 2020; Silva, 2017; D’Ancona, 2018).

¹³ EM Guaratinguetá, mulher é internada com *suspeita de coronavírus*. **Brasil 247**, 10 fev. 2020. Disponível em: <https://www.brasil247.com/regionais/sudeste/em-guaratingueta-mulher-e-internada-com-suspeita-de-coronavirus>. Acesso em 13 set. 2022. (*grifo nosso*)
BRASIL confirma primeiro caso do *novo coronavírus*. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 25 fev. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/02/brasil-confirma-primeiro-caso-do-novo-coronavirus.shtml>. Acesso em: 13 set. 2022. (*grifo nosso*).
NÚMERO de casos suspeitos de *coronavírus no Brasil* pode chegar a 300. **Conexão Política**, Brasília, 27 fev. 2020. Disponível em <https://www.conexaopolitica.com.br/ultimas/2020/02/27/numero-de-casos-suspeitos-de-coronavirus-no-brasil-pode-chegar-a-300/>. Acesso em 12 mar. 2023 (*grifo nosso*)

Dessa forma, as formulações jornalísticas sobre a pandemia pareciam discursivizar compreensões diferentes dela, pois, muitas vezes, seus gestos de interpretação para significar esse acontecimento caracterizavam o período de maneira antagônica e contraditória. Isso certamente tornou-se um desafio para a compreensão do público, que lia em uma mídia sobre índices de cura e em outra via índices de morte; em uma mídia lia que a pandemia poderia ser uma criação do governo chinês e em outra que a doença surgiu naturalmente.

Sendo assim, o acontecimento histórico da pandemia requeria discursivização e por isso se torna fato jornalístico, formulado a partir de uma dada “lente” e não outra devido às filiações ideológicas inerentes às produções discursivas em questão nas distintas mídias jornalísticas. Logo, para poder compreender o porquê de matérias sobre o mesmo assunto em veículos diferentes serem atravessadas por sentidos tão múltiplos, é preciso olhar esse fato jornalístico enquanto fato discursivo, devido aos efeitos de sentido que se desencadeiam a depender de quem enuncia. Ou seja, o fato jornalístico se constrói sob a ilusão de transparência do sentido em função dos critérios de noticiabilidade, mas até mesmo as diretrizes de checagem e escolha dos acontecimentos que viram notícia são determinadas ideologicamente.

Nesse sentido, compreendemos que, apesar desses critérios de noticiabilidade e checagem dos fatos comumente adotados pelos segmentos de mídia, os materiais publicados refletem determinações ideológicas heterogêneas nos sentidos que circulam em seus espaços. Assumimos esse entendimento com base na relação existente entre língua e ideologia explicada por Pêcheux (1995 [1975], p. 160): “o *sentido* de uma palavra [...] não existe ‘em si mesmo’, [...] é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas”. Assim, vemos nas mídias gestos de interpretação distintos para a pandemia, tendo em vista a abordagem do acontecimento em questão a partir de diferentes óticas: científica, anticomunista, negacionista, sociopolítica de esquerda etc.

Esse embate de sentidos para significar a pandemia, portanto, foi o ponto que provocou nosso interesse em desenvolver esta tese, considerando como o acontecimento da pandemia reverberou no campo jornalístico digital brasileiro, afetado por diferentes formações ideológicas. Nessa perspectiva, entendemos que a pandemia como *acontecimento histórico* transformou-se em *acontecimento discursivo*, instaurado a partir dessa constante desregulação de sentidos trabalhados pela linguagem para inscrever esse acontecimento na memória a partir dos enunciados da OMS de classificação de pandemia para a Covid-19.

Na ótica da análise do discurso materialista pecheutiana, um acontecimento discursivo se dá num “ponto de encontro de uma *atualidade* e uma *memória*” (Pêcheux, 2008, p. 17, grifo

nosso). No cenário da pandemia de covid-19, conforme já expusemos, diferentes dizeres “colaram” a tal acontecimento, ora ligados à ciência, ora a teorias de conspiração. Dessa maneira, por exemplo, tivemos a *atualidade* da pandemia do *coronavírus* encontrando a *memória* por meio de espaços de memória e de legibilidade distintos, como o anticomunista, quando se falava em *vírus chinês*, *vacina chinesa*, *vachina* ou *comunavírus*. Sendo assim, os gestos de interpretação sobre o acontecimento da pandemia no jornalismo digital nacional representam o jogo de forças de regularização e desregularização da memória, que constitui o acontecimento em questão na tentativa de estabilizar determinados sentidos em detrimento de outros. Ou seja, há uma relação entre acontecimento e memória que não podemos desconsiderar ao abordar o confronto dos sentidos na pandemia.

Sobre tal relação, para a análise do discurso materialista, a memória é “um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização...” (Pêcheux, 1999, p. 56), que se desdobra em redes, nas quais a legibilidade do acontecimento se estabelece a partir de diferentes formações discursivas (FDs), como ocorre na forma das mídias jornalísticas significarem a pandemia de covid-19.

Numa perspectiva discursiva sobre o jornalismo, aderimos à explicação de Orlandi (2007) acerca dos gestos de leitura construírem um dado arquivo e os modos de apreendê-lo. Por conseguinte, conforme a autora, nas formulações, os sentidos que entram em circulação são administrados e não aleatórios, advindos, assim, de tais gestos simbólicos. Ademais, há fatores ideológicos e relações de poder na organização social na qual um sujeito está interpelado e constitui sentido. Acerca disso, Orlandi (2001) argumenta que a linguagem não é transparente e o analista precisa estar atento para dar visibilidade ao confronto existente entre o simbólico e o político, este último enquanto “relações de força que se simbolizam” (Orlandi, 2001, p. 34). Considerando isso, então, defendemos que o que se lê nos jornais possui um sentido direcionado a partir de relações *de força que se simbolizam*, apesar de sujeitas às falhas da ideologia e do inconsciente. Porém, como isso ocorreu durante a pandemia, pensando-a enquanto acontecimento discursivo?

Nesse entendimento, assumimos que os sentidos foram sustentados por diferentes posições que mobilizam saberes dos espaços de memória da ciência, da economia, da política de direita e de esquerda etc. Isto é, no modo de significar o acontecimento discursivo da pandemia, temos discursos variados que se inscrevem na memória por meio de espaços de legibilidade distintos, e se confrontam para legitimar certos pontos de vista.

Diante desse cenário de inúmeros confrontos de sentidos, portanto, nesta pesquisa, nosso tema de estudo é o funcionamento do discurso jornalístico digital sobre o acontecimento

discursivo pandemia de Covid-19 no Brasil, a partir do que foi formulado em três tipos de mídias jornalísticas¹⁴: a chamada Grande Mídia (GM), a Mídia Conservadora (MC)¹⁵ e a Mídia Alternativa (MA). Em relação à caracterização desses segmentos, entendemos que os três se configuram, dos pontos de vista histórico, social e político, assumindo posicionamentos distintos em relação às agendas da política, religião, economia, cultura, etc., ainda que existam identificações ideológicas entre eles em alguns aspectos.

De forma geral, a GM é composta pela pluralidade dos grandes conglomerados de comunicação e seus veículos, guia-se pela projeção profissional de objetividade jornalística e é afetada pelo neoliberalismo. A MC compreende portais independentes ou de pequenos conglomerados, crescentes nos últimos vinte anos filiando-se a uma visão de mundo conservadora, costumando pautar-se por uma agenda “informativa” da direita que é assumida em suas produções ou nas autodescrições que apresentam. A MA, por outro lado, tende a articular seus posicionamentos políticos progressistas para significar as informações que veicula e abrange os veículos independentes predominantemente progressistas¹⁶.

No que diz respeito às particularidades desses segmentos de mídia jornalística, algo que chamou nossa atenção ao ler as primeiras notícias e reportagens deles foi a circulação-confronto de formulações com respeito à origem do vírus, ora enunciada como natural e ora como intencional (Galvão-Lacet; Farias, 2023). Aqui, entendemos por circulação-confronto o que Pêcheux (2008 [1988]) explica como aquilo que trabalha a opacidade de um acontecimento discursivo, no jogo oblíquo dos enunciados que parecem ser unívocos mas não são. Nesse sentido, além da origem do vírus, observamos que tal circulação-confronto também permanecia quando o assunto era protocolos de saúde e responsabilidades na gestão da pandemia. Enfim, toda nova pauta acerca do coronavírus parecia propiciar embates de sentidos.

¹⁴ Tais segmentos não esgotam a possibilidade de categorização do imenso campo discursivo das mídias jornalísticas, que abarca portais lançados quase todo dia, principalmente devido à facilidade logística e baixo custo que a internet possui para isso. Nossa organização relativa aos três segmentos se dá em função do que predomina neles no contexto da pandemia de Covid-19.

¹⁵ Quando falamos de direita e esquerda nesta tese, estamos em acordo com Bobbio (1995). Para ele, os conceitos de direita e esquerda não se mantêm estáveis ao passar do tempo, pois eles mudam no curso da história, abarcando diversas correntes políticas. Além disso, há uma fragmentação em ambos os espectros, de forma eles englobam tanto a radicalidade quanto a moderação, ainda que não sejam opostos simétricos, pois seus conteúdos são diferentes. Discutir essa fragmentação em relação às filiações das mídias não é o foco desta tese, embora possa ser estudado em trabalhos futuros. Aqui, observamos as mídias especificamente em relação ao acontecimento discursivo da pandemia.

¹⁶ Usamos o *predominantemente* pois identificamos sites que se apresentam como independentes, mas têm inclinação neoliberal, e se dizem "plurais", similar à “neutralidade” da GM. Esses veículos precisariam ser estudados como uma nova categoria de mídia independente, que não é conservadora nem progressista. Portanto, nesta tese, "MA" refere-se às mídias alternativas progressistas. Falamos mais a respeito disso na fundamentação teórica.

Acerca desses embates, entendemos que tais formulações ocorrem a partir de diversos *lugares discursivos* possíveis, relacionados às FDs e suas distintas posições-sujeito, manifestando tais gestos de interpretação variados. Nessa perspectiva, conforme Pêcheux (1995 [1975], p. 60), FD é “(...) aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada, numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina o que pode e deve ser dito” (grifos do autor). Assim, o dizer é afetado por uma conjuntura ideológica, que pode estar relacionada aos *lugares discursivos* dos enunciadorees, os quais produzem sentido por meio das posições abrigadas nas FDs.

Considerando esses lugares discursivos, o analista pode compreender como as posições-sujeito se organizam dentro das FDs. Nessa ótica, o conceito de lugar discursivo proposto por Grigoletto (2007) se ampara no fato dele se constituir mutuamente com o lugar social (espaço empírico condicionado pelas formações ideológicas), que é afetado pelas relações de poder na sociedade. Ainda, Grigoletto (2007) mostra que esse lugar discursivo se estabelece no entremeio da Forma-Sujeito das FDs e das posições-sujeito ali abrigadas.

Em relação ao jornalismo, por exemplo, conforme a pesquisa desenvolvida por Freitas (2021), os grandes conglomerados tendem a produzir sentido a partir de um lugar discursivo determinado por um efeito de neutralidade; já a MA o faria a partir de um lugar discursivo determinado por um efeito de militância. Esses lugares afetam o modo pelo qual um fato é abordado, porque cada lugar discursivo demanda uma certa estrutura ideológica de funcionamento, ligada às posições-sujeito possíveis dessa estrutura. O funcionamento ideológico que projeta objetividade, para exemplificar, apaga que há posicionamentos em jogo no discurso da GM, mascarando a existência das filiações ideológicas envolvidas na construção dos enunciados do segmento. Já o funcionamento que projeta a militância não mascara que possui determinadas filiações ideológicas, o que não significa também que não haja falha da ideologia e do inconsciente ou diferentes interpelações além das assumidas.

Em nosso trabalho, concordamos com as ponderações de Freitas (2021) e entendemos o lugar discursivo da MA como *determinado pelo efeito de militância progressista*, afetado pela *formação ideológica de esquerda* que interpela a MA, embora o segmento esteja inserido numa formação social neoliberal enquanto resistência. A GM, por sua vez, tem seu lugar *determinado pelo efeito de neutralidade informativa*, que se dá a partir de uma pretensão e não da realidade desse funcionamento, tendo em vista que o segmento é afetado pela *formação ideológica neoliberal*, mas precisa mascarar tal interpelação. Já a MC também enuncia de maneira determinada por uma militância, todavia, diferente da alternativa progressista, a conservadora é marcada por uma tendência de ideais liberais-conservadores e religiosos

cristãos, no espectro da direita. Logo, ocupa um *lugar discursivo determinado por um efeito de militância neoconservadora*, afetado pela interpelação decorrente da *formação ideológica de direita*.

Com respeito à pandemia, a GM, do seu lugar discursivo, estrutura os discursos de modo a tentar apagar os posicionamentos neoliberais dela, produzindo sentidos para a pandemia de modo a projetar-se como fonte confiável amparada na ciência dominante, embora afetada pelas determinações neoliberais que não consegue apagar. Já as mídias alternativas, do seu lugar, organizam os discursos em posições que, amparadas na ciência dominante, declaram também seus vínculos ideológicos, seja na defesa da China em face de acusações de sua culpabilização pela pandemia ou por meio das denúncias ligadas às desigualdades sociais relacionadas ao vírus, significando a pandemia a partir sentidos sociopolíticos vinculados à esquerda. Por fim, as mídias conservadoras, do seu lugar, se organizam por meio de posições políticas de direita, mobilizando sentidos para a pandemia relacionados ao anticomunismo, ao negacionismo e ao senso comum.

Dessa maneira, entendendo que o discurso é efeito de sentido entre interlocutores (Orlandi, 2005) e se dá ideologicamente em sua relação com a memória, enquanto condição do legível existente (Pêcheux, 1999), queremos responder nesta tese à seguinte questão central: de que modo a circulação-confronto de formulações e sentidos em veículos de mídia jornalística na internet ressoou e deu legibilidade ao acontecimento discursivo da pandemia de covid-19? Desdobrando essa indagação em questões específicas, perguntamos: como os lugares discursivos de onde os veículos da GM, da MA e da MC enunciam afetaram a produção de sentidos sobre a pandemia? De que maneira saberes da ciência, da política, da economia, dentre outros, participaram da constituição das redes de legibilidade do acontecimento da pandemia nos gestos de interpretação desses veículos?

A partir desses questionamentos, estabelecemos o objetivo geral de compreender como o acontecimento discursivo da pandemia de covid-19 ressoou na circulação-confronto de formulações e sentidos em veículos de mídia jornalística na internet. Especificamente, buscamos: a) analisar de que modo os lugares discursivos dos quais os veículos da GM, da MA e da MC enunciam afetaram a produção de sentidos sobre a pandemia; e b) investigar a maneira pela qual saberes da ciência, da política, da economia, dentre outros, participaram da constituição das redes de legibilidade do acontecimento da pandemia nos gestos de interpretação desses veículos.

Para trabalhar tais objetivos e responder nossas perguntas, metodologicamente, apresentamos aqui uma proposta de pesquisa de natureza qualitativa e interpretativa (Gibbs,

2009), guiada pela fundamentação teórica da Análise do Discurso materialista, fundada por Michel Pêcheux, a partir dos conceitos de *acontecimento discursivo* (Pêcheux, 2008; Orlandi, 2021); *memória discursiva* (Pêcheux, 1999); *posição-sujeito* (Pêcheux, 1995) e *lugar discursivo* (Grigoletto, 2007).

A constituição do *corpus* da pesquisa foi realizada em duas etapas: primeiro, escolhemos quais veículos trabalhar; e segundo, selecionamos as notícias e reportagens neles. Na primeira etapa, definimos as mídias jornalísticas brasileiras levando em consideração critérios gerais e específicos de seu funcionamento. O objetivo era garantir a representação da diversidade político-ideológica presente nas mídias jornalísticas brasileiras atuais, nas quais diferentes gestos de interpretação sobre a pandemia foram formulados.

Acerca dessa primeira fase, pelos critérios gerais estabelecidos, buscamos sites brasileiros que cresceram na internet na última década, especialmente durante a pandemia. Observamos também como eles se autodescrevem de maneira identificada em algum nível com um dos três tipos de veículos de mídia que analisamos e se seus posicionamentos ideológicos eram diferentes, ainda que fossem do mesmo segmento. Por fim, segundo o critério geral, levamos em consideração o modo pelo qual esses veículos se posicionavam na cobertura da pandemia em relação aos outros portais de diferentes filiações ideológicas, em relações de aliança ou antagonismo.

Nos critérios específicos, estabelecemos o seguinte: para GM, portais que ficaram dentro e fora do consórcio de imprensa estruturado na pandemia para divulgação dos dados da covid-19 de forma independente do Governo Federal, além de abranger conglomerados brasileiros e internacionais com filiais no Brasil; para GM e MC, elegemos sites cujas pautas costumavam ser divulgadas ou contestadas por líderes políticos conservadores, como a família Bolsonaro e seus aliados; e para MA, veículos que se orientavam por pautas sociais e políticas silenciadas ou contestadas pela MC.

Nesse levantamento, chegamos a 74 veículos¹⁷ 26 da GM, 22 da MA e 26 da MC. Destes, elegemos nove como objeto de análise: da GM, a Folha de S.Paulo (do Grupo Folha), a CNN Brasil (*Warner Bros* - internacional / Grupo Novus mídia - no Brasil) e a Jovem Pan (Grupo Jovem Pan); da MA de viés progressista, a Agência Pública, o Brasil de Fato e o Brasil 247; por fim, da MC, o Brasil sem Medo, o Conexão Política e o Pleno News.

Após a seleção dos sites, partimos para a segunda fase da constituição do *corpus*, visando a gerar nosso material de análise. Nessa etapa, a seleção e montagem discursiva das 47

¹⁷ Levantamento disponível no capítulo metodológico.

matérias analisadas ocorreu a partir das formulações em circulação-confronto dos veículos selecionados em relação à pandemia, considerando um arquivo de 990 notícias e reportagens postadas entre fevereiro de 2020 e maio de 2023,¹⁸ abrangendo todo o período da pandemia, das primeiras suspeitas no Brasil ao fim da emergência global de saúde.

Assim, construímos dez montagens discursivas¹⁹ para a análise do *corpus*, em função do que entendemos serem as três pautas principais da cobertura jornalística da pandemia, categorizadas como nossos três movimentos analíticos da circulação-confronto de sentidos acerca do: 1) discurso sobre origem e letalidade do vírus; 2) discurso sobre a eficácia dos protocolos de saúde pública; e 3) discurso sobre responsabilidades no gerenciamento da crise sanitária. No movimento 1, nos pautamos pelas publicações que trataram sobre o que era o coronavírus e acerca das investigações da origem dele. No movimento 2, o corpus foi constituído considerando as pautas acerca do isolamento social, tratamento precoce e vacinas. No movimento 3, esse levantamento se guiou pelas publicações sobre as responsabilidades da OMS, do Governo Federal, do Poder Judiciário, do Congresso Nacional, além dos governos estaduais e municipais.

Os posts foram buscados tanto por meio do mecanismo de pesquisa do *google* quanto dos próprios sites por meio das palavras-chave: *pandemia*, *covid-19*, *coronavírus*, *lockdown*, *quarentena*, *isolamento*, *distanciamento*²⁰, *máscara*, *vacina*, *CPI da Covid* e *Organização Mundial de Saúde*.

Após fazer esse levantamento, nossos movimentos de análise consistiram na observação dessas formulações sobre a pandemia, considerando, para cada pauta selecionada, as formações ideológicas (neoliberal, de esquerda e de direita) e lugares discursivos em jogo pelos quais as mídias se articularam em diferentes posições-sujeito para significar este acontecimento. A partir dessas análises, buscamos identificar de que modo as mídias mobilizaram distintas redes de memória e legibilidade para o acontecimento discursivo da pandemia.

Esses movimentos de análise nos levaram à constatação de que o funcionamento do discurso das mídias sobre o acontecimento da pandemia nos diferentes veículos se organiza a

¹⁸ Nos baseamos nessa temporalidade, mas sem seguir uma cronologia de 2020 a 2023. Nos guiamos por temas e não pela linha do tempo, uma vez que, por exemplo, a origem do vírus e a responsabilização da pandemia foi pauta discutida tanto em 2020 quanto em 2023. Logo, seguir a cronologia resultaria numa análise com muitas interrupções de foco.

¹⁹ Na metodologia, explicamos o conceito a partir de Orlandi (2005).

²⁰ Embora cientificamente quarentena e isolamento tenham sentidos específicos, na pandemia esses termos eram usados como sinônimos para distanciamento social e *lockdown*, em referência aos protocolos de saúde que visavam evitar circulação e aglomeração de pessoas para conter a contaminação. Discutimos mais sobre isso na fundamentação teórica.

partir de *posições-sujeito de identificação com a ciência; com o anticomunismo; com o negacionismo científico, com o senso comum e com a concepção político-social de esquerda.*

Em relação às redes de memória e legibilidade, observamos que os espaços de memória mobilizados para tentar estabilizar os sentidos foram: da ciência, da política, da economia e do senso comum.

Nessa ótica da legibilidade da pandemia, evocamos Orlandi (2001) para levar em consideração nesta tese o que a autora chama de versão. Ela explica o termo ao discutir a relação entre discurso e texto, uma vez que, na análise do discurso, o texto é a materialidade discursiva e o discurso é a materialidade da ideologia; havendo, assim, uma relação entre ideologia, discurso e texto. Em sua abordagem, a autora considera que está nas versões o processo entre *interpretação, formação discursiva (FD) e ideologia*. Para ela, a versão implica em “direção, espaço significativo, recorte do processo discursivo, gesto de interpretação, identificação e reconhecimento do sujeito e do sentido” (Orlandi, 2001, p. 13).

Em outras palavras, há uma relação existente entre o sujeito e seus modos de identificação ideológica para articular sentidos, pois toda formulação resulta de um gesto interpretativo anterior à textualização que poderá abrir a possibilidade de variações, de versões. Nelas, inclusive, o silenciamento também significa, ao preencher vazios por meio do apagamento de dada perspectiva para notabilizar outra (Orlandi, 2008), como ocorre, por exemplo, quando um veículo culpa a China pela pandemia e não dá espaço para lideranças chinesas exporem seus pontos de vista em relação a essa acusação.

Diante disso, assumimos a tese de que, embora a cobertura jornalística da pandemia tenha apresentado variados *pontos de vista* das mídias, os distintos gestos de interpretação dos veículos em análise veicularam “*diferentes versões de pandemias de covid-19*”, não se tratando apenas de *perspectivas jornalísticas distintas*, mas versões divergentes de “pandemias”. Temos, assim, nos textos em circulação-confronto nas mídias, a materialidade do discurso que elas produzem em suas formulações, a partir de forças políticas simbolizadas. Ideologicamente, isso indica o comprometimento dos sujeitos implicados nesse cenário com uma versão daquilo que está sendo enunciado porque, ainda que não assumam, todos os segmentos são políticos.

Dessa forma, trabalhamos com as hipóteses específicas de que as “diferentes pandemias” em circulação-confronto na GM, MC e MA seriam com as seguintes versões: 1) na GM, predominantemente: pandemia surgida naturalmente, mas *com* possibilidade de haver negligência, manifestando, assim, uma culpabilização da China; protocolos de saúde conforme recomendação científica; e responsabilização do Governo Federal. Ainda, quando o campo científico era mobilizado, isso ocorria em função das determinações neoliberais; 2) na MC e

parte da GM: pandemia surgida intencionalmente; protocolos de saúde pública para isolamento social e vacina seriam ferramentas de manipulação comunista e ineficazes; apenas o tratamento precoce seria o ideal. A responsabilidade é da China e da OMS, e o Governo Federal teria cumprido bem seu papel de gestor. 3) na MA: pandemia surgida naturalmente *sem* possibilidade de ser intencional, logo *sem* culpabilização da China, mas em defesa dela. Os protocolos de saúde estariam discursivizados conforme recomendação científica; responsabilidade maior de gerenciamento sendo do Governo Federal. Nesse segmento, acreditamos que, quando o campo científico era mobilizado, isso ocorria em função das determinações ideológicas de esquerda.

Em relação a como organizamos a escrita desta tese, estruturalmente, ela é composta de cinco partes. Primeiro, temos a Introdução, com a visão geral da pesquisa. Depois, apresentamos o capítulo teórico, que comporta os principais dados contextuais acerca da cobertura jornalística da pandemia de covid-19; a exposição acerca do fato jornalístico enquanto fato discursivo; a discussão sobre heterogeneidade de filiações, lugares e posições das mídias jornalísticas; além da revisão bibliográfica dos trabalhos que abordam pandemia, mídia e discurso, apresentando alguma relação com o nosso estudo. Em seguida, trazemos o capítulo metodológico, no qual nossa abordagem teórico-analítica do discurso das mídias jornalísticas foi exposta. Também explicamos a configuração do *corpus* e dos movimentos de análise que adotamos. Após isso, temos o capítulo de análise em que demonstramos como o acontecimento discursivo da pandemia de covid-19 ressoou por meio da circulação-confronto de formulações e sentidos em veículos da GM, MC e MA na internet. Por fim, pontuamos nossas considerações finais, avaliando nossa hipótese e respostas às perguntas que levantamos, além dos apontamentos de limitações e sugestões de pesquisas futuras.

No capítulo 1, que é teórico, além de discorrer sobre nossos conceitos centrais ligados à Análise de Discurso pecheutiana, trazemos também outras referências para debater questões teóricas sobre mídia e discurso. Nessa perspectiva, discutimos os aspectos históricos e políticos relacionados à pandemia, amparados em Mbembe (2016), D’Ancona (2018), Barbosa (2020), Zoppi-Fontana (2020), Dunker (2020) e Santos (2021), que nos dão suporte teórico para refletir sobre ciência, jornalismo, pós-verdade, *fake news*, necropolítica, negacionismo e política brasileira. Nessa mesma seção, também apresentamos outros trabalhos em análise do discurso relacionados à pandemia, que apresentam pontos de ligação com a nossa pesquisa.

Ainda neste primeiro capítulo, Althusser (1980 [1970])²¹ e Pêcheux (1995) nos conduzem teoricamente a refletir em relação ao funcionamento midiático pela perspectiva

²¹ Obra publicada em 1970. Aqui nós usamos a versão traduzida para português em 1980.

ideológica, esclarecendo nosso entendimento do fato jornalístico enquanto fato discursivo. Mostramos, assim, que a circulação dos fatos nas mídias jornalísticas de uma dada maneira e não de outra faz parte de um funcionamento ideológico. Nesse sentido, dialogamos também com as discussões de Pêcheux (1995, 1999, 2008), Orlandi (2014), Indursky (2007), Cazarin (1999), Dela-Silva (2011, 2015), Marques de Melo (2016), Marques (2003), Silva (2004), Sponholz (2009) e Martino (2021).

Após isso, discutimos o que se pode entender como GM, MC e MA, explicando que nossa forma de nomear as mídias investigadas leva em consideração alguns estudos que as identificam assim. Acerca disso, as proposições de poder e contrapoder de Castells (2017 [2009])²² nos ajudam a explicar as diferenças relacionadas à origem e produção de conteúdo entre os grandes conglomerados e os veículos alternativos, inclusive na migração deles para o ambiente digital. Biroli e Miguel (2017), Mariani (1996), além de Flores e Neckel (2019) também nos deram base para problematizar os efeitos de objetividade e neutralidade na GM, enquanto Bourdieu (1997 [1930])²³ Sodré (1966) e Marcondes Filho (2000) embasaram a compreensão comercial e histórica sobre ela. Já as reflexões de Downing (2002), Ferreira (1978), Peruzo (2008), Becker (2009), Indursky (2023) e Woitowicz (2009) sobre as mídias alternativas nos auxiliaram na contextualização da natureza dessas mídias e sua vinculação a movimentos sociais e pautas progressistas, enquanto a Grande M dia seguiria uma lógica mais neoliberal, empresarial ou corporativa. Por fim, Rocha (2018), Cunha (2019), Cortes (2019), Pinheiro-Machado e Freixo (2019), Aquino (2021), Lynch e Cassimiro (2022), além de Vianna e Mendonça (2023) nos deram suporte para a caracterização das mídias conservadoras emergentes em ambiente digital, numa abordagem histórica sobre elas enquanto movimento de direita que se une a partir de um sentimento anti-esquerda.

No capítulo 2, voltado à metodologia, pontuamos nossos procedimentos em três partes: a primeira mostra nossa filiação   Análise do Discurso Pecheutiana enquanto teoria de interpretação e os dados inerentes à pesquisa científica de natureza qualitativa. A segunda parte explica nossos critérios para escolha dos sites e sequências discursivas, pontuando como chegamos aos sites selecionados, o histórico deles e quais são as pautas jornalísticas centrais que regem a construção do nosso *corpus*, constituído de 47 matérias recortadas de um arquivo de 990 notícias e reportagens coletadas. Detalhamos também o percurso que fizemos para

²² A obra original   do ano 2009, publicada em inglês. Usamos a versão traduzida para português de 2017.

²³ Publicado originalmente em francês no ano de 1930. Sempre que mencionarmos nesta tese, trata-se da edi o traduzida para português em 1997.

escolher as notícias e reportagens trabalhadas. A terceira parte, por fim, descreve nossos três movimentos de análise e como eles nos ajudam a abordar lugares, posições e efeitos de sentido implicados na produção de sentidos sobre a pandemia na GM, MC e MA; além de possibilitarem a compreensão sobre de que modo diferentes espaços de memória são convocados para dar legibilidade a este acontecimento, no que entendemos enquanto diferentes versões dele no jornalismo brasileiro.

No capítulo 4, nas análises, abordamos a circulação-confronto de sentidos nas mídias jornalísticas em relação ao desdobramento do acontecimento discursivo da pandemia em três partes. Na primeira, por meio do funcionamento discursivo analisado em 18 matérias, mostramos que a origem do coronavírus foi significada a partir da culpabilização e defesa da China, de modo que os discursos versavam acerca do caráter natural, intencional ou acidental do vírus. No segundo movimento, trabalhamos com 18 matérias relacionadas à eficácia dos protocolos de saúde pública, que apresentam discussões sobre a validação do conhecimento científico, nas quais identificamos efeitos de sentido acerca da legitimação ou refutação aos protocolos científicos. A última parte das análises apresenta os funcionamentos discursivos sobre as responsabilidades na gestão da pandemia, no que tange às prioridades do Poder Público. Sobre elas, os efeitos de sentido predominantes eram acerca das responsabilidades sobre a vida *e/ou* a economia, conforme vimos em 11 matérias.

Por fim, na parte 5, trazemos as considerações finais, buscando dar um efeito de fechamento ao trabalho mediante a discussão dos resultados e da importância do nosso estudo, que pode seguir em desenvolvimento a partir de novos desdobramentos que a pandemia ainda pode ter em seus modos de significação.

A relevância do nosso trabalho consiste no fato dele problematizar o funcionamento do discurso jornalístico em relação ao modo como ele afeta a produção de sentidos para um acontecimento histórico e discursivo. No caso da pandemia, demonstramos que a pluralidade das diferentes filiações ideológicas presentes na produção jornalística significa que o acontecimento discursivo não é transparente e homogêneo, mas opaco e heterogêneo, sendo perpassado por distintas redes de memória que regulam e desregulam determinados sentidos, dando legibilidade ao acontecimento, em função das relações de força simbolizadas no discurso jornalístico dos diferentes segmentos estudados. Defendemos, portanto, que toda prática jornalística é uma prática de posição política nas relações de poder, e não meramente uma posição informativa da mediação dos acontecimentos para a sociedade.

Outrossim, entendemos que trazemos uma contribuição relacionada à lacuna de pesquisa que se refere às mídias conservadoras emergentes, uma vez que muitos trabalhos sobre

a pandemia e sobre mídia problematizam a GM e a MA, os discursos governamentais ou as redes sociais, mas não essas mídias conservadoras crescentes no ambiente digital.

Estudar, portanto, como os veículos conservadores produzem informação é importante tanto por esse segmento jornalístico ser um dos mais emblemáticos em relação ao negacionismo científico, sendo ainda pouco estudado, quanto pelo público-alvo deles ter mostrado força nos dois últimos processos eleitorais presidenciais e no último municipal em território brasileiro. Isso se comprova no fato de, em 2018, um presidente da República de (extrema?) direita ter sido eleito, e de, entre 2023 e 2026, termos um Congresso Nacional consideravelmente conservador. Além disso, entre 2025 e 2028, 48% dos municípios do Brasil serão liderados por prefeitos de direita, enquanto apenas 13,50% terão governos de esquerda, o que certamente também mostra um pouco do poder dessas novas mídias. A MC é um segmento que começou como pequenos blogs e comunidades, mas se reformulou, virando conglomerado de comunicação, *streaming*²⁴ de vídeos e documentários, ajudou a eleger um presidente e segue tentando mostrar sua versão dos fatos, tendo forte representatividade no poder público.

A seguir, trazemos nosso capítulo teórico, no qual apresentamos discussões sobre mídia, discurso e pandemia, a partir de teóricos das áreas de ciência política, da análise do discurso brasileira e francesa, da comunicação e de sociologia.

²⁴ Como a Brasil Paralelo, por exemplo.

2 MOVIMENTO IDEOLÓGICO E DISCURSIVO DA COBERTURA JORNALÍSTICA DOS FATOS

Neste primeiro capítulo, trazemos uma discussão teórica para contextualizar a pandemia de covid-19 enquanto acontecimento discursivo que se desdobra a partir do enunciado da OMS de que existia uma pandemia em curso no mundo. Nosso intuito é mostrar uma base bibliográfica que nos ajude a refletir sobre o modo pelo qual tal acontecimento foi discursivizado como fato jornalístico em mídias distintas, por meio de diferentes versões dessa pandemia. Nessa perspectiva, explicaremos em três partes que nosso olhar para o fato jornalístico como um fato discursivo, afetado por determinações ideológicas, e não meramente por técnicas do jornalismo. Além disso, no final do capítulo, teremos uma quarta parte em que abordamos a produção acadêmica no campo discursivo em relação à mídia, pandemia e discurso.

A primeira parte da nossa exposição teórica apresenta uma perspectiva histórica da pandemia, discutindo seu cenário político, científico e informativo a partir de reflexões sobre necropolítica, pós-verdade, *fake news* e negacionismo. Abordamos o que foi produzido de informação e desinformação acerca desse período, pois isso nos ajuda a entender o funcionamento tão diverso do discurso jornalístico no acontecimento discursivo da pandemia, em um jogo de forças de regularização e desregularização de sentidos nos distintos segmentos de mídias jornalísticas do Brasil.

Quanto à segunda parte do capítulo, ela aborda como o fato na perspectiva do jornalismo e do discurso pode ser entendido, argumentando nosso ponto de vista acerca das determinações ideológicas na produção jornalística, interpretando-a a partir dos conceitos de lugar discursivo, posição-sujeito e efeitos de sentido, que são importantes para compreender a produção de sentido a partir de certos espaços de memória e legibilidade em uma rede de filiação.

Na terceira parte, discorreremos sobre a heterogeneidade jornalística, trazendo considerações específicas sobre o que entendemos por GM, MA e MC, e como tais segmentos se constituíram no Brasil.

Por fim, a quarta parte do capítulo apresenta nosso levantamento do que foi investigado sobre pandemia e mídia por analistas do discurso no Brasil entre 2020 e 2024, e como nossa pesquisa se soma e acrescenta a esses estudos.

1.1 Pandemia(s) de covid-19 em pauta

Quando uma doença nova é descoberta, espera-se que isso acarrete questionamentos, investigações e recomendações de protocolos que exigirão diálogo e transparência entre o campo científico e o político, para que a sociedade possa lidar com a nova realidade. Também é esperado que haja mediação desses dados para a população. Neste momento, a imprensa coloca novas pautas em circulação, “traduzindo” a complexidade da ciência e os dilemas políticos para o leitor/telespectador/ouvinte.

Nesse processo, certamente há matérias jornalísticas confiáveis em circulação, por serem bem verificadas, ainda que as mídias veiculem publicações com enfoques distintos umas das outras a partir de diferentes nuances da situação. Isso é algo esperado, tendo em vista a pluralidade dos segmentos de comunicação.

Todavia, também existe a possibilidade de não se tratar apenas de um “enfoque diferente” de um mesmo fato, mas de informações falsas, acarretando em narrativas sem sustentação na realidade. Sobre isso, Indusky (2019, p. 29) argumenta que as notícias falsas se estabelecem num “processo de torção discursiva realizado sob o efeito de uma identificação ideológica”. Ainda, a autora explica que tal torção “consiste em projetar um *efeito de verdade* sobre o que, de fato, é uma falsificação de um ocorrido [...]” (Indusky e Rodrigues, 2020, p. 24, grifo nosso). Ou seja, em função da determinação ideológica, é possível que haja uma ruptura de sentidos significativa entre o ocorrido e o veiculado, resultando em desinformação: a *torção discursiva* circulada sob o *efeito* de verdade.

Felizmente, apesar das inúmeras notícias falsas sobre o coronavírus, de acordo com Santos (2021), pesquisas no Reino Unido e na Índia revelaram que as pessoas também se mostram interessadas em acessar estudos sobre a covid-19, estando propensas a ouvir especialistas, o que pode significar uma vitória contra as *fake news* acerca da doença.

Ainda assim, este mesmo autor alerta que a ciência é um saber limitado, sendo perigoso tomar decisões apoiadas em resultados apressados, como aconteceu nas controvérsias sobre o uso da cloroquina no Brasil e nos Estados Unidos (EUA) para combater o vírus, por exemplo. Isto é, ainda que o interesse na ciência seja positivo, Santos explica que ela não pode carregar certezas irrefutáveis atribuídas pela sociedade, porque o conhecimento científico não é infalível e está em constante evolução. Nesse sentido, o teórico também critica a confiança irrestrita e o espaço midiático dado ao que se (auto)legitima como ciência, pois se o próprio conhecimento científico é limitado, outro agravante é que nem tudo o que se diz ciência de fato o é, podendo

ser só opinião de um cientista que formula desinformação, e não algo devidamente testado, contestado e aceito na comunidade científica.

A ciência é um saber limitado que avança por via de controvérsias e é tanto mais útil quanto mais consciente dos seus limites e mais intensas as controvérsias. [...] *Ela torna-se, no entanto, problemática quando as opiniões dos cientistas estão nos lugares de destaque dos meios de comunicação social e quando tais opiniões servem de fundamento para decisões políticas e administrativas que afetam a vida de milhões de cidadãos* (Santos, 2021, p. 186, grifo nosso).

Acerca desses conhecimentos científicos limitados ou mesmo opiniões de cientistas sem a devida investigação, podemos afirmar que as publicações jornalísticas sobre a pandemia de covid-19 no Brasil também mediaram tal conteúdo. Além disso, a imprensa também foi pautada por confrontos de opiniões ligadas às lideranças políticas identificadas com a direita²⁵ e autodenominadas como conservadoras - como o ex-presidente dos EUA, Donald Trump, ou ex-presidente do Brasil, Jair Bolsonaro²⁶, que estavam no poder durante a pandemia. Aqui, destacamos o “autodenominadas conservadoras”²⁷ porque há teóricos, como Lynch e Cassimiro (2022), que apontam tais figuras como populistas reacionárias e não como conservadoras. Porém, independente do entendimento quanto à vertente política (auto)designada dessas autoridades, eles se situam à direita do espectro político e foram vozes fomentadoras de teorias conspiratórias anticomunistas, além de divulgadores de dados anticientíficos sobre o coronavírus.

Nesse quesito, o científico e o político demarcaram a disputa pela legibilidade e legitimidade das informações sobre o acontecimento discursivo da pandemia, suscitando debates acerca da natureza do vírus e dos modos de seu enfrentamento. Tal disputa somada à

²⁵ Um dos mais importantes mentores da direita no Brasil nesse contexto foi Olavo de Carvalho, que mesmo após sua morte durante a pandemia ainda tem muitos adeptos. Em alguns tweets de 2020, ele provocava: “Quando é que os ditos “conservadores” vão parar de usar o termo “pandemia?”” (<https://twitter.com/opropriolavo/status/1285315449207562241>); “O medo de um suposto vírus mortífero não passa de historinha de terror para acovardar a população e fazê-la aceitar a escravidão como um presente de Papai Noel.” (<https://twitter.com/opropriolavo/status/1260332441539149824>) e “Dúvida cruel. O Vírus Mocaronga mata mesmo as pessoas ou só as ajuda a entrar nas estatísticas?” (<https://twitter.com/opropriolavo/status/1345427027881504769>).

²⁶ NOS EUA, Bolsonaro diz que coronavírus é 'superdimensionado' e fala em fraude na eleição de 2018. **BBC**. 09 mar. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51810489>. Acesso em: 14 set. 2022.

²⁷ Mesmo em 2023, após derrota nas eleições presidenciais no Brasil, Bolsonaro continua a se identificar como conservador. Fonte: 'A missão ainda não acabou', diz Bolsonaro em evento conservador nos EUA. **O tempo**, 05 mar. 2023. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/politica/a-missao-ainda-nao-acabou-diz-bolsonaro-em-evento-conservador-nos-eua-1.2823828>. Acesso em 10 maio. 2023.

negligência política no combate à pandemia virou pauta em circulação-confronto constante nas mídias jornalísticas.

Inclusive, cabe pontuar que a negligência política nas formas de enfrentamento ao coronavírus nos lembra as reflexões de Mbembe (2016) sobre necropolítica, pela qual, em nome da soberania, se instrumentaliza a existência humana com base “no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer” (Mbembe, 2016, p. 123). Nesse aspecto, por exemplo, entre seus muitos debates, a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Pandemia²⁸ levou pesquisadores para audiências no Senado brasileiro²⁹ no intuito de discutir estudos que mostram a relação entre a falta de decisões políticas e o atraso da vacinação, além do descontrole da Covid-19 no Brasil. A conclusão foi que isso resultou em mortes que poderiam ter sido evitadas. Logo, considerando esse dado, a necropolítica e o coronavírus representam duas crises (política e sanitária) que foram letais na pandemia de Covid-19 no Brasil.

Acerca disso, Santos (2021) questiona, inclusive, se a postura do presidente do Brasil foi genocida, e destaca que a consequência de tal conduta foi um alto custo humano: “O negacionismo de Bolsonaro transformou o Brasil no epicentro da pandemia no contexto latino-americano, conforme proclamado pela OMS” (Santos, 2021, p. 165).

No âmbito jurídico-político, o enfrentamento ao vírus se refletiu em vários decretos de estado de emergência, de calamidade, de flexibilização do isolamento, etc. Vimos muitas portarias, notas técnicas, atos normativos, novas leis e uma série de nomenclaturas do direito fazendo parte do cotidiano, nos apresentando diversos protocolos de saúde pública, como o uso de máscaras, distanciamento social, fechamento temporário de comércio, escolas, universidades e igrejas. Tudo isso cercado de confrontos de sentido por tais atos serem considerados ora positivos e necessários em consideração ao bem comum e coletivo, ora autoritários e antidemocráticos por “ferirem” liberdades individuais. Havia um forte embate de opiniões entre a OMS, governo federal, governadores e prefeitos, geralmente relativos a recomendações científicas, saberes de senso comum ou posturas negacionistas.

Para compreendermos esse embate de opiniões, é relevante ponderar sobre como se constrói o conhecimento científico e o senso comum. Marconi e Lakatos (2000) definem o conhecimento científico como aquele que é contingente (hipóteses testadas pela

²⁸ Após meses de duração, as petições do relatório final da CPI seguiram sem deliberação, tendo em vista que a Procuradoria-Geral da República (PGR) pediu arquivamento das denúncias no STF. Até o momento da escrita desta tese em 2024, os senadores seguem trabalhando pelo desarquivamento.

²⁹ ‘RADIS’ aborda estudos diferentes com idêntica conclusão: a maior parte das mortes por Covid-19 no país poderia ter sido evitada. **Fiocruz**. 28 jul. 2021. Disponível em: <https://informe.ensp.fiocruz.br/noticias/51870>. Acesso em 08 maio. 2023

experimentação), sistemático (ordenado e sem dispersão), verificável (para comprovação ou refutação), falível (não é absoluto) e aproxima-se da exatidão para o momento de seu desenvolvimento (que pode ser reformulado mediante novas evidências ou técnicas). Já o senso comum aqui é entendido como aquilo que não foi verificado a partir de métodos científicos, que se baseia em experiências particulares dos indivíduos ou no que se tornou popular, ainda que não seja uma negação direta da ciência necessariamente. Segundo Marconi e Lakatos (2000), o senso comum (ou conhecimento popular) é valorativo (com base em emoção), reflexivo (pela familiaridade do objeto), assistemático (experiências particulares do sujeito), falível e inexato (sem base científica).

No cenário desses conflitos entre ciência, a negação dela e o saber popular em relação à pandemia, todas as decisões políticas pareciam frágeis e facilmente questionáveis. Inclusive, as mudanças legais em torno do combate ao coronavírus foram também muito complexas e contraditórias quanto ao relacionamento entre os Poderes da República, de maneira que a sociedade precisava conciliar uma série de protocolos defendidos no município e refutados nos estados; ou mesmo defendidos pelos estados, mas questionados pelo Governo Federal. Inclusive, o Supremo Tribunal Federal (STF)³⁰ decidiu que a atuação deveria ser em conjunto entre as esferas federal, estadual e municipal, sem que uma excluísse a possibilidade de atuação da outra. Por essa razão, responsabilidades federais, estaduais e municipais se confundiram nos milhares de atos normativos emitidos em todo o país, porque partiam muitas vezes de posições ideológicas opostas, de forma que aquilo que deveria ser cooperação virou competição em muitos aspectos, tendo em vista posicionamentos divergentes dos líderes políticos brasileiros.

Na linha do tempo da pandemia no Brasil, até que a vacina chegasse ao país em 2021 e os casos comesçassem a cair no segundo semestre desse ano, tivemos bastante discussão pública acerca da eficácia (ou não) do chamado tratamento precoce com cloroquina e ivermectina, e da legitimidade dos *lockdowns* para o *isolamento/distanciamento social* de parte da sociedade que poderia ficar em *quarentena*. Em relação a esses três termos — *lockdown/quarentena* e *isolamento/distanciamento social* —, inclusive, esclarecemos que eles mobilizaram sentidos específicos para a pandemia de covid-19, conforme Silva, Almeida e Araújo (2022) discutiram. A quarentena significava isolamento pelo tempo necessário de incubação relacionada ao coronavírus, mas também aos decretos políticos para conter a contaminação; o isolamento ou distanciamento também não era apenas para doentes ou pessoas que tiveram contato com

³⁰ SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL. ADI 6431. Disponível em: <http://portal.stf.jus.br/processos/detalhe.asp?incidente=5880765>. Acesso em 18, jan. 2022.

doentes. Seja pelas vias dos decretos políticos ou da decisão individual, todos foram impactados pelas medidas que visavam evitar aglomerações porque não havia testagem em massa para saber quem de fato portava o vírus.

As discussões sobre tais protocolos foram tão intensas que o Brasil chegou a ter quatro ministros da saúde nesse processo: Luís Henrique Mandetta, Nelson Teich e Eduardo Pazuello, que, por fim, foi substituído por Marcelo Queiroga; este último, inclusive, espalhou notícias falsas³¹ em 2022, na época das vacinas para crianças. Tal quadro ajuda a entender que nossa crise na pandemia não foi apenas sanitária, mas política.

Nessa crise política, Calil (2023) defende que um dos primeiros pronunciamentos de Bolsonaro em março de 2020 comprova a “intencionalidade genocida” do então presidente do Brasil, uma vez que seu discurso foi um incentivo para a proliferação do vírus, por reunir “uma ampla gama de argumentos baseados em desinformações, mentiras e suposições infundadas” (Calil, 2023, p. 71).

Diante desse quadro de crises, portanto, a pandemia de covid-19 no Brasil foi marcada por um governo federal brasileiro negacionista e muita disputa de poder entre ele e lideranças de outras esferas públicas. Nesse aspecto, além de trocar quatro vezes os ministros da saúde, Jair Bolsonaro também: 1) defendeu e foi “garoto propaganda” do tratamento precoce sem comprovação científica, algo contrário a recomendações da OMS; 2) se manifestou publicamente várias vezes contra o lockdown, em suposta defesa da economia, e promovendo aglomerações, 3) atacou a imprensa quando ela criticava a gestão dele; e 4) falou contra a vacina de forma a incentivar descrédito popular.

Com relação à vacina, inclusive, ela só foi iniciada no Brasil em janeiro de 2021, no Estado de São Paulo, por iniciativas do então Governador do estado, João Doria (PSDB), um dos opositores políticos do presidente do Brasil na época. A vacina escolhida por Doria também veio carregada de sentidos propícios para análise por ter sido a Coronavac, desenvolvida numa parceria entre uma farmacêutica chinesa Sinovac e o Instituto Butantã, que é brasileiro. Obviamente isso marcou muito o imaginário anticomunista da direita.

Acerca da repercussão jornalística sobre o negacionismo científico da pandemia no âmbito político, foi possível ver diferentes discursos nos jornais de 2020 a 2023. Por exemplo,

³¹ Pressionado sobre propaganda antivacina, Queiroga admite erro em informação sobre morte de crianças. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/pressionado-sobre-propaganda-antivacina-queiroga-admiti-erro-em-informacao-sobre-morte-de-criancas/>. **Carta capital**. Acesso em 18 jan. 2022; e QUEIROGA mente ao dizer que quatro mil brasileiros morreram por causa da vacina contra a Covid. **CBN**. Disponível em: <https://cbn.globoradio.globo.com/media/audio/364224/queiroga-mente-ao-dizer-que-quatro-mil-brasileiros.htm>. Acesso em 18 jan. 2022.

campanhas de “O Brasil não pode parar” ou de “fique em casa” eram repercutidas positivamente por uma mídia, mas tratada como hipocrisia por outras; “a economia a gente vê depois” ou “é só uma gripezinha”, ditos ironicamente no campo político, foram veiculadas ora com defesa ora com crítica ao enunciador, etc. Tais formulações, assim, implicaram deslocamentos constantes nas redes de memória da discursivização da pandemia, por meio de saberes que circulavam tanto informações quanto desinformações científicas e políticas.

No âmbito do discurso científico no jornalismo, cabe mencionar que há um efeito de verdade em jogo na mediação de dados vindos da ciência dominante para serem transmitidos à população. Dessa forma, divulgar a ciência dominante e classificar-se como informação pode significar tratar-se de uma fonte confiável em relação à checagem dos dados, mas não significa necessariamente verdade, mas um efeito, pois há um processo ideológico implicado tanto na produção de informação quanto de desinformação, porque ambas são elaboradas por sujeitos interpelados ideologicamente.

No que tange à circulação de desinformações, a suspensão da racionalidade é algo que ajuda a notabilizar formulações baseadas em dados frágeis ou falsos sobre um determinado tema. Em relação a esse assunto, D’Ancona (2018) é um dos teóricos que articula a fuga do racional com as notícias falsas, lembrando que estas não são um fenômeno novo e costumam ignorar evidências para priorizar opiniões e emoções. O autor explica que narrativas paralelas competem com a realidade desde a antiguidade: “histórias tribais e mitologias compartilhadas fizeram mais para explicar o comportamento humano do que a avaliação fria da evidência verificável” (D’Ancona, 2018, p. 38).

Mostrando que as notícias falsas representam algo complexo na sociedade atual, o teórico discute essa noção atrelando-a ao conceito de pós-verdade, que foi palavra do ano de 2016, escolhida pelo *Oxford Dictionaries*, podendo ser definida como “circunstâncias em que os fatos objetivos são menos influentes em formar a opinião pública do que os apelos à emoção e à crença pessoal” (D’Ancona, 2018, p. 20).

O autor defende que a base social desse fenômeno é o colapso da confiança institucional política e informativa, que coloca em questionamento a interpretação da realidade, e, contemporaneamente, resulta num desmoronamento do valor da verdade. Assim, nessa crise de confiança, haveria descrença nos políticos e nas mídias jornalísticas, especialmente as da GM. Além disso, tem-se a rejeição de uma ponderação racional, para que seja possível dar crédito a convicções arraigadas, nas quais a emoção e a crença pessoal superam os fatos não apenas com narrativas paralelas, mas com a negação direta da verdade; algo que se intensifica no mundo

online e conectado. D'Ancona (2018) reforça que esse fracasso institucional favorece a indústria da desinformação.

Barbosa (2020) corrobora o mesmo raciocínio de D'Ancona e explica a perda de confiança nas instituições, reforçando esse dado com relação à imprensa e à ciência:

A disseminação de mentiras tem colocado à prova a própria noção de verdade e revela uma inquietante perda de confiança em instituições que outrora eram portadoras da verdade: a imprensa, a ciência e as elites intelectuais em geral (Barbosa, 2020, local. 37).³²

Nessa perspectiva do descrédito social nas empresas de comunicação, especialmente as de grandes conglomerados, o *Reuters Institute* apontou que 41% dos brasileiros evitam consumir informação de veículos jornalísticos, segundo dados coletados em 2023³³. E, mais grave, 51% dos entrevistados possuem como fonte de informação o que vem das redes sociais. No entanto, um dado que este importante relatório mundial de jornalismo desconsidera é o crescimento das mídias conservadoras emergentes, que passam a substituir a mídia tradicional num ambiente de pós-verdade, no qual acusa-se as mídias antes hegemônicas em face de haver narratividades preferíveis por dados leitores.

Ainda sobre relações e especificidades envolvendo pós-verdade e notícias falsas, Zoppi-Fontana (2020) é outra autora que problematiza esses termos, nesse caso em pesquisas ligadas aos estudos da enunciação. Com base no *corpus* político que ela catalogava, a teórica afirma que a pós-verdade se daria de forma relacionada a alguém identificável e, geralmente, destacado, numa instância social legitimada. Já as *fake news* ocorreriam mais na clandestinidade, no anônimo possível das redes sociais, circulando boatos bem diferentes dos fatos. Em outro trabalho, a mesma autora aponta também que as *fake news* proliferadas nas redes podem ser definidas como “notícias falsas ou, no mínimo, não verificadas ou verificáveis [...]” (Zoppi-Fontana, 2021, p. 93). Nesse entendimento, o ponto que nos interessa não seria a circulação anônima das redes, mas as fontes e sites das notícias não verificadas/verificáveis que circulam nas redes: por meio dos quais tais saberes ganham notabilidade.

Pensado no cenário da pandemia de Covid-19 e que portais jornalísticos e redes se alimentam mutuamente, acreditamos ser nesse cenário, no qual a pós-verdade predomina, que proliferam as informações falsas sobre origem do vírus, protocolos de saúde ou

³² Sempre que usarmos o termo “local” para indicar a página é por se tratar de uma obra em versão digital sem paginação.

³³ Este relatório está disponível na íntegra em inglês aqui: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2023>. Acesso: 09 maio 2024.

responsabilidades políticas disso. Nessa conjuntura, torções discursivas sobre o coronavírus são fomentadas ora de maneira mais sutil e ora mais explícita no interior das mídias jornalísticas.

Assim, multiplicam-se as postagens com base em crenças pessoais sobre um fato, que culminam no negacionismo da pandemia ou de determinados aspectos dela. Acerca disso, compreendemos que o fenômeno do negacionismo é complexo e não se manifesta *apenas* por meio de uma negação explícita, mas *também* por ela. Acreditamos que, além da possibilidade de negar, o ato de alimentar controvérsias conspiratórias, gerar polêmicas baseadas em especulações, questionar dados oficiais sem fundamento ou ocultar informações relevantes pela simples discordância ideológica são comportamentos que se regem pela lógica negacionista em algum nível.

Concordamos com Indursky (2023) quando ela explica a negação ao observar o fenômeno enquanto processo discursivo, tomando como base o que a autora chama de *política estatal de esquecimento* durante a Ditadura Militar no Brasil. A teórica destaca que os processos discursivos negacionistas se estabelecem a partir da "construção de *narrativas paralelas*, que produzem, como efeito de sentido, *a negação do real [...]*" (Indursky, 2023, p. 62, grifos da autora). Entendemos, portanto, que é nesse processo que se fixam os sentidos das narrativas preferíveis para silenciar/negar narrativas ideologicamente desfavoráveis a dado enunciador.

O fato de a negação não ser necessariamente uma negativa direta e explícita é algo destacado por Dunker (2020), que compreende a existência do negacionismo também no comportamento de massa, envolvendo tanto questões de fé quanto de concepções de mundo:

Neste caso, a negação é realizada em grupos e mais frequentemente através do comportamento de massa. *Chamemos esse segundo tipo de negação de negacionismo*, porque ele frequentemente engendra e parasita crenças religiosas e visões de mundo (Dunker, 2020, local. 6, grifo nosso).

Assim, em dadas comunidades, inclusive religiosas, o negacionismo também se vincula a um comportamento social, algo também visto no cenário da pandemia em relação às discussões que distorciam ações sanitárias para conter o coronavírus para significá-las como autoritarismo político.³⁴

Refletindo sobre as formulações que confrontam desinformação e informação durante a pandemia de covid-19, percebemos que as diversas coberturas jornalísticas da imprensa brasileira dividiram opiniões e foram bastante intensas no embate entre o científico e o anticientífico. Nesse cenário, os principais momentos desse período contaram com sua parcela

³⁴ Discutimos mais sobre isso mais a frente quando falamos sobre a mídia conservadora.

de confrontos e de especulação conspiratória. Por exemplo, em relação à origem da doença, esses confrontos se deram em torno de questionamentos se o vírus teria surgido naturalmente ou em laboratório. No que tange à letalidade, se o perigo era para todos ou para idosos e pessoas com comorbidades, além das altas de mortes serem exagero. No que diz respeito aos protocolos de saúde, os questionamentos eram se eles conteriam a doença ou quebrariam a economia; e sobre a vacina, se ela ajudaria a imunizar a população ou a sociedade era cobaia.

Enfim, sempre havia uma formulação divergente do que era aceito na comunidade científica. Logo, houve produção jornalística para todo “gosto”, ou, na linguagem da Análise do Discurso, para toda filiação ideológica. Por isso mesmo, compreendemos que o fato jornalístico noticiado é um fato discursivo.

2.2 O fato jornalístico enquanto fato discursivo

Visando a esclarecer nosso entendimento sobre o fato jornalístico como fato discursivo, precisamos elucidar dois pontos de vista relacionados à veiculação de informação na interpretação de um fato: o do jornalismo e o do discurso, para refletirmos sobre o papel discursivo dos veículos de comunicação na sociedade.

Sob o ponto de vista do jornalismo, uma reflexão filosófica que nos ajuda a entender os processos da prática jornalística para tratar um fato é a de Sponholz (2009). Em seu trabalho, a autora destaca que o termo “fato” é polissêmico e pode ser da dimensão do que existe (viés ontológico), do que se conhece (viés epistemológico) e do que se comunica (viés comunicativo visto nos noticiários). Sobre este último, a pesquisadora explica que o jornalismo se reivindica como mediador da realidade.

Sponholz (2009) explica que, nessa mediação, a prática jornalística segue critérios para uma pretendida credibilidade, a partir da checagem que responde “o quê, como, quando e por quê?” antes de uma publicação acontecer. Porém, mesmo que os critérios projetem objetividade na abordagem dos fatos, a autora também questiona a relação entre *proposição* de um fato e sua *realidade*, ao que ela responde que isso dependerá do que se entende como fato, e de como o jornalismo o trabalha (com ou sem juízo de valor). A investigação da pesquisadora conclui que os relatos jornalísticos podem ser confiáveis, apresentando *proposições* credíveis, mas não representam necessariamente a realidade, principalmente porque são regidos por determinadas técnicas e valores inerentes aos meios de comunicação.

Nesse sentido, ainda no campo teórico das pesquisas sobre comunicação, a seletividade do que — e como — é noticiável, numa “construção” da realidade, também foi discutida por muitas teorias, entre elas a norte-americana do *newsmaking*, cujas perspectivas visam a entender aquilo que hoje se aproxima do que chamamos de “linha editorial” ou normas dos veículos de comunicação para informar um acontecimento de uma forma e não de outra, afetando como os leitores irão entender as informações.

Os estudos de produção de notícias, o *newsmaking*, dedicam-se a identificar os caminhos e regras usados pelos meios de comunicação para enquadrar, isto é, organizar, um determinado evento. Em outras palavras, como a mídia conta uma história. A maneira como uma história é relatada lhe dá um determinado sentido, e fornece ao leitor/telespectador algumas direções de como a mensagem deve ser entendida (Martino, 2021, p. 39).

Essa vertente aponta tanto o papel do jornalista quanto o do veículo no modo de se fazer jornalismo, e se relaciona a como “os meios de comunicação retratam eventos reais de acordo com suas próprias práticas, códigos e modelos” (Martino, 2021, p. 39) resultando, assim, em algo não mais “puramente real”, mas criado pela mídia, dando ao leitor uma forma de leitura e interpretação sobre determinada situação.

Outra teoria semelhante à do *newsmaking* é a do *gatekeeper* (guarda do portão), criada por David M. White. Nela, existe o entendimento de que há uma seleção, como um filtro, de informações que entram em dado jornal, no sentido de que nem tudo o que se apura será efetivamente publicado.

O modelo de White reforça a ideia da seleção temática e da arbitrariedade do discurso das notícias e a assimetria entre as notícias possíveis e as publicadas. Da quantidade de fatos apurados, apenas uma parte será efetivamente transformada em texto. O resto será dispensado como “irrelevante” durante o processo de edição (Martino, 2021, p. 42).

Outros estudos deram seguimento à teoria de White e apontaram que a seleção ocorreria segundo critérios de valor-notícia, havendo doze fatores de seleção que levariam a uma maior probabilidade de ser veiculado: 1) frequência ou momento do acontecimento, se estiver temporalmente perto do período de publicação; 2) magnitude do acontecimento, afetando um grau particular de pessoas; 3) clareza, estando o mais explicado possível; 4) significação, relacionada à relevância e proximidade cultural; 5) correspondência ou consonância, no sentido de algo ser esperado ou programado; 6) o inesperado, no que tange à raridade que torna algo singular; 7) continuidade, com respeito a algo já conhecido que se desenrola em novas nuances; 8) composição, em função da estrutura editorial do veículo e das seções que ele trabalha; 9)

notícias sobre o primeiro mundo, acerca de países desenvolvidos terem mais atenção do que os demais; 10) reportagem sobre as elites, acerca de celebridades; 11) personalização, sobre o que seria de interesse público; e 12) o negativo com as notícias “ruins” (Martino, 2021).

Acerca dos critérios de noticiabilidade, de uma maneira ainda mais específica, ao analisar o Manual de Jornalismo da Folha de S.Paulo, veículo da Grande Mídia, por exemplo, Marques (2003) cita que o veículo adota como critérios o ineditismo e o impacto social, recomendando a impessoalidade na elaboração das informações; o que nos serve de exemplo sobre a maneira como dada empresa de comunicação define seus requisitos para recortes dos fatos jornalísticos por ela noticiada. Entretanto, por mais técnica que se almeje na perspectiva jornalística, especialmente a GM que se pretende neutra, entendemos não haver possibilidade de isenção ideológica quando se fala em linha editorial ou critérios de noticiabilidade.

Silva (2004) contribui para essa discussão e argumenta que o fato jornalístico seria uma proposição sobre algo da realidade, e não um espelho desta, porque não é neutro, mas: “um texto formado por um conjunto de enunciados (proferido em um certo contexto) com *valor proposicional* sobre estados, dados e fatos da sociedade e que tenha sido publicado em jornais, revistas, rádio, tv ou internet” (Silva, 2004, p. 26, grifo nosso). Assim, partindo do pressuposto de que a informação apresentada no jornalismo seria uma *proposição*, uma *possibilidade* de exposição, nos inquietam os elementos que determinam tal recorte noticioso.

Seja em notícias ou reportagens, gêneros contemplados na escolha do *corpus* desta tese, para identificar, selecionar e noticiar um dado acontecimento, operacionalmente, há inúmeras discussões acerca dos chamados critérios de noticiabilidade (Martino, 2021), mutáveis a depender da linha editorial e cultural dos meios de comunicação. Nesse sentido, as teorias do jornalismo, de modo geral, reconhecem em alguma medida que o fato jornalístico é uma construção simbólica da interpretação. Assim, a relação entre notícia e interpretação nos traz a necessidade de refletir acerca da relação entre interpretação e ideologia.

Por isso, compreendemos ser indispensável discutir o fato jornalístico enquanto fato discursivo, pois entendemos que a produção da informação nas mídias jornalísticas não é neutra, mas reflete os conflitos e embates da luta social e política vigente em nossa formação social. Ademais, cada segmento midiático busca estabilizar como realidade certas versões dos acontecimentos, segundo as “lentes” ideológicas que o interpela em suas formulações acerca de como interpreta os acontecimentos. Ou seja: os fatos jornalísticos significam e são significados tendo em vista as posições ideológicas sustentadas — de modo assumido ou velado — por aqueles que os enunciam.

Nessa ótica, considerando o fato jornalístico como discursivo, recorreremos a Dela-Silva (2015), que explica o modo como o jornalismo se pretende mediador dos acontecimentos na sociedade, como se eles fossem anteriores às veiculações jornalísticas: “a produção de notícia enquanto relato costuma ser associado ao fato que a teria originado – um acontecimento empírico –, ou seja, entende-se, de uma perspectiva comunicacional de linguagem, que a existência do fato preexiste à prática jornalística do relato” (Dela-Silva, 2015, p. 221). Entretanto, no âmbito discursivo, esta mesma autora entende a prática jornalística como produções de efeitos de sentido entre sujeitos, afetadas por dadas condições de produção típicas do jornalismo, que geram a necessidade de repensar como os fatos são relatados.

As Condições de Produção são muito importantes para a análise do discurso pecheutiana e se referem ao que Orlandi (2005) explica acerca das circunstâncias imediatas de uma enunciação, mas também as circunstâncias mais amplas, “que incluem o contexto socio-histórico, ideológico [...]” (Orlandi, 2005, p. 30). Ainda de acordo com a autora, este conceito deve ser trabalhado articulando o sujeito, a situação e a memória discursiva, a qual “disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma dada situação discursiva” (Orlandi, 2005, p. 31).

Nesse sentido, enquanto a situação imediata de uma enunciação nas mídias jornalísticas pode ser “apenas” a divulgação de um relatório norte-americano sobre a origem da pandemia, em uma perspectiva ampla, pode-se pensar nos conflitos geopolíticos que envolvem China e Estados Unidos, conforme demonstramos em nossas análises. A memória, nesse caso, pode operar remetendo a sentidos oriundos da Guerra Fria, por exemplo, na disputa de poder entre países capitalistas e socialistas.

Em relação à neutralidade informativa pretendida em alguns segmentos, Mariani (1996, p. 65) argumenta o seguinte: “fazendo crer que apresenta os fatos tais como são, com uma linguagem isenta de subjetividades, o discurso jornalístico atua à semelhança de um discurso pedagógico em sua forma mais autoritária”. Desse modo, não é possível um fato ser narrado apenas tecnicamente, pois há uma “pedagogia” que reforça para o leitor a interpretação dada pelo veículo para os acontecimentos, ocorrida sob um efeito ideológico. Em relação à neutralidade, ponderamos ainda que ela faz parte do processo ideológico que fornece as evidências do sujeito e do sentido concernentes à ilusão de transparência da relação sujeito/mundo/linguagem.

Para entendermos melhor o fato jornalístico como gesto de interpretação, recorreremos novamente a Dela-Silva (2011), em sua discussão acerca do que ela denomina como acontecimento jornalístico enquanto “um fato selecionado dentre os diversos que ocorrem em

um dado período, considerado de interesse público [...] um fato que se inscreve na história do dia a dia” (Dela-Silva, 2011, p. 151). A autora acrescenta ainda que eleger um fato entre outros é fruto de um gesto de interpretação que advém de uma filiação ideológica. Logo, não se trata de um acontecimento empírico preexistente ao fato, mas uma prática simbólica no gesto de interpretação do sujeito “que intervém no mundo, que intervém no real do sentido” (Orlandi, 2001, p. 25).

Com relação à perspectiva discursiva do fato, Orlandi (2014) também discute concepções do conceito de fato segundo entende a sociologia e também nas dimensões comunicativas implicadas, conforme citamos a partir de Sponholz. Entretanto, a autora reforça que olhar o fato enquanto fenômeno de linguagem é pensá-lo em sua historicidade e não como uma declaração sobre algo no mundo.

Discursivamente, observar os *atos de linguagem* vem a ser *considerá-los em sua historicidade*, em que entram sua sistematicidade, mas também seu modo de funcionamento, e a memória constitutiva. A noção de acontecimento (M. Pêcheux, 1990) é incontornável, pois o discurso se define como estrutura e acontecimento, portanto aberto a deslizamento de sentidos, a equívocos e a novos processos de significação (Orlandi, 2014, p. 102, grifo nosso).

Dessa forma, compreendemos neste trabalho que o fato jornalístico é discursivo e precisa ser analisado levando em consideração a sua historicidade, com os processos de significação que o constitui. Nesse sentido, lidar com o fato jornalístico/discursivo da pandemia de covid-19 requer que se mobilize o que Althusser (1980) argumenta sobre os *Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE)* na sociedade capitalista, pois o teórico nos ajudará a explicar as determinações ideológicas presentes na linguagem, especialmente em relação ao AIE da informação.

De acordo com o autor, os AIE são “um certo número de realidades que se apresentam ao observador imediato sob a forma de instituições distintas e especializadas” (Althusser, 1980, p. 43), que funcionam predominantemente pela ideologia dominante que detém o poder estatal (abertamente ou sob alianças), e secundariamente pela repressão (especialmente de forma simbólica). Nessa perspectiva, os AIEs são também lugar e alvo da luta de classes.

Entre os AIEs que o teórico cita, estão o religioso (que já foi o dominante na Idade Média), o escolar (dominante na formação social capitalista para a manutenção das relações de produção), o familiar, o jurídico, o político, o sindical, o cultural e o que nós focamos mais neste trabalho, que é o da informação (imprensa, rádio e televisão etc.), em suas variadas formas de funcionamento. Althusser argumenta que os AIEs também competem ou colaboram por certos interesses entre si e atualizam suas práticas ao longo da história. Por isso mesmo, existir

ideologia dominante em um dado período não implica em silenciamento das dominadas, sem o peso da contradição, muito menos implica numa dominância permanente, sem o peso do tempo, porque há uma constante reprodução/transformação das relações de produção.

Para entendermos a relação entre os AIE e o discurso, lembramos inicialmente que Pêcheux (1995, 2014)³⁵ recorre a Athusser para explicar isso. O teórico argumenta que cada AIE contribui de maneira desigual para a reprodução/transformação das relações de produção, havendo propriedades regionais nos AIE, em função da luta de classes em dada formação social. A materialidade concreta desse processo, para o autor, são as *Formações Ideológicas*, “que, ao mesmo tempo, possuem caráter “regional” e comportam “posições de classe” [...] (Pêcheux, 1995, p. 146), atuando na construção dos valores morais e sociais, regendo as práticas dos indivíduos interpelados em sujeitos, e fornecendo as evidências do processo de interpelação no qual os sujeitos se reconhecem.

Discursivamente, então, os processos ideológicos posicionam os sujeitos de acordo com determinadas formações discursivas, “[...] os indivíduos são ‘interpelados’ em sujeitos-falantes (em sujeitos de *seu* discurso) pelas formações discursivas que representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhes são correspondentes” (Pêcheux, 1995, p. 161, grifo do autor). E são as FD que comportam as posições-sujeito pelas quais o enunciador produz sentido. Dessa forma, ao ser interpelado ideologicamente, o sujeito que enuncia se identificará a uma determinada posição-sujeito para produzir sentido. Nesse entendimento, a ideologia interpela indivíduos em sujeitos do discurso e todo dizer será marcado por filiações ideológicas (sujeita a falhas pelo inconsciente) que direcionam a produção de sentidos por meio de posições-sujeito heterogêneas abrigadas nas FD (Pêcheux, 1995).

No entanto, de acordo com Pêcheux (2014), o processo de reconhecimento dos sujeitos nessas posições-sujeito se dá a partir de algumas modalidades de funcionamento ligadas a eles e a *forma-sujeito*: sujeito do saber que dá o efeito de unidade na FD. Assim, as modalidades da relação entre o sujeito enunciador e o Sujeito Universal da ideologia podem ocorrer mediante reconhecimento pleno, deslocamento ou rompimento. Nessa perspectiva, a *identificação* se dá quando há coincidência no reconhecimento das evidências de sujeito e sentido, sendo este o “bom sujeito”; já a *contraidentificação* ocorre na não-coincidência do reconhecimento, quando as evidências são questionadas e há um distanciamento entre o agora “mau-sujeito” e o Sujeito; por fim, a *desidentificação* existe quando o sujeito se inscreve em uma nova FD em função do

³⁵ A referência de 2014 trata-se de tradução de Guilherme Adorno e Gracinda Ferreira para o português, publicada na revista *Décalages*. O trabalho foi publicado originalmente em alemão em 1984.

rompimento na identificação dele com a *forma-sujeito* da FD anterior. Ou seja, em relação às tomadas de posição pelos sujeitos, mesmo se forem diversas, tais posições ainda podem compartilhar saberes divergentes que são “unificados” ou regulados pela *forma sujeito* em seu *efeito de unidade*.

Ademais, conforme Indursky (2007) defende, a *forma-sujeito* é heterogênea, admitindo a diferença em seu interior por meio de novos saberes que podem ser agregados. Baseada nas discussões teóricas de Pêcheux, a autora explica que as modalidades de contraidentificação e desidentificação do sujeito representam, respectivamente, o distanciamento e o rompimento com os saberes da *forma-sujeito* na FD, o que abre a possibilidade para se entender a resistência e a contradição no âmbito das tomadas de posição pelos sujeitos, pois as FD não são homogêneas. Sobre as características dessas posições que coexistem nas FD, tanto elas podem ser *dominantes*, por conta de seus saberes estarem em maior parte de forma de identificação à *forma-sujeito*, quanto podem ser *não-dominantes*, dada a heterogeneidade discursiva.

Ainda, variadas FD podem estar relacionadas numa enunciação justamente por causa dessa heterogeneidade delas. Por isso uma dada FD jornalística pode abrigar em seu interior saberes da FD política de direita (ou esquerda), da FD econômica, da FD religiosa, etc., desde que não haja desidentificação. Quando ela ocorre, os confrontos de sentido se tornam mais explícitos no antagonismo de posições de distintas FD; o que pode ser visto, por exemplo, nos conflitos decorrentes de discursos científicos sobre a pandemia ante as teorias de conspiração sobre a origem do vírus, vindas de um discurso anticomunista.

Segundo Cazarin (1999), no interior de uma mesma FD as posições podem ser *diferentes*, pelos saberes que as distinguem; ou *divergentes*, devido aos saberes que, além de diferentes, tensionam entre si, mas não rompem com a *forma-sujeito* pela desidentificação. Ocorre, nesse caso, apenas a contraidentificação, como se deu no campo médico-científico, quando pesquisadores da medicina divergiam acerca dos protocolos de saúde a adotar durante a pandemia, mas sem deixar de se reconhecerem como sujeitos ligados ao Sujeito da ciência.

No que diz respeito às possibilidades de saberes articulados pelas posições-sujeito de determinada FD, uma relação importante se dá entre a FD e o interdiscurso dissimulado em seu interior:

[...] o próprio de toda formação discursiva é dissimular, na transparência do sentido que nela se forma, a objetividade material contraditória do interdiscurso, que determina essa formação discursiva como tal, objetividade material essa que reside no fato de que "algo fala" (*ça parle*) sempre "antes, em outro lugar e independentemente", isto é, sob a dominação do complexo das formações ideológicas (Pêcheux, 1995, p. 162).

Dessa maneira, a interpelação resultante das formações ideológicas refletidas nas FD no âmbito do discurso ocorre abarcando o interdiscurso nesse processo que fornece evidências de sentido. Assim, considerando que o sujeito jornalista não está “imune” aos processos de interpelação, a produção de sentido na esfera jornalística pode mobilizar saberes diversos, interdiscursivamente, de variadas formações.

Essa discussão nos ajuda a compreender como as filiações ideológicas constitutivas da GM, MA e MC possibilitaram formulações sobre a pandemia de covid-19 a partir de diferentes posições-sujeito de *identificação*, *contraidentificação* e *desidentificação* dentro do mesmo segmento ou em segmentos distintos, articulando saberes vindos de várias redes de memória possíveis imbricadas no interdiscurso. E um dos fatores que afetam a maneira como as formulações irão circular e se confrontar por meio das posições-sujeito é o dos lugares discursivos a partir dos quais as mídias enunciam.

De acordo com Grigoletto (2007), o lugar discursivo se constitui mutuamente com o lugar social (espaço empírico condicionado pelas FIs), que é afetado pelas relações de poder na sociedade:

[...] o lugar social que o sujeito ocupa numa determinada formação social e ideológica, que está afetada pelas relações de poder, vai determinar o seu lugar discursivo, através do movimento da forma-sujeito e da própria formação discursiva com a qual o sujeito se identifica (Grigoletto, 2007, p. 128).

Ainda na discussão sobre o lugar discursivo, Grigoletto (2007) também define que ele está no entremeio do lugar social, da forma-sujeito e da posição-sujeito, demonstrando como ocorre a identificação, constituição e formulação do discurso que irá circular em dado espaço:

Assim, a relação do sujeito enunciador com o sujeito do saber, e, conseqüentemente, com a posição-sujeito é deslocada para as relações de identificação/determinação do lugar discursivo tanto com a forma-sujeito histórica (ordem da constituição / do interdiscurso), quanto com a posição-sujeito (ordem da formulação / do intradiscurso) (Grigoletto, 2007, p. 129).

Desse modo, ao analisar um corpus que também lida com jornalismo e ciência em relação ao Discurso de Divulgação Científica, Grigoletto (2007) estabelece o conceito de lugar discursivo compreendendo que ele também pode abrigar e se relacionar de vários modos com distintas posições-sujeito. No exemplo trabalhado por ela, foram discutidos os lugares discursivos de jornalista científico e de editor, ambos se articulando mediante posições-sujeito de *aderência ao discurso da ciência* e *aderência ao discurso do cotidiano*, fazendo com que os

discursos desses textos jornalísticos tivessem dados sentidos ligados à ciência, na ordem do científico, e outros ligados ao leitor, na ordem do senso comum:

A diferença nessas duas posições está, sobretudo, no modo como o jornalista se aproxima do leitor ou do cientista. Ou seja, enquanto, na posição de aderência ao discurso científico, o jornalista produz um efeito de transferência do dizer do cientista, na posição de aderência ao discurso do cotidiano, o jornalista produz um efeito de aproximação do leitor (Grigoletto, 2007, p. 133).

Em nossa pesquisa, na circulação-confronto de posições que mobilizam saberes científicos e anticientíficos também há a manifestação de *posições de identificação com a ciência e com o senso comum* em espaços de memória científicos, econômicos, políticos, religiosos, entre outros, que dão legibilidade ao acontecimento da pandemia. Nosso interesse analítico, portanto, é investigar a relação entre lugares discursivos e posições-sujeito das mídias jornalísticas, tendo em vista o modo como elas produziram sentido sobre o acontecimento discursivo da pandemia.

De acordo com a vertente da análise do discurso materialista, as proposições podem mudar de sentido a depender das posições ideológicas de quem as pronuncia, como argumenta Pêcheux (1995). Por isso, na pandemia de covid-19, por exemplo, o acontecimento histórico da descoberta do vírus circulou em veículos de uma dada posição ideológica como acontecimento e fato jornalístico/discursivo a partir de sentidos sobre a doença enquanto surgida de modo natural. Porém, esse mesmo acontecimento histórico também circulou em mídias de outras posições como sendo fruto de um vírus criado ou vazado de laboratório chinês, a partir de sentidos sobre a doença enquanto surgida de uma conspiração comunista.

Nesse panorama, mobilizamos a definição de Michel Pêcheux para acontecimento discursivo, uma vez que esse cenário da pandemia foi dominado por muitas discursividades, conforme ponderou Orlandi (2020, 2021). O *acontecimento discursivo* definido por Pêcheux (2008) relaciona o que se dá na atualidade e o encontro disso com a memória em processos de ressignificação. Em nosso estudo, a atualidade se refere à formulação dos discursos pelos sujeitos, ao intradiscorso vinculado aos acontecimentos históricos da pandemia de covid-19. Já a memória se refere aos pré-construídos que se estabelecem nas formações discursivas por meio de redes de memória e legibilidade anticomunistas, neoliberais, religiosas, conservadores, progressistas, científicas, anticientíficas etc., constituindo distintos desdobramentos do acontecimento discursivo da pandemia.

Por conta da pluralidade de saberes possíveis das diversas FDs implicadas no acontecimento discursivo da pandemia, então, é relevante que, ao analisar discursos desse

período, o conceito de *interdiscurso* seja considerado, porque explica como algo dito anteriormente, em outro lugar e época, pode irromper em uma situação discursiva distinta:

Nessa perspectiva, o interdiscurso, longe de ser efeito integrador da discursividade torna-se então seu princípio de funcionamento: é *porque* os elementos da sequência textual, funcionando em uma formação discursiva dada, podem ser importados (meta-forizados) de uma sequência pertencente a *uma outra* formação discursivas que as referências discursivas podem se construir e se deslocar historicamente (Pêcheux 1995, p. 158)³⁶.

Pelo viés de heterogeneidade das FDs, portanto, diferentes mídias podem textualizar saberes mediante repetições, deslocamentos e ressignificações de sentidos que trazem recortes do interdiscurso relacionado a dado acontecimento. E ao se eleger um fato jornalístico/discursivo para veicular, a textualização dele também será afetada pelo lugar discursivo do qual as mídias enunciadoras produzem sentido. Por isso, são relevantes essas relações entre discurso, prática jornalística, lugares ideológicos/discursivos, memória e sentido.

Assim, para compreender como as mídias constituíram sentido para significar o acontecimento discursivo da pandemia, é importante analisar o que caracteriza os gestos de interpretação da GM, MA e MC. Acreditamos que a resposta está relacionada a como funcionam os lugares discursivos dessas mídias em relação aos efeitos de neutralidade — afetado pelo neoliberalismo —, de militância progressista e de militância neoconservadora, enquanto determinantes ideológicos que afetaram constituição, formulação e circulação-confronto dos discursos nas diferentes coberturas jornalísticas.

Dessa forma, tendo em vista as redes de memória e legibilidade em jogo nas posições-sujeito implicadas na cobertura midiática da pandemia, defendemos a tese de que GM, MA e MC circularam diferentes versões desse acontecimento, a partir de distintos gestos de interpretação políticos, que desencadeiam variados efeitos de sentido sobre a pandemia, na relação de forças simbolizadas, decorrentes das filiações ideológicas em jogo nos segmentos de mídia.

2.3 A heterogeneidade das mídias jornalísticas

GM, MA e MC: a que veículos esses termos se referem, o que se pode entender sobre eles e como surgiram no Brasil? Quais filiações ideológicas e lugares discursivos afetam suas produções de sentido?

³⁶ Esse texto de 2015 é uma tradução de Eni Orlandi publicada pela Pontes editores. O texto original é de 1984, publicado apenas após a morte do autor na revista *Mots*.

Inicialmente, acerca da GM, cabe explicar que são muitas as formas pelas quais vários teóricos que lidam com algum objeto do jornalismo se referem aos poderosos conglomerados de comunicação: grande mídia (D’Ancona, 2018), mídias convencionais (Machado, 2002), imprensa tradicional (Dela-Silva, 2020), jornalismo empresarial (Becker, 2009), etc., e todos costumam apontar a natureza empresarial do segmento.

Diante disso, neste trabalho, optamos por chamar esse segmento de GM, porque acreditamos ser menos provável que seu sentido deslize para o que chamamos de mídia conservadora, como poderia ocorrer nomeando de “tradicional” ou “convencional”; ou ainda que houvesse outro deslizamento para a “comunicação interna” ligada ao setor recursos humanos das empresas, na denominação de “mídia empresarial”. Assim, esclarecemos que quando se menciona a GM nesta tese é para nos referirmos aos grandes conglomerados de comunicação em massa, vistos em outras épocas como mídia hegemônica — no sentido de uma prática jornalística empresarial poderosa e dominante —, sendo atualmente mais descentralizada nas relações de poder, dada a pluralidade de veículos de outros segmentos que crescem na internet (Castells, 2017 [2009]).

O surgimento da GM remonta ao período em que o Brasil era colônia de Portugal e o início do processo da independência. De acordo com Sodré (1966), o primeiro jornal oficial impresso em território brasileiro foi A Gazeta do Rio de Janeiro, que pertencia à Coroa Portuguesa e abordava com intensidade acontecimentos europeus, marcando o início da imprensa no país. Ele circulou de 1808 a 1821, sendo escrito apenas por homens de confiança do rei. Entretanto, também em 1808, surgiu o Correio Braziliense, temporalmente um pouco antes da Gazeta, circulando de modo impresso apenas em Londres porque fazia oposição à monarquia, ao veicular discursos em defesa do desenvolvimento científico da época e assuntos relacionados ao Brasil (Oliveira, 1997).

No Brasil, segundo Becker (2009) o jornalismo da GM tendia a adotar um foco predominantemente conservador de atuação midiática em relação à abolição da escravatura e também ao país mudar sua categoria de colônia para república. Ademais, mesmo quando adotou posturas republicanas, a aliança da imprensa com elites locais conduzia o jornalismo da época para uma produção liberalista, na qual a defesa dos cidadãos significava a defesa dos comerciantes, vindo daí o entendimento da natureza empresarial do segmento.

Ao tratar sobre a “imprensa-empresa”, Becker (2009, p. 276) também explica que o crescimento econômico e a urbanização do Brasil levaram a mídia informativa nacional a outro patamar, devido às melhorias técnicas e editoriais dos veículos de imprensa, que continuavam numa atuação empresarial. Essas mídias ganhavam dinheiro por meio de anúncios publicitários

e assinaturas dos consumidores de seus conteúdos, num cenário no qual mais empresas aderiram à prática jornalística dentro das regras do capitalismo industrial.

Acrescente-se que os patrocinadores dessas mídias e a pressão comercial por audiência afetam de alguma forma o modo como os discursos de viés neoliberal são produzidos por elas. Assim, a pressão econômica é um fator importante quando falamos em GM porque ela comporta os grandes conglomerados de comunicação, tendo relações comerciais lucrativas e possuindo maior alcance em número de leitores se comparada aos outros tipos de mídia. No campo midiático, portanto, a GM é caracterizada por seu poder privilegiado de circulação e influência, possuindo “ampla representatividade em nossa formação social, por decorrência de seu poderio político-econômico” (Dela-Silva, 2018, p. 387).

Para nos ajudar na reflexão sobre como se estrutura a produção jornalística da GM, recorremos ao sociólogo francês Pierre Bourdieu (1997), que problematizava a disputa por audiência, segundo aspectos que também entendemos afetar a internet. Nessa perspectiva, a informação também seria uma mercadoria e existiria num cenário estrutural de pressões que afetam a prática jornalística (e também são por ela afetadas).

O universo do jornalismo é um campo, mas que está sob a pressão do campo econômico por intermédio do índice de audiência. E esse campo muito heterônomo, muito fortemente sujeito às pressões comerciais, exerce, ele próprio, uma pressão sobre todos os outros campos, enquanto estrutura (Bourdieu, 1997, p.77).

A prática jornalística como mercadoria ou produto também foi objeto de discussão de Marcondes Filho (2000), quando o autor descreveu o que ele chama de quarta fase do jornalismo, a da era da tecnologia, que se dá a partir dos anos 1970. Nesse período, com a informatização das redações jornalísticas, o teórico aponta uma tendência de “triturar os fatos – inclusive as análises – transformando-os em um produto” (Marcondes Filho, 2000, p. 37). Esse triturar refere-se aos processos acelerados de produção, intensificados posteriormente com o jornalismo digital, que transformou conteúdos e técnicas nas redações, deixando algumas coberturas superficiais devido à rapidez que a modernidade proporcionou.

Outro aspecto importante sobre a GM é que ela se rege pelo ideal de mediadora social da verdade objetiva, neutra e informativa dos fatos, o que supõe uma relação transparente entre tais fatos e a informação sobre eles, como se o sujeito jornalista fosse capaz de tratar fatos com objetividade e neutralidade: “[...] a neutralidade desses sujeitos é uma exigência para que seu discurso seja fiel à realidade, e só a ela. Em outras palavras, a objetividade exige a neutralização

ou suspensão do sujeito para que a verdade se apresente” (Biroli; Miguel, 2017, local. 1047-1048).

Apesar dessa objetividade ser questionada e constantemente debatida na academia, exatamente por ela ser um ideal e não uma realidade, Biroli e Miguel (2017) explicam que esse parâmetro ainda é central nas redações jornalísticas mundo afora. No entanto, apesar dessa pretensão de objetividade, a GM enuncia a partir de uma *formação ideológica* (FI) *neoliberal*, cujo funcionamento, obviamente, indica que a transparência dos fatos nela objetivada é apenas uma projeção imaginária, e não a realidade. É um efeito de sentido.

Concordamos com Flores e Neckel (2019, p. 268) quando elas argumentam existir um “efeito de neutralidade no discurso jornalístico e na mídia de referência”³⁷ com uma política de silêncio que apaga outros sentidos possíveis em dado material informativo. Ainda, as autoras defendem que isso visa a um apagamento da historicidade do acontecimento, como se fosse “ele por ele mesmo”, independente em seu presente, efetuando uma tentativa de censura da história, que afeta o fato de alguma forma. Sobre isso, as pesquisadoras explicam também que, ao mesmo tempo em que apaga a historicidade, essa mídia também projeta sua imagem de objetividade e transparência. O fato jornalístico na GM, então, é projetado como “informativo” apesar de ser político de forma velada.

Cabe destacar, todavia, que esses fatores de (efeito de) neutralidade, produção célere, lógica de mercado e pressão econômica funcionam de modo diferente nos três tipos de mídia que trabalhamos, porque os veículos independentes (de natureza progressista ou conservadora) possuem filiações e condições de produção distintas da GM. Ainda, a história da imprensa na sociedade capitalista em que vivemos é construída a partir de interesses distintos de fazer jornalístico e difusão de ideias, conforme Sodré (1966) argumenta:

Por muitas razões, fáceis de referir e de demonstrar, a história da imprensa é a própria história do desenvolvimento da sociedade capitalista. O controle dos meios de difusão de idéias e de informações — que se verifica ao longo do desenvolvimento da imprensa, como reflexo do desenvolvimento capitalista em que aquele está inserido — *é uma luta em que aparecem organizações e pessoas da mais diversa situação social, cultural e política, correspondendo a diferenças de interesses e aspirações* (Sodré, 1966, p. 1, grifo nosso).

No que tange à pluralidade de interesses em jogo, quando a MA começa a surgir, ela se projeta enquanto via de politização e “alternativa” de jornalismo, uma opção de informação em relação aos grandes conglomerados, objetivando “organizar os trabalhadores brasileiros”

³⁷ As autoras chamam de “mídia de referência” o que nós chamamos de Grande Mídia.

(Ferreira, 1978, p. 88). Ao discutir a mídia jornalística no Brasil república, Becker (2009) explica que enquanto existia uma “imprensa-empresa”, a GM, também havia uma “imprensa-operária”, a MA, de natureza reivindicatória, ligada aos trabalhadores brasileiros da época em busca de seus direitos. As primeiras mídias com esse foco foram os jornais operários, a exemplo de O Proletário, produzido em Recife em 1847.

No que diz respeito às diferentes designações referidas à MA, Peruzo (2008) explica que, além de alternativa, essa mídia também é reconhecida como popular e comunitária, representando reivindicações democráticas para a sociedade e possuindo um conteúdo crítico-emancipador. “É um instrumento político das classes subalternas para externar sua concepção de mundo, seu anseio e compromisso na construção de uma sociedade igualitária e socialmente justa” (Peruzo, 2008, p. 370). Já Downing (2002) refere-se a essa mídia como “alternativa radical”, por seu viés de resistência enquanto “formas de expressão das culturas populares e de oposição” (Downing, 2002, p. 33).

Sobre os registros históricos da constituição do segmento alternativo, Woitowicz (2009) pondera que, embora eles estejam dispersos, é inegável a influência dessa mídia na resistência e combate à censura e repressão no Brasil, a exemplo dos primeiros jornais operários ou da atuação da MA contra a ditadura militar. A informação na MA, portanto, não é uma mercadoria, mas um instrumento de mobilização (Ferreira, 1978), por isso o fato jornalístico na MA, ao contrário do que ocorre na GM, é historicamente um fato assumidamente político. Na GM, por outro lado, a informação tende a ser um instrumento de mobilização (não assumida) das elites.

Nesse sentido, Indursky (2023) argumenta que é na MA onde encontra-se espaço para dados sentidos políticos interditados na GM. Isso se deve ao fato de, diferente da GM, a MA representar resistência às formações ideológicas neoliberais. Essa perspectiva converge com a descrição de Castells (2017) sobre as relações entre o poder das mídias tradicionais e o contrapoder das mídias alternativas na dinâmica das comunicações modernas. O que nos permite apreender que enquanto a GM se inscreve numa FD que hoje entende-se como neoliberal e pretende-se neutra, a MA nasce numa conjuntura que politiza a notícia, como contrapoder, dando base informativa para a organização do movimento operário (Becker, 2009).

Nessa rápida incursão pela história, fica evidente, em primeiro lugar, a condição de contraponto construída pela Mídia Alternativa, desde os primórdios do Brasil imperial, como um "jornalismo de posição", contra um jornalismo que se diz "informativo", ou seja, "neutro", "objetivo", seguidor do modelo norte-americano (Becker, 2009, p. 284).

Contemporaneamente, então, a GM estabelece seu funcionamento na lógica empresarial de sua *FI neoliberal*, que abriga heterogêneas formações discursivas cujos saberes são mobilizados na prática jornalística, tais como a FD econômica, as políticas de direita e centro-direita, ou mesmo a política progressista no que tange à cidadania e ao meio-ambiente³⁸, por exemplo, mas não do ponto de vista político-econômico, nem corporativo, que gere transformações reais na estrutura de poder vigente na sociedade. Nesse sentido, para compreendermos tal funcionamento neoliberal, precisamos refletir acerca do que é uma formação discursiva (FD) e do que prezam os discursos de natureza ideológica neoliberalista.

Conforme formulado por Pêcheux (1995), discursivamente, a FD³⁹ estabelece como os sujeitos podem enunciar em dada conjuntura, admitindo certos saberes viáveis ali. Sobre o neoliberalismo na sociedade moderna, Harvey (2008) explica tratar-se de uma teoria de natureza política-econômica surgida na década de 1970, que se articula pela liberdade econômica individual e a propriedade privada. Nessa perspectiva, o Estado tem o papel de garantir tal estrutura, contudo sem dever fazer muitas interferências.

Neoliberalismo é em primeiro lugar uma teoria das práticas político-econômicas que propõe que o *bem-estar humano* pode ser melhor promovido liberando-se as *liberdades e capacidades empreendedoras individuais* no âmbito de uma estrutura institucional caracterizada por sólidos *direitos à propriedade privada, livres mercados e livre comércio*. O papel do Estado é *criar e preservar uma estrutura institucional apropriada a essas práticas* [...]. A desregulação, a privatização e a retirada do Estado de muitas áreas do bem-estar social têm sido muitíssimo comuns (Harvey, 2008, p. 12, grifo nosso).

Na prática jornalística da GM, no entanto, as determinações ideológicas do neoliberalismo se materializam sob o *efeito de neutralidade*. Neste ponto, portanto, contemporaneamente, a GM articula seus discursos na defesa do mercado, da liberdade econômica, das grandes corporações e da interferência mínima do Estado nessas questões, ainda que esses temas não sejam as pautas principais ou evidentes. Nessa ótica, ligando o conceito de FD ao discurso jornalístico e ao neoliberalismo, inferimos que as posições-sujeito se alinham a sentidos que dão primazia ao livre mercado, à propriedade privada, e ao Estado mínimo, mesmo que isso afete demandas sociais.

³⁸ O Relatório anual da Rede Globo sobre ESG (sigla em inglês para Governança ambiental, social e corporativa) emitido desde 2021, é um exemplo dessa orientação progressista na GM. O de 2023 pode ser visto aqui: <https://somos.globo.com/esg/pt/2023/home/>.

³⁹ A citação direta com a conceituação de FD está na introdução.

A MA, por outro lado, se constitui a partir de ideologias políticas progressistas de esquerda, nas quais as FDs em questão articulam discursos sócio-políticos, econômicos e jornalísticos relacionados à *Formação Ideológica de esquerda* que interpela enunciadorees da MA. Ou seja, enquanto parte da GM pode ser progressista na perspectiva “dos costumes”, a MA o é de forma integral seja “nos costumes” ou em outros aspectos sociais, especialmente no combate às desigualdades, que não tende a ser priorizado nos grandes conglomerados.

Para entendermos essa interpelação, é pertinente pontuarmos o que compreende, então, a base dessa formação ideológica. De acordo com Bobbio (1995), os pontos que mais distinguem direita e esquerda estão relacionados à igualdade, liberdade e paz. Nessa perspectiva, enquanto a direita (e centro-direita) tende a ser mais subordinada à lógica capitalista de liberdade individual e econômica⁴⁰, a filiação à esquerda em todas as suas derivações é marcada pela defesa da igualdade social.

Em relação às distinções históricas entre GM e MA, destacamos que, de acordo com Castells (2017), o poder tem uma de suas principais bases no controle da comunicação e da informação, esteja ele num aspecto macro, nas mãos dos governos ou das grandes corporações de mídia, ou num aspecto micro, controlado por outras organizações da sociedade. Dessa maneira, na argumentação do teórico, o poder depende desse controle e o contrapoder do rompimento disso. Em relação à internet, o autor é otimista em defender que há maiores espaços de contrapoder para vozes não hegemônicas, numa comunicação mais livre:

Ademais, mesmo que o universo da internet seja construído em torno do poder dos grandes conglomerados empresariais e seja, de alguma forma regulado pelos governos, ele permanece sendo, de fato, um modo de comunicação muito distinto, caracterizado pela considerável autonomia dos sujeitos comunicantes em relação aos donos e reguladores da infraestrutura de comunicação. Isso acontece porque as tecnologias de redes digitais permitem que indivíduos e organizações gerem seus próprios conteúdos e mensagens e os distribuam no ciberespaço, evitando amplamente o controle de corporações e burocracias (Castells, 2017, p. 30).

Ainda que haja uma boa perspectiva de comunicações não centralizadas existentes no ciberespaço, o autor também mostra que os grandes conglomerados empresariais em suas redes de negócios de multimídia globais se adaptaram ao meio digital, migrando o que antes era apenas TV, rádio e mídia impressa para novos formatos *online*, com sistemas de comunicação híbridos em diferentes formatos. Logo, apesar de existir notabilidade para a comunicação

⁴⁰ Discutimos isso mais a frente quando falamos sobre a MC.

independente da MA, a GM permanece forte no ambiente digital, embora já não tão hegemônica.

A migração do jornalismo dos grandes conglomerados para o formato virtual no Brasil se deu por meio de empresas gerenciadas por famílias poderosas do país na década de 90, com sites do grupo Globo e da Agência Estado, conforme explica Ferrari (2014):

[...] no Brasil os sites de conteúdo nasceram dentro das empresas jornalísticas. Alguns deles nem tinham a concepção de portal e evoluíram posteriormente para o modelo. O primeiro site jornalístico brasileiro foi o do Jornal do Brasil, criado em maio de 1995, seguido pela versão eletrônica do jornal O Globo. Nessa mesma época, a Agência Estado, agência de notícias do Grupo Estado, também colocou na internet sua página. Para entender o surgimento dos portais brasileiros na segunda metade da década de 90, é necessário olhar um pouco a história da imprensa brasileira, composta por grandes conglomerados de mídia, na maioria oriundos de empresas familiares. Esses mesmos grupos detêm, também, a liderança entre os portais — e por isso são informalmente chamados de "barões da internet brasileira" (Ferrari, 2014, local 20-21).

Inclusive, boa parte da GM no Brasil — também atuante com sites de jornalismo *online* — permanece como empresas familiares, a exemplo dos Marinho com a Rede Globo, dos Abravanel no Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), dos Civita no grupo Abril, (Globo), dos Macedo na Rede Record, entre outros. A internet, no entanto, também possibilitou espaço para que uma gama de veículos de natureza neoliberal surgissem sem que estivessem necessariamente ligados administrativamente aos grandes conglomerados, mas mantendo os mesmos padrões de abordagem dos fatos, a exemplo do Poder 360⁴¹, automeado como independente, “de jornalismo profissional”, não-partidário, transparente e plural.

Em contrapartida, as mídias alternativas tendem a ser criadas por jornalistas dissidentes das grandes redes, movimentos sociais e lideranças políticas de esquerda (Souza; Oliveira, 2016), projetando que tem objetividade jornalística também; entretanto, uma objetividade política e sem o *efeito de neutralidade* pelo qual a GM produz sentido. Nesse cenário, a MA iniciou sua presença no universo digital por meio de uma grande variedade de plataformas digitais em blogs, redes sociais e fóruns de discussão. Um dos sites pioneiros colocados em circulação em meados do ano 2000 foi a Carta Capital, com uma versão online do que antes era apenas em modo de revista impressa, criada em 1994.

⁴¹ Alguns princípios editoriais listados no site deles: “O Poder360 segue as normas e técnicas do *jornalismo profissional* [...] O jornalismo do Poder360 busca sempre a *neutralidade na apuração dos fatos*. [...] O Poder360 também busca ativamente a *diversidade de vozes* entre os integrantes de sua equipe com o objetivo de refletir diferentes pontos de vista existentes na sociedade.” Disponível em: <https://www.poder360.com.br/politica-editorial/>. Acesso em 29 jul. 2024.

Ao longo de sua história, a MA foi se consolidando enquanto um tipo de mídia associada aos movimentos sociais, ao combate às desigualdades e à notabilização de pautas progressistas; enquanto a GM se consolidou como uma mídia “informativa”, mascarando que enuncia em defesa do mercado. Entretanto, apesar das distinções históricas, esses dois segmentos tiveram discursos semelhantes durante a pandemia, quando cada um, a partir de seus posicionamentos ideológicos, fez oposição ao negacionismo científico do Governo Federal.

Acrescente-se também que, mesmo na disputa de audiência, o cenário pandêmico mostrou veículos da GM e da MA sendo chamados nas redes sociais de “imprensa-lixo”, “imprensa-comunista” ou “extrema imprensa”, sob acusação de serem sensacionalistas como abusadores das manchetes de morte porque ela seria uma manchete que vende. Essas acusações vinham das chamadas mídias conservadoras, cujos sites e blogs proliferaram ainda mais na proximidade das eleições presidenciais de 2022, sendo fomentados desde meados das jornadas de junho de 2013 e ascensão das operações da Lava-Jato⁴², se representando como fonte segura para determinado tipo de leitor de nova direita, constituído ideologicamente pelo imaginário anti-esquerda: o leitor conservador.

De forma geral, entendemos como mídia conservadora os veículos que assumem essa filiação ideológica e que emergiram de forma mais notável no Brasil a partir dos desdobramentos políticos da nova direita, a exemplo do site Mídia sem Máscara⁴³, criado em 2002 e um dos pioneiros nessa vertente.

Com relação ao fenômeno das mídias conservadoras emergentes, Prado (2021) publicou relatos biográficos de sua experiência, pois vi(ve)u⁴⁴ por dentro a organização desse movimento, desde quando as comunidades digitais na antiga rede social *Orkut* e, posteriormente, no *facebook*, fomentavam mudanças nos debates públicos sobre política

⁴² Discutimos mais a frente a partir das pesquisas de Pinheiro-Machado e Freixo (2021).

⁴³ Descrição sobre “quem somos” do site diz: “o MÍDIA SEM MÁSCARA é um website destinado a publicar as idéias (*sic*) e notícias que são sistematicamente escondidas, desprezadas ou distorcidas em virtude do viés esquerdista da grande mídia brasileira”. Disponível em: <https://midiasemmascara.net/quem-somos/>. Acesso em 03 ago. 2024.

⁴⁴ A autora era militante do movimento conservador, mas desidentificou-se ideologicamente e passou a catalogar dados, de forma biográfica, para expor seu ponto de vista quanto à radicalidade dessa vertente da direita emergente. Prado foi pesquisadora do Monitor do Debate Político no Meio Digital da Universidade de São Paulo (USP), sendo desvinculada do projeto após tecer críticas a falas de uma jornalista da Grande Mídia em 2024 e discutir com outros pesquisadores que lidam com o objeto da extrema direita. Atualmente, ela se identifica como pesquisadora do extremismo nas redes sociais de forma independente. Nosso uso do material escrito pela autora é meramente histórico em relação ao que dá base à formação das mídias conservadoras atuais, porque a consideramos uma testemunha importante e sua produção válida do ponto de vista histórico. Entretanto, optamos por não nos ater a aspectos teóricos dos trabalhos dela.

durante os primeiros governos do Partido dos Trabalhadores (PT). Os veículos da MC se situam historicamente, portanto, no cenário da direita emergente no Brasil, e surgem do desenvolvimento dessas primeiras comunidades digitais do *orkut* e do *facebook*.

Prado (2021), inclusive, afirma que o sentimento “anti-pt” foi um dos principais pontos de conexão entre os pensadores que fizeram explodir a nova direita no Brasil, entre os quais está Olavo de Carvalho, autodenominado filósofo e importante mentor de um dos sites que pesquisamos, o Brasil sem medo⁴⁵.

No que diz respeito a Olavo de Carvalho, Prado (2021) acrescenta que partiu dele também, em 2014, a indicação de Jair Bolsonaro como um nome para representar a direita e criar uma militância. A autora afirma também que houve uma “olavização” nas redes sociais em meio a esse movimento que fomentou o bolsonarismo, dando base para a criação de sites de notícias sensacionalistas e outras formas de mídia no universo digital ligados à direita. Nesse cenário, o fato jornalístico na MC é historicamente um fato político de direita.

Ainda segundo o próprio Olavo defendia (Carvalho, 2002), esse movimento de direita brasileiro se pautava por um tipo de “guerra cultural” em oposição ao que eles chamam de “marxismo cultural”. A teoria conspiratória norte-americana foi popularizada no Brasil por Olavo de Carvalho, sugerindo uma suposta "ameaça comunista" dentro de governos democráticos. Tal perspectiva de marxismo e cultura adotada pela direita é atribuída pelos conservadores à influência do filósofo italiano Antonio Gramsci. Segundo eles, a esquerda exerceria hegemonia na propagação de ideias "esquerdistas" através de instituições educacionais e pela via cultural.

Contudo, vale ressaltar que a obra de Gramsci tinha como objetivo promover a conscientização e elevação cultural das massas por meio de uma análise crítica da sociedade e das ideologias dominantes, como argumentado por Inácio, Almeida e Schlesener (2018). O que ocorre, porém, é que a direita distorce isso para fortalecer sua retórica política anticomunista, retratando a esquerda como hegemônica e justificando a necessidade de combatê-la por meio dos ideais de direita, como explicado por Puglia (2018):

[...] ao mobilizarem a teoria gramsciana para construir um quadro interpretativo próprio onde os inimigos de esquerda teriam logrado, ao longo das últimas quatro décadas, conquistar hegemonia no plano político e cultural nacional, os intelectuais de direita passam a se enxergar – dentro dessa leitura particular da realidade – como vítimas marginalizadas pelo establishment intelectual nacional. Munidos dessa autoimagem de resistência, o grupo afirma ter sido forçado pelas circunstâncias a atuar em sentido “contra-hegemônico”, na defesa

⁴⁵ Nosso capítulo metodológico contextualiza esse site de forma específica.

do livre mercado capitalista e de pautas comportamentais conservadoras. (Puglia, 2018, p. 44).

Para esclarecermos, então, o que se pode entender como nova direita, que está na base da MC, cabe observar que não há consenso na literatura sobre a orientação política dessa onda conservadora brasileira recente. Nesse sentido, aderimos aos estudos que caracterizam o atual movimento como extrema direita (Casarões, 2019), de viés populista reacionário (Lynch e Cassimiro, 2022).

Compreendendo essa direita olavista emergente no Brasil como extrema, Casarões (2019, p. 232) explica que ela tem “traços liberais na economia e profundamente conservador nos costumes”. Já na identificação enquanto populista reacionária, Lynch e Cassimiro (2022) argumentam que reacionarismo remete à oposição radical contra mudanças na sociedade⁴⁶, e populismo é “estilo de fazer política típico de ambientes democráticos ou de massa, praticado por uma liderança carismática, que reivindica a representação de uma maioria contra o restante da sociedade” (Lynch; Cassimiro, 2022, local. 11). Os autores afirmam que essa forma de governança tende a conceber o povo como um corpo de indivíduos distintos, mas também uma entidade homogênea, fabricando e projetando tal imagem de maneira como só fosse possível ter um único representante, o que acaba por negar visões de mundo plurais.

Lynch e Cassimiro (2022) alertam também que o populismo em si não é algo que ocorre apenas no espectro da direita. Ele pode ser moderado ou radical, de esquerda ou de direita, e se constrói a partir de três eixos: apelo ao povo contra a elite, politicamente incorreto e crise ou ameaça iminente. No espectro ideológico da direita, o que se liga às mídias conservadoras, esse movimento se orienta pela defesa da ordem sob responsabilidade das autoridades; por um ideal de “povo” enquanto conjunto de empresários e preservação das chamadas famílias tradicionais ameaçadas por minorias; além da atuação em defesa dos "bons costumes". Na análise dos autores, o movimento bolsonarista é populista radical:

Populismo que resiste ao avanço da igualdade social em nome de um culturalismo supostamente representativo do “povo verdadeiro”, que justificaria a manutenção ou restauração de uma ordem caracterizada pela hierarquia no âmbito do trabalho e da vida privada. Essa ideia reacionária de “restauração da ordem” organiza o mundo entre bons nacionalistas conservadores (o “povo”) e maus cosmopolitas e progressistas (o “antipovo”), e prega uma cruzada apocalíptica para a salvação de uma “civilização judaico cristã ocidental”. Civilização esta entendida como coletividade de famílias organizadas em nações culturalmente definidas, mais ou menos independentes do Estado e amalgamadas pelo cristianismo (Lynch; Cassimiro, 2022, local. 18;19).

⁴⁶ E essa radicalidade seria a diferença entre o reacionário e o conservador tradicional.

Pinheiro-Machado e Freixo (2021) também investigam a nova direita brasileira e lembram como os movimentos conhecidos como “Vem pra Rua”, nas jornadas de junho de 2013, no Governo Dilma Rousseff, tiveram suas memórias disputadas e instrumentalizadas, a ponto de desencadear mudanças em relação à emergência da direita no cenário político nacional.

Além disso, os autores defendem que a crise política do controverso *impeachment/golpe* contra a então presidenta do Brasil, as ações no judiciário de forma politizada, a blindagem dos erros da Operação Lava-Jato na Grande Mídia, entre outras questões, fortaleceram o movimento conservador e colaboraram para fragilizar a democracia. A consequência dessa fragilidade foi uma eleição atípica em 2018, que fez de Jair Bolsonaro presidente do Brasil, contando com apoio de mídias conservadoras e parte da GM — esta última de forma mais velada a partir de um efeito da neutralidade jornalística, por meio do espaço dado a vozes de lideranças de direita ou em publicações enviesadas pelo discurso anti-PT⁴⁷.

Segundo a análise de Silva (2017), o posicionamento de confronto entre a direita e o PT se dá porque, entre outros fatores, o partido representa o principal alvo do que a autora chama de “anticomunismo secular na história brasileira” (Silva, 2017, p. 174). Nessa perspectiva, o anticomunismo não se restringiria a uma oposição à agenda política, ideológica e econômica clássica da esquerda em relação ao comunismo, sendo estendido a propostas ou programas sociais defendidos por partidos de esquerda ou progressistas, ainda que não revolucionários. Daí a identificação entre anticomunismo e anti-petismo pela direita conservadora. É como se o imaginário de oposição ao comunismo clássico se deslocasse para qualquer vertente de esquerda, nesse caso, o PT.

Outro autor que discute o anticomunismo, explicando-o a partir de diversos desdobramentos políticos e religiosos importantes para nossa pesquisa, é Kaysel (2022). O teórico argumenta, inclusive, ser paradoxal a oposição da direita ao PT, uma vez que este foi um partido moderado quando ocupou no poder no Brasil. No entanto, o imaginário de suspeita e a projeção de ameaça da esquerda se mantém no discurso da direita porque ela precisa alimentar tal concepção em nome de uma alegada “defesa da democracia”, que o pesquisador avalia como, na verdade, “ódio à democracia”.

⁴⁷ BOLSONARO derrota o projeto de poder do PT. **JP News**, São Paulo, 28 out. 2018. Disponível em: <https://jovempan.com.br/eleicoes-2018/presidenciais/bolsonaro-derrota-o-projeto-de-poder-do-pt.html>. Acesso em: 26 jul. 2024.

Esse argumento de Kaysel (2022) se deve ao fato de ele entender que se projeta uma ameaça falsa do anticomunismo para se evitar a emancipação social típica de uma democracia, mas contrária aos interesses da direita. Na opinião do teórico, inclusive, o anticomunismo remonta às origens do próprio comunismo na Rússia em 1917, cuja oposição estava alicerçada na Igreja (em um tipo de briga entre o bem e o mal, a favor do cristianismo e contra o ateísmo) e nas Forças Armadas (potencialmente ligada à imposição de golpes de estado e ditaduras). No que diz respeito à ditadura militar do Brasil especificamente, inclusive, Indursky (2023, p. 61) destaca que "o discurso dos ditadores sempre elegeu os comunistas como o inimigo a ser combatido". E na MC, que tende a mobilizar saberes da FD de extrema direita, isso não é diferente.

No que tange ao papel da igreja nesse cenário, Pinheiro-Machado e Freixo (2019, local. 20) destacam que a direita teve um aliado decisivo: as mídias do campo religioso ligadas ao bispo Edir Macedo e à Igreja Universal, além de lideranças neopentecostais. Cabe ressaltar também que a Grande Mídia nesse processo eleitoral não era o segmento preferido do eleitorado conservador. Por isso, conservadores tinham as próprias mídias jornalísticas:

Deve-se ressaltar também que as principais forças políticas do campo progressista participaram do pleito muito fragmentadas e com estratégias eleitorais bastante discutíveis. Isto favoreceu sobremaneira a candidatura da extrema direita, que se apresentou de forma eficiente como uma alternativa antiestablishment, conseguindo surfar na onda antipolítica e *estabelecendo canais de comunicação diretos com parte expressiva do eleitorado brasileiro, dispensando a mediação da mídia tradicional* (Pinheiro-Machado e Freixo, 2019, local. 20;21, grifo nosso).

Com relação a esse aspecto, uma pesquisadora que estuda essas mídias conservadoras, especificamente de orientação cristã evangélica, é a professora Magali Cunha (2019), que defende a existência de um *neoconservadorismo* em curso, que não é isolado, mas “parte de contexto de fortalecimento de posturas conservadoras na esfera política brasileira em geral” (Cunha, 2019, p. 99)⁴⁸.

Algo interessante que a autora lembra é a presença conservadora evangélica de vertente pentecostal e neopentecostal nas mídias tradicionais da televisão, por conta do poder aquisitivo

⁴⁸ Assim, demarcamos nossa compreensão de que tais mídias se denominarem como cristãs, por exemplo, não significa ter nelas um discurso institucional único do cristianismo, que inclusive abarca visões teológicas e sociais bastante plurais, como bem explica Cunha (2019) quando ela analisa o ativismo evangélico nas mídias sociais e aponta a perspectiva progressista ou menos fundamentalista entre líderes religiosos. Acreditamos na existência de posicionamentos radicais, sim, mas também na possibilidade de instrumentalização de símbolos religiosos na política, conforme investigam Vianna e Mendonça (2023).

das igrejas que operam essas programações, a exemplo da Universal do Reino de Deus (do bispo Edir Macedo), Igreja Mundial do Poder de Deus (do apóstolo Valdomiro Santiago), a Assembleia de Deus Vitória em Cristo (do pastor Silas Malafaia), entre outras. Essas grandes igrejas além de terem presença na TV aberta também possuem conglomerados de mídia com atuação na TV privada, rádio, gravadoras de música gospel, sites de notícias, revistas, mídia impressa etc. Inclusive, um dos veículos que analisaremos no segmento da MC, o Pleno News, nasce de um pequeno conglomerado de mídia evangélica que possuía gravadora e tinha programa na TV aberta, conforme contextualizamos no capítulo metodológico.

Para veículos ligados ao campo religioso, o que conservadores defendem como “valores morais” — contra o aborto, teorias de gênero ou a homossexualidade, por exemplo —, serve como filtros editoriais. Cabe destacar ainda que, especialmente nas mídias de vertente cristã, também o anticomunismo tende a ser um elemento predominante, por ser comum no meio cristão o imaginário de perseguição religiosa em regimes comunistas, conforme relata Wurmbrand (1976).

No âmbito da discussão sobre a "perseguição religiosa", especialmente no que tange à pandemia de covid-19, observamos existir uma adaptação do imaginário da "ameaça da esquerda" contra os cristãos. Por exemplo, a interpretação de totalitarismo em referência ao líder chinês Mao Tse-Tung fechar igrejas durante a Revolução Cultural da China (Xue, 2003) ecoa quando interpreta-se que um "vírus chinês" restringe a liberdade de movimento e resulta no fechamento de locais de culto em 2020. Para sujeitos religiosos interpelados por dadas formações ideológicas religiosas durante a pandemia, o fechamento de uma igreja para evitar a propagação do vírus pode ser interpretado como perseguição religiosa em vez de medida de proteção sanitária. Dessa forma, uma ação com intuito *universalista* (proteção da saúde pública) é distorcida para uma interpretação *particularista* (perseguição a um grupo social específico).

Nesse sentido, Moura (2023) analisou a linguagem empregada no Brasil para referir-se metaforicamente à covid-19 como algo que requeria um confronto. Segundo o autor, na ótica progressista, a luta contra o vírus era embasada em princípios universalistas desse combate, enquanto, no discurso de viés conservador, essa luta se fundamentava em princípios particularistas daquilo que ele denomina de identidade social conservadora. Para o autor, um dos elementos afirmados e reforçados nesta identidade é a oposição às crenças da esquerda política, inclusive em relação ao enfrentamento à covid-19, vindo daí a culpabilização da China.

Este processo de significação particularista, no qual o que é individual de um grupo se sobrepõe ao coletivo na sociedade, é característico da MC, que dá espaço constantemente a pautas dessa natureza. Isso ocorre quando, por exemplo, o segmento veicula uma cura da covid

como se esta fosse mérito do tratamento precoce, com base num único testemunho de suposto benefício. Ocorre também quando religiosos associam o distanciamento social a uma atitude autoritária antirreligiosa e não à proteção social.

Como exposto, há na história do conservadorismo atual uma característica da direita emergente que mistura a fé cristã e a política, ao usar elementos religiosos para comunicar assuntos políticos. A propósito dessa relação entre o bolsonarismo e os evangélicos, o assunto foi estudado por Vianna e Mendonça (2023), que defendem a hipótese de instrumentalização política da religião pelos conservadores e desvinculação dos objetivos originais de temas, signos e mitos ligados à fé. Segundo os autores, a campanha política de Bolsonaro tinha “estratégias discursivas [...] construindo uma narrativa que funcionou como uma espécie de mitologia fundante de seu governo profético, espelhando diversos mitos, temas e signos do contexto evangelical” (Vianna; Mendonça, 2023, p. 22; 23). O resultado dessa instrumentalização foi o que os pesquisadores chamaram de uma adesão afetiva, quase religiosa, de evangélicos brasileiros ao bolsonarismo; algo que pode ajudar a explicar o reflexo dessa adesão nas mídias conservadoras que pertencem a conglomerados evangélicos de mídia, como é o caso do Pleno News.

Assim, entendemos que para estudar a mídia conservadora precisamos ter um olhar atento para elementos do espectro político da direita. Conforme Bobbio (1995) explicou, a direita se caracteriza pela defesa da liberdade e nós também vemos isso na MC. O conservadorismo no Brasil, então, abarca essa defesa e a integra também ao tradicionalismo e à religiosidade. Por isso nós escolhemos nomear o terceiro segmento analisado nesta tese como conservador e não como mídia de direita, pois o conservadorismo parece mais específico dentro do amplo espectro da direita. Liberalismo está mais para a GM e conservadorismo está mais para a MC, apesar das similaridades entre os dois segmentos. Ou seja, o conservador adere e milita à direita política (e extrema direita também!), mas as variações da direita, especialmente ao centro, não parecem ser elementos dos discursos da MC emergente; da GM, sim.

Uma das primeiras pesquisas em AD que abordou sites e blogs ligados ao posicionamento militante de direita foi a de Cortes (2019). Em seu trabalho, a autora mobilizou os conceitos de memória discursiva e efeito metafórico para analisar um *corpus* de fotos e cartazes veiculados na internet que mobilizavam discursos de militância direitista. Inclusive, segundo a autora, essa militância se apropriou e ressignificou enunciados de movimentos populares, como o “Diretas Já” (historicamente situado no período da redemocratização brasileira dos anos 80), ressignificado para “Direitas Já” (expressão que nomeia um blog atualmente extinto, criado em 2011, o “DIREITAS JÁ - O Brasil na direção certa).

Nessa pesquisa, Cortes (2019) mostrou também notícias, colunas e reportagens veiculadas na GM, em veículos como O Globo, Infomoney e Jornal do Comércio, que corroboraram parafrasticamente com uma regularidade discursiva sobre o “Brasil estar na direção certa” sob a liderança da direita, durante o Governo Bolsonaro. Esse estudo ajuda a confirmar o fato de mídias conservadoras e grande mídia se alinharem em determinadas pautas, apesar de suas diferenças ideológicas.

Em relação a alinhamentos e divergências entre MC e GM, é relevante ponderar que, desde o seu início, historicamente, a GM tinha a tendência para se posicionar de modo identificado com pautas conservadoras e liberais, segundo o interesse das elites, mas não nos moldes morais, éticos e religiosos da MC emergente atualmente no Brasil, e por isso as tratamos de modo separado⁴⁹.

Para reforçar nosso argumento, destacamos que mesmo quando, ainda hoje, há tendências conservadoras em dados assuntos nos grandes conglomerados, elas possuem um certo apoio empresarial, audiência e patrocínio diferentes do que vemos nos veículos conservadores emergentes, nos quais é impossível uma pauta progressista (aborto, homossexualidade, teorias de gênero etc.) circular positivamente, porque são temas contra os quais eles militam (Pinheiro-Machado; Freixo, 2019). Já na GM isso tende a não ocorrer. A Folha de S.Paulo, por exemplo, desde 2019, estabeleceu novas diretrizes institucionais para ter uma editoria de diversidade:

[...] uma editoria de diversidade, responsável por ampliar a representatividade de gênero, raça, classe, ideologia, religião, orientação sexual e de grupos historicamente marginalizados tanto no noticiário como no corpo de profissionais da Redação, que se pretende cada vez mais inclusiva.⁵⁰

E mais: na conjuntura da pandemia de Covid-19, os próprios veículos da MC e GM se criticam entre si, apresentando formulações divergentes devido às filiações ideológicas que as

⁴⁹ Cabe destacar que grandes conglomerados de mídia como o Sistema Brasileiro de Televisão e a Record apresentam tendências religiosas e conservadoras em seus discursos, mas, diferente das mídias conservadoras emergentes, eles não assumem abertamente suas filiações e se mantêm sob o verniz da transparência jornalística projetada, embora regidas pela lógica mercadológica neoliberal. O próprio SBT diz que seu jornalismo é “claro e transparente”; enquanto a Record diz que trabalha com “com isenção, agilidade e credibilidade”. Fontes: <https://www.sbt.com.br/institucional#quem-somos> Acesso em 29 abril 2024, e <https://record.r7.com/grupo-record-atualiza-manual-de-conduta-voltado-aos-profissionais-do-jornalismo-12082021/> Acesso em 29 abril 2024.

⁵⁰ NOVA edição do Manual da Redação da Folha ganha versão digital. **Folha de S.Paulo**. 6 out. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2022/10/nova-edicao-do-manual-da-redacao-da-folha-ganha-versao-digital.shtml>. Acesso em: 19 maio. 2023.

separam e tornam específicas. Em geral, há confronto de sentidos entre MC e GM quando aquela cita esta abertamente⁵¹, inclusive, o mesmo ocorre entre MA e MC⁵².

No que tange às particularidades da GM e da MC, Duarte e Cesar (2022) discutem o neoliberalismo além do viés econômico presente nas mídias empresariais e abordam o assunto segundo a ordem simbólica e neoconservadora, mais recorrente na MC. Os autores tratam o termo enquanto “conjunto de normas, valores, crenças, práticas e discursos portadores de efeitos de verdade, os quais assumem a lógica competitiva de mercado como padrão para o governo da conduta de indivíduos e populações” (Duarte; César, 2022, p. 2). Assim, a partir dessa perspectiva, haveria um ideal de estilo de vida e comportamento que, de certa forma, também estaria presente em discursos sustentados nas FDs existentes na conjuntura dominada por uma *FI neoliberal e conservadora*, a exemplo da FD política de direita, a FD religiosa cristã, etc. O que se relaciona aos discursos da MC e suas projeções ideológicas de “Homem de Bem” neoconservador.

Acerca disso, assim como a GM tende a fazer, a MC se vincula às posições que formulam sentidos de viés neoliberal em relação à economia, na defesa de um Estado mínimo; contudo, os conservadores fazem isso em uma perspectiva que, conforme estudos que lidam com a questão da nova direita, poderia ser classificada como *liberal-conservadora*, defensora dos valores de livre mercado aliados a valores morais (Aquino, 2021); ou *ultraliberal-conservadora*, entendida por seus militantes como “uma forma mais radical e verdadeira de liberalismo econômico em comparação ao neoliberalismo” (Rocha, 2018, p. 17).

Por outro lado, um ponto de encontro entre GM e MC no âmbito da política é o imaginário anticomunista que elas compartilham e se manteve na pandemia, ainda que isso se manifeste em diferentes nuances numa mídia e outra. A propósito do anticomunismo ser um elemento presente no discurso da GM, Mariani (1996) investigou o funcionamento do discurso jornalístico brasileiro dos grandes conglomerados sobre o Partido Comunista do Brasil (PCB) entre 1922 e 1989. Nessa pesquisa, a autora identificou a projeção do comunista como *outro*,

⁵¹ Pleno news (MC) circula que Globo impedia divulgação de notícias verdadeiras na pandemia: <https://pleno.news/entretenimento/tv/ex-jornalista-da-globo-diz-que-emissora-impedia-veiculacao-de-noticias-verdadeiras-sobre-covid.html>. Acesso em 12 maio. 2023.

⁵² Agência Pública (MA) fala do Pleno News (MC): disponível aqui: <https://apublica.org/2020/08/grupo-de-midia-evangelica-que-pertence-a-senador-bolsonarista-e-um-dos-que-mais-dissemina-desinformacao-afirmam-pesquisadores/>. Carta Capital (MA) e Aos fatos (GM) também repercutem aqui: <https://www.cartacapital.com.br/carta-capital/grupo-de-midia-de-senador-bolsonarista-e-um-dos-que-mais-dissemina-fakenews/>. Acesso em 12 maio. 2023, e aqui: <https://www.aosfatos.org/noticias/sites-duvidosos-usam-recursos-do-jornalismo-declaratorio-para-simular-profissionalismo/>. Acesso em 12 maio. 2023.

inimigo, ameaça, algo que também ocorre na MC, embora nesta última isso se dê de forma mais radicalizada.

Considerando essas variadas aproximações e distanciamentos entre os segmentos de mídia, recorreremos novamente a Castells (2017) no que tange à discussão sobre poder e contrapoder, por acreditarmos que esse jogo de forças na formação social capitalista atual é um dos fatores a posicionar as diferentes mídias em lugares discursivos específicos desse confronto. A GM, que já teve um poder mais hegemônico, está em um dado lugar social empresarial atualizado numa perspectiva ideológica do momento presente pelo seu viés neoliberal de funcionamento, que influencia a constituição do efeito de neutralidade da informação e pode tensionar nas posições implicadas e seu interior a depender da conjuntura histórica de dado acontecimento, como se deu na pandemia. A MA, por sua vez, situa-se em um lugar social oposto ao empresarial, ligado aos trabalhadores e à luta de classes, que cresce e se estabelece produzindo pautas de orientação ideológica progressista, em uma perspectiva sociopolítica da informação. Já a MC situa-se num lugar social afetado pela religião e pelos ideais de direita, inclusive mais radicais com tendências reacionárias.

Desses lugares sociais, no caso da GM e da MA, seus lugares discursivos estão determinados por *efeitos de neutralidade informativa* e de *militância progressista*, respectivamente, sendo isso relacionado a como essas mídias nasceram historicamente e foram afetadas ideologicamente na atual formação social. Quanto à MC, nosso entendimento é que o lugar discursivo dela é *determinado pelo efeito de militância neoconservadora*.

Nesse panorama, portanto, nossa preocupação nesta tese foi mostrar como o acontecimento discursivo da pandemia de covid-19 ressoou diferentes versões desse acontecimento, na circulação-confronto de formulações e sentidos em veículos da GM, MA e MC. Para isso, consideramos os lugares e posições dos quais elas enunciam e quais redes de memória foram mobilizadas dando legibilidade à pandemia enquanto fato jornalístico e discursivo.

Defendemos, com base em Orlandi (2001), que a produção de um fato jornalístico é perpassada pela relação entre a língua e a história, o simbólico e o político, que se encontram na interpelação do sujeito e na construção dos sentidos, conforme afirma Orlandi (2001, p. 10):

[...] sujeito e sentido constituindo-se ao mesmo tempo têm sua corporalidade articulada no encontro da materialidade da língua com a materialidade da história. Assim, entendemos a afirmação de que há um confronto do simbólico com o político.

Dessa forma, a escolha de como veicular um fato não é aleatória, nem apenas técnica, ou mesmo ligada à uma militância que se pretende declarada, pois perpassa ali um processo ideológico de posições em disputa. Há um processo de identificação ideológica que afeta o dizer, numa ordem exterior ao indivíduo, ainda que ele siga um manual de redação jornalística.

Ainda, os fatos não são evidentes, transparentes, sob nenhum dos lugares, posições e efeitos. Determinações ideológicas e do inconsciente presentes entre a constituição de sentidos (a partir da memória), a formulação (em dadas condições de produção) e a circulação (em dada conjuntura) nessas mídias apontam o fato jornalístico como fato discursivo.

Nesse panorama, em relação à pandemia como fato discursivo, o que nos pareceu estar em jogo nos discursos da GM era a defesa da ciência pelo antinegacionismo, sob o efeito da neutralidade que mascara o político nas formulações do segmento, as quais se constituem a partir dos interesses neoliberais. Na MA, o jogo discursivo também se pautava na defesa da ciência e antinegacionismo, mas a partir de uma declarada objetividade política à esquerda, em prol dos interesses geopolíticos de esquerda. Por fim, na MC, o jogo de posições era entre o negacionismo científico, especialmente acerca da origem do vírus e protocolos de saúde, e a discursivização da crise econômica como resultado do enfrentamento ao vírus conforme a ciência defendia.

2.4 Pandemia e mídia sob o olhar de analistas do discurso no Brasil

No que concerne a outras pesquisas no campo da análise do discurso materialista que trabalharam diferentes aspectos relacionados à mídia, pandemia e discurso, comentamos a seguir alguns trabalhos que possuem pontos de contato com a presente tese.

No que diz respeito ao período pandêmico especificamente, um dos primeiros trabalhos foi o de Eni Orlandi (2020, 2021), que abordou a volatilidade de interpretações por causa de uma ampla variedade de sentidos que existiram durante o acontecimento discursivo da pandemia na sociedade, especialmente no que tange às teorias conspiratórias, conforme comentamos na introdução desta tese. Com relação à tal volatilidade apontada pela teórica no começo da doença, conforme argumentamos, entendemos que isso permaneceu circulando do primeiro caso até o final da emergência global de saúde, atualizando-se nas formulações das mídias jornalísticas, conforme vemos em nossas análises.

Já Batista e Pereira (2020) analisaram recursos de discursivização das 100 mil mortes por covid-19 nas primeiras páginas e capas de dois jornais da GM e duas revistas da MA: o Estado de S. Paulo e O Globo; e as revistas Piauí e Carta Capital, respectivamente. Na análise,

eles examinaram texto e imagens das mídias selecionadas, considerando tais objetos como resultado da produção de efeitos de sentido. Eles chegaram à conclusão de que as regularidades discursivas, de um lado, *no corpus* imagético, tinham tendência para um efeito de humanização em detrimento à quantificação, e, de outro lado, *no corpus* verbal, tinham um efeito de responsabilização do governo. Chamou nossa atenção neste trabalho que a responsabilização do governo foi uma formulação presente nos discursos de veículos apenas da MA. Acreditamos que esse é um dado interessante e semelhante aos resultados das nossas análises, pois, de fato, a MA assume seus posicionamentos políticos, enquanto a GM tenta apagá-los.

Também em 2020, Dela-Silva trabalhou em duas análises que articulam mídia e pandemia, abordando pontos que nos interessam. No primeiro estudo, Dela-Silva e Matheus (2020) analisaram o texto publicitário de um vídeo governamental exibido durante a pandemia, investigando gestos do (não)dizer sobre o período e os efeitos disso na conjuntura sócio-histórica do período. Para os autores, tal publicidade insere-se numa formação discursiva neoliberal, que responsabiliza a população por suas carências individuais e apaga as responsabilidades públicas. Tais apagamentos também aparecem nos discursos das mídias conservadoras por nós investigadas, cujo interdiscurso abarca posições políticas semelhantes às discutidas pelos autores.

No segundo trabalho, Dela-Silva (2020) trata a pandemia considerando-a como acontecimento jornalístico e analisa como o processo ideológico das evidências e naturalização do sentido afetou a prática jornalística no acontecimento da pandemia. Para tanto, a autora analisou oito sequências discursivas de uma reportagem veiculada no Portal Terra em junho de 2020, cuja pauta era sobre o uso de máscaras, questão essa que foi significada “por duas redes de sentidos, promovendo a associação entre saúde e moda” (Dela-Silva, 2020, p. 91).

A pesquisadora observou que, nesse veículo da GM, os efeitos de sentido de proteção relacionados à máscara deslizaram para os efeitos de sentido da moda, do acessório *fashion*. Entre os pontos abordados, a autora mostrou como o funcionamento ideológico na prática jornalística colocou a relação de consumo em evidência numa cobertura sobre saúde. Ainda de acordo com o estudo, tal funcionamento ideológico naturaliza a desigualdade social dos sujeitos trabalhadores, imigrantes e desempregados, que não poderiam se isolar durante a pandemia e, portanto, apareciam nas matérias jornalísticas que articulavam “proteção” e moda. Dessa forma, naturaliza-se a vulnerabilidade dos sujeitos em questão.

No que tange às constantes trocas de ministros durante a pandemia e aos posicionamentos negacionistas do Governo Federal da época, Petri e Venturini (2021) analisaram discursos do então Presidente da República e do ministro no momento de maior

discussão sobre o enfrentamento à pandemia, entre março e abril de 2020, quando a pandemia foi declarada. As autoras demonstraram que os dois sujeitos em questão assumiam posições distintas, um em defesa do isolamento vertical e outro do isolamento horizontal, gerando os conflitos que resultaram justamente na troca de ministro.

Outro estudo que tem pontos de contato com o nosso é o de Costa (2021), que buscou compreender gestos de interpretação sobre o isolamento social na pandemia a partir do que foi veiculado em um telejornal de Campinas (SP) durante o processo de reabertura comercial na cidade. Em sua análise, Costa ponderou acerca da relação entre o sem-sentido (irrealizado, que ainda não faz sentido mas pode fazer) e o não-sentido (resultado de um esgotamento, da perda de sentido), noções formuladas por Orlandi (2012), vinculando-as ao estudo sobre o sentido de aglomeração na pandemia. Para tanto, Costa levou em conta tanto o conteúdo de uma reportagem quanto os comentários de internautas na página do facebook do jornal que produziu a matéria. A autora observou que existiu uma saturação dos sentidos na pandemia em torno da ideia de “aglomeração”, e isso dificultou a compreensão sobre o distanciamento social enquanto política sanitária; este último sendo afetado, então, pelo sem-sentido. Acerca desse trabalho, mesmo tendo um objeto diferente do nosso, que não foca no leitor, ele nos instigou a seguir pensando na produção jornalística enquanto lente para interpretação de um dado evento na história e como a intensificação de coberturas jornalísticas que exploram muito uma dada pauta pode afetar interpretações, tornando os sentidos difíceis de entender.

Alves, Pimenta e Antunes (2021) também estudaram a temática do isolamento social, pensando deslocamentos de sentido na imprensa a partir de recortes do Jornal O Globo, em março de 2020, quando tais protocolos vigoravam com mais intensidade. A abordagem dos autores considerou esses deslocamentos em relação às medidas e aos embates discursivos envolvendo autoridades políticas, de saúde e a população. A pesquisa inferiu que o próprio jornal se fez ator nessa cena discursiva, atuando nos confrontos e antagonismos de posições e de FDs que existiram nela, indo além de apenas “produzir informação”. Sobre esse aspecto, os autores pontuam que o jornal não parecia lidar com a imagem de um leitor a ser “instruído”, mas “convencido” contra as posturas do então presidente do Brasil, Jair Bolsonaro. Entendemos que esse trabalho tem relação com nosso porque, apesar de não trabalharmos com o mesmo veículo, ele é um dos mais importantes da Grande Mídia.

Outra pesquisa pertinente é a do Grupo de Estudos Palavra, Língua, Discurso (PALLIND), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSM, no projeto acerca

do vocabulário de termos recorrentes na pandemia do novo coronavírus⁵³, reunindo o significado dos vocábulos que mais circularam nas mídias digitais jornalísticas no período da pandemia. A base teórica deste trabalho parte dos pressupostos da Análise de Discurso Pecheutiana nas relações dela com a História das Ideias Linguísticas. Ainda, como fruto de pesquisas do PALLIND, Petri *et al.* (2021) organizaram ainda uma obra que reuniu artigos acerca de ditos e não-ditos da, na e sobre a pandemia, trazendo materialidades ligadas ao campo educacional, político, jornalístico e das redes sociais. Alguns desses estudos, em seus variados enfoques, estudaram efeitos de sentido possibilitados, deslocados e reestruturados na pandemia sobre termos como “genocídio”, “ficar em casa”, “quarentena”, etc., que nos inspiraram a delimitar eixos temáticos em nosso *corpus* referentes aos protocolos e responsabilidades na gestão da pandemia, assuntos dos termos mencionados nos trabalhos da obra em questão.

Já Malerba e Fernandes (2021) observaram o conspiracionismo e o negacionismo político-midiático, explorando as complementaridades discursivas entre Bolsonaro e o apresentador Sikêra Júnior, no que tange à pandemia de Covid-19. Os autores analisaram, inclusive, como os discursos dos dois sujeitos analisados potencializaram a disseminação de desinformação. Ademais, no que se refere ao negacionismo, registre-se também a dissertação de Gilson (2022), que se debruça em falas de Bolsonaro para debater o negacionismo na pandemia, política e poder. Em seu trabalho, ela identificou a existência de uma correlação entre o discurso de viés negacionista em relação à Covid-19 e as práticas político-econômicas neoliberais.

Em 2023, Oliveira e Cortes discutiram a “infordemia” em relação ao acontecimento discursivo da pandemia ter representado uma grande diversidade de sentidos nas mídias digitais, expressa nos diferentes confrontos de sentidos e sujeitos em noticiários online. Para tanto, elas selecionaram seis sequências discursivas relacionadas à pandemia a partir de publicações dos sites UOL, G1 e do Ministério da Saúde, todas referentes à primeira notícia sobre o primeiro caso de covid-19 no Brasil. Em suas considerações finais, as autoras ponderam acerca da existência da “circulação-confronto de formulações” que se repetem nos jornais e nas redes sociais, instaurando um “eco digital” que também é “arena discursiva” dos diferentes interesses em jogo (Oliveira; Cortes, 2023, p. 510). Tais confrontos se deram pela disputa de sentidos nas formulações dos discursos governistas, do Ministério da Saúde, do jornalismo e do senso comum

⁵³ Vocabulário disponível em livro e site. Detalhes em: VOCABULÁRIO da pandemia do novo coronavírus. Disponível em: <https://www.ufsm.br/coronavirus/vocabulario-da-pandemia-do-novo-coronavirus/>. UFSM, Santa Maria, RS. Acesso em: 19 Jan. 2022.

Outro trabalho também importante foi a tese de doutorado de Figueira Sobrinho (2024), na qual ele objetivou analisar o discurso produzido pelo telejornalismo do Jornal Nacional em notas, editoriais, entrevistas e reportagens relacionados direta e indiretamente à pandemia de covid-19 em posição de antagonismo ao posicionamento do ex-presidente Jair Bolsonaro. Pensando nas políticas de silêncio, o autor buscou identificar também o que o jornal silenciava e como sua atuação focava em garantir a hegemonia das Organizações Globo e resgatar o protagonismo da emissora como um grupo voltado aos interesses das elites. O teórico concluiu que tanto o jornal quanto Bolsonaro usaram a mesma estratégia de silenciamento, a favor de ações neoliberais, mesmo que por processos discursivos diferentes, levando a sociedade brasileira a ser vítima do silenciamento tanto informativo quanto da liderança política vigente.

De forma geral, portanto, assim como se dá em nosso trabalho, os estudos mencionados discutem relações entre interpretação e pandemia, pandemia e mídia, ou crise política e pandemia, a partir de pressupostos que entendem as determinações ideológicas nas evidências de sujeito e sentido. Ainda, tais pesquisas consideram a pandemia como acontecimento discursivo, compreendem que o jornalismo não é neutro e que há um funcionamento neoliberal no discurso da GM, problematizam o negacionismo científico ou se preocupam com as diferentes posições-sujeito em jogo na significação dos momentos importantes desta crise sanitária do coronavírus.

Diante dessas pesquisas tão bem delineadas e outras tantas que seguem em desenvolvimento, entendemos que nossa tese se diferencia pelo aprofundamento acerca do funcionamento ideológico do jornalismo na mediação dos acontecimentos, no que diz respeito a como o discurso jornalístico se constitui e circula em três segmentos distintos, a partir de diferentes filiações ideológicas implicadas no jogo de força na memória discursiva.

Tendo em vista os resultados dos trabalhos aqui descritos, compreendemos que acrescentamos ao que foi discutido em outras pesquisas e contribuímos para reflexões sobre a prática jornalística enquanto prática discursiva, no processo de significação do acontecimento da pandemia.

Além disso, cooperamos teoricamente no debate sobre a relação entre mídia e discurso e o modo pelo qual isso afeta os desdobramentos decorrentes de um acontecimento discursivo que é recente e ainda cercado de controvérsias políticas e científicas; logo, carente de análise sob muitos pontos de vista. Uma última colaboração diz respeito ao estudo das mídias conservadoras, crescentes e pouco pesquisadas, e suas tendências de identificação ideológica com posições-sujeito predominantemente negacionistas.

Na sequência desta tese, trazemos o capítulo metodológico discutindo nossa abordagem metodológica a partir da AD, como construímos nosso *corpus* e o modo como nossos movimentos de análise foram organizados.

3 MOVIMENTO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Neste capítulo metodológico, explicamos nossos procedimentos em três seções. Inicialmente, apresentamos detalhes acerca do nosso tipo de pesquisa e as bases metodológicas para estudos de interpretação a partir da Análise do Discurso Pecheutiana. Em seguida, explicamos a construção do *corpus*. Por fim, contextualizamos nossos movimentos de análise para responder de que modo a circulação-confronto de formulações e sentidos em veículos de mídia jornalística na internet deu legibilidade ao acontecimento discursivo da pandemia de covid-19.

3.1 Abordagem teórico-analítica

Por meio do aparato teórico-metodológico que a Análise do Discurso Pecheutiana proporciona para estudos que trabalhem com a língua numa perspectiva que considere sua exterioridade e opacidade (Pêcheux, 2015), nossa pesquisa se propõe a fazer uma abordagem interpretativa sobre como foram colocados em circulação-confronto os sentidos que deram legibilidade ao acontecimento discursivo da pandemia de covid-19 no Brasil em veículos da GM, MA e MC no ambiente digital.

Em relação à nossa escolha pela Análise do Discurso Pecheutiana, é importante pontuar que ela é uma teoria de entremeio que se estabelece na problematização de três disciplinas: a linguística, colocando em evidência a não transparência da linguagem; a história, no que tange ao materialismo histórico e à ideologia; e a psicanálise, para trabalhar a noção de sujeito (Pêcheux, 1997; Orlandi, 2005). Assim, a teoria é articulada transversalmente em relação à linguística, ao materialismo histórico e à psicanálise, de modo a olhar a língua como objeto que não é transparente e estável, mas inscrita na história para produzir sentidos (Orlandi, 2002).

Pêcheux (2015) aponta a Análise do Discurso como uma teoria de interpretação cujo campo se determina pelo dos espaços discursivos não estabilizados logicamente, provenientes das esferas filosófica, sócio-histórica, política, estética e dos variados registros do cotidiano. Nessa perspectiva, Pêcheux (1998) propõe uma abordagem teórico-analítica que pense sobre a ordem simbólica a qual a linguagem está exposta, levando em conta os efeitos discursivos da exterioridade que atravessa o uso da língua.

Dessa maneira, para a Análise do Discurso, entende-se haver uma relação entre o linguístico e o ideológico, na qual os sujeitos enunciadore, a partir de certas FDs implicadas

em determinadas formações ideológicas, constituem os sentidos em uma dada conjuntura histórica:

A distinção entre base linguística e processos discursivos/ideológicos decorre [...] de que essa base faz da relação do linguístico com o ideológico a própria materialidade do discursivo: ela pode autorizar assim levar em conta as relações de antagonismo, aliança, recuperação, absorção... entre as formações discursivas relevantes de formações ideológicas determinadas e exprimir, assim, o fato de que dentro de uma dada conjuntura da história de uma formação social, caracterizada por um estado de relações sociais, os sujeitos falantes, naquele momento da história, pudessem concordar ou discordar do sentido a dar às palavras, falar diferentemente, ao falar a mesma língua (Courtine, 2016, p. 1).

Assim, a Análise do Discurso vai além de uma interpretação da estrutura linguística e seu contexto separadamente, para pensá-la também enquanto afetada pela ideologia e pelo inconsciente.

É preciso convir que não é fácil praticar o entremeio enquanto uma posição teórica assumida, como o faz o analista de discurso, sem deslizar para o interpretativismo da análise de conteúdo, nem o exercício do que tenho chamado informalmente de “puxadinho teórico” dos que pensam poder se servir “neutramente” da análise linguística tal qual em suas análises e depois “acrescentar” um componente de outra ordem, predominantemente sustentado sobre a noção de contexto (onde se inclui o sujeito), como se discurso fosse língua+contexto. Como venho afirmando, há uma relação complexa língua/discurso que não se atinge apenas pelo acréscimo de componentes. É preciso mudar-se de terreno, re-definir-se, sem esquecer, insisto, que discurso não é um mero substituto da fala (de Saussure) (Orlandi, 2002, p. 25).

Por isso mesmo, entendemos como relevante analisar o funcionamento do discurso jornalístico brasileiro durante a pandemia de covid-19, uma vez que a produção da informação que chega ao leitor é afetada por interpelações de variadas ideologias e determinações do inconsciente, que influem nos modos de compreensão de um dado acontecimento na história.

Dessa maneira, neste trabalho, aderimos a uma orientação de pesquisa interpretativa amparada na análise de discurso proposta por Michel Pêcheux, que se enquadra nos estudos de natureza qualitativa. Sobre isso, de acordo com Gibbs (2009), as pesquisas qualitativas abarcam análises discursivas em suas muitas vertentes de trabalho. Inclusive, entre seus objetos viáveis, esse tipo de pesquisa pode tratar de questões ligadas à comunicação humana, até mesmo aquelas que ocorrem em páginas na internet, de onde geramos nosso *corpus*.

Ainda de acordo com Gibbs (2009), de forma geral, o tipo mais comum de dado analítico nas pesquisas qualitativas é o texto; o que também se relaciona à materialidade trabalhada na perspectiva da análise do discurso pecheutiana, para a qual a unidade de análise discursiva é o

texto, conforme argumenta Orlandi (2001). Ainda segundo a autora, é no texto que ocorre o jogo de sentidos e o funcionamento da discursividade, por meio de discursos constituídos a partir de dadas condições de produção e formações discursivas.

Nessa ótica, então, as pesquisas direcionadas ao discurso em relação à comunicação permitem analisar sua estruturação no campo midiático “perguntando *como ele se organiza*” (Benetti, 2016, p. 251), tal qual propusemos fazer nesta tese, ao problematizarmos o funcionamento do discurso jornalístico na internet durante a pandemia de covid-19, que tomamos como acontecimento discursivo.

Dessa maneira, entendemos que a abordagem teórico-analítica da Análise do Discurso nos possibilita trazer respostas acerca do funcionamento do discurso jornalístico em função do modo pelo qual os lugares discursivos dos quais veículos da GM, MA e MC enunciam afetaram a produção de sentidos sobre a pandemia. Ainda, a teoria pecheutiana nos permite investigar a maneira como saberes da ciência, da política, da economia, dentre outros, participaram da constituição das redes de legibilidade do acontecimento pandêmico nos gestos de interpretação desses veículos.

3.2 Configuração do *corpus*

Quanto à natureza, nosso *corpus* é do tipo “de arquivo”, que Courtine (2014) denomina como aquele composto por materiais já existentes e não aqueles que são gerados. Nesse sentido, as notícias e reportagens que analisamos fazem parte da construção de um arquivo digital jornalístico produzido pelos segmentos de mídia estudados. Assim, numa pesquisa documental, utilizamos material existente na internet, coletados a partir de matérias publicadas em portais nacionais da GM, MA e MC.

Acerca disso, para identificar os sites com que poderíamos trabalhar para separar nosso arquivo, adotamos critérios gerais e específicos que nos auxiliaram a obter um *corpus* que fosse representativo da diversidade das mídias jornalísticas brasileiras. Nesse sentido, um dos principais critérios gerais consistiu em verificar como sites identificados a cada um dos três segmentos escolhidos se descreviam ao informar “quem somos” ou “sobre nós” em seus portais e redes sociais. Observamos que, geralmente, grandes conglomerados ressaltam o aspecto empresarial de suas histórias. Por outro lado, as mídias alternativas tendem a se identificar por sua independência e agenda progressista. As mídias conservadoras, por sua vez, costumam assumir explicitamente a linha editorial conservadora, bem como fornecer indícios de suas identificações religiosas (católicas ou evangélicas) e filiações políticas à direita.

A fim de trabalhar um levantamento de dados que demonstrasse a relação de confronto entre os segmentos de mídia estudados, procuramos identificar os veículos que se criticavam diretamente em determinadas pautas sobre a pandemia, quando abordaram divergências ideológicas acerca da economia, isolamento social ou vacinação, por exemplo. Assim, também foi critério geral trazer para a pesquisa segmentos de mídias que se confrontavam, mencionando-se uns aos outros por meio das suas publicações.

Buscamos ainda detectar portais com tendências de posicionamento diferentes ou antagônicos no interior dos segmentos, de maneira a poder analisar nuances diferentes das filiações ideológicas de cada tipo de mídia. Neste quesito, nosso intuito foi abranger a heterogeneidade das posições ideológicas internas de cada segmento. Tal mapeamento nos levou a 74 veículos, sendo 26 da GM, 22 da MA e 26 da MC:

Quadro 1 — Sites da GM, MA e MC

GRANDE MÍDIA (N =26)
BBC Brasil (<i>British Broadcasting Corporation</i>); CNN Brasil (<i>Warner Bros</i>); Correio Braziliense, Diário de Pernambuco, Estado de Minas, Jornal do Comércio (Diários Associados); DW Brasil (ARD); El País (Grupo PRISA); G1, O Globo (Grupo Globo); Gazeta do Povo (Grupo Paranaense de Comunicação); IG (<i>Internet Group</i>); JP news (Grupo Jovem Pan); Metrôpoles (Grupo Metrôpoles de comunicação); O Estado de S. Paulo (Grupo Estado); O Povo online (Grupo de comunicação O Povo); R7 (Grupo Record); SBT News (Grupo Silvio Santos); Terra (do grupo espanhol Telefónica); Thomson Reuters Brasil (<i>Thomson Corporation</i>); Uol online, Folha de S.Paulo (Grupo Folha); Revista Veja (Grupo Abril); Band News (Grupo Bandeirantes de Comunicação); Yahoo (<i>Norte-Americana Verizon Media</i>) e Zero Hora (Grupo RBS).
MÍDIA ALTERNATIVA (VIÉS PROGRESSISTA) (N = 22)
Agência Pública, Brasil 247, Brasil de Fato , Camarote da República, Carta Capital, Catarinas, Catraca Livre, Coletivo Bereia, Diário do Centro do Mundo (DCM), El Coyote, ICL Notícias, Jornal GGN, Jornalistas livres, Mídia Ninja, Opera Mundi, Outras Palavras, Pragmatismo Político, Repórter Brasil, Revista Jacobina, Revista Fórum, Revista Piauí (está no grupo Abril mas não é título dela, é da editora Alvinegra) e The Intercept Brasil.
MÍDIA CONSERVADORA (N = 26)
Agora notícias, Allan Santos digital, Brado Jornal, Brasil Sem Medo , Canção Nova, Comunhão, Conexão Política , CPAD News, Estudos Nacionais, Exibir Gospel, Fofoca Gospel, Folha Gospel, Folha Universal, Gospel Prime, Guiame, Jornal Show da Fé, Lagoinha.com, Mídia sem Máscara, O Antagonista, Paradoxo br, Pleno News , Portal Ongrace, Revista Oeste, Senso Incomum, Spotniks e Terra Brasil Notícias.

Fonte: Elaborado pela autora com base nas redes sociais e descrição dos portais em questão entre 2020 e 2024. Os sites destacados em negrito são os que analisamos.

A partir desse levantamento, para gerar nosso *corpus*, definimos nove entre os 74 veículos identificados, sendo três de cada tipo de mídia: Folha de S.Paulo, CNN Brasil e Jovem Pan, da GM; Agência Pública, Brasil de Fato e Brasil 247, da MA; Brasil sem Medo, Conexão Política e Pleno News, da MC. Para melhor situar as condições de produção do material que

constitui nosso *corpus*, fazemos a seguir algumas breves considerações sobre os veículos selecionados.

Do segmento da GM, a Folha de S.Paulo, que pertence ao Grupo Folha, se autodefine como “um dos principais conglomerados de mídia do país”⁵⁴ e tem mais de 100 anos de existência, tendo sido fundado em 1921. Embora o nome do veículo sugira uma produção informativa apenas acerca do Estado de São Paulo, a Folha circula nacionalmente e produz matérias com foco em todo o país, apresentando produções específicas por Estado e outras a nível nacional (de onde vem nosso corpus).

Atualmente, o periódico tem versão impressa e online. Na impressa, o veículo tem a tiragem de maior circulação no país. Na online, conta com cerca de 3,7 milhões de seguidores em seu *instagram*⁵⁵ e se sustenta por meio de publicidades, patrocinadores/parceiros e assinaturas de leitores.

Entre seus valores assumidos, estão o compromisso com o leitor, a diversidade, a excelência, a independência econômica e editorial, a integridade e a liberdade de expressão⁵⁶. Durante a pandemia, manifestando-se em defesa da ciência, a Folha foi crítica ao Governo Federal e fez parte da união dos conglomerados de mídia brasileiros em prol da transparência dos dados acerca da Covid-19⁵⁷, sendo um veículo de mídia bastante atacado por apoiadores do ex-presidente Jair Bolsonaro.

Já a CNN Brasil⁵⁸, também do segmento da GM, é licenciada pela marca CNN (*Cable News Network*), que foi fundada nos Estados Unidos, em 1980, e faz parte do conglomerado internacional da *WarnerMedia*. Seu nome expressa o veículo como uma “rede de notícias a cabo”, pressupondo modernismo e exclusivismo em relação ao formato de TV jornalística que exhibe notícias e análises continuamente. Inclusive, a CNN foi uma das primeiras redes com esse formato.

A CNN Brasil afirma ter como valores a verdade e a precisão na divulgação de informações, a diversidade, a equidade e a inclusão. Ela é considerada o maior canal de notícias ao vivo do Brasil e do mundo, estando presente em território brasileiro desde março de 2020,

⁵⁴ CONHEÇA o grupo folha. **Folha de S.Paulo**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/institucional/>. Acesso em 14 set. 2022.

⁵⁵ Datas dos seguidores de todas as mídias são referentes a 19 de outubro de 2024.

⁵⁶ O jornal mais influente do Brasil. **Folha de S.Paulo**. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/institucional/o_grupo.shtml. Acesso em: 19 out. 2024.

⁵⁷ Falamos sobre isso na introdução.

⁵⁸ SOBRE a CNN. **CNN Brasil**. Disponível em: <https://conteudos.cnnbrasil.com.br/sobre-a-cnn-brasil/>. Acesso em 02 jun. 2023.

sob chefia do grupo Novus Mídia, após articulações de empresários e jornalistas que tiveram ligações com a Rede Record de Comunicação, a exemplo de Douglas Tavolaro⁵⁹, ex-vice-presidente da Record e sobrinho do Bispo Edir Macedo, líder da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) e aliado de Jair Bolsonaro.

O canal possui 4,6 milhões de seguidores no *instagram* e parte da programação é aberta, disponível no *youtube*. Contudo, a CNN Brasil também é TV por assinatura, com programas em formato 24 horas. Esse veículo se projeta como isento, ao dar espaço para políticos, jornalistas, colunistas e comentaristas de direita e esquerda; todavia, soa, no mínimo, questionável que o veículo dê espaço para pessoas assumidamente negacionistas em nome dessa “isenção”, como fez ao contratar o jornalista Alexandre Garcia, por exemplo. Por isso mesmo, entendemos que há no discurso da CNN Brasil enunciados provenientes de campos contraditórios entre si que ajudam a mostrar a heterogeneidade interna da GM.

No que diz respeito aos formatos dos noticiários, além da produção jornalística textual do veículo, as notícias e reportagens da CNN costumam ser acompanhadas por áudios de podcast e vídeos dos programas ao vivo. Nosso *corpus*, nesse caso, veio apenas da parte textual.

O último veículo da GM, por nós selecionado, é a Jovem Pan⁶⁰: uma rede de rádio que pertence ao Grupo Jovem Pan e foi fundada em 1942, tendo seu site de notícias, o JP News, fundado em 2021. Seu nome traz o termo “panamericano” reduzido, projetando juventude e amplitude em relação à cobertura dos fatos nas Américas.

A emissora se expandiu para outros formatos além do rádio, sendo a mais emblemática no campo das mídias empresariais presentes neste estudo porque, apesar de ser da GM, ela atrai o público conservador em sua programação que muitas vezes tende à extrema direita e ao negacionismo da pandemia. Inclusive, nos últimos anos, a Jovem Pan abriu espaço para políticos, jornalistas ou comentaristas de direita assumidamente antipetistas, a exemplo do polêmico Rodrigo Constantino.

Como o material de jornalismo da Rede Pan também circula em formato de texto 24 horas no site JP News, geramos nosso *corpus* a partir dele. O perfil da JP News no *instagram* tem 3,1 milhões de seguidores e o grupo atualmente tenta se expandir para a TV aberta, além

⁵⁹ DOUGLAS Tavolaro deixa a Record para comandar canal CNN no Brasil. **Veja**. 14 jan. 2019. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/cultura/douglas-tavolaro-deixa-a-record-para-comandar-canal-cnn-no-brasil/>. Acesso em: 20 jul. 2023. QUEM está por trás da chegada da CNN ao Brasil?. **Brasil de Fato**. 16 jan. 2019. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/01/16/quem-esta-por-tras-da-chegada-da-cnn-no-brasil>. Acesso em 20 jul. 2023.

⁶⁰ Descrição sobre o veículo no youtube disponível em: <https://www.youtube.com/@jovempannews/about>. Acesso em 02 jun. 2023.

de manter canal atualizado no *youtube*. Editorialmente, o grupo afirma defender a liberdade de imprensa, a liberdade de expressão e a pluralidade de ideias.⁶¹

A Agência Pública⁶², do segmento da MA, tem cerca de 199 mil seguidores no *instagram* e é uma entidade sem fins lucrativos que atua no jornalismo investigativo. Seu nome sugere uma organização em defesa do que é público, de interesse social.

Fundada em 2011 por três jornalistas mulheres: Marina Amaral, Natalia Viana e Tatiana Merlino, a agência se mantém no ar sem patrocínio declarado de grandes empresas. O veículo chama seus cerca de dois mil assinantes de “aliados” e exalta a independência editorial dele. A promoção dos direitos humanos e a igualdade de gênero faz parte dos valores editoriais descritos no site.

Durante a pandemia, o veículo deu visibilidade aos problemas sociais decorrentes da crise sanitária e política que o Brasil viveu. Também enunciava a favor da ciência e contra o negacionismo científico.

Outro site do segmento da MA é o Brasil de Fato, cujo nome manifesta a projeção de uma leitura informativa “verdadeira” do país. Trata-se de um portal de notícias e rádio-agência que nasceu em 2003, circulando como versão impressa nacional durante dez anos. Hoje também em versão online, tem 644 mil seguidores no *instagram* e atua, tanto a nível nacional quanto regionalmente, em vários Estados desde 2013, tendo sites e redes sociais específicas das regiões abrangidas. O *slogan* do portal é “uma visão popular do Brasil e do Mundo”⁶³ e seu posicionamento durante a pandemia foi pró-ciência e por uma leitura política dos fatos.

O terceiro site da MA é o Brasil 247, apresentando-se com um nome que indica sua prática jornalística o tempo inteiro, como um monitoramento ininterrupto do Brasil. O portal possui 370 mil seguidores no *instagram* e adota o *slogan* “um jornalismo independente e progressista para todos, 24 horas por dia, 7 dias da semana”⁶⁴; de onde vem seu nome. Ele está no ar há 10 anos e, durante a pandemia, posicionou-se discursivamente de maneira a defender o conhecimento científico dominante e informando os fatos da pandemia a partir de perspectivas sócio-políticas. Apesar de se sustentar por assinaturas, todo o conteúdo é aberto e qualquer pessoa pode se tornar membro do veículo por meio de diversos tipos de doações.

⁶¹ SOBRE a Jovem Pan. **Jovem Pan**. Disponível em: <https://jovempan.com.br/sobre-a-jovem-pan>. Acesso em 19 out. 2024.

⁶² QUEM somos. **Agência Pública**. Disponível em: <https://apublica.org/quem-somos/>. Acesso em 02 jun. 2023.

⁶³ Ver *slogan* no topo do site em: <https://www.brasildefato.com.br/>. Acesso em 22 jul. 2023.

⁶⁴ Disponível no topo do site deles, em: <https://www.brasil247.com/>. Acesso em 04 de abr. 2023.

No que tange à MC, o site Brasil sem Medo, de postura conservadora mais radical, nasceu em 2019, por uma iniciativa de Olavo de Carvalho⁶⁵. O veículo se denominava o maior e único portal realmente conservador do país e encerrou suas atividades em agosto de 2024.⁶⁶ O nome dado ao portal sugeria haver “algo temeroso” no país, mas que há “um Brasil” que não teme: o de perfil conservador.

Para acessar o conteúdo do site na íntegra, é necessário fazer assinatura e atualmente o portal tem 419 mil seguidores no *instagram*. Seus posicionamentos durante a pandemia foram predominantemente negacionistas científicos da pandemia, o que é comum nos três sites da MC.

A segunda mídia jornalística analisada no segmento conservador é o Conexão Política⁶⁷, cujo nome pode indicar consenso em relação ao termo política, como se houvesse uma cobertura jornalística política ampla, quando, na verdade, ela é orientada politicamente à direita. Inclusive, este é um dos sites de direita que teve seu sigilo bancário quebrado durante a CPI da pandemia, para investigação em relação à divulgação de *fake news*⁶⁸.

Trata-se de um jornal digital fundado em 2016, cujos valores declarados apontam um viés liberal-conservador⁶⁹ em sua cobertura jornalística, apesar de se negar o rótulo de reacionário para a linha editorial. As matérias costumam ser compartilhadas por seguidores que se denominam como conservadores e religiosos, inclusive pelo ex-presidente do Brasil, Jair Bolsonaro e seus aliados políticos. Entre os valores descritos na página do periódico, constavam a defesa “inegociável” do capitalismo, patriotismo, família e senso moral. Ele se sustenta com patrocínio privado e possui atualmente 1,3 milhão de seguidores no *instagram*.

⁶⁵ Falamos sobre ele no tópico 2 do capítulo teórico.

⁶⁶ BRASIL sem medo (aba sobre nós). **BSM**. Disponível em: <https://brasilsemmedo.com/>. Acesso em 14 set. 2022. O anúncio do encerramento das atividades foi feito via *instagram* em 26 de agosto de 2024. Uma das informações desta publicação era que os profissionais que escreviam para o site continuam “na batalha” em outras frentes agora.

⁶⁷ QUEM somos. **Conexão Política**. Disponível em: <https://www.conexaopolitica.com.br/quem-somos/>. Acesso em 02 jun. 2023.

⁶⁸ CONEXÃO Política e Brasil Paralelo terão sigilos quebrados, decide CPI. **Conexão Política**, Brasília, 03 ago. 2021. Disponível em: <https://www.conexaopolitica.com.br/legislativo/conexao-politica-e-brasil-paralelo-terao-sigilos-quebrados-decide-cpi/>. Acesso em: 21 fev. 2023.

⁶⁹ Em junho de 2024, foi anunciado que haveria mudanças no veículo. Agora, ele se anuncia como um grupo, o Grupo Conexão, cujo site central é o Conexão1 e abarca 10 editorias. Como nosso site analisa o período pré-reformulação, tomamos como base o que o site era antes disso. Site e redes do “antigo” Conexão Política continuam no ar, como um tipo de categoria do grupo. Mesmo com a reformulação para editorias mais diversas, ainda se assume que o site seja liberal-conservador.

Já o Pleno News⁷⁰, último site trabalhado na MC, nasceu em 2017 e pertence ao grupo evangélico da MK de Comunicação, existente há 30 anos, com gravadora, rádio, editora e *network*. O grupo possui 669 mil seguidores no *instagram* e pertence ao ex-senador Arolde de Oliveira, que faleceu em decorrência da covid-19 em 2020 e era um parlamentar que usava a sua voz contra o viés científico da pandemia.

O site se declara como sendo um veículo que produz “notícia de verdade”, “sem *fake news*”, o que sugere um ideal de boa apuração jornalística e pode ter motivado a origem do nome escolhido para o site, com referência de plenitude e estabilidade. No entanto, o veículo chegou a publicar uma *fake news* – apagada sem publicação de errata – de que sol forte poderia matar coronavírus em 34 minutos⁷¹.

O Pleno News afirma ainda ter uma equipe de jornalistas que adere a uma linguagem objetiva, numa pretensa busca da “verdade”. Entretanto, o site admite negacionistas declarados da pandemia entre seus colunistas, indicando que sua “objetividade” tem direção particular. O site tem uma audiência de 548 mil seguidores no *instagram* e também aponta seguir linha editorial “*family-safe*” (segura para a família), preenchendo um suposto vácuo de informação para este perfil específico, que não estaria representado nas demais mídias existentes.

Para a montagem de nosso *corpus*, fizemos um levantamento de notícias e reportagens publicadas em cada um dos veículos dos três segmentos, considerando o que entendemos como as principais pautas da cobertura jornalística feita nos três anos de pandemia: 1) origem e letalidade do vírus; 2) eficácia dos protocolos de saúde pública; e 3) responsabilidades no gerenciamento da pandemia.

Na primeira pauta, nos baseamos em publicações que informavam sobre a declaração oficial do início e do fim da pandemia, as discussões e investigações sobre a origem do vírus, além dos relatos de primeiros casos, óbitos e aumento das estatísticas da doença no Brasil. Na segunda, coletamos o *corpus* considerando pautas sobre isolamento social, tratamento precoce e vacinas. Na terceira, o levantamento focou em matérias sobre as responsabilidades da OMS, do Governo Federal, do Poder Judiciário, do Congresso Nacional, e também dos governos estaduais e municipais quanto ao gerenciamento da pandemia.

⁷⁰ QUEM somos. **Pleno News**. Disponível em: <https://pleno.news/quem-somos>. Acesso em: 02 jun. 2023.

⁷¹ ALIADO: Sol forte pode matar coronavírus em 34 minutos. **Pleno News**, Rio de Janeiro, 23 jun. 2020. Disponível em: <https://pleno.news/saude/coronavirus/aliado-sol-forte-pode-matar-coronavirus-em-34-minutos>. Acesso em 23 jun. 2020.

Sobre nossa escolha por trabalhar notícia e reportagem, adotamos esses formatos porque são do gênero informativo, segundo a classificação dos gêneros textuais jornalísticos sugerida pelo professor Marques de Melo (2016)⁷². Enquanto produções de foco factual, elas possuem características específicas relacionadas aos efeitos de neutralidade e objetividade da informação, pelo fato de não serem gêneros opinativos, nos quais a neutralidade não é algo tecnicamente esperado.

Em relação à estrutura desses gêneros, de acordo com Marques (2003), notícias são mais curtas e temporalmente próximas ao fato informado; já as reportagens são mais longas e podem ser temporalmente distantes do que foi relatado. Nessa ótica, Lage (2005) também discorre sobre esses dois formatos, apresentando o mesmo entendimento de Marques:

A notícia expõe um fato ou seqüência de fatos [...]. Já o relato detalhado, com base em testemunhos, do sofrimento daqueles dias passados na selva, entre feridos, mortos, medo, incerteza e crises de desespero – isso daria uma excelente reportagem. Essas duas situações são exemplares daquilo que distingue notícia de reportagem – distinção que não se faz tão claramente na língua inglesa. A intensidade, profundidade e autonomia do jornalista no processo de construção da matéria são, por definição, maiores na reportagem do que na notícia (Lage, 2005, p. 139).

Acerca da reportagem, não há consenso entre teóricos da comunicação sobre seu caráter como estritamente informativo, pois alguns entendem que ela pode se apresentar nos gêneros interpretativo ou opinativo. De um lado, para a reportagem enquanto formato de gênero informativo, Marques de Melo (2016) explica a razão dos diferentes formatos admitirem variados tipos:

[...] o gênero informativo comporta o formato reportagem, que, por sua vez, pode ser desenvolvido no tipo *grande reportagem*. A espécie – ou seja, o tipo – varia de acordo com a necessidade de trabalhar um acontecimento de determinada maneira, mas também pode implicar numa decisão autoral ou institucional e, mesmo, seguir uma padronização exigida pelo suporte que a veicula (Marques de Melo, 2016, p. 48 - nota de rodapé 4, grifo nosso).

Ainda sobre essa perspectiva, reforçamos outros autores, como Marques (2003) e Silva (2004), que adotam a classificação de Marques de Melo ao tomar notícia e reportagem na

⁷² Esta é uma classificação muito usada no Brasil, mas não é a única. O autor também reconhece que ela não é fechada nem universal, mas uma *proposta de gêneros e formatos (e tipos num desdobramento dos formatos)*, a partir da observação dele realizada em veículos brasileiros na primeira década do ano 2000. Para o autor, pensando a realidade do Brasil, teríamos os gêneros informativo, opinativo, interpretativo, diversional e utilitário, abrangendo *formatos* de itens comuns, embora diferentes entre si. No informativo, por exemplo, há nota, notícia, reportagem e entrevista

perspectiva do jornalismo informativo, apesar de entenderem que a reportagem pode ter mais características:

O acontecer no mundo transforma-se em fato jornalístico (cap.1 –1.2) *pela notícia – a informação com características de novidade* e publicada nos jornais, rádios, televisões e internet, *pela reportagem* que procura *interpretar o mundo*, ou pelo menos *busca relacionar os fatos aparentemente desconexos* [...] (Silva, 2004, p. 2, grifo nosso).

Nossa compreensão, então, é de que, tecnicamente, a reportagem pode conter elementos informativos e interpretativos, partindo do factual; todavia, sendo mais complexa do que a notícia por permitir elementos (textuais e imagéticos) adicionais, e ter maior tamanho. Pena (2006) traz uma contribuição interessante ao abordar aspectos interpretativos da reportagem, pois para ele esse formato vai além do simples relato, ao oferecer análises e reflexões que acerca de um dado evento de maneira mais articulada.

Discursivamente, isso implica que pode haver na reportagem vestígios diferentes para análise, decorrentes do viés interpretativo ou opinativo inerentes a ela, se comparada à notícia enquanto gênero mais restrito. Nessa perspectiva, ambas, notícia e reportagem, cada uma a seu modo informativo, circulam fatos de uma forma se pretende técnica, neutra e comprometida com a verdade dos fatos; o que, no discurso, se mostra ideologicamente determinado.

Diante desses dados, então, nesta pesquisa, em relação à identificação dos gêneros jornalísticos, tomamos por base as contribuições dos teóricos da comunicação para abrangermos melhor as características desses dois formatos, ao considerar *notícia* como informativa e *reportagem* como informativa ou interpretativa a depender de seu conteúdo detectado em nosso *corpus* nos sites que selecionamos. Analisar discursos presentes nos dois gêneros nos interessa porque ambos representam a maior parte da produção jornalística no ambiente digital, repercutindo, inclusive, em recortes resumidos para as redes sociais, que apresentam chamadas reduzidas “linkadas” às matérias completas.

Nesse sentido, a partir das três pautas principais da pandemia já elencadas, buscamos postagens sem nos prendermos necessariamente à linha temporal dos acontecimentos relatados, pois mantivemos o foco nos temas das pautas mais importantes que perpassaram vários momentos dos três anos da pandemia. Assim, abrangemos posts que discutiam desde a origem do vírus e suspeitas de casos que antecederam a mudança de *status* de epidemia para pandemia até o final de emergência global de saúde, entre janeiro de 2020 a maio de 2023, na busca de escolher as formulações a serem analisadas.

As postagens que escolhemos comportam SD de matérias referentes a como os segmentos jornalísticos significaram a pandemia. Metodologicamente, essas SD são recortes das matérias que nos ajudaram a trabalhar nossos objetivos de pesquisa, conforme pondera Benetti (2016):

A sequência discursiva é o trecho arbitrariamente recortado pelo pesquisador, do texto em análise, porque contém elementos que respondem à questão de pesquisa; seu início e seu final são definidos pela correspondência a essa questão. É habitual numerar cada SD, para facilitar a organização do corpus de pesquisa (Benetti, 2016, p. 248).

Na nossa análise, tais SD foram organizadas a partir das matérias indicadas nas montagens discursivas, mecanismo este que, de acordo com Orlandi (2005), está condicionado aos objetivos analíticos:

Assim, a construção do corpus e a análise estão intimamente ligadas: decidir o que faz parte do corpus já é decidir acerca de propriedades discursivas. Atualmente, considera-se que a melhor maneira de atender à questão da constituição do corpus é *construir montagens discursivas que obedeçam critérios que decorrem de princípios teóricos da análise de discurso, face aos objetivos da análise*, e que permitam chegar à sua compreensão (Orlandi, 2005, p. 62, grifo nosso).

Ainda em relação às montagens, Pêcheux (2008) explica que a organização delas ajuda na identificação pelo analista das tomadas de posição numa dada enunciação, o que fizemos de forma a identificar como GM, MC e MA foram se posicionando ao longo da pandemia:

A posição do trabalho que aqui evoco [...] supõe somente que, através das descrições regulares de *montagens discursivas*, se possa detectar os momentos de interpretação enquanto *atos que surgem como tomadas de posição*, reconhecidas como tais, isto é, como *efeitos de identificação assumidos ou negados* (Pêcheux, 2008, p. 57, grifo nosso).

Neste trabalho, o objetivo é compreender como o acontecimento discursivo da pandemia de covid-19 se desdobrou na circulação-confronto de formulações e sentidos em veículos de mídia jornalística na internet. Nosso propósito foi que as matérias selecionadas representassem as regularidades dos efeitos de sentido que mais foram textualizados acerca da pandemia nos portais analisados, mostrando, portanto, como a memória (interdiscurso enquanto ponto de referência) opera no intradiscurso dos veículos.

Para tal seleção, nossa procura inicial se deu de duas formas: primeiro no *google*, e segundo nos próprios sites, usando as seguintes palavras-chave: *pandemia*, *covid-19*,

coronavírus, lockdown, quarentena, isolamento, distanciamento, máscara, vacina, CPI da Covid, OMS e China.

Nesse sentido, o quadro 2 contém informações sobre a quantidade de matérias encontradas por veículo e segmento de mídia, indicando links direcionados ao *google drive* nos quais constam o levantamento de 990 matérias:

Quadro 2 — Produções jornalísticas durante a pandemia na GM, MA e MC:

MATÉRIAS JORNALÍSTICAS SOBRE A PANDEMIA NA GM, MA E MC		
GRANDE MÍDIA	MÍDIA ALTERNATIVA	MÍDIA CONSERVADORA
Folha de S.Paulo	AGÊNCIA PÚBLICA	BRASIL SEM MEDO
N 118 LINK AQUI	N 65 LINK AQUI	N 116 LINK AQUI
CNN BRASIL	BRASIL DE FATO	CONEXÃO POLÍTICA
N 126 LINK AQUI	N 79 LINK AQUI	N 115 LINK AQUI
JP NEWS	BRASIL 247	PLENO NEWS
N 101 LINK AQUI	N 84 LINK AQUI	N 186 LINK AQUI
TOTAL = 345	TOTAL = 228	TOTAL = 417
TOTAL: 990		

Fonte: A autora (2024).

De forma geral, a busca no *google* nos interessou porque as ferramentas dele possibilitam usar um intervalo personalizado que separa dia, mês e ano para uma dada palavra-chave e veículo. Isso nos permitiu focar em dias-chave, como as datas dos primeiros casos, primeiros óbitos, declaração oficial de pandemia, etc, além de poder ver se outros sites de segmentos divergentes citavam (para criticar ou replicar) aqueles que procurávamos. Todavia, sabemos que os algoritmos poderiam condicionar nossos dados, por isso, verificar também nos sites foi complementar. Inclusive, no site da Folha de S.Paulo foi possível buscar postagens com dia, mês e ano também, o que facilitou o processo.

Nesse sentido, entendemos as duas buscas (*google* e sites) como complementares, porque mesmo se um site ocultasse ou deletasse uma notícia, era possível que outro site tivesse repostado, e assim teríamos uma dimensão melhor do *corpus*. Em quase todos os sites essa

busca complementar do *google* e portais funcionou bem; porém, no Brasil sem Medo e no Conexão Política – ambos da MC – apenas o segundo mecanismo deu certo, pois o *google* não mostrava nada ou quase nada⁷³.

Ainda acerca do que não funcionou bem, tivemos problema com o Conexão Política até mesmo na busca interna. Até fevereiro de 2023, conseguíamos acessar posts de 2020 que já havíamos catalogado. Entretanto, percebemos, inicialmente, cerca de 100 posts de fevereiro a abril de 2020 com o erro 404 (página não existe ou foi excluída). Por existir um aplicativo novo de notícias sendo lançado na época, o erro no site poderia ser decorrente de alguma atualização. Preocupados com o apagamento volumoso de dados importantes sem nenhuma errata que justificasse, enviamos e-mail para o portal no dia 02 de março de 2023. Fomos respondidos em 19 de maio de 2023 e recebemos a justificativa de que, na verdade, apenas os *links* mudaram em razão de uma nova estratégia de SEO (*Search Engine Optimization* / otimização de mecanismos de busca), mas que o conteúdo permanecia no ar. Checamos que algumas notícias ainda não apareciam, e por isso, mantivemos o levantamento mesmo com *links* que não existiam mais, mantendo nas referências nossas datas de acesso porque esse apagamento também poderia ser um dado de análise.

Resolvido esse problema em relação ao levantamento de matérias na MC, seguimos na organização do *corpus*, catalogado a partir dos discursos sobre: 1) origem e letalidade do vírus, 2) protocolos de saúde e 3) responsabilidades na gestão da pandemia, que são os eixos temáticos dos nossos três movimentos analíticos.

3.3 Movimentos de análise

Nossos três movimentos de análise em relação aos discursos sobre origem do vírus, protocolos de saúde e responsabilidades de gerenciamento se dividem em dez montagens discursivas. Elas estão relacionadas aos seguintes elementos: 1) os campos discursivos mobilizados pelos enunciadores, 2) sites em questão e 3) as matérias escolhidas desses sites para análise.

⁷³ Veículos da MA (Agência Pública e The Intercept) e GM (G1) mencionaram o Conexão Política com referências a março de 2020: **AP:** <https://apublica.org/2020/04/a-rede-de-fake-news-que-derrubou-mandetta/> e no blog do jornalismo Wando. **G1:** <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/coronavirus/noticia/2020/04/07/e-fake-que-banco-mundial-classificou-brasil-como-o-melhor-pais-do-mundo-no-combate-a-covid-19.ghtml>. Acesso de todas em 03 jan. 2023. Só temos esse dado porque não ficamos restritas só aos sites ou apenas ao *google*.

Nas análises, os três movimentos discutem a circulação-confronto de sentidos tanto interna quanto externa entre os segmentos observados, conforme exposto nos exemplos dos quadros 3 e 4 a seguir. Nesse modelo, tomamos por base o movimento analítico 1, relacionado à “origem do coronavírus”, no que diz respeito aos enunciados sobre suspeitas de “vazamento em laboratório” ou designação científica dessa origem enquanto “natural”:

Quadro 3 — Organização das montagens discursivas das nossas análises para cada segmento:

MONTAGEM 1		
CAMPO CIENTÍFICO, ECONÔMICO E POLÍTICO NO DISCURSO DA GM		
<p>MATÉRIA 1: (FOLHA): Teoria de que Covid surgiu em laboratório é nefasta, diz autor de 'Contágio' em novo livro.</p>	<p>MATÉRIA 2: (CNN): Agência dos EUA agora avalia que pandemia surgiu de vazamento em laboratório.</p>	<p>MATÉRIA 3: (JP): Departamento dos EUA avalia que pandemia surgiu de vazamento acidental em laboratório.</p>

Fonte: A autora (2024).

Quadro 4 — Organização das montagens discursivas das nossas análises de forma comparativa entre os três segmentos:

MONTAGEM 2		
CAMPO CIENTÍFICO NO DISCURSO DA GM	CAMPO CIENTÍFICO E POLÍTICO NO DISCURSO DA MC	CAMPO CIENTÍFICO NO DISCURSO DA MA
<p>MATÉRIA 4: (MATÉRIA FOLHA): Tudo o que você precisa saber sobre o novo coronavírus Sars-CoV-2.</p>	<p>MATÉRIA 5: (MATÉRIA BSM): Origem da covid-19, agora admitida, foi considerada falsa por checadores.</p>	<p>MATÉRIA 6: (MATÉRIA BR247): Estudo genético mostra por que vírus da covid-19 não foi “feito em laboratório”.</p>

Fonte: A autora (2024).

Nossa organização das montagens discursivas se deu de maneira a atender os dois objetivos específicos que definimos, a saber: a) analisar de que modo os lugares discursivos dos quais os veículos da GM, da MA e da MC enunciam afetaram a produção de sentidos sobre a pandemia; e b) investigar a maneira pela qual saberes da ciência, da política, da economia, dentre outros, participaram da constituição das redes de legibilidade do acontecimento da pandemia nos gestos de interpretação desses veículos.

Assim, a primeira etapa de análise foi identificar os lugares discursivos relacionados aos segmentos que trabalhamos, o que se deu na elaboração da fundamentação teórica, que tem seus

conceitos retomados nas análises. Depois, em decorrência do próprio levantamento do *corpus* e organização da montagem discursiva das análises, identificamos o jogo de posições-sujeito em questão e sob que relações ocorreu a circulação-confronto de sentidos produzidos pela GM, pela MA e pela MC.

Dessa forma, ao longo das discussões, atendemos ao objetivo específico 1, no que tange à análise dos lugares discursivos e posições-sujeito pelas quais as mídias significaram a pandemia. Em seguida, ao final de cada movimento, trazemos nossa compreensão sobre o segundo objetivo específico, que diz respeito às redes de memória que deram legibilidade à pandemia, indicando como cada mídia circulou uma versão dessa crise sanitária.

Nesse sentido, fizemos as análises considerando as SD relativas às formulações jornalísticas em torno dos três movimentos: 1) o funcionamento do discurso relativo à origem do vírus em 18 matérias, nas quais apresenta-se a circulação-confronto de sentidos sobre o vírus ser natural ou vazado/criado em relação à defesa ou culpabilização da China; 2) o funcionamento do discurso relativo aos protocolos de saúde pública em mais 18 matérias, nas quais apresenta-se a circulação-confronto de sentidos relativos à validade do saber científico e do senso comum; e 3) o funcionamento do discurso relativo às responsabilidades quanto à gestão da pandemia em 11 matérias, nas quais apresenta-se a circulação-confronto de sentidos sobre as responsabilidades na defesa da vida *versus* na defesa da economia.

Como explicado, em nossas análises, consideramos que a circulação-confronto de sentidos durante a pandemia se dá em função dos diferentes lugares, posições e espaços de memória implicados nas formulações da GM, MA e MC. Os lugares que identificamos foram:

Quadro 5 – Lugares discursivos da GM, MA e MC:

LUGARES DISCURSIVOS IMPLICADOS NOS SEGMENTOS ESTUDADOS		
GRANDE MÍDIA	MÍDIA ALTERNATIVA	MÍDIA CONSERVADORA
Determinado pelo <i>efeito de neutralidade</i> <i>informativa</i> , afetado pela formação ideológica neoliberal.	Determinado pelo <i>efeito de militância progressista</i> , afetado pela formação ideológica de esquerda.	Determinado pelo <i>efeito de militância neoconservadora</i> , afetado pela formação ideológica de direita.

Fonte: A autora (2024).

Desses lugares discursivos, portanto, os três segmentos de mídia produziram sentidos acerca da pandemia a partir de um jogo complexo de posições-sujeito em confronto, nos conflitos de regularização que se estabelecem no desdobramento do acontecimento discursivo da pandemia, mobilizando diferentes efeitos de sentido.

Quadro 6 – Posições-sujeito e efeitos de sentidos dominantes durante a pandemia no discurso jornalístico:

POSIÇÕES-SUJEITO	EFEITOS DE SENTIDO
De identificação com a ciência	Surgimento natural da pandemia. Alta letalidade do coronavírus. Necessidade de protocolos de saúde pública.
De identificação com a concepção político-social de esquerda	Exposição das contradições políticas, sociais e econômicas da pandemia, combate às desigualdades sociais e confronto ao anticomunismo.
De identificação com o anticomunismo	Pandemia como criação ou vazamento em laboratório. Culpabilização da China pela origem e disseminação da Covid-19. Alegação de autoritarismo científico e político em relação aos protocolos de saúde.
De identificação com o negacionismo	Pandemia como não sendo síndrome grave ou mesmo como sendo inexistente. Negação, silenciamento ou distorção dos dados e investigações científicas. Refutação ao que é defendido pela ciência dominante. Críticas à GM e à MA.
De identificação com o senso comum	Eficácia do tratamento contra a covid-19 constatada a partir de experiências individuais.

Fonte: A autora (2024).

Considerando os distintos lugares, posições e efeitos de sentido, então, a legibilidade da pandemia se deu pelos espaços de memória da ciência, do neoliberalismo, da economia, da política de direita, da política de esquerda, etc. Nesse cenário, portanto, quando discutimos a circulação-confronto de sentidos sobre a descoberta e letalidade do vírus, protocolos de saúde ou responsabilidades na gestão da pandemia, temos discursos enunciados em distintos vieses, produzindo versões diferentes da pandemia de covid-19.

Na sequência, mostrando como o acontecimento discursivo da pandemia ressoou na cobertura jornalística da GM, MC e MA, trazemos nossas análises acerca dos discursos sobre a origem do coronavírus, a eficácia dos protocolos de saúde e as responsabilidades na gestão da pandemia.

4 A CIRCULAÇÃO-CONFRONTO DE SENTIDOS NAS MÍDIAS JORNALÍSTICAS EM RELAÇÃO AO ACONTECIMENTO DISCURSIVO DA PANDEMIA

No presente capítulo, analisamos o funcionamento dos discursos de mídias jornalísticas brasileiras presentes no ambiente digital, para compreender o modo pelo qual a circulação-confronto de sentidos formulados nelas deu legibilidade ao acontecimento discursivo da pandemia de covid-19 entre os anos 2020 e 2023. Por meio de 47 notícias e reportagens vindas de um arquivo de 990 publicações, organizamos dez montagens discursivas para mostrar como, a partir de seus lugares discursivos, GM, MA e MC formularam suas versões da pandemia de covid-19, ao enunciar de posições-sujeito que mobilizam diferentes espaços de memória.

Nossos três movimentos de análise abordam a relação entre lugares, posições e efeitos de sentido nas mídias e seus funcionamentos discursivos sobre 1) *origem e letalidade do vírus*, no que tange à culpabilização ou defesa da China; 2) *eficácia dos protocolos de saúde*, em relação aos posicionamentos científicos e anticientíficos assumidos pelos veículos; e 3) *responsabilidades na gestão da pandemia*, nos diferentes modos de significar o que deveria ser priorizado pelo Poder Público. Assim, as análises visam expor esse jogo de posições em circulação-confronto nos três segmentos de mídia, discutindo como o fato jornalístico é também discursivo, ao ser determinado ideologicamente.

A seguir, então, analisamos SD que expressam gestos de interpretação próprios, retomando ou deslocando sentidos em notícias e reportagens da Folha de S.Paulo (FSP), CNN Brasil (CNN BR) e Jovem Pan (JP), representando o segmento da GM; da Agência Pública (AP), Brasil de Fato (BRF) e Brasil 247 (BR247), representando o segmento da MA; e, por fim, do Brasil sem Medo (BSM), Conexão Política (CP) e Pleno News (PN), representando o segmento da MC. Tais SD abrangem o título, o subtítulo, *lead*⁷⁴ ou outras partes das matérias selecionadas.

4.1 Funcionamentos discursivos sobre a origem do coronavírus SARS Cov-2: culpabilização e defesa da China em debate

Neste primeiro movimento de análise em relação aos discursos sobre a origem do coronavírus, os funcionamentos discursivos se dão pelo viés político ou pelo científico, em torno da culpabilização ou defesa da China, conforme explicamos nas quatro montagens discursivas que serão analisadas e abarcam as 18 matérias representativas do assunto nos

⁷⁴ Primeiro parágrafo de notícias e reportagens que situam o leitor no assunto abordado.

discursos da GM, MA e MC. Essas montagens levam em consideração materialidades do funcionamento discursivo intra e inter segmentos, que nos ajudarão a entender o jogo de (des)estabilização de sentidos sobre origem natural ou intencional/acidental do vírus. Assim, trabalhamos tanto os pontos de vistas internos dos segmentos quanto os externos a eles, no que diz respeito às diferenças deles e entre eles.

A temporalidade das notícias e reportagens analisadas a seguir são de 2020, começo da pandemia, e de 2023, meses referentes do final dela. Dessa forma, temos uma visão do início ao fim sobre como a origem da doença foi abordada nas mídias sob investigação.

4.1.1 Efeitos de sentido acerca do caráter natural, intencional ou acidental do surgimento do vírus

No que tange ao discurso relativo à origem do coronavírus e como este microrganismo desencadeou uma pandemia, os confrontos de sentido mais constantes no jornalismo brasileiro eram apoiados em saberes dos campos científico, econômico e político, a partir de interesses ideológicos distintos. Tais “predileções” dessas variadas linhas editoriais resultaram no que entendemos como versões da pandemia em cada segmento. No que diz respeito à origem do vírus, as versões apresentavam um funcionamento discursivo direcionado a culpar ou defender a China, por meio do jogo de (des)estabilização de efeitos de sentidos sobre origem a natural ou intencional/acidental do vírus.

Para demonstrar esse embate de sentidos, apresentamos primeiro as montagens discursivas da GM, depois da MC, e, por fim, da MA. Todos os segmentos são analisados em relação a eles mesmos, internamente, sobre como se identificam com diferentes posições-sujeitos, cada um a seu modo, manifestando interesses neoliberais, geopolíticos de esquerda ou de direita. Posteriormente, na última montagem, comparamos os segmentos, analisando suas divergências em relação uns aos outros. Nas montagens, consideramos tanto discursos enunciados no começo da pandemia quanto no final dela.

Nossa montagem discursiva 1 remete a 3 matérias, da FSP, da CNN BR e da JP, escritas para explicar o que era o coronavírus. As publicações são de diferentes meses do início de 2020, mas analisamos mesmo assim porque nosso interesse era na pauta similar que trouxesse o discurso dessas mídias acerca do que o vírus se tratava. As matérias 1 e 3 são de janeiro, início das contaminações, quando ainda não havia pandemia; a 2 é de abril, no período da alta de óbitos.

Quadro 7 — Montagem discursiva 1: a origem do coronavírus segundo a GM

MONTAGEM 1		
CAMPO CIENTÍFICO, ECONÔMICO E POLÍTICO NO DISCURSO DA GM		
MATÉRIA 1 (FSP): Tudo o que você precisa saber sobre o novo coronavírus Sars-CoV-2.	MATÉRIA 2 (CNN BR): O que é o novo coronavírus e o que ele está causando no Brasil e no mundo.	MATÉRIA 3 (JP): JP Descomplica: O que é o novo coronavírus?

Fonte: A autora (2024).

O discurso das matérias indicadas acima inscreve-se, de modo geral, numa *posição-sujeito de identificação com a ciência*, na qual o surgimento da pandemia é significado como fenômeno de origem natural. Os vestígios discursivos de tal filiação podem ser vistos na recorrência de elementos que remetem ao que é validado no campo científico, tais como a nomeação do vírus pelo nome científico dele, “Sars-CoV-2” (matéria 1); ou a “novo coronavírus” (matérias 1, 2 e 3). Entretanto, ao analisarmos as matérias separadamente, verificamos que há nuances nos discursos dos veículos, as quais estão relacionadas à forma de se aderir ao conhecimento científico dominante, o que constitui diferentes funcionamentos discursivos na GM em relação à significação da origem da covid-19.

Em relação às condições de produção da primeira matéria, cabe realçar que a FSP veiculou uma grande reportagem contendo texto, imagens e gráficos detalhados sobre o histórico da covid-19 até aquele momento do início de 2020, projetando possíveis dúvidas dos leitores e respondendo-as. O texto foi postado em 22 de janeiro e editado em 20 de março daquele mesmo ano, quando o Brasil tinha quase 600 mil óbitos, como a própria matéria mostra. A exposição do material se deu na editoria de saúde e não precisava ser assinante para ter acesso. Inclusive, vários posts do site durante a pandemia ficaram abertos ao público não-assinante.

Sobre as SD analisadas na **matéria 1**, elas abrangem sete recortes da reportagem escolhida, que trazem vestígios da adesão do veículo a uma *posição-sujeito de identificação com a ciência*, mobilizada em detrimento dos vieses político e econômico:

MATÉRIA 1 (FSP)

SD1 (TÍTULO): *Tudo o que você precisa saber sobre o novo coronavírus Sars-CoV-2*⁷⁵

SD 2: [...] *A OMS trabalha com as autoridades chinesas e especialistas do mundo todo para saber mais sobre esse vírus, como ele afeta as pessoas, como deve ser o tratamento e o que os países podem fazer para responder a essa crise [...]*

SD 3: O QUE É CORONAVÍRUS?

É uma família de vírus que podem infectar animais e seres humanos e causar doenças respiratórias que *variam de resfriados comuns até a Sars (síndrome respiratória aguda grave)*. Seu nome vem dos picos de suas membranas que lembram uma coroa.

O novo coronavírus foi batizado de *Sars-CoV-2*, e o nome da doença respiratória que ele causa é *covid-19* [...]

SD 4: COMO ELE É TRANSMITIDO?

Segundo a OMS, a fonte primária do surto tem origem animal, e as autoridades de Wuhan disseram que o epicentro da pandemia era um mercado de peixes e animais vivos. Não se sabe qual bicho teria passado o vírus a humanos.

SD 5: NUM PAÍS COMO O BRASIL, QUANTOS SERIAM OS CASOS ASSINTOMÁTICOS, SINTOMÁTICOS E OS MORTOS?

A letalidade observada para o *novo coronavírus, de acordo com dados tabulados pela Universidade Johns Hopkins* até esta segunda (16.mar), é de 3,8%. Mas essa taxa é provavelmente menor, já que estão fora da conta os casos assintomáticos e casos leves não diagnosticados (e confundidos com uma gripe comum, por exemplo) [...]

Vírus respiratórios são facilmente transmissíveis e chegam a afetar, no exemplo do influenza, de 5% a 20% da população de um país, a depender do ano. Pouco se sabe sobre o novo coronavírus, o Sars-CoV-2, se ele pode se tornar recorrente ou se a imunidade do organismo contra ele é duradoura. A esperança é que, nesse aspecto (e não na letalidade) ele seja parecido com o vírus da Sars (síndrome respiratória aguda grave), que, depois da epidemia de 2002-2004, nunca mais voltou.[...].

SD 6: SE EU TIVER SINTOMAS, POSSO SER OBRIGADO POR ALGUÉM A FAZER O EXAME PARA CORONAVÍRUS?

Caso alguém se recuse a cumprir os procedimentos determinados pelos médicos, como testes e tratamento, o poder público deverá ser informado e, futuramente, o paciente pode até mesmo ser acusado por crimes contra a saúde pública.

SD 7: POSSO ME CONTAMINAR COM PRODUTOS QUE VENHAM DA CHINA?

Não. Segundo Nancy Bellei, consultora da Sociedade Brasileira de Infectologia (SBI), mesmo durante a epidemia de Sars, causada por um coronavírus persistente no ambiente, não houve nenhuma recomendação para cuidados especiais com produtos que viessem de países onde tinha transmissão local.

(grifos em itálico são nossos)

⁷⁵ TUDO o que você precisa saber sobre o novo coronavírus Sars-CoV-2. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 22 jan. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibriosaude/2020/01/veja-o-que-se-sabe-ate-agora-sobre-o-coronavirus-chines.shtml>. Acesso em: 18 maio. 2023.

Inicialmente, ponderamos que, nas SD 2, 5 e 7 da matéria 1, apresenta-se uma constante referência ao campo científico, que dá base às formulações do veículo, expressas quando se abre espaço aos posicionamentos da “OMS”, “especialistas”, “Universidade Johns Hopkins”, “procedimentos recomendados pelos médicos” e “Sociedade Brasileira de Infectologia”. O *lugar discursivo determinado pelo efeito de neutralidade informativa*, afetado pela *formação ideológica neoliberal*, do qual a Folha produz sentido *em sua posição de identificação com a ciência*, requer que essa mídia formule significados apontando uma fonte cientificamente validada. Projeta-se, assim, neutralidade e imparcialidade, típicas das pretensões técnicas da GM no que diz respeito à checagem dos dados, conforme explica Sponholz (2009) e Marques (2003) quando discutem o fato jornalístico. Por isso, é importante que o veículo demonstre seu posicionamento científico a partir da referência a elementos desse campo, especialmente a OMS, que representa a voz da ciência dominante e é a principal autoridade sanitária internacional do mundo moderno.

As formulações da Folha, então, textualizam saberes do espaço de memória da ciência também quando reiteram na SD 3 o nome científico do vírus: “*Sars-CoV-2*”. Tais saberes aparecem ainda na SD 4, quando se informa que, “segundo a OMS, a fonte primária do surto tem origem animal”, inclusive já desfazendo qualquer margem de sentido de que o coronavírus tivesse origem intencional e não natural. Aqui, pelo fato de ser uma mídia que adere ao discurso antinegacionista, a Folha antecipa sua resposta às posições negacionistas e tenta controlar o acontecimento, deixando-o significado a partir de saberes do campo científico.

Esse modo de antecipar ou “controlar” um fato na história foi explicado por Pêcheux (2008), quando o teórico discutiu o acontecimento em torno do enunciado “*on a gagné*” [“Ganhamos”], relativo ao resultado das eleições presidenciais na França, em 10 de maio do ano 1981:

O confronto discursivo sobre a denominação desse acontecimento improvável tinha começado bem antes do dia 10 de maio, por um imenso trabalho de formulações (retomadas, deslocadas, invertidas, de um lado a outro no campo político) tendendo a prefigurar discursivamente o acontecimento, a dar-lhe forma e figura, na esperança de apressar sua vinda... ou de impedi-la [...]. (Pêcheux, 2008, p. 20).

Nesse viés, podemos observar que a antecipação de parte da GM visava a demarcar o saber dominante da ciência e, de certa forma, tentar estabilizar o acontecimento, ao explicá-lo produzindo um *efeito de completude*, explorando e “esgotando” sentidos possíveis, visando a direcionar a interpretação do acontecimento, ao projetar dar conta dos elementos desse fato

jornalístico, expresso quando o veículo afirma que dirá “tudo o que você precisa saber”, na SD1, que é o título da matéria.

Ademais, a mobilização do campo científico e direcionamento interpretativo contra o negacionismo científico no discurso da Folha ocorre novamente na SD 5, na expressão “Vírus respiratórios são facilmente transmissíveis”, recorte que entendemos produzir um *efeito de tranquilização* porque havia uma preocupação de que não houvesse pânico na população, a qual estaria segura desde que as recomendações científicas fossem obedecidas, já que a SD 2 informa que “especialistas do mundo todo” trabalham com a OMS para entender como o vírus age. No entanto, esse *efeito de tranquilização* não é realizado apenas pelo critério científico, articulando-se também com o jurídico-político e com econômico, que explicamos a seguir.

As articulações com o jurídico-político aparecem na SD 5, quando se fala que a recusa em seguir “procedimentos determinados por médicos” pode ser considerada um crime “contra a saúde pública”, sugerindo que os protocolos de saúde e trâmites jurídicos relacionados à pandemia devem seguir as orientações científicas. Isto é, o *efeito de tranquilização* realmente depende da adesão do leitor e das políticas públicas à ciência dominante, o que, pelo não-dito, pode-se entender como um controle de viés político do acontecimento, dado a partir da ciência.

Já as articulações do científico com o econômico podem ser vistas nas SD 2 e 7, nas quais são citadas situações ligadas à China e ao mercado internacional. No que tange à China, onde a pandemia teve seu primeiro caso registrado, o país foi estigmatizado internacionalmente, por meio de discursos cujos efeitos eram de culpabilização do país por conta do aumento das contaminações. Contudo, a FSP não segue a orientação de culpar a China, tendo em vista sua adesão à ciência dominante. Por isso, quando o veículo fala da China na SD 2, o faz sem a estigmatização relativa aos riscos de contaminação. Além disso, amplia-se a percepção desse risco também em relação a outras regiões. Assim, discursivamente, a Folha posiciona-se em *identificação com a ciência* e, ao mesmo tempo, em *contraidentificação com a posição anticomunista*, para a qual a pandemia é fruto de criação ou vazamento em laboratório.

Tal entendimento científico e econômico tem base nas informações da SD 2, de que a OMS trabalha “com as autoridades chinesas”, sugerindo colaboração para investigações acerca do novo coronavírus; e nos dados da SD 7, num tópico sobre o risco de contaminação ao se comprar produtos chineses, quando se explica que não é necessário esse tipo de cuidado em relação a “países” onde o vírus está presente. Ou seja, se houvesse risco, não seria em produtos *apenas da China*, uma vez que “outros países também têm transmissão local”. Nesse ponto, há um *efeito de estabilidade* produzido no discurso do veículo de modo a garantir a segurança econômica sob a perspectiva neoliberal. Assim, o controle político do acontecimento por meio

de saberes científicos também tem viés econômico. Nesse sentido, há uma tensão no interdiscurso em questão no que diz respeito à relação dos discursos sobre ciência e política em função do discurso econômico.

Sobre a mobilização de saberes do campo econômico na matéria 1, especificamente na SD 6, chamou nossa atenção a importância do aspecto comercial da globalização, porque mostra que o interesse econômico se relaciona com as pautas da editoria de saúde, numa fusão de saberes de espaços de memória da economia e da ciência. Nesse sentido, acreditamos que o peso mercadológico nessa pauta tem influência da *formação ideológica neoliberal* pela qual a GM enuncia, que afeta o modo como ela organiza suas pautas e elege o que é importante abordar, nesse caso, o mercado internacional, não só chinês, mas também de “outros países”. O dito, então, relata que a pandemia não está apenas na China. O não-dito, dissimulado pela Folha, porém, evoca a necessidade de manter o mercado internacional em funcionamento, em função dos interesses neoliberais; afinal, como pondera Bourdieu (1997), o jornalismo é afetado pelas pressões comerciais.

Dessa maneira, mesmo que a pauta mobilize saberes do espaço de memória científico, este está subordinado aos saberes do espaço de memória econômico. Assim, a Folha identifica-se com a ciência e contraindica-se com o anticomunismo, mas a partir de interesses ideológicos neoliberais. Nesse aspecto comercial, precisamos destacar que as regiões do interdiscurso estão em relação de desigualdade-contradição-subordinação (Pêcheux, 1995), o que podemos constatar e analisar pela forma como o discurso se organiza. Isso, no caso dessa matéria, significa o seguinte: embora não seja algo transparente ou evidente, na GM, os efeitos de identificação com a ciência tendem a se constituir de forma subordinada à economia, não estando em relação de igualdade. O científico, como saber dominante, pode ter como propósito sustentar o econômico.

Nessas formulações, portanto, se produzem os efeitos de sentido que configuram uma discursividade da pandemia como fato científico, que significa a origem do vírus de maneira natural e de alto potencial de contaminação, sendo importante atentar para as orientações médicas. Todavia, as determinações da *formação ideológica neoliberal* fazem o discurso da Folha trazer saberes do neoliberalismo em suas pautas, que se manifestam, por exemplo, na pergunta e na resposta da SD 7, em relação às compras no mercado internacional. Logo, o não-dito associa a pandemia a um fato econômico, significado numa tensão entre o científico e o econômico.

Projeções semelhantes também aparecem na **matéria 2**, da CNN Brasil, que reiteram os mesmos efeitos de sentido relacionados à ciência e ao neoliberalismo encontrados na matéria

1. Nesta segunda análise, no entanto, há um deslocamento no posicionamento científico dos veículos da GM em relação à culpabilização da China pela pandemia. A reportagem em questão, também publicada na editoria de saúde, é de 06 de abril de 2020 e traz as informações em formato de texto e áudio; nossa análise abarca oito SD.

MATÉRIA 2 (CNN BR)

SD 1 (TÍTULO): O que é o *novo coronavírus* e o que ele está causando no Brasil e no mundo⁷⁶

SD 2 (SUBTÍTULO): *Disseminação* do vírus tem levado a *impactos negativos no mercado financeiro*, cancelamento de eventos e medidas emergenciais em todo o planeta

SD 3: Como surgiu o vírus?

Ainda não se sabe, com certeza, a verdadeira origem do novo vírus causador da doença nomeada pelos cientistas como COVID-19. Ele foi identificado, pela primeira vez, em dezembro de 2019, no mercado de alimentos que vende, *ilegalmente*, animais selvagens na cidade de Wuhan, capital de Hubei, na China. Os casos vieram à tona após relatos de diversos relatos de pneumonia. [...]

SD 4: O coronavírus é muito perigoso?

A OMS define o novo coronavírus como pertencente à família dos mesmos vírus que causam Mers e Sars. É importante lembrar que *é possível se recuperar da doença – cerca de 80% dos pacientes que contraem COVID-19 se recuperam sem a necessidade de tratamentos especiais*.

A taxa de mortalidade global do novo coronavírus é 3,4%, estimou a OMS em março. Em comparação, o surto de Sars registrou uma taxa de 9,6%; o de Mers, de 35%; o da gripe A (H1N1), 1%; da gripe comum, menos de 0,1%; e da gripe espanhola, 2,5%.

SD 5: Como evitar o coronavírus?

A OMS recomenda lavar bem e frequentemente as mãos com sabão, evitar tocar as mucosas dos olhos, cobrir as mãos e o nariz ao tossir e espirrar, usar lenço descartável para higiene nasal, cozinhar bem carnes e ovos, manter os ambientes bem ventilados. É recomendado, também, que se evite contato próximo com animais selvagens, manter distância de, ao menos, um metro de pessoas, evitando aglomerações, e não compartilhar objetos de uso pessoal, como talheres, pratos, copos ou garrafas. [...]

SD 6: O coronavírus tem tratamento?

Por enquanto não, mas pesquisas estão em desenvolvimento. *O Centro de Controle e Prevenção de Doenças dos EUA (CDC) diz* que umidificadores de ar e banhos quentes podem ajudar com a tosse e a dor de garganta. O órgão recomenda beber muito líquido e ficar em repouso. *A OMS desaconselha* a ingestão de analgésicos e/ou antitérmicos porque não há evidências de que eles possam prevenir ou curar a doença. [...]

SD 7: Wuhan determinou a quarentena *tarde demais* ou medidas como essa não têm muita eficácia?

Para a *infectologista Ana Freitas*, é provável que a transmissão já estivesse ocorrendo na cidade muito antes de se ter conhecimento sobre ela em razão do intenso trânsito de pessoas na região. Além disso, há questões em aberto sobre a doença. “Ainda não foram estabelecidas todas as formas de

⁷⁶ O que é o novo coronavírus e o que ele está causando no Brasil e no mundo. CNN Brasil, São Paulo, 06 abr. 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/o-que-e-o-novo-coronavirus-e-o-que-ele-esta-causando-no-brasil-e-no-mundo/>. Acesso em: 26 maio. 2023.

transmissão. A principal é respiratória, mas é preciso entender melhor a carga da doença na comunidade, seu espectro clínico (leve, moderado ou grave), formas e tempo de transmissão e em que fase o doente pode transmitir o vírus.”

[...]

SD 8: Como o coronavírus tem *impactado a economia* mundial?

A disseminação do vírus tem assustado os *investidores* e alguns analistas acreditam que essa pandemia pode levar o planeta à *recessão*. A queda dos investimentos levou caos ao *mercado financeiro*. *Bolsas de valores* pelo mundo têm registrado perdas históricas. No dia 12 de março, *mercados globais* sofreram as piores perdas desde 1987, depois que Trump anunciou a proibição das viagens entre EUA e Europa. [...]

(grifos em itálico são nossos)

Na matéria 2, se compararmos a SD 1 (o título) e a SD 2 (o subtítulo), vemos que a CNN nomeia o vírus como “novo coronavírus” e aponta que falará sobre “impactos” da “disseminação” dele. Ao fazer isso, essa mídia desloca sentidos científicos e os textualiza por meio de saberes econômicos enunciados pela *posição de identificação com a ciência*. Assim, a CNN produz sentido estabelecendo a importância dos temas em foco, entre os quais o primeiro anunciado é ligado ao “mercado financeiro”, que é retomado na SD 8, a qual discorre sobre o impacto do vírus na “economia mundial”. Ainda, o veículo mobiliza os termos “investidores”, “bolsa de valores” e “mercados globais”, que são ligados às elites empresariais. Dessa forma, discute-se a economia de elite e não a do trabalhador assalariado, o que demonstra a significação da pandemia como um fato econômico. Todavia, o não-dito, pelo equívoco, é se tratar de um fato econômico elitizado. Ainda, tal como descrevemos existir no discurso da Folha, a ciência na CNN também está subordinada ao mercado.

Outro elemento interessante na matéria 2, e que diverge do material analisado na matéria 1, é o veículo não estigmatizar a China diretamente, mas sugerir responsabilizações do país, sendo este o momento em que o periódico desloca os sentidos científicos novamente ao enunciar pela *posição de identificação com a ciência*. Inclusive, há um esforço da CNN para controlar os sentidos relativos à pandemia, ao se simular perguntas e respostas baseadas em saberes que não são dúvidas cientificamente objetivas nas SD 3 e de 5 a 8. Tal tentativa de controle da interpretação se dá, por exemplo, quando a CNN informa que as atividades do mercado de animais de Wuhan, onde o vírus pode ter surgido, ocorrem “ilegalmente”, na SD 3, quando temos a contextualização histórica da covid-19 e o discurso do veículo expõe incerteza acerca da origem do vírus e da prática *ilegal* do comércio de animais na região.

A questão do controle dos sentidos e da sugestão da culpa chinesa enunciada nesta matéria 2 pode ser melhor compreendida a partir dos argumentos de Mariani (1996, p. 65), em

sua exposição sobre o discurso pedagógico da mídia na apresentação dos fatos. Segundo a autora, há um reforço dos veículos em simular a objetividade jornalística quando se tenta passar a imagem de que há uma mediação “de forma mais literal possível”, detalhadamente explicada, para o “leitor-aluno”, onde há, na verdade, mascaramento dos efeitos da interpretação dada aos acontecimentos. Nessa perspectiva, a realidade então apresentada como informação sofre efeitos ideológicos, e por isso mesmo é que tratamos o fato jornalístico como discursivo, permeado de diferentes efeitos que direcionam a uma certa interpretação.

Nas interpretações possíveis mediante o discurso da CNN, na SD 4, por outro lado, retoma-se o *efeito de tranquilização* que constatamos na matéria 1, da Folha, quando se informa que é possível haver recuperação da doença sem que, necessariamente, haja “tratamentos especiais”; isso, apesar da matéria ter sido veiculada já após a declaração oficial de pandemia pela OMS. Ou seja, em uma das ocasiões nas quais o aspecto humano da doença é mencionado, tende-se à tranquilização, que, pelo não-dito, objetiva diminuir os impactos da pandemia, pois estes desestabilizam o mercado.

Já na SD 7, vemos um *efeito de sentido de culpabilização da China*, que fica sugerido pela CNN. A pergunta dessa SD mostra que o veículo projeta dúvidas de leitores, ponderando sobre a China “ter determinado a quarentena tarde demais” ou as medidas adotadas em Wuhan não terem eficácia, direcionando efeitos de sentidos de incompetência chinesa para qualquer que fosse a resposta da infectologista que estava sendo entrevistada. Ao expor a resposta da especialista, a CNN faz um recorte da fala da profissional de forma que suaviza a acusação, ao mencionar *probabilidade* (e não certeza) de que o vírus circulava antes de existir conhecimento sobre ele, produzindo o efeito de sentido de *possibilidade* para responsabilização do Governo Chinês. O significado disso quanto ao funcionamento discursivo das formulações da CNN Brasil é que há uma tendência do veículo em produzir sentido *em contraidentificação com o anticomunismo*, dividindo o mundo entre capitalismo e socialismo, evocando negligência da China em relação à pandemia, sem fazer isso explicitamente.

Reforçamos que, assim como caracterizado no discurso da Folha, o da CNN Brasil também significa a pandemia situando-se na *posição de identificação com a ciência*, nas SD 3, 5, 6 e 7, ao nomear o vírus pelo nome científico, fazer referências à OMS, a uma infectologista e ao Centro de Controle de Doenças dos EUA, projetando o efeito de neutralidade. Entretanto, pelas condições de produção do discurso, se considerarmos o cenário de disputas comerciais e políticas históricas entre os EUA e a China, entendemos que quando a CNN faz referência a um órgão científico dos EUA na SD 6, na verdade, ela valida o discurso norte-americano em relação à pandemia. Dessa forma, numa perspectiva global do post, o veículo sugere

incompetência chinesa e valida a ciência norte-americana, demonstrando sua tendência ao anticomunismo. Por essa razão, ainda que haja o funcionamento discursivo pelo viés científico em jogo na GM por ela aderir ao discurso antinegacionista, isso não quer dizer que ele não seja construído politicamente, mobilizando saberes do campo político, deslocando-os para o espaço de memória da ciência.

Distanciando-se do funcionamento discursivo dos dois veículos anteriores da GM em relação às fontes científicas tradicionais que mobilizam, especialmente a OMS, trazemos a **matéria 3**, que representa o discurso da JP News. O post foi feito na editoria “Brasil”, veiculado em 31 de janeiro de 2020 e atualizado em 02 de fevereiro de 2020, possuindo seis SD.

MATÉRIA 3 (JP)

SD 1 (TÍTULO): JP Descomplica: O que é o novo coronavírus?⁷⁷

SD 2: O *novo coronavírus* começou a circular no fim de 2019 e já deixou o mundo todo em alerta. De acordo com os *dados mais recentes*, ele matou mais de 300 pessoas e deixou cerca de 17 mil infectados.

No Brasil, o *Ministério da Saúde* monitora 16 casos suspeitos; até o momento, nenhum foi confirmado. [...]

SD 3: É um vírus novo

Este novo tipo de coronavírus, o *2019-nCoV*, é novo, mas não é o primeiro coronavírus da história. Pelo menos seis são conhecidos. Os últimos, mais semelhantes ao atual, foram o SARS (Severe Acute Respiratory Syndrome) e o MERS (Middle East Respiratory Syndrome). [...]

SD 4: Cobras, morcegos... Transmissão é mistério

Para o *infectologista* André Alves, ainda é muito cedo para dizer qual é a forma de transmissão do vírus. Um *estudo publicado* na última semana no *Journal of Medical Virology*, pelos *cientistas Yu Chen, Qianyun Liu e Deyin Guo*, indicou que o coronavírus pode ter começado a partir da carne de morcegos e cobras — iguaria consumida na China.

SD 5: Sintomas são parecidos com os de uma gripe

Os sintomas do coronavírus são parecidos com os de uma gripe comum: coriza, dores no corpo, tosse, dor de garganta e febre. Nos casos graves, pode haver infecção das vias respiratórias, pneumonia e falta de ar. Esse quadro é mais comum em pessoas com doenças cardiopulmonares, sistema imunológico comprometido ou em idosos.

SD 6: Já é *emergência global*, mas não pandemia

Nesta quinta, o *diretor-geral da Organização Mundial da Saúde (OMS)*, *Tedros Adhanom Ghebreyesus*, declarou que o novo coronavírus se tornou uma “*emergência de saúde internacional*”. Dezenove países já confirmaram a presença do vírus na população. Já são ao menos 212 mortes na China e mais de 9 mil infecções.

(grifos em itálico são nossos)

⁷⁷ JP Descomplica: O que é o novo coronavírus?. **JP News**, São Paulo, 31 jan. 2020. Disponível em: <https://jovempan.com.br/noticias/brasil/coronavirus-o-que-e-quais-sao-os-sintomas-e-qual-e-a-origem.html>. Acesso em: 06 jun. 2023.

Observamos que o discurso da matéria é enunciado pela *posição de identificação com a ciência* porque o veículo aparenta um cuidado em dar embasamento científico e institucional às informações da reportagem, como deve ser feito por quem enuncia do *lugar discursivo que projeta efeito de neutralidade*, característico da GM. O saber científico está presente na SD1 (o título) quando há nomeação do vírus como “novo coronavírus” e também na fala de um “infectologista” e outros “cientistas” nas SD de 2 a 4. Já o saber institucional político pode ser identificado na referência ao “Ministério da Saúde” do Brasil, também na SD 2.

Entretanto, diferente do que se dá na Folha e na CNN, no discurso da JP News, a OMS não consta enquanto autoridade principal no tema da matéria, uma vez que o órgão aparece como referência menos importante, apenas no final da publicação, conforme mostra-se na SD 6, ao se indicar o *status* da pandemia naquele momento. Sobre esse apagamento, conforme discutimos na fundamentação teórica com base em Flores e Neckel (2019), ele representa uma censura da história relacionada ao acontecimento. Nesse aspecto, entendemos que silenciar ou diminuir o protagonismo da OMS se deve ao fato do órgão ser porta-voz das decisões que dominam no campo científico, e a JP ser um veículo da GM que adere ao negacionismo — ora de forma explícita ora de forma sutil. Ou seja, diminuir a voz da OMS pode ser uma forma de questionar sua legitimidade quanto às decisões ligadas ao coronavírus.

Inclusive, nas SD 2, 3 e 5, a Jovem Pan não deixa claro qual foi sua fonte, embora nomeie cientistas e jornais na SD 4. Dessa forma, entendemos haver um silenciamento em relação à importância da autoridade da OMS, entidade esta que tende a ser vista com desconfiança por veículos que assumem *posições de identificação com o anticomunismo e com o negacionismo*, como a JP e outros da MC, analisados na próxima sequência.

A partir dessas três análises, representativas dos discursos da GM no começo das contaminações, então, pudemos ter uma amostra de como os saberes científicos, econômicos e anticomunistas tendem a ser sustentados, reiterados ou silenciados nos discursos do segmento, que, afetados pela *formação ideológica* neoliberal, trabalham as informações acerca da pandemia tomando-a como fato científico significado mediante saberes dos espaços de memória da ciência, da política e também da economia por um viés neoliberal. Nesse sentido, a tomada de posição da ciência na GM tende a estar subordinada à lógica neoliberal. Esse é o jogo de posições predominante no começo da pandemia.

Para demonstrar como outros segmentos produzem sentido acerca desse mesmo período de 2020, trazemos a seguir a MC, que se aproxima discursivamente de parte da GM (em relação

à JP), em seu modo de eleger outras vozes que não são as dominantes para enunciar dados científicos.

Ao produzir sentido a partir de um *lugar discursivo determinado pelo efeito de militância neoconservadora*, afetado pela interpelação decorrente da *formação ideológica de direita*, as materialidades da montagem discursiva 2 tendem a produzir sentido por meio de *posições de identificação com o anticomunismo*, mobilizando saberes do campo político para tanto:

Quadro 8 — Montagem discursiva 2: a origem do coronavírus segundo a MC

MONTAGEM 2		
CAMPO POLÍTICO NO DISCURSO DA MC		
MATÉRIA 4 (BSM): Ditadura comunista pode gerar milhões de mortes novamente.	MATÉRIA 5 (CP): EUA afirmam ter provas “abundantes” da origem da Covid-19 em laboratório chinês .	MATÉRIA 6 (PN): Bolsonaro não descarta que Covid tenha sido arma biológica .

Fonte: A autora (2024).

Na montagem 2, relativa ao segmento conservador, trazemos três matérias cujas publicações são também de 2020, assim como ocorreu na montagem discursiva 1 sobre a GM. A primeira é do site Brasil sem Medo, publicada em 14 de fevereiro de 2020, um mês antes da pandemia ser declarada oficialmente. A postagem é opinativa e analisa o funcionamento discursivo por um critério político de viés anticomunista, no que tange às responsabilizações pelo aumento dos casos da covid-19 ao redor do mundo naquele momento.

MATÉRIA 4 (BSM)

SD 1 (TÍTULO): *Ditadura comunista* pode gerar milhões de mortes novamente⁷⁸

SD 2 (SUBTÍTULO): O *regime comunista chinês* matou entre 50 e 100 milhões de pessoas, somando as vítimas da guerra revolucionária, o Grande Salto para Frente, a Revolução Cultural e a *repressão sistemática* ao longo da *ditadura do PCC* (Partido Comunista Chinês). Agora, o *regime tem responsabilidade direta* pela epidemia do novo coronavírus, ao impedir que o público fosse informado dos primeiros casos da doença, o que poderia levar à sua contenção.

SD 3: *Outra possibilidade* seria o “vazamento” desse vírus de um *laboratório*

⁷⁸ DITADURA comunista pode gerar milhões de mortes novamente. **Brasil sem Medo**, [s.l.], 14 fev. 2020. Disponível em: <https://brasilsemmedo.com/ditadura-comunista-pode-gerar-milhoes-de-mortes-novamente/>. Acesso em 07 mar. 2023.

que pesquisa doenças infecciosas que fica na cidade. Pesquisadores indianos sugeriram que o *genoma do vírus possui indícios de manipulação*, mas tal informação não foi confirmada por outros cientistas. [...]

Qualquer que seja a origem da doença, é certo que as autoridades chinesas tinham informações sobre a existência de um surto e não anunciaram ao público, impedindo que medidas pudessem ser tomadas para contê-lo.

(grifos em itálico são nossos)

Inicialmente, no título da **matéria 4**, na SD 1, a referência à China se dá na menção ao governo “comunista” do país e ao sentido de intencionalidade dele para provocar mortes. Assim, regularizando efeitos de sentido de culpabilização do país pela covid-19, saberes políticos anticomunistas estão materializados nas expressões “gerar milhões de mortes”, intensificada pelo advérbio de modo “novamente”. Esse modo de enunciar, interdiscursivamente, não evoca sentidos apenas para o acontecimento da pandemia, uma vez que a rede de memória anticomunista implicada traz efeitos de sentido políticos de totalitarismo chinês e risco dele para o mundo, em referência à Revolução Cultural do Governo de Mao Tsé-Tung e aos conflitos geopolíticos com o ocidente.

Em relação a esse modo da MC evocar o passado da China, especificamente na época do governo de Mao, lembramos que Xue (2003) explica existir uma interpretação de totalitarismo para o comunismo daquele período. Dessa forma, evocar o período chinês de 1966 a 1976 para significar a pandemia em 2020 faz parte do jogo de sentidos em disputa para sustentar que a política totalitarista é vigente na China atualmente. Além disso, a filiação ideológica da MC à direita afeta o modo como o segmento produzirá sentido relacionado à esquerda, geralmente em confronto e projetando um inimigo, conforme Kaysel (2022) e Mariani (1996) argumentaram sobre o anticomunismo.

Considerando que veículos filiados à direita precisam projetar a esquerda como uma ameaça, entendemos que, na SD 2, as expressões “regime comunista chinês matou [...] milhões” e “gerar mortes novamente” produzem um efeito dessa ameaça atribuída ao governo chinês, porque este agiria intencionalmente para produzir morte, mais de uma vez. Ainda, na SD 2 tais sentidos são reiterados quando se enuncia: “o regime chinês matou”, “repressão sistemática”, “ditadura do PCC” e “responsabilidade direta”.

Na SD 3, por sua vez, coloca-se em evidência a “outra possibilidade” narrativa para a origem do coronavírus. Nesse momento, o discurso do veículo cita o “vazamento” e aponta “indícios de manipulação” do vírus. Dessa maneira, como ressaltado na SD 3, para “qualquer que seja a origem”, o governo chinês tem culpa. O efeito de culpabilização da China — pela

pandemia e por mortes do passado no governo de Mao Tsé-Tung —, portanto, é enunciado e reiterado pelo BSM.

Na sequência, a **matéria 5** expõe que esse funcionamento discursivo pelo ponto de vista político de viés anticomunista é recorrente na MC, de forma dominante. A próxima análise é do portal CP e também foi veiculada em fevereiro de 2020, quando se sabia pouco sobre a doença, e as acusações contra a China circulavam amplamente em veículos de direita.

MATÉRIA 5 (CP)

SD 1 (TÍTULO): EUA afirmam ter provas “abundantes” da origem da Covid-19 em laboratório chinês⁷⁹

SD 2 (SUBTÍTULO): O *secretário de Estado americano*, Mike Pompeo, declarou neste domingo (3) que há uma ‘*enorme*’ quantidade de provas de que a pandemia do novo coronavírus *surgiu em um laboratório de Wuhan*, berço da epidemia na China.

SD 3: A afirmação do *chefe da diplomacia dos Estados Unidos* acontece três dias depois do *presidente Donald Trump* ter feito a *mesma acusação*.

SD 4: “A *China* é conhecida por sua *propensão a infectar o mundo* e a utilizar laboratórios que não respeitam as normas. Esta *não é a primeira vez que o mundo é ameaçado* por um vírus proveniente de um laboratório”, completou o chefe da diplomacia americana.

(grifos em itálico são nossos)

O discurso do CP nessa matéria sustenta dois efeitos de sentido que são constantemente reiterados no segmento conservador e em parte da GM: culpabilização da China e validação dos EUA como fonte legítima para investigar a origem da doença, conforme SD 1 e 2, inclusive por poder provar “abundantemente” a culpa do governo Chinês, como mostra o título da publicação na SD 1. Sem que haja menção a fontes científicas, os saberes do campo político continuam a ser mobilizados pela *posição-sujeito de identificação com o anticomunismo* nas SD 2 e 3 da reportagem, quando é mencionado o fato do porta-voz da informação ter sido o “Secretário de Estado americano, Mike Pompeo”, e que ele reiterou a “mesma acusação” já feita pelo então presidente dos EUA, “Trump”.

Há, no entanto, mais que o efeito de culpabilização da China: caracterizar as provas como “abundantes” no título e reiterar no subtítulo que é “enorme” a quantidade desse material é um discurso que intensifica tal culpa. Ainda, na SD 4, o vestígio discursivo relativo à “intensificação” da culpa chinesa pela pandemia é reforçado pela projeção de ameaça do país

⁷⁹ EUA afirmam ter provas “abundantes” da origem da Covid-19 em laboratório chinês. **Conexão Política**, Brasília, 05 maio 2020. Disponível em: <https://www.conexaopolitica.com.br/internacional/2020/05/05/eua-afirmam-ter-provas-abundantes-da-origem-da-covid-19-em-laboratorio-chines/>. Acesso em 06 jun. 2023.

ao mundo, também reafirmado já que “não é a primeira vez que o mundo é ameaçado”.

Na mesma posição-sujeito que o CP enuncia, outros sites conservadores repercutiram o discurso de líderes brasileiros da direita e apresentaram discursos semelhantes durante o ano de 2020. Tais manifestações de políticos brasileiros eram alinhadas às dos EUA em relação à pandemia. Identificamos esse alinhamento na próxima matéria, que é uma reportagem do Pleno News, de outubro de 2020, em meio à alta de casos de coronavírus no Brasil e no período eleitoral da campanha para prefeitos e vereadores daquele mesmo ano:

MATÉRIA 6 (PN)

SD 1 (TÍTULO): Bolsonaro não descarta que Covid tenha sido ‘*arma biológica*’⁸⁰

SD 2 (SUBTÍTULO): Presidente disse que *vírus “pode ter escapado”*

SD 3: – Eu *não posso falar* isso. Os países se preparam para guerra com bombas. Aí tem a guerra nuclear, bacteriológica, *o pessoal mexe com vírus em laboratório. Pode ter escapado isso aí* – disse Bolsonaro na noite desta quarta (28), em frente ao Palácio da Alvorada.

SD 4: Um dos eleitores chegou a perguntar sobre a “*ordem mundial*”, teoria sobre as relações geopolíticas mundiais. Jair Bolsonaro afirmou que “isso existe”, mas que *não poderia comentar sobre o assunto* porque a conversa estava sendo gravada.

(grifos em itálico são nossos)

Em relação à matéria 6, por ter sido veiculada no período eleitoral municipal, com muitos líderes de direita buscando fortalecer o bolsonarismo e a direita, no ano de 2020 também vivemos “um ensaio” das eleições presidenciais de 2022, a qual Bolsonaro perdeu, mas deixou aliados no poder. Nessa perspectiva, não podemos ignorar que a pandemia se tornou um “bode expiatório” para ler o mundo sob a ótica de que a direita detinha uma visão de que ela era salvadora dos “males” da esquerda em defesa da “democracia”, como Kayser (2022) discutiu existir no entendimento da direita. Por isso, embora não se cite a China diretamente, nas SD da **matéria 6**, sugere-se a intencionalidade chinesa em fazer da pandemia uma “arma biológica”, como indica o título na SD 1, e o subtítulo, na SD2, quando é dito que o vírus “pode ter escapado”.

Os saberes mobilizados para tanto são do campo político, ligados a circunstâncias históricas e geopolíticas de disputa entre capitalistas e socialistas que remonta à Guerra Fria. A

⁸⁰ BOLSONARO não descarta que Covid tenha sido ‘arma biológica’. **Pleno News**, Rio de Janeiro, 29 out. 2020. Disponível em: https://pleno.news/brasil/politica-nacional/bolsonaro-nao-descarta-que-covid-tenha-sido-arma-biologica.html?fb_comment_id=4637497379625128_4637716106269922#. Acesso em 09 fev. 2023

memória discursiva se atualiza à situação em curso na pandemia por meio de um imaginário recorrente na MC no qual a China “agride” o mundo e a direita detém a verdadeira leitura desse fato histórico relacionado ao coronavírus. Assim, pela *posição de identificação com o anticomunismo*, o discurso do veículo projeta na fala de Bolsonaro uma perseguição sofrida pela direita, quando informa que o líder se auto silencia, dizendo “não posso falar isso” na SD 3, ou que “não poderia comentar sobre esse assunto” na SD 4, mesmo após dizer que o vírus “pode ter escapado” no mesmo enunciado em que mencionou “guerra nuclear, bacteriológica”.

O veículo, assim, circula como informação o que é especulação e regulariza efeitos de sentido de culpa contra a China, mediante alinhamento discursivo com posições de líderes conservadores da direita. Dessa maneira, predominantemente, para a MC, o acontecimento discursivo da pandemia é significado como um fato político.

Em contrapartida, numa *desidentificação com o anticomunismo e identificação com a ciência*, no ano de 2020, a MA articulou seus discursos por meio de um funcionamento sustentado pelo viés político de esquerda, em defesa da ciência e da China, apresentando um contraponto à MC.

No que diz respeito às diferenças em relação à GM, ainda que também enuncie em *identificação com a ciência*, os discursos dos veículos da MA circulam a partir do *lugar discursivo determinado pelo efeito de militância progressista*, afetado pela *formação ideológica de esquerda*, que desloca saberes do campo político de esquerda para a posição científica. Ademais, este segmento não se projeta como neutro, mas como um jornalismo de posição (Becker, 2009); diferenciando-se da GM, que simula neutralidade. A aproximação entre GM e MA, no entanto, se dá por ambos aderirem aos discursos antinegacionistas, o fazendo conforme interesses distintos.

Quadro 9 — Montagem discursiva 3: a origem do coronavírus segundo a MA

MONTAGEM 3		
CAMPO CIENTÍFICO E POLÍTICO NO DISCURSO DA MA		
MATÉRIA 7 (AP): Epidemia de Fake News.	MATÉRIA 8 (BRF): Veja o que se sabe e o que ainda é incerto sobre o surto do coronavírus.	MATÉRIA 9 (BR247): Estudo genético mostra por que vírus da covid-19 não foi “feito em laboratório”.

Fonte: A autora (2024).

No segmento da MA, a **matéria 7** trata-se de uma reportagem da Agência Pública, veiculada em março de 2020, começo da crise sanitária, 13 dias após a declaração oficial de pandemia.

MATÉRIA 7 (AP)

SD1 (TÍTULO): Epidemia de Fake News⁸¹

SD 2: Chá de erva-doce cura o coronavírus”; “Analista israelense especializado em *guerras biológicas* afirma que *novo coronavírus foi fabricado* em laboratório chinês”; “Cuba criou vacina contra coronavírus”. Essas são algumas das notícias falsas compartilhadas sobre a pandemia do coronavírus nas redes sociais brasileiras.

Para barrar esse fluxo de desinformação, agentes de saúde, órgãos oficiais, pesquisadores e jornalistas estão trabalhando incessantemente. O Ministério da Saúde criou um aplicativo e um site apenas para tratar do tema coronavírus. Até as plataformas de redes sociais anunciaram medidas especiais nesse sentido, como *direcionar buscas sobre a doença a sites oficiais*. [...]

SD 3: Outra *teoria da conspiração* bastante frequente *acusa a China de ter criado o vírus como uma arma biológica para derrubar a economia mundial*. Sobre esse boato, Lopes pontua: “Nesse caso aí da China, é muito difícil, porque você não consegue ir lá para tentar pegar os dados, então você tem que achar outras formas”. Recentemente, *uma pesquisa científica provou que não há evidências* de que o vírus tenha origem diferente da evolução natural. [...]

IMAGEM 1 / SD4:



(grifos em itálico são nossos)

Produzindo um *efeito de denúncia*, na presente publicação, a Agência Pública enuncia majoritariamente pela *posição de identificação com a ciência*, sinalizando seu confronto e *desidentificação* em relação à posição *anticomunista*, visto pelo modo de enunciar nomeando a existência de uma “epidemia de fake news”, conforme o título do post, na SD 1. Nesta matéria 7, conforme consta nas SD 1 e 2, explora-se a problemática das “*fake news*” e mostra-se algumas das “notícias falsas” que circularam tanto acerca do enfrentamento à covid-19 quanto relacionadas à origem do coronavírus.

De imediato, em seu discurso, o veículo caracteriza tais informações como dado “falso”. Entendemos, assim, que a MA não legitima teorias conspiratórias contra a China e tende a

⁸¹ EPIDEMIA de Fake News. **Agência Pública**, São Paulo, 23 mar. 2020. Disponível em: <https://apublica.org/2020/03/epidemia-de-fake-news/>. Acesso em: 20 maio. 2023.

abordar o assunto apontando-o como “fake news”, diferente da forma como a GM e a MC tendem a veicular informações das investigações (até então inconsistentes) contra a China. Ainda, uma das teorias mais contestadas pela MA é relativa à origem do vírus ser intencional e beneficiar a China economicamente de alguma forma, conforme SD 3 e 4, sendo novamente um conteúdo tratado como “falso”, sem “evidência” científica ou base de dados econômicos.

Considerando que a *formação ideológica* da MA é de esquerda e seu *lugar discursivo* é *determinado pelo efeito de militância progressista*, entendemos que esses dois fatores levam o veículo a formular discursos sobre teorias conspiratórias relacionadas à China de forma diferente da GM (que enuncia por uma perspectiva neoliberal dos fatos). Por isso, ainda que ambas enunciem *em identificação com a ciência*, os dois segmentos mobilizam saberes diferentes, especialmente no que diz respeito a temas ligados ao campo político, porque GM e MA não estão interpeladas pela mesma ideologia.

Assim, enquanto na GM temos um fato científico em função dos interesses neoliberais, na MA a pandemia se torna notícia como um fato científico alinhado aos interesses geopolíticos de esquerda que resultam na defesa da China, afastando de seu interdiscurso os sentidos que evoquem a culpabilização da China ou o anticomunismo. Dessa forma, o funcionamento discursivo pelo científico predominante na MA se articula pelo político de esquerda.

Na SD2, chamou nossa atenção o fato do discurso da Agência Pública também expor um alinhamento institucional entre o jornalístico e o científico quando informa que “agentes de saúde, órgãos oficiais, pesquisadores e jornalistas” trabalham para “barrar esse fluxo de desinformação”, o que sugere o efeito de sentido que a imprensa aliada à ciência dominante é porta-voz da verdadeira informação, parâmetro este no qual a MA estaria representada. Acreditamos que, para a MA, enunciar a cooperação de diferentes campos (político, científico e da informação) seja uma estratégia para combater as notícias falsas a partir da retomada da confiança social nas instituições, uma vez que, como argumentam D’Ancona (2018) e Barbosa (2020), a disseminação de desinformação está ligada à quebra de confiança na imprensa e na ciência, por exemplo.

Reiterando os sentidos científicos na MA, os quais se confrontam às posições e efeitos anticomunistas, a **matéria 8** é do site BRF e traz três recortes de uma reportagem da editoria de saúde. O post informa o que havia de dados em 30 de janeiro de 2020 sobre o então novo coronavírus, apontando o que era “certo” e “incerto” naquele começo das contaminações e descobertas.

Essa pauta da MA se relaciona temporalmente com aquelas da GM que foram veiculadas em janeiro de 2020, nas quais garantir a manutenção do fluxo normal de compras

no comércio internacional era uma preocupação da GM, mesmo em pautas sobre saúde. Na MA, por outro lado, o funcionamento discursivo pré-pandemia não tem sentidos econômicos recorrentes e se dá pela mobilização predominante do campo científico, mesmo em relação ao que ainda parecia cientificamente incerto pelo fato de estar sob investigação, conforme diz o título na SD 1:

MATÉRIA 8 (BRF)

SD 1 (TÍTULO): Veja o que se sabe e o que ainda é *incerto* sobre o surto do coronavírus⁸²

SD 2: Como se trata um novo organismo (uma evolução da família do coronavírus), ainda há pouca informação sobre suas características e formas de combate. Mesmo entre a *comunidade científica e órgãos de saúde*, as *dúvidas são maiores do que as respostas*, até o momento. Por isso, o Brasil de Fato fez um resumo com base no que dizem *especialistas, Ministério da Saúde e Organização Mundial da Saúde*. Confira a seguir:

SD 3: Qual é a *origem do vírus?*

Os primeiros casos do 2019-nCov foram notificados em Wuhan, cidade com mais de 11 milhões de habitantes na China Central, há cerca de um mês.

Os primeiros casos estavam associados a pessoas que tiveram contato com um mercado de peixes da cidade, o que levou *autoridades chinesas a acreditarem que a transmissão ocorreu entre animais marinhos e humanos*. Por enquanto, *esta é apenas uma hipótese*. [...]

(grifos em itálico são nossos)

Nesta matéria, podemos verificar que os discursos foram enunciados pela posição *de identificação com a ciência*. O vestígio da produção de sentidos ligados à ciência ocorre quando se mostra que a base dos dados vem da "comunidade científica e órgãos de saúde", como especialistas, Ministério da Saúde e OMS, conforme a SD 2. Inclusive, a OMS aparece como uma das fontes principais, diferente do que constatamos na matéria 3, da JP, na qual a OMS tinha seu protagonismo diminuído.

Cabe pontuar também que, no momento pré-pandemia, no qual "dúvidas são maiores do que as respostas", como indica a SD 2, o veículo não coloca como fato jornalístico as teorias que culpavam a China pela pandemia. Além disso, não se projeta como pano de fundo saberes do campo econômico como a GM faz, pois, para a MA, não interessa a garantia do fluxo de compras no mercado internacional, porque a formação ideológica de esquerda pode até eleger a economia como preocupação, mas a partir das concepções ligadas a combater a desigualdade social e não à estabilidade das grandes corporações.

⁸² Veja o que se sabe e o que ainda é incerto sobre o surto do coronavírus. **Brasil de fato**, São Paulo, 30 jan. 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/01/30/veja-o-que-se-sabe-e-o-que-ainda-e-incerto-sobre-o-surto-do-coronavirus>. Acesso em: 24 maio. 2023.

Nesse aspecto, reiteramos que Indursky (2023) explicou ser na MA onde circulam sentidos que costumam estar interditados na GM. Sobre isso, ressaltamos que, em outros posts de nosso levantamento, o Brasil de Fato também foi um dos sites que circulou manifestações contra a estigmatização dos chineses⁸³, algo que não tende a acontecer nos veículos da MC e da GM.

Tal como a Agência Pública, os discursos enunciados pela *posição de identificação com a ciência* neste site da MA não projetam as suspeitas contra a China sobre a origem do vírus como algo científico. Nesse sentido, o único efeito de sentido sustentado foi o do caráter natural do surgimento do coronavírus, na “hipótese” de uma “transmissão [...] entre animais marinhos e humanos” (SD 3), versão esta aceita até então pela ciência dominante.

A **matéria 9**, que representa o discurso do site BR247, da MA, também sustenta os sentidos científicos sobre a origem natural do vírus, conforme vimos nas outras mídias do segmento. A análise dessa matéria traz SD de uma reportagem replicada da revista Oásis para o site em questão em 24 de maio de 2020.

MATÉRIA 9 (BR 247)

SD 1 (TÍTULO): *Estudo genético mostra por que vírus da covid-19 não foi “feito em laboratório”*⁸⁴

SD 2: *Estudo traz evidências de que vírus SARS CoV-2 surgiu a partir dos processos naturais de evolução dos seres vivos.*

SD 3: *Quando a epidemia de covid-19 começou a avançar pelo mundo, surgiu uma grande controvérsia sobre a origem do vírus SARS CoV-2, que provoca a doença. Houve até quem dissesse que o vírus foi manipulado ou mesmo fabricado em laboratório. No entanto, um estudo de pesquisadores dos Estados Unidos, Escócia e Austrália, descrito em carta publicada na revista Nature Medicine, em 17 de março, traz evidências de que o SARS CoV-2 surgiu a partir dos processos naturais de evolução dos seres vivos. [...]*

SD 4: *O texto aponta mutações no genoma do vírus que o tornam mais infeccioso em seres humanos e que surgem aleatoriamente durante sua replicação. Essas mudanças são imperfeitas, o que torna improvável a hipótese de terem sido produzidas pelo homem. [...]*

(grifos em itálico são nossos)

Nesta matéria 9, na SD1, o veículo produziu sentido para o título dado a partir das *posições-sujeito de identificação com a ciência* (pelo vestígio “estudo genético”) e *com a*

⁸³ Matéria aparece em nossa análise 17: ORGANIZAÇÕES de 20 países lançam abaixo-assinado contra estigmatização de chineses. **Brasil de fato**, São Paulo, 18 fev. 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/02/18/assembleia-internacional-lanca-abaixo-assinado-contra-estigmatizacao-de-chineses>. Acesso em: 24 maio. 2023.

⁸⁴ ESTUDO genético mostra por que vírus da covid-19 não foi “feito em laboratório”. **Brasil 247**, São Paulo, 24 maio. 2020. Disponível em: <https://www.brasil247.com/oasis/fim-de-papo-estudo-genetico-mostra-por-que-virus-da-covid-19-nao-foi-feito-em-laboratorio>. Acesso em: 22 maio. 2023.

concepção político-social de esquerda (pelo vestígio “não foi ‘feito em laboratório’”). Sobre esta última posição, lembramos que os discursos nela enunciados tendem a expor as contradições políticas, sociais e econômicas da pandemia, combater as desigualdades sociais e confrontar ao anticomunismo. Nesse sentido, mobilizando saberes do campo científico e político, na SD2, o subtítulo, complementa-se a informação do título, trazendo a hipótese mais aceita pela comunidade científica em relação à origem natural do vírus. Além disso, nomeia-se o vírus por seu nome científico: SARS CoV-2.

Na SD 3, projeta-se uma oposição aos saberes de senso comum, quando é dito em tom de crítica: “Houve até *quem dissesse* que o vírus foi manipulado ou mesmo fabricado” (*grifo nosso*). Nesse ponto, “quem dissesse” representa um saber não legitimado, sem base que o comprove, numa expressão genérica que não remete à autoridade, como se daria em um dado de cunho científico. Esse modo de enunciar sinaliza um confronto em relação ao discurso do BR247 e a *posição de identificação com o senso comum*, inclusive porque o que fundamenta a informação do veículo é de natureza científica: “pesquisadores [...] carta publicada na revista *Nature Medicine*”.

Nas SD 3 e 4, reitera-se o efeito de sentido de rejeição à culpabilização da China, caracterizando como “improvável” a hipótese do vírus ter sido criado de forma intencional. O site informa ainda que há fontes dos Estados Unidos e mais dois países que mostram isso: “[...] um estudo de pesquisadores dos Estados Unidos, Escócia e Austrália [...] traz evidências de que o SARS CoV-2 surgiu a partir dos processos naturais de evolução”. A pandemia, então, discursivamente, circula na MA como fato científico e político, em defesa da China. A menção sobre diversos países tendo pesquisadores compondo o estudo citado sugere também que há um entendimento da comunidade internacional contra a tal culpabilização da China pela pandemia.

A propósito desse funcionamento discursivo no jornalismo, que informou sobre as investigações relacionadas à China e às teorias de conspiração contra o país no que tange ao surgimento da pandemia, a próxima análise explica como se deu o funcionamento discursivo sobre umas dessas investigações na GM, MC e MA, com a maioria das matérias sendo de três anos depois, em 2023. Na sequência, a próxima montagem discursiva compara os discursos dos três segmentos e mostra que os debates contra o governo chinês tanto foram veiculados como legítimos (MC e parte da GM) quanto como duvidosos (MA e parte da GM).

Nessa progressão da cobertura jornalística sobre a origem do coronavírus, a MC e parte da GM aderiram às posições de identificação com o anticomunismo e respectivos efeitos de culpabilização do país asiático, o que se confronta com as posições sustentadas pela MA e outra parte da GM, que se mantiveram em posições de identificação com a ciência.

Nesse sentido, em 2023, umas das principais pautas relacionadas às especulações acerca do início da pandemia foi um relatório norte-americano confidencial, elaborado pelo Departamento de Energia dos EUA, que teve ampla repercussão midiática no Brasil a partir de informações oriundas de fontes secundárias, sobretudo jornais dos EUA⁸⁵ ou entrevistas isoladas de autoridades do país.

Essas informações do relatório colocaram em questão pelos menos três enfoques polêmicos ou contraditórios sobre como o vírus surgiu, a saber: 1) a probabilidade da pandemia ter surgido de um laboratório na China, gerando um efeito de culpabilização sobre o governo chinês; 2) a falta de informações suficientes para afirmar que a pandemia teve origem em um vazamento, o que levava à classificação do relatório como de “baixa confiança”; e 3) a ausência de consenso na inteligência norte-americana no que tange às informações do documento e à origem da pandemia.

Considerando, então, a ampla cobertura a partir de fontes secundárias acerca de tal documento (já que ele não foi divulgado), na montagem discursiva 4, duas matérias da GM e 3 da MC são sobre ele. Como um veículo da GM e os três da MA não elegeram essa pauta como assunto a publicar, recorreremos a reportagens similares, a partir das posições que eles assumiram em defesa da China.

Quadro 10 – Montagem discursiva 4: a origem do coronavírus segundo os três segmentos

MONTAGEM 4	
CAMPO CIENTÍFICO E POLÍTICO NOS DISCURSOS DA GM, MC E MA	
<p style="text-align: center;">GM</p> <p style="text-align: center;">MATÉRIA 10: (CNN BR): Agência dos EUA agora avalia que pandemia surgiu de vazamento em laboratório.</p> <p style="text-align: center;">MATÉRIA 11: (JP): Departamento dos EUA avalia que pandemia surgiu de vazamento acidental em laboratório.</p>	<p style="text-align: center;">GM</p> <p style="text-align: center;">MATÉRIA 15: (FSP): Teoria de que Covid surgiu em laboratório é nefasta, diz autor de 'Contágio' em novo livro.</p>

⁸⁵ LAB Leak Most Likely Origin of Covid-19 Pandemic, Energy Department Now Says. **Wall Street Journal**, 26 fev. 2023. Disponível em: <https://www.wsj.com/articles/covid-origin-china-lab-leak-807b7b0a>. Acesso em 13 ago. 2023.

MC	MA
<p>MATÉRIA 12: (BSM): Origem da covid-19, agora admitida, foi considerada falsa por checadores.</p>	<p>MATÉRIA 16: (AP): Robôs levantaram <i>hashtag</i> que acusa China pelo coronavírus.</p>
<p>MATÉRIA 13: (CP): Agência avalia que pandemia da Covid-19 surgiu de vazamento em laboratório chinês.</p>	<p>MATÉRIA 17: (BRF): Organizações de 20 países lançam abaixo-assinado contra estigmatização de chineses.</p>
<p>MATÉRIA 14: (PN): Agência reavalia: Pandemia veio de acidente em laboratório.</p>	<p>MATÉRIA 18: (BR247): EUA tentam mais uma vez culpar a China pela Covid-19.</p>

Fonte: A autora (2024).

Começando pelos discursos da GM, a **matéria 10** compreende uma reportagem da CNN Brasil, que materializa a filiação do veículo a uma *posição de identificação com o anticomunismo*. Contudo, antes da análise, é primordial explicar as condições de produção desta pauta sobre o relatório dos EUA acerca da origem da pandemia, especialmente porque também é assunto das matérias da MC e outra da GM nesta montagem 4.

No que diz respeito à pauta “origem da pandemia” e às fontes de informação acerca disso, desde 2020, os Estados Unidos protagonizaram várias investigações, sendo a maioria delas mediante a alegação de que a pandemia poderia não ter surgido naturalmente, mas ser consequência de um vazamento em laboratório chinês. No Brasil, durante toda a pandemia, as discussões sobre responsabilidades do governo chinês fomentavam a circulação de teorias da conspiração contra a China, especialmente nos enunciados de políticos de direita. Logo, para a direita, era relevante colocar em evidência “notícias” que projetassem culpa sobre a China, pois isso validava o discurso conservador de que a pandemia era uma arma biológica

Nesse cenário, a CNN publicou dados do relatório dos EUA de 2023 no dia 26 de fevereiro do mesmo ano, na editoria de saúde. O post tem recursos em vídeo, áudio, texto, fotos e links de “leia mais” que conduzem o leitor a outras matérias de temas semelhantes. Nossa análise abrange quatro SD da matéria.

MATÉRIA 10 (CNN BR)

SD 1 (TÍTULO): Agência dos EUA agora avalia que pandemia *surgiu* de vazamento em laboratório⁸⁶

⁸⁶ AGÊNCIA dos EUA agora avalia que pandemia surgiu de vazamento em laboratório. **CNN Brasil**, São Paulo, 26 fev. 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/agencia-dos-eua-agora-avalia-que-pandemia-surgiu-de-vazamento-em-laboratorio/>. Acesso em 28 mar. 2023.

SD 2: O *Departamento de Energia dos Estados Unidos* mudou seu posicionamento sobre a origem da pandemia de Covid-19 e avalia, agora, que o vírus se espalhou *provavelmente* a partir de um *vazamento accidental* em um *laboratório de Wuhan, na China*. A informação consta em um *relatório de inteligência confidencial* recentemente fornecido à *Casa Branca* e aos principais membros do Congresso. [...]

SD 3: O novo relatório destaca como *diferentes partes da comunidade de inteligência* chegaram a *juízos díspares* sobre a origem da pandemia. O *Departamento de Energia* agora se junta ao *Departamento Federal de Investigação (FBI, na sigla em inglês)* ao dizer que o vírus *provavelmente* se espalhou por um *acidente em um laboratório chinês*. *Quatro outras agências*, juntamente com um *painel nacional de inteligência*, ainda julgam que foi provavelmente o resultado de uma *transmissão natural*; *duas estão indecisas*. [...]

A comunidade de *inteligência dos EUA* é composta por *18 agências*, incluindo escritórios nos departamentos de Energia, Estado e Tesouro. *Oito deles* participaram da revisão das origens da Covid-19 junto com o *Conselho Nacional de Inteligência*.

SD 4: A conclusão do *Departamento de Energia* é relevante porque a *agência possui considerável conhecimento científico* e supervisiona uma *rede de laboratórios nacionais dos EUA*. No entanto, o departamento fez seu julgamento com *“baixa confiança”* de acordo com pessoas que leram o relatório confidencial. Já o *FBI*, que havia chegado à mesma conclusão antes, tem *“confiança moderada”* nesta visão. [...]

(grifos em itálico são nossos)

De seu *lugar discursivo determinado pelo efeito de neutralidade informativa*, afetado pela *formação ideológica neoliberal*, a CNN parece neutra ao atribuir uma informação à “Agência dos EUA”, segundo a qual a pandemia “surtiu” em laboratório, conforme afirma-se na SD 1 (o título). Todavia, entendemos haver aí uma articulação da *posição-sujeito anticomunista*, pela qual o veículo produz sentido por meio de um discurso que opera um *efeito de neutralidade* para informar como relevante uma informação inconclusiva, baseada nas declarações de autoridades legítima(da)s pelo veículo. Assim, apesar do título ser incoerente com o que se apresenta em várias materialidades do post no que tange à falta de consenso sobre a culpa chinesa, o veículo produz nesse título um *efeito de verdade* para culpabilizar a China, direcionando os sentidos para responsabilizar a China.

No que diz respeito ao *efeito de verdade*, cabe ressaltar que Indursky e Rodrigues (2020) explicam se tratar de uma projeção, uma torção discursiva que se dá pela ideologia à qual se está identificado. No caso desta publicação, a torção ocorre pelo viés anticomunista que a GM adota. Inclusive, nesta matéria, silencia-se o sentido *accidental* do suposto vazamento, porque, interdiscursivamente, enunciar apenas “vazamento” no título também deixa à margem uma

interpretação de algo *intencional* e não um *acidente*, o que reitera a filiação do veículo com a *posição-sujeito de identificação com o anticomunismo*.

Na SD 2, informa-se sobre o fato da hipótese de um vazamento do coronavírus em laboratório estar no âmbito da probabilidade, pelo vestígio “provavelmente”. Logo, o “surgiu” no título demonstra o gesto de interpretação da CNN, que dirige os sentidos sobre a pandemia para que esta seja entendida como fruto de um vazamento. Já na SD 3 consta que tal hipótese sequer é aceita por maioria entre as oito agências envolvidas, pois quatro delas e um painel de inteligência discordam, além de mais duas agências estarem “indecisas”. Ou seja, além do suposto vazamento ser *possibilidade* e não *certeza*, também não é *consenso*.

Outro ponto a destacar nessa reportagem é a sobreposição do discurso político ao científico, cujo funcionamento discursivo é de legitimar a autoridade dos norte-americanos em investigar a origem do coronavírus. Isso é observado na constante referência nas SD 2, 3 e 4 à liderança política dos EUA, nas menções ao “Departamento de Energia”, “FBI”, “Casa Branca” e “Conselho Nacional de Inteligência”. Em contrapartida, há apenas uma referência na matéria a saberes do campo científico, quando é informado que a “agência possui considerável conhecimento científico e supervisiona uma rede de laboratórios nacionais dos EUA”. Todavia, mesmo ressaltando na matéria que há “considerável conhecimento científico” envolvido no trabalho dos EUA, vemos que o relatório em questão do Departamento de energia tem “baixa confiança”. Já o do FBI tem “confiança moderada”. Portanto, veicula-se desinformação, que produz um *efeito de verdade* acerca do que se trata de uma teoria inconclusiva, diferente do que foi colocado no título.

Assim como ocorreu na análise anterior, a **matéria 11**, da JP, mostra que parte da GM tende a se articular discursivamente sob o “verniz” do efeito de neutralidade, mas posicionando-se politicamente de modo a culpar a China. Cobrindo a mesma pauta da matéria 10, da CNN, (sobre o relatório dos EUA), a próxima análise é de uma notícia publicada na editoria “mundo”, também em 26 de fevereiro de 2023. Nossa análise compreende o texto na íntegra, por se tratar de uma notícia curta em parágrafo único.

MATÉRIA 11 (JP)

SD 1 (TÍTULO): Departamento dos EUA avalia que pandemia *surgiu* de *vazamento acidental* em laboratório⁸⁷

⁸⁷ DEPARTAMENTO dos EUA avalia que pandemia surgiu de vazamento acidental em laboratório. **JP News**, São Paulo, 26 fev. 2023. Disponível em: <https://jovempan.com.br/noticias/mundo/departamento-dos-eua-avalia-que-pandemia-surgiu-de-vazamento-acidental-em-laboratorio.html>. Acesso em: 20 maio. 2023.

SD 2 (SUBTÍTULO): Informação consta em um relatório de *inteligência confidencial* recentemente fornecido à *Casa Branca*

SD 3 (NOTÍCIA NA ÍNTEGRA): A pandemia da Covid-19 *pode ter surgido* de um vazamento acidental em um laboratório de Wuhan, na China. Isso é o que avalia o *Departamento de Energia dos Estados Unidos*. A informação consta em um relatório de inteligência confidencial recentemente fornecido à *Casa Branca* e aos principais membros do Congresso. Antes, o departamento dizia que tinha dúvidas sobre a origem do vírus. A nova posição está em uma atualização de um documento de 2021 do escritório da *diretora de Inteligência Nacional, Avril Haines*. O documento mostra que *diferentes partes da comunidade de inteligência chegaram a julgamentos díspares* sobre a origem da pandemia. A avaliação do *Departamento de Energia* agora se junta ao *Departamento Federal de Investigação* (FBI, na sigla em inglês). Ambos acreditam que o vírus *provavelmente* se espalhou por um acidente em um laboratório chinês. *Quatro outras agências, juntamente com um painel nacional de inteligência, ainda julgam que foi provavelmente o resultado de uma transmissão natural. Duas seguem indecisas.* A comunidade de inteligência dos EUA é composta por 18 agências, incluindo escritórios nos *departamentos de Energia, Estado e Tesouro*. Oito deles participaram da revisão das origens da Covid, junto com o *Conselho Nacional de Inteligência*.

(grifos em itálico são nossos)

Inicialmente, pontuamos que, apesar de ser umas das mídias da GM que mais enunciam pela *posição de identificação com o anticomunismo*, nesta matéria, o discurso do título dado pela JP News não silencia o sentido de “acidente” em relação ao suposto vazamento do coronavírus em laboratório. Porém, ainda assim, na SD1, o título, formula-se que o vírus “surgiu” e não “provavelmente surgiu”, direcionando a interpretação para certeza de, no mínimo, uma negligência da China.

Dessa forma, o dado científico da origem da pandemia é noticiado por meio de um discurso político que valida a atuação dos serviços de inteligência e segurança norte-americanos na investigação da origem do vírus, e os sobrepõe a autoridades científicas, conforme expressasse nas SD 2 e 3. Neste discurso sobre EUA e China, enunciados pela *posição-sujeito de identificação com o anticomunismo*, o veículo enuncia de modo a validar os posicionamentos dos EUA, mesmo que eles sejam frágeis. Ainda, cabe mencionar que os Estados Unidos representam o neoliberalismo no mundo moderno e são oponentes históricos do comunismo, da esquerda e da China. Assim, entendemos melhor o porquê de as mídias da GM, que enunciam a partir de uma *formação ideológica neoliberal*, validarem a voz dos EUA.

Mesmo assim, a GM é um segmento heterogêneo e por isso encontramos vestígios na montagem discursiva 4 que expõem divergências no segmento em relação ao modo de responsabilizar a China pela pandemia. Nessa perspectiva, os confrontos se dão pelos veículos

que enunciam pela posição *de identificação com a ciência* e os que o fazem pela posição de *identificação com o anticomunismo*.

Em relação à posição anticomunista, é a adesão a ela que alinha discursos de parte da GM e da MC, especialmente quando tratam da criação ou vazamento do vírus. Na GM, apesar do “verniz” científico e pretensão de neutralidade que se projeta, os discursos admitem a circulação de sentidos sobre a criação do vírus em laboratório e negligência chinesa, mesmo que não haja consistência em tais informações. Além disso, o segmento também mobiliza saberes de sua agenda neoliberal política e econômica, que visa a manter a estabilidade comercial. Na MC, por outro lado, o funcionamento discursivo tende mais ao político, para tentar regularizar o efeito de sentido de vazamento, projetando *certeza* da culpa do governo chinês, enquanto a GM ainda fica na margem interpretativa da *possibilidade*.

A próxima matéria analisada, então, aborda como a MC, representada pelo BSM, trabalhou em 2023 os sentidos sobre a origem da pandemia. A análise traz quatro SD de uma reportagem publicada no dia 1 de março de 2023, com materialidades imagéticas e verbais.

MATÉRIA 12 (BSM)

SD 1 (TÍTULO): Origem da covid-19, agora admitida, foi considerada falsa por checadores⁸⁸

IMAGEM 2 / SD 2:

EX-FAKE NEWS

Origem da covid-19, agora admitida, foi considerada falsa por checadores



Alguns dos sites acusados de “fake news” pelos checadores viraram alvos de campanhas de boicote e entraram no radar da Justiça por oferecer uma visão diferente da narrativa oficial

SD 3: Alguns dos sites acusados de “fake news” pelos checadores viraram alvos de *campanhas de boicote* e entraram no radar da Justiça por oferecer uma *visão diferente da narrativa oficial*.

⁸⁸ ORIGEM da covid-19, agora admitida, foi considerada falsa por checadores. **Brasil sem Medo**, [s.l.], 01 mar 2023. Disponível em: <https://brasilsemmedo.com/checadores-atacam-sites-e-jornalistas-que-falaram-sobre-origem-da-covid-agora-confirmada/>. Acesso em 30 maio. 2023.

SD 4: Depois de quase três anos atacando sites e jornalistas que falavam sobre as *suspeitas da verdadeira origem do vírus chinês*, os *checadores* passaram a noticiar, nesta semana, um *relatório oficial em que o Departamento de Energia dos Estados Unidos reconhece* que a pandemia covid-19 *“provavelmente” surgiu* a partir de um vazamento de laboratório chinês em Wuhan, na China.

Antes de virar *ex-fake news*, a informação foi classificada pelo *consórcio da grande mídia* como *“teoria da conspiração”, “desinformação”, “mentira”, “distorção” e “informação falsa”*. [...]

SD 5: Esta semana, sem citar as próprias checagens ou mencionar eventuais prejuízos morais e financeiros aos sites acusados de “fake news”, *todos os “jornais checadores” que integram o consórcio de mídia* - que passou a chancelar ou cancelar determinadas notícias e opiniões no Brasil - *estamparam as manchetes com a conclusão* do relatório emitido pelo Departamento de Energia dos Estados Unidos. [...]

(grifos em itálico são nossos)

Por meio de um funcionamento discursivo pelo viés negacionista, acima do título, conforme consta na imagem 2 (SD 2) da **matéria 12**, a materialidade “ex-fake news” evoca o modo de enunciação de deboche ou ironia que a publicação tem e também produz um *efeito de verdade* quanto à origem do coronavírus em laboratório. Assim, por meio dos saberes enunciados pela *posição de identificação com o anticomunismo*, o assunto desta pauta é o relatório (inconclusivo) dos EUA, também analisado nas duas matérias anteriores (da CNN BR e da JP).

Ainda sobre a imagem que ilustra a reportagem, ela sugere o manuseio de algo em laboratório, feito por uma pessoa que parece ser asiática, tendo em vista os traços que podem ser característicos dessa região. A composição remete à teoria da conspiração de culpa chinesa pela pandemia, que estaria supostamente provada no relatório norte-americano, reiterando o sentido da SD 1, no título, que reforça uma alegada *admissão* para a origem intencional do vírus, como se agora tal dado fosse algo concreto e incontestável, enquanto antes era negado. Trabalha-se, assim, o *efeito de verdade* sobre a origem do vírus ser em laboratório.

Em sua *posição de identificação com o anticomunismo*, a partir do *lugar discursivo determinado pelo efeito de militância neoconservadora*, afetado pela interpelação decorrente da *formação ideológica de direita*, o BSM sustenta o mesmo discurso negacionista que enunciava em 2020, conforme visto na montagem 2, relativa ao início da pandemia. Três anos depois, o site apresenta a informação por meio de três efeitos de sentido principais: 1) defesa da MC, 2) ataque à GM e 3) legitimação do relatório do Departamento de energia dos EUA contra a China.

O primeiro efeito é expresso na SD 3, quando o veículo faz referência aos “sites acusados de 'fake news'”, os quais são da MC. Afirma-se que tais portais ofereciam “uma visão

diferente da narrativa oficial", que agora teria sido refutada pelo documento dos EUA. Já o segundo efeito pode ser visto na seguinte materialidade da SD 4: “Antes de virar ex-fake news, a informação foi classificada pelo consórcio da grande mídia como ‘teoria da conspiração’[...]”, que cita a GM diretamente, acusando-a. Inclusive nesta mesma SD, o veículo silencia o caráter *acidental* do vazamento, deixando margem para uma interpretação de *intenção* chinesa no vazamento.

Já o terceiro efeito, por fim, aparece na SD 5, no enunciado: “[...] um relatório oficial em que o Departamento de Energia dos Estados Unidos reconhece que a pandemia covid-19 “provavelmente” surgiu [...]”. Nesse ponto, chama a nossa atenção o fato do advérbio *provavelmente* estar entre aspas, mas a forma verbal *surgiu* não, o que pode sugerir ironia sobre o sentido de *probabilidade* porque o discurso do portal visa a estabilizar a *certeza* de culpa da China sobre a pandemia. Dessa forma, silencia-se a falta de consenso nas agências norte-americanas e ironiza-se a probabilidade, que, na verdade, seria coerente com o que se sabe pelas fontes secundárias sobre o documento norte-americano.

O que se pretende estabilizar neste veículo da MC ao longo de toda a pandemia, portanto, é a culpabilização da China em relação à origem da pandemia.

Regularizando esse mesmo efeito de sentido, a **matéria 13** apresenta como o site CP também abordou o relatório do Departamento de Energia dos EUA de 2023. A análise se dá em quatro recortes de uma reportagem veiculada no dia 27 de fevereiro de 2023, na editoria “internacional”.

MATÉRIA 13 (CP)

SD 1 (TÍTULO): Agência avalia que pandemia da Covid-19 *surgiu de vazamento em laboratório chinês*⁸⁹

SD 2: O Departamento de Energia dos Estados Unidos considera que a *origem da pandemia de Covid-19 possa ter se espalhado a partir de um vazamento em um laboratório de Wuhan, na China.*

A informação consta em um *relatório de inteligência confidencial* recentemente fornecido à *Casa Branca* e aos principais membros do *Congresso*.

SD 3: As *suspeitas sobre a origem COVID-19 têm sido veiculadas pelo Conexão Política desde 2020*. Há quase três anos, desde o início da pandemia, este jornal digital tem reportado diversas frentes. Tal abordagem foi *na contramão dos grandes veículos de comunicação*, que deram palco à (*sic*) *narrativas sensacionalistas e, muitas vezes, endereçadas ao caos político e social — omitindo relatos que pudessem comprometer o governo da China e suas respectivas autoridades, como o Partido Comunista chinês*. [...]

⁸⁹ AGÊNCIA avalia que pandemia da Covid-19 surgiu de vazamento em laboratório chinês. **Conexão Política**, Brasília, 27 fev. 2023. Disponível em: <https://www.conexaopolitica.com.br/internacional/2023/02/27/agencia-avalia-que-pandemia-da-covid-19-surgiu-de-vazamento-em-laboratorio-chines/>. Acesso em 29 mai. 2023.

SD 4: Em maio de 2020, o Conexão Política noticiou: “EUA afirmam ter provas “*abundantes*” da origem da Covid-19 em *laboratório chinês*”.

No mesmo mês, este jornal digital reportou: “*Trump* diz que viu *evidências ligando o coronavírus ao laboratório de Wuhan*, e volta a acusar a *OMS de acobertamento*”.

Em junho daquele ano, outra matéria foi veiculada por nós: “*Coronavírus vazou de laboratório chinês*, diz ex-chefe de *serviço secreto britânico*”.

Ainda em setembro de 2020, outra reportagem do CP foi ao ar: “*Refugiada nos EUA, médica chinesa diz ter provas de que novo coronavírus foi criado em laboratório chinês*”.

À vista disso, a teoria da *fuga do novo coronavírus de um laboratório chinês ganha novo impulso*. A *comunidade científica* acredita que é crucial saber detalhes sobre a *Gênese da pandemia* para poder combater melhor o vírus e, a partir dos dados, atuar para evitar uma próxima.

(grifos em itálico são nossos)

Na SD1, título da matéria, vemos o silenciamento do veículo no que se refere aos sentidos de *probabilidade e acidente* relativos ao “vazamento” discutido no relatório em questão. Esse apagamento se dá pelo fato dos veículos da MC enunciarem por meio da *posição de identificação com o anticomunismo*, cuja tendência é de culpabilizar a China. No título, a forma verbal “surgiu” desacompanhada do advérbio *provavelmente*, ou da referência a “vazamento”, sem o detalhe do *acidental*, demarcam um gesto de interpretação de acusação contra a China, já que o dito nesse caso não reflete o documento norte-americano e representa, na verdade, interdiscursivamente, os saberes políticos anticomunistas dissimulados no discurso do CP. Outrossim, apenas a SD 2 aponta o sentido de *probabilidade* por meio da expressão “possa ter se espalhado”, embora o veículo continue a silenciar o sentido de acidente.

Já nas SD 3 e 4, trabalha-se a memória discursiva da pandemia por meio de um discurso de defesa do próprio veículo, que parece se orgulhar de ter circulado outras matérias semelhantes relativas a uma possível origem intencional do coronavírus “desde 2020”, “na contramão dos grandes veículos de comunicação”, reiterando seu anticomunismo ao longo da pandemia. Nessa perspectiva, as outras postagens do site, que são referenciadas na matéria, intensificam o efeito de sentido de culpa da China, conforme mostra a SD 4 no que diz respeito às provas “*abundantes*” dos EUA, à “*médica chinesa*” que está “*refugiada nos EUA*” e tem provas contra a China, ou de Donald Trump que “*volta a acusar a OMS de acobertamento*”, porque acusação e menções de provas se repetem.

Assim, a conclusão sobre os discursos da MC acerca da origem da pandemia é de que os sentidos em circulação-confronto ressignificam o coronavírus enquanto um fato conspiratório do governo chinês, tendo a ciência (de forma distorcida) como subordinada ao

político de direita no jogo de posições. Ao validar informações da covid-19 como uma criação chinesa, esse sentido é sempre retomado e estabilizado.

Ainda na MC, a próxima postagem analisada é do PN, cujas materialidades indicam ser ele o mais moderado entre os portais que escolhemos do segmento conservador. O site o desloca sentidos políticos na posição anticomunista em relação ao que enunciou em 2020; o que não significa a inexistência de desinformação nele⁹⁰. Na sequência, a **matéria 14** abarca seis recortes de uma reportagem publicada em 26 de fevereiro de 2023 na editoria internacional de “mundo”.

MATÉRIA 14 (PN)

SD 1 (TÍTULO): Agência *reavalia*: Pandemia veio de acidente em laboratório⁹¹

SD 2: Vírus *teria* se espalhado a partir de *vazamento acidental* em um laboratório de Wuhan.

SD 3: O *Departamento de Energia dos Estados Unidos mudou seu posicionamento* sobre a origem da pandemia de Covid-19 e *avalia, agora*, que o vírus se espalhou *provavelmente* a partir de um *vazamento acidental* em um laboratório de Wuhan, na China. A informação consta em um relatório de inteligência confidencial recentemente fornecido à *Casa Branca* e aos principais membros do *Congresso*.

Até então, o Departamento de Energia manifestava dúvidas sobre a origem do vírus. A nova posição aparece em uma atualização de um documento de 2021 do escritório da diretora de *Inteligência Nacional* Avril Haines. [...]

SD 4: *Autoridades dos EUA se recusaram a dar detalhes* sobre as novas informações que levaram o Departamento de Energia a mudar de posição. Eles acrescentaram que, embora o Departamento de Energia e o FBI digam que um vazamento não intencional do laboratório é mais provável, eles chegaram a essas conclusões por diferentes razões.

SD 5: Quatro outras agências, juntamente com um painel nacional de inteligência, ainda julgam que foi *provavelmente* o resultado de uma *transmissão natural*; *duas estão indecisas*. [...]

SD 6: Um *porta-voz do Departamento de Energia se recusou* a discutir os detalhes da avaliação. O *FBI também se recusou* a comentar. A *China contesta* que o vírus possa ter vazado de um de seus laboratórios e sugere que ele surgiu fora do país. O *governo chinês não respondeu a pedidos de comentários* sobre se houve alguma mudança em sua avaliação.

(grifos em itálico são nossos)

⁹⁰ ALIADO: Sol forte pode matar coronavírus em 34 minutos. **Pleno News**, Rio de Janeiro, 23 jun. 2020. Disponível em: <https://pleno.news/saude/coronavirus/aliado-sol-forte-pode-matar-coronavirus-em-34-minutos>. Acesso em 23 jun. 2020. (OBS: post excluído do site sem publicação de errata).

⁹¹ AGÊNCIA reavalia: Pandemia veio de acidente em laboratório. **Pleno News**, Rio de Janeiro, 26 fev. 2023. Disponível em: <https://pleno.news/mundo/agencia-diz-que-covid-19-surgiu-de-acidente-em-laboratorio.html>. Acesso em 21 abr. 2023.

O título da reportagem, SD 1, tem um funcionamento discursivo importante, relativo à presença do efeito de sentido de “acidente” na culpabilização atribuída à China no que tange ao vazamento do vírus, demarcando que o suposto vazamento em laboratório não seria algo *intencional*, mas *acidental*. Se comparado a 2020, quando havia regularização de culpa chinesa por meio do discurso ligado à guerra, pelo qual a pandemia era significada como “arma biológica”, em 2023 o veículo muda seu discurso e, de fato, desloca sentidos políticos na *posição-sujeito anticomunista* para significar o efeito de sentido do surgimento do vírus como algo acidental. De forma geral, então, o PN chega ao fim da pandemia amenizando a culpa chinesa em relação à intencionalidade, mas ainda ressaltando a negligência do país.

Entretanto, embora o veículo materialize o sentido de acidente, no título ele silencia o sentido de *probabilidade* da hipótese abordada no documento norte-americano, algo que só aparece no subtítulo (SD2) — pelo vestígio “teria” — e na SD 3 — pelo termo “provavelmente”, como informação secundária.

Além disso, informa-se que não há como verificar as acusações dessa negligência chinesa, por não haver detalhes fornecidos pelos norte-americanos para tanto. Portanto, apesar do discurso do título sugerir certeza de culpa da China, o PN textualiza a inconsistência e a falta de transparência dos EUA. Isso aparece nas SD 4 e 5, quando se relata o fato da constatação do relatório não ter sido unânime, pois informa-se haver agências que apontam probabilidade de “transmissão natural”, além de outras estarem “indecisas”.

Todavia, mesmo que o Pleno News produza sentido a partir da *posição de identificação anticomunismo* de maneira a deslocar sentidos para sinalizar o ponto de vista acidental sobre a “culpa chinesa”, ele ainda está nessa posição, tendo em vista que não há ruptura ideológica com o anticomunismo. Ademais, o anticomunismo fica explícito na SD 6, quando se pontua que a China “não respondeu se houve alguma mudança de avaliação”, mesmo o site tendo acabado de escrever sobre a *contestação* do governo chinês contra as acusações norte-americanas, e a recusa destes em dar detalhes do relatório que sequer foi tornado público. Dessa forma, de 2020 a 2023, na MC, o uso predominante dos saberes do campo político anticomunista implica que o funcionamento discursivo sobre a pandemia neste site se deu pelo viés político.

Em contraponto, apesar dos discursos outrora alinhados entre MC e GM, a GM produz sentido a partir de um funcionamento discursivo que atenua o efeito de culpabilização da China. Nessa pluralidade de posições da GM, as formulações se dão pelos efeitos de sentido que rechaçam ou tornam relevantes e validam teorias conspiratórias sobre a origem do vírus.

Nos títulos das notícias e reportagens do nosso levantamento⁹², percebemos que, no jogo de posições, há na GM um confronto de sentidos quanto à origem do vírus quando os veículos informam se a pandemia veio da ação humana (chinesa, especificamente) ou se isso é uma teoria de conspiração, conforme formulações que sugerem inviabilidade da hipótese de criação do vírus. Assim, nessa circulação-confronto de sentidos, o coronavírus é significado como *probabilidade, certeza ou impossibilidade*.

Em sequência, a próxima análise traz uma matéria veiculada pela FSP em 30 de janeiro de 2023, na editoria de ciência, que remete à contestação da teoria de que o vírus foi criado em laboratório. Nesse ponto, demonstra-se um deslocamento de sentidos na posição *de identificação com o anticomunismo* nos grandes conglomerados de comunicação, a partir dessa materialidade da Folha, que produz sentido a partir de uma atenuação dessa culpa chinesa quanto ao caráter intencional de criação do vírus — entretanto, não no quesito da negligência da China. Por isso, entendemos que há nessa materialidade uma *contraidentificação* com o anticomunismo, pois há rejeição da teoria de criação, mas não da negligência do país.

Sobre a escolha da pauta da matéria analisada a seguir, justificamos que o veículo não publicou nada a respeito do relatório norte-americano que foi referência das análises anteriores. A reportagem que escolhemos na **matéria 15** aborda o papel da China na origem do coronavírus, sem, contudo, mencionar o documento dos EUA.

A matéria 15 trata acerca do livro do autor norte-americano David Quammen, que discorre sobre a corrida científica para tratar a doença causada pelo coronavírus. Inclusive, cabe pontuar que a CNN BR e a JP não publicaram nada a respeito da obra; logo, infere-se que não elegeram o livro um fato a ser noticiado.

MATÉRIA 15 (FSP)

SD 1 (TÍTULO): *Teoria de que Covid surgiu em laboratório é nefasta, diz autor de 'Contágio' em novo livro*⁹³

SD 2 (SUBTÍTULO): *David Quammen considera, por outro lado, plausível que indícios sobre a gênese do vírus Sars-CoV-2 tenham sido ocultados deliberadamente*

SD 3: *Depois de entrevistar quase uma centena de cientistas do mundo todo e reconstruir passo a passo o processo de descoberta do vírus causador da Covid-19, o escritor americano David Quammen diz que hipóteses sobre uma suposta origem da doença no laboratório muito provavelmente são balela.*

⁹² Ver metodologia, onde falamos da coleta do *corpus*.

⁹³ TEORIA de que Covid surgiu em laboratório é nefasta, diz autor de 'Contágio' em novo livro. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 30 jan. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2023/01/teoria-de-que-covid-surgiu-em-laboratorio-e-nefasta-diz-autor-de-contagio-em-novo-livro.shtml>. Acesso em: 18 maio. 2023.

"Às vezes é complicado ajudar o público a entender isso. Mas os cientistas têm dificuldade de prever as características que transformariam um coronavírus numa ameaça global", explica ele. [...]

SD 4: Autor de alguns dos mais importantes livros de divulgação científica das últimas décadas, Quammen acaba de lançar "Sem Fôlego", relato do *duelo entre a ciência e a pandemia* nos últimos anos. O trabalho de Quammen chegou a ser descrito como profético quando o "novo coronavírus", como era chamado então, começou a se espalhar pelo planeta nos primeiros meses de 2020. Em "Contágio", livro publicado por ele quase uma década antes, o autor detalha como os patógenos (causadores de doenças) pandêmicos surgem a partir de animais selvagens e aponta os coronavírus como grandes candidatos a causar um desastre global, como de fato aconteceu. [...]

SD 5: Considerando o que se sabe sobre as pandemias do passado, Quammen afirma não ter se surpreendido com a quantidade de *desinformação* que ainda circula sobre a Covid-19 e com o fato de que muitos *líderes políticos não parecem ter aprendido nada com a pandemia*. "*Cabe a nós fazer todo o possível para que o público consiga entender como a ciência funciona*", diz o autor.

(grifos em itálico são nossos)

De antemão, na matéria 15, o primeiro impacto que a Folha causa é na escolha do seu título, na SD 1, ao utilizar o termo “nefasta” em referência à teoria da suposta criação do vírus SARS CoV-2 em laboratório. Pelo fato dessa mídia se projetar como “jornalismo de informação”, produzindo um *efeito da neutralidade*, segundo o qual esse veículo não poderia adjetivar diretamente as teorias conspiratórias em torno do coronavírus, estas são classificadas como “nefastas” a partir da voz do autor do livro. A *formação discursiva jornalística* admite que as declarações do escritor sejam pontuadas como a informação principal e faça eco à voz do próprio periódico em sua *posição-sujeito de identificação com a ciência*, por isso, o veículo recorre a tal recurso para dissimular seu posicionamento e confrontar o negacionismo científico.

Diante disso, dois dados desta reportagem merecem destaque: 1) a Folha elegeu falar da obra como fato relevante; 2) ela também elegeu que a informação principal era rotular negativamente a teoria sobre criação do vírus em laboratório. Desse modo, discursivamente, a pandemia é significada como fato científico.

Ainda sobre essa matéria, na SD 2, o subtítulo traz como segunda informação mais importante do post a probabilidade de intencionalidade na ocultação de dados no começo da pandemia. De forma sutil, não se culpa a China ou a OMS diretamente, apenas aponta-se que é plausível ter havido ocultação de dados. Por isso, entendemos que o discurso do veículo não caracteriza um rompimento com a *forma-sujeito* de uma FD política anticomunista, mas apenas desloca-se, já que, apesar do uso do termo “nefasto”, algo do imaginário conspiratório é

sustentado como “plausível”. Assim, o veículo produz um *efeito de dúvida* sobre a transparência relativa ao tratamento inicial dado ao vírus pelas autoridades responsáveis na China.

Outro dado importante de análise desta matéria 15 aparece na SD 4, quando se aponta a nacionalidade do autor, que é dos EUA. O que também tem impacto ao se debater sobre o coronavírus por meio de um *efeito de dúvida* em assuntos ligados à China, por causa dos tradicionais conflitos geopolíticos entre os dois países. Todavia, mesmo assim, uma possível *contraidentificação com o anticomunismo* se dá pelos efeitos de sentido ligados ao mal gerenciamento de uma doença natural. Logo, a Folha (e o autor do livro em questão) posicionam-se ainda em *identificação com a ciência*.

Nas SD de 2 a 4 também reitera-se a *posição-sujeito de identificação com a ciência* quando se menciona o “duelo entre ciência e a pandemia” na SD 3, ou as desinformações na SD 4, cujo combate seria responsabilidade dos cientistas e jornalistas, já que o autor afirma que “cabe a nós” fazer o público entender “como a ciência funciona”.

Consideradas as análises da montagem discursiva 4, de maneira geral, pode-se concluir que o funcionamento do discurso jornalístico da GM sobre a origem do novo coronavírus se deu por meio da circulação-confronto de sentidos entre ciência, economia e anticomunismo. Na relação entre os lugares e posições implicados no discurso dos veículos do segmento, o discurso da Folha, no jogo de posições, é o que mais apresenta uma defesa da ciência, o fazendo pelo viés político.

Neste ponto de análise, após também verificarmos que a MC tenta estabilizar o efeito de culpabilização da China, consideramos relevante observar que o segmento mais contestador das posições *de contraidentificação e de identificação* com o anticomunismo é a MA, cujas materialidades circulam produzindo um efeito de sentido de contestação das teorias de conspiração e das notícias falsas sobre a origem do coronavírus.

Dessa maneira, confirmamos nosso entendimento de que além da MA produzir sentido por meio de saberes do campo científico, como vistos nas análises da montagem discursiva 3, ela também confronta e se desidentifica com a *posição-sujeito anticomunista*, ao enunciar pela *posição de identificação com a concepção político-social de esquerda*, afetada por sua filiação ideológica de esquerda, na qual as teorias da conspiração contra a China não são tratadas como algo científico, mas como “improvável”.

Nesse sentido, as acusações contra a China são refutadas na MA a partir de gestos de interpretação que expõem o funcionamento político das investigações alegadamente científicas dos EUA contra a China, por exemplo. Para demonstrar tal funcionamento discursivo, trazemos a seguir as três últimas matérias da montagem discursiva 4 que está sendo analisada. Todas são

da MA, sendo as duas primeiras de 2020, pelo fato das mídias analisadas não terem falado sobre a origem da pandemia três anos depois⁹⁴; e a última é de 2023. A **matéria 16** é uma reportagem da Agência Pública, de março de 2020.

MATÉRIA 16 (AP)

SD 1 (TÍTULO): *Robôs levantaram hashtag que acusa China pelo coronavírus*⁹⁵

SD 2 (SUBTÍTULO): Embora (*sic*) ministro Ernesto Araújo tenha sugerido mediar conflito, *rede bolsonarista impulsiona tweets contra China*.

SD 3: Segundo levantamento feito pela Agência Pública, a hashtag *#VirusChines*, que chegou aos Trending Topics no Twitter ontem (19 de março), contou com o auxílio de robôs e foi *coordenada por influenciadores virtuais*.

Tudo começou quando, no dia 18 de março, o *deputado federal Eduardo Bolsonaro, filho zero três do presidente*, retuitou postagem de Rodrigo da Silva, fundador do portal Spotniks, que *culpa o governo chinês pela pandemia do coronavírus*. “*A culpa é da China e liberdade seria a solução*”, acrescentou.

SD 4: Menos de 12 horas depois, a *Embaixada da China no Brasil repudiou* o posicionamento do zero três. “*As suas palavras são extremamente irresponsáveis e nos soam familiares*”, respondeu o órgão em sua conta oficial de Twitter.

O *embaixador chinês no Brasil, Yang Wanming, também respondeu* ao deputado “*Tal atitude flagrante anti-China não condiz com o seu estatuto como deputado federal*, nem a sua qualidade como uma figura pública especial”, tuitou marcando o ministro das Relações Exteriores, Ernesto Araújo, a Câmara dos Deputados e o presidente da Casa, Rodrigo Maia.

SD 5: Além de indicar a relação da *base bolsonarista* e a abrangência internacional do movimento, as hashtags utilizadas juntamente com a *#VirusChines* também evidenciam o *caráter xenofóbico da campanha*. Utilizada 321 vezes, a *#VirusXingLing* é um exemplo.

A *expressão Xing Ling, em si, já tem tom preconceituoso e racista* e são comuns tuítes de mesmo caráter. Em um deles, que traz a hashtag *#EduardoBolsonaroTemRazao* e foi retuitado por um dos perfis mais ativos, *o vírus é desenhado remetendo à fisionomia chinesa*.

(grifos em itálico são nossos)

Ao abordar a pandemia a partir de uma *posição de identificação com a concepção político-social de esquerda*, e se *desidentificar com a posição anticomunista*, o discurso da AP nesta matéria é articulado por meio de três gestos de interpretação que não costumam aparecer na MC e na GM: 1) a atribuição de difusão teorias de conspiração aos políticos conservadores, 2) a presentificação da voz institucional da China e 3) a denúncia da sinofobia e do

⁹⁴ Falaram de outras pautas que são analisadas nos movimentos 2 e 3.

⁹⁵ ROBÔS levantaram hashtag que acusa China pelo coronavírus. **Agência Pública**, São Paulo, 20 mar. 2020. Disponível em: <https://apublica.org/2020/03/robos-levantaram-hashtag-que-acusa-china-pelo-coronavirus/>. Acesso em: 20 maio. 2023.

anticomunismo. Dessa forma, além de se desidentificar com o *efeito de culpabilização da China*, a AP produz um *efeito de confronto com o anticomunismo* do segmento conservador e de parte da GM.

O primeiro gesto, que remete à *defesa da China*, pode ser visto no título, a SD 1, quando se informa que as acusações contra o país circularam na rede social *twitter* (atualmente nomeada como X) por ações de "robôs", o que indica manipulação de conteúdo nas redes sociais. Em seguida, no subtítulo, a SD 2, o veículo apresenta quem foi o agente dessa manipulação: "a rede bolsonarista". Dessa maneira, a informação principal da reportagem é dizer que a direita conservadora brasileira manipula a circulação de informações falsas contra a China.

Na SD 3, o discurso da AP mostra a operacionalização dessa manipulação, que visa a culpabilizar o governo chinês pela pandemia, indicando o deslocamento de sentidos que conservadores evocam para o coronavírus quando renomeiam o vírus por uma designação política, conforme escrito na *hashtag* “#víruschines”. Além disso, a AP expõe os nomes de lideranças políticas relacionadas com o fato, mencionando o então “deputado federal Eduardo Bolsonaro” e seu vínculo de “filho” do presidente do Brasil na época. Assim, saberes do campo político são mobilizados no discurso da AP para confrontar a acusação (também política) contra a China.

O segundo gesto que identificamos, de dar espaço para vozes institucionais da China, aparece na SD 4, mostrando que a Embaixada do país no Brasil respondeu contra as acusações rapidamente, “menos de 12 horas depois” do início dos posts no *twitter*. O portal também coloca a posição dos chineses em citação direta, mantendo o protagonismo dos chineses em sua defesa e mobilizando um discurso político, pois o embaixador chinês no Brasil, Yang Wanming, criticou a figura política do deputado envolvido, além de marcar outras autoridades brasileiras do MRE e da Câmara dos deputados. Há aqui um *efeito de institucionalização política* na discussão da AP sobre a origem da pandemia, em contraponto às *posições-sujeito que aderem ao senso comum*, expressa quando o veículo informa que a campanha no *twitter* “foi coordenada por influenciadores virtuais”, na SD 3.

Por fim, na SD 5, o discurso da AP significa a pandemia aparentemente como fato social, todavia em função de um fato político, por evocar “caráter xenofóbico da campanha”, que se sustenta a partir da *posição-sujeito de identificação com o anticomunismo*. Por isso, o coronavírus é nomeado como “#viruschines” ou “#VirusXingLing”, e a AP classifica esse modo de enunciar como “preconceituoso”; o que demonstra o fato de, em seu jornalismo de posição, a AP não se isentar de opinar sobre os fatos que veicula. Nesse aspecto opinativo, como ponderado por Becker (2009), a MA é um segmento que se constitui como um

contraponto às mídias de grandes conglomerados, adotando uma prática jornalística cujo posicionamento é assumido, rejeitando um jornalismo que se diz apenas “informativo”. Por isso, é comum que pautas como a desta matéria 16 tragam a materialização desse posicionamento sem o efeito de neutralidade, mas de forma explícita.

Considerando o dito na SD5 e que a SD3 afirma que o preconceito contra os chineses se constrói sob o discurso que “culpa o governo chinês pela pandemia do coronavírus”, entendemos que esse acontecimento, então, é significado enquanto fato político porque o preconceito contra os chineses se manifesta a partir de uma perspectiva política anticomunista relacionada ao regime que governa o país, e não meramente por causa da nacionalidade chinesa.

Essa perspectiva da pandemia como fato político também aparece em outros veículos da MA, como o BRF, conforme analisamos na próxima matéria, veiculada em fevereiro de 2020.

MATÉRIA 17 (BRF)

SD1 (TÍTULO): Organizações de 20 países lançam abaixo-assinado *contra estigmatização de chineses*⁹⁶

SD 2 (SUBTÍTULO): Diante do surto de infectados pelo coronavírus, *população chinesa tem sido alvo de racismo e xenofobia*.

SD 3: A *Assembleia Internacional dos Povos* lançou um abaixo assinado, no dia 11 de fevereiro, pela não estigmatização dos chineses, em decorrência do surto de infecções por coronavírus, em um encontro realizado na Tunísia.

SD 4: Na primeira semana de fevereiro, o *Instituto Cultural Brasil-China* (Ibrachina), responsável pelo Observatório do Coronavírus que repassa *informações confiáveis aos chineses que estão no Brasil*, foi alvo de ataques racistas no meio digital.

Nos 100 primeiros comentários feitos em uma publicação sobre coronavírus, foram registrados 23 *xenofóbicos*, como "uma nação nojenta e não tem um pingo de higiene, frios com os animais, nota zero, vejo que esses comportamentos não são de seres humanos" e "*deveríamos deportar todos os xing ling do Brasil e cortar relações internacionais com eles para sempre!!*".

(grifos em itálico são nossos)

Em um funcionamento discursivo que retoma os sentidos sociais e políticos relacionados à origem da pandemia e ao preconceito contra os chineses, o título da **matéria 17** indica qual é a informação mais importante da publicação: há representatividade da sociedade civil para combater o “racismo” no âmbito da pandemia. O subtítulo, na SD 2, reitera que a população chinesa tem sofrido “xenofobia”.

⁹⁶ ORGANIZAÇÕES de 20 países lançam abaixo-assinado contra estigmatização de chineses. **Brasil de fato**, São Paulo, 18 fev. 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/02/18/assembleia-internacional-lanca-abaixo-assinado-contra-estigmatizacao-de-chineses>. Acesso em: 24 maio. 2023.

Nas SD 3 e 4, apresenta-se também um discurso institucional quando é enunciado que o evento reuniu organizações da sociedade numa “Assembleia Internacional dos Povos”, cujo nome já sinaliza um modo de consenso social e representatividade.

Um ponto importante dessa matéria, que demonstra a pandemia como fato político foi a exposição do tom preconceituoso e de seu consequente *efeito de desumanização* para os chineses, conforme a SD 5: “[...] nação nojenta e não tem um pingo de higiene, frios com os animais, [...] não são de seres humanos [...] ”deveríamos deportar todos os xing ling do Brasil [...]”. Nesse sentido, entendemos que a xenofobia decorre do *anticomunismo*, o que nos ajuda a entender a razão dos comentários racistas da SD3 pedirem um corte das “relações internacionais” com os chineses “para sempre”, sendo essas relações um elemento tipicamente político-econômico.

Na sequência das análises, com um *corpus* de três anos depois do início da pandemia, um dos poucos veículos da MA que falaram sobre o relatório de 2023 elaborado pelo Departamento de Energia dos EUA foi o BR247. O veículo seguiu trabalhando a memória discursiva a partir dos saberes geopolíticos de esquerda em defesa da China, que tendem a ser regularizados da MA. A **matéria 18** aborda como a cobertura do documento norte-americano se deu no BR247 em um post de março de 2023.

MATÉRIA 18 (BR 247)

SD 1 (TÍTULO): *EUA tentam mais uma vez culpar a China pela Covid-19*⁹⁷

SD 2: *Contudo, o rastreamento da origem do novo coronavírus é uma questão científica. A parte estadunidense não deve politizar o tema, diz a mídia chinesa*

SD 3: [...] o jornal Wall Street Journal publicou uma reportagem, dizendo que o *Departamento de Energia* do país ofereceu um *relatório secreto para a Casa Branca e o Congresso*, segundo o qual, *o vírus da Covid-19 poderia ter vazado de um laboratório da China*. Outros veículos de imprensa rapidamente seguiram o “hype” em uníssono. [...]

SD 4: No entanto, o New York Times citou palavras de um funcionário que conhece a situação, dizendo que o próprio Departamento de Energia qualificou o relatório como um *documento de baixa credibilidade* porque as *informações não seriam suficientes para acusar os chineses*.

(grifos em itálico são nossos)

A partir da materialidade dessa reportagem, entendemos que, em veículos da MA, quando o relatório dos EUA foi noticiado, tal informação circula produzindo um *efeito de*

⁹⁷ EUA tentam mais uma vez culpar a China pela Covid-19. **Brasil 247**, São Paulo, 27 mar. 2023. Disponível em: <https://www.brasil247.com/coronavirus/eua-tentam-mais-uma-vez-culpar-a-china-pela-covid-19-1dk1wohp>. Acesso em: 22 maio. 2023.

sentido de contestação e exposição do caráter político do documento. Um dos vestígios desse confronto está no título da reportagem, quando o site aponta que os Estados Unidos “tentam mais uma vez” responsabilizar chineses pela pandemia. Na SD1, o título, a expressão “mais uma vez”, nesse caso, foca e reforça a recorrência das acusações contra a China, enquanto a forma verbal “tentam” expressa *o efeito da contestação*, já que *tentar provar* não significa *conseguir provar*.

Ainda, nesta matéria, o veículo reitera o caráter político do relatório e dá destaque à resposta midiática chinesa diante de suas “conclusões”, que defende a origem do vírus como “questão científica” e não política (SD 2), demonstrando assim a filiação do veículo a *uma posição-sujeito de identificação com a ciência*.

Dessa forma, analisamos que, apesar de GM e MA enunciarem em *identificação com a ciência*, elas fazem isso de forma diferente, especialmente em relação a esse documento dos EUA. A identificação com a posição científica, do ponto de vista americano ao qual a GM adere, funciona como estratégia para insinuar a responsabilidade da China pela disseminação acidental ou intencional do vírus, reforçando o imaginário da ameaça comunista sobre o mundo; já pelo ponto de vista da MA, a adesão à ciência funciona como estratégia de defesa da China contra a acusação dos EUA, ao mesmo tempo em que insinua motivação política dos norte-americanos.

Ademais, nesse recorte do BR247, os efeitos de sentido produzidos a partir *da posição-sujeito de identificação com a ciência* se confrontam com aqueles produzidos *da posição-sujeito de identificação com o anticomunismo*, uma vez que se busca contestar os dados norte-americanos e aponta-se a incerteza das investigações em questão, conforme expressa-se na SD 4, acerca da insuficiência das acusações dos EUA para culpar a China.

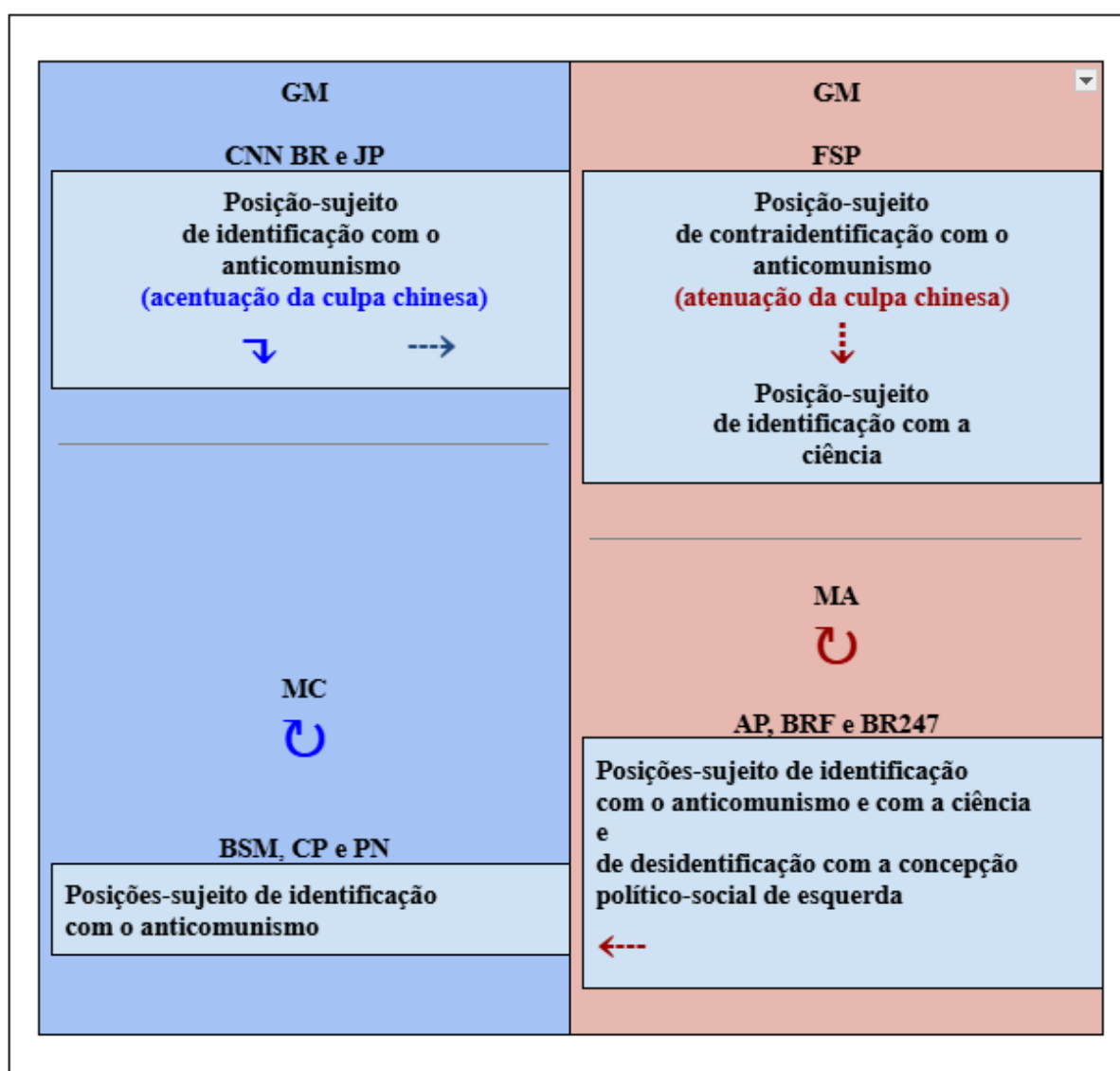
Na SD 3, destaca-se ainda que houve um movimento de “modinha” na imprensa para divulgar o relatório dos EUA, num “hype”, sugerindo favorecimento midiático (na GM e na MC) para legitimar os argumentos dos Estados Unidos. Isso demonstra o confronto que se estabelece no site de MA em relação à *posição-sujeito de identificação com o anticomunismo* em veículos de outros segmentos.

Assim, de seu *lugar discursivo*, veículos da MA tendem a posicionamentos que defendem a esquerda e mobilizam o espaço de memória político de esquerda. Sendo a China um país de governo comunista, a militância progressista afeta a forma da MA produzir informação sobre o vírus que nele teve sua origem. Logo, diferente da GM e da MC, afetadas por outras determinações ideológicas e discursivas, a MA se alinha às posições pró-China. O

funcionamento discursivo nesse sentido, portanto, é de que o vírus teve origem natural, conforme a posição científica dominante.

O quadro 11, a seguir, resume as nossas percepções sobre o funcionamento discursivo relacionado à origem do coronavírus no que tange à montagem 4, destacando o jogo de posições assumidas pela GM, MC e MA. Nele, observa-se que parte da GM e da MC se alinham ao anticomunismo, o que resulta em confrontos com discursos da MA; já outra parte da GM rejeita certos saberes anticomunistas e se identifica com a ciência; e a MA adere à ciência e a uma concepção político-social de esquerda.

Quadro 11 – O jogo de posições-sujeito em relação à montagem discursiva 4



Fonte: A autora (2024).

De forma geral, então, considerando os discursos enunciados por essas posições, em relação à origem do coronavírus, na MA, a ideia de uma criação do vírus em laboratório não circula como dado científico, mas falso; logo, o coronavírus surgiu de modo natural e a China não deve ser culpabilizada. Nessa perspectiva, as redes de memória implicadas na legibilidade que o segmento mobiliza para a pandemia são ligadas aos espaços científico e político de esquerda.

Já na GM há uma tensão, considerando que, em alguns veículos, a pandemia pode ter surgido em laboratório, mas em outros, como a Folha, isso é contestado. Assim, de forma contraditória e afetada pelo neoliberalismo, o segmento dá legibilidade ao acontecimento discursivo da pandemia por meio de redes de memória científica e política anticomunista, as quais são mobilizadas a partir de posições-sujeito divergentes e tendem a mobilizar a ciência em função da economia.

A MC, por sua vez, significa a pandemia como criação da China. A probabilidade de acidente é um sentido que tende a ser silenciado, e a possibilidade de negligência chinesa segue sendo fortemente evocada. A rede de memória política anticomunista é a que predomina nos discursos desse segmento, os quais visam a regularizar o sentido de que a pandemia resulta de uma ação intencional do governo chinês.

Retomando a tese de Pêcheux (1995) acerca da materialidade do sentido, segundo a qual o sentido de uma palavra ou enunciado se define a partir de posições ideológicas sustentadas por aqueles que enunciam, entendemos que, na análise do discurso midiático, se faz necessário pensar como o fato jornalístico se constrói discursivamente e articula diferentes modos de se interpretar e ler os acontecimentos, pois, conforme analisamos, nos discursos da GM, MC e MA se configuram variadas maneiras de significar a origem da pandemia, e todas elas são determinadas pelas filiações ideológicas que interpelam os sites analisados.

4.2 Funcionamentos discursivos sobre a eficácia dos protocolos de saúde pública: o científico e o anticientífico em debate

Para abordar o funcionamento discursivo pelo viés científico e pelo político das formulações jornalísticas em nosso segundo movimento de análise, construímos três montagens discursivas com 18 matérias relacionadas à eficácia dos protocolos de saúde pública. Nessa etapa, dividimos as análises de maneira a demonstrar a circulação-confronto de posições e sentidos vindos dos espaços de memória científico, político e econômico, considerando as publicações sobre 1) isolamento social, 2) tratamento precoce e 3) vacina.

As materialidades analisadas a seguir, então, são referentes aos anos de 2020, 2021 e 2022, período de maior discussão dos protocolos de saúde durante a pandemia.

4.2.1 Efeitos de sentido acerca da legitimação ou refutação aos protocolos científicos

No que diz respeito à discursivização dos protocolos de saúde a serem adotados durante a pandemia, as notícias e reportagens da GM, MA e MC⁹⁸ produziram sentidos a partir de um embate de posições, mobilizando saberes de natureza científica, negacionista e de senso comum⁹⁹. No intuito de demonstrar o funcionamento discursivo de tais publicações, as montagens discursivas deste movimento 2 de análise apresentam reflexões comparativas entre os segmentos, identificando aproximações e diferenças constatadas.

Quadro 12 – Montagem discursiva 5: protocolos de saúde pública segundo a GM e a MA

MONTAGEM 5	
CAMPO CIENTÍFICO E POLÍTICO NOS DISCURSOS DA GM E DA MA	
GM	MA
<p>MATÉRIA 19: (FSP): Isolamento radical contra coronavírus pode salvar 1 milhão de vidas no Brasil, aponta estudo.</p>	<p>MATÉRIA 20: (BR247): Isolamento começa a achatar a curva de coronavírus em SP, aponta estudo.</p>
<p>MATÉRIA 21: (CNN BR): Hidroxiquina: o que é o remédio e por que ele divide médicos e políticos.</p>	<p>MATÉRIA 22 (AP): “Se tivessem me falado dos perigos, eu não teria autorizado”, diz irmã de paciente medicada com cloroquina sem consentimento.</p>
	<p>MATÉRIA 23: (BRF): 'Pandemia de fake news' dificulta combate ao</p>

⁹⁸ Lembramos o significado das siglas para facilitar a compreensão: GM – FSP (Folha de S.Paulo, CNN NR (CNN Brasil) e JP (Jovem Pan); MA – AP (Agência Pública), BRF (Brasil de Fato), e BR247 (Brasil 247); MC – BSM (Brasil sem Medo), CP (Conexão Política) e PN (Pleno News).

⁹⁹ Neste tema, focaremos nos aspectos científicos e anticientíficos. Os sentidos econômicos estão mais abarcados no tema 3, das responsabilidades na gestão da pandemia.

<p>GM MATÉRIA 24: (JP): ‘Uma vacina nunca terminou uma epidemia, é sempre a imunidade de rebanho’, diz Osmar Terra.</p>	<p>coronavírus no Brasil, alertam especialistas.</p>
--	--

Fonte: A autora (2024).

A montagem discursiva 5 tem seis matérias: sendo três da GM e três da MA; duas acerca do isolamento social (março de 2020), duas sobre medicação precoce (abril e julho de 2020) e duas relativas às vacinas (dezembro de 2020 e outubro de 2021). As cinco primeiras matérias demonstram certo alinhamento pró-ciência entre GM e MA na abordagem dos protocolos de saúde pública. A última matéria, todavia, não adere ao saber científico dominante e alinha-se mais com a MC, que é analisada na montagem 6, expondo a tensão nos posicionamentos da GM.

O primeiro veículo a ter seu discurso analisado na montagem 5 é a FSP, a partir de uma reportagem publicada em 27 março de 2020, no início da pandemia e quando um dos assuntos em jogo era o debate acerca de quais eram os melhores protocolos de saúde pública a serem adotados para a sociedade. A postagem foi publicada na editoria de saúde e seu tema discute um estudo sobre o isolamento social. A análise abarca quatro SD da matéria.

MATÉRIA 19 (FSP)

SD1 (TÍTULO): *Isolamento radical contra coronavírus pode salvar 1 milhão de vidas no Brasil, aponta estudo*¹⁰⁰

SD 2 (SUBTÍTULO): *Cálculo é da mesma equipe britânica que fez o primeiro-ministro Boris Johnson abandonar abordagem mais leve.*

SD 3: *Adotar estratégias radicais de isolamento social para conter novo coronavírus pode salvar mais de 1 milhão de vidas no Brasil, aponta estudo feito por uma equipe de 30 cientistas do Imperial College de Londres. No trabalho divulgado nesta quinta (26), os especialistas em doenças transmissíveis calcularam o número de infectados, pacientes graves e mortos em cinco cenários de disseminação do vírus no Brasil. Sem medidas de isolamento social que reduzam a transmissão do coronavírus, o Brasil pode ter até 1,15 milhão de mortes provocadas pela doença, chamada de Covid-19. No cenário de restrições mais drásticas e precoces, as mortes seriam 44 mil.*

SD 4: *O número de mortes cresce proporcionalmente quando mais gente é contagiada, porém, por dois motivos: os casos graves de coronavírus superam a capacidade de atendimento intensivo, deixando parte dos doentes sem o*

¹⁰⁰ ISOLAMENTO radical contra coronavírus pode salvar 1 milhão de vidas no Brasil, aponta estudo. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 27 mar. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/03/sem-restricao-de-contagio-mortes-por-coronavirus-podem-chegar-a-115-milhao-no-brasil.shtml>. Acesso em: 25 maio. 2024.

cuidado necessário, e o *caos nos hospitais* provoca a morte de outros doentes graves.

(grifos em itálico são nossos)

Inicialmente, chama a atenção nesta **matéria 19** o adjetivo “radical”, usado pelo veículo na SD1, para fazer referência ao tipo de isolamento que estava sendo informado, cuja fonte era um “estudo”, apontando a mobilização de um saber do espaço de memória da ciência. Ainda, a principal informação que justifica a adoção desse protocolo “radical” é ele poder “salvar 1 milhão de vidas”, o que indica o posicionamento a favor da “vida” e pela ciência, adotado pelo site desde o começo da pandemia.

Também em relação à SD1, textualizar o substantivo “vida” neste título da reportagem remete ao confronto da FSP com posições para as quais a maior preocupação na pandemia era em relação à economia. Nesse quesito específico do aspecto econômico ante os protocolos de saúde, entendemos que há uma mudança no discurso de parte da GM, que outrora recorreu a saberes do campo científico em função do político e da estabilidade econômica. Apesar de haver uma grande preocupação da GM para “salvar a economia”, dada a sua *formação ideológica neoliberal*, em relação às políticas públicas de saúde, o discurso do veículo se constrói mobilizando saberes do campo científico e evocando predominantemente a defesa da vida, demonstrando oposição às posições-sujeito que tendem a refutar o conhecimento científico dominante no que tange ao isolamento social e que usam os problemas econômicos para justificar a rejeição aos protocolos.

No que diz respeito aos protocolos de saúde relativos ao combate à covid-19, defender a vida significava aceitar a instabilidade econômica resultante do isolamento. Por isso, no jogo de posições do segmento da GM, entendemos haver um deslocamento de sentidos científicos que, neste momento, não são usados em função do econômico, mas da ciência pelo político, em oposição ao negacionismo científico.

Na SD 2, por exemplo, que é o subtítulo da reportagem, identificamos que o discurso da FSP funciona pelo viés político, para explicar que uma pesquisa fez o Reino Unido “abandonar” outros formatos de isolamento de cunho “mais leve”. Se considerarmos as condições de produção desse discurso, sinaliza-se discursivamente que o Brasil, país foco do título, deveria seguir o mesmo exemplo, levando em conta vozes da ciência dominante antes de estabelecer políticas públicas.

Na SD 3, o *lide* da matéria, há informações básicas do assunto, retomando a informação do título da matéria, de que o protocolo em pauta pode salvar “1 milhão de vidas no Brasil”. O veículo também diz de onde veio o estudo, do Imperial College de Londres, e que a pesquisa

foi desenvolvida por “30 cientistas”, identificados como “especialistas em doenças transmissíveis”, mais uma vez mobilizando saberes do campo científico para mostrar seu embasamento, enunciado a partir da *posição-sujeito de identificação com a ciência*.

Nessa mesma SD, duas informações expõem o confronto da FSP com posições negacionistas, no que tange ao discurso do veículo em relação à falta de atenção ao protocolo em discussão: 1) o cenário das restrições mais drásticas e 2) o cenário das restrições menos drásticas. Inclusive o termo escolhido pelo site foi “drásticas”, que, somado ao adjetivo “radical” do título, interdiscursivamente, mostra que a FSP realmente busca um vocabulário que vise a regularizar na memória discursiva o sentido de necessidade das *medidas extremas* para o combate à pandemia, como o necessário em prol da “vida”. Nesse ponto de vista, sem isolamento, teríamos 1,15 milhões de mortes; com o isolamento “drástico e precoce”, um número bem menor, de 44 mil.

Por fim, na SD 4, explica-se que não é apenas a doença que causa óbitos diretamente, mas a incapacidade de atendimento para os casos graves, que gera “caos” e provoca “morte”. Dessa forma, confronta-se também nesse discurso a falta de medidas emergenciais em relação aos hospitais. Pelas condições de produção, sabemos que esse modo de enunciar expressa uma crítica ao Governo Federal da época, que estimulava aglomerações e fazia pouco caso da doença, inclusive, mandando várias vezes as pessoas invadirem os hospitais para verem que não havia tantos internados como era noticiado¹⁰¹.

Assim, tendo como evidência um discurso científico cujo efeito é *de neutralidade informativa*, o que não está transparente é que a Folha constrói sentido sobre os protocolos de saúde por meio de um discurso político cujo efeito é de oposição ao negacionismo do governo Bolsonaro. A ciência, portanto, é usada em função do político, em contraponto ao negacionismo do Governo Federal da época, mediante um funcionamento discursivo que evoca o incentivo aos protocolos recomendados pela ciência.

Dessa maneira, mesmo que o funcionamento discursivo dominante neste recorte seja pelo científico, ele se dá pelo viés político, tal como explicamos ocorrer no primeiro movimento de análise sobre a origem do coronavírus. O que é importante para nós, nesse caso, é compreendermos o fato dos discursos serem constituídos na GM a partir de posicionamentos que são políticos, ainda que ela não assuma isso, diferente do que ocorre na MA, como mostramos na próxima análise.

¹⁰¹ BOLSONARO estimula população a invadir hospitais para filmar oferta de leitos. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 11 jun. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/06/bolsonaro-estimula-populacao-a-invadir-hospitais-para-filmar-oferta-de-leitos.shtml>. Acesso em: 06 abr. 2024.

Recorrendo também a um discurso científico para significar o isolamento social, um dos posts que aderem a um posicionamento semelhante, pelo político (agora assumido), é o do BR247, da MA. Alinhada ao funcionamento discursivo presente na matéria anterior e tendo sido veiculada no mesmo período, a **matéria 20** é uma notícia curta acerca do resultado positivo decorrente do isolamento social em São Paulo, que testava o protocolo e isolamento, sob o Governo de João Doria (PSDB), opositor político de Bolsonaro. A publicação é de 26 de março de 2020, no começo da pandemia, quando tal protocolo foi testado no Estado.

MATÉRIA 20 (BR247)

SD 1 (TÍTULO): *Isolamento começa a achatar a curva de coronavírus em SP, aponta estudo*¹⁰²

SD 2 (NOTÍCIA NA ÍNTEGRA): *Pesquisa compara os dados do Estado de São Paulo com os do País, divulgados pelo Ministério da Saúde.*

O isolamento social, possível após a quarentena decretada pelo governador de São Paulo, João Doria (PSDB), por 15 dias, diminuiu a taxa de crescimento dos casos de coronavírus no Estado, aponta um estudo.

Os dados foram compilados pelo professor de física da *Universidade de São Paulo (USP)* José Fernando Diniz Chubaci e comparam os registros de SP com os do País, e do País sem o Estado, divulgados pelo Ministério da Saúde. “Entre os dias 18 e 19 de março, cerca de uma semana após as primeiras ações para conter o vírus, como cancelamento de aulas em escolas e universidades, o número de casos confirmados no resto do país passa a ser maior do que no estado paulista”, explica reportagem de Carolina Moraes, da *Folha de S.Paulo*, sobre o estudo.

O Brasil completou nesta quinta-feira 26 um mês do primeiro registro de pessoa infectada por coronavírus. Segundo dados atualizados do Ministério da Saúde, o País tem hoje 2.915 casos confirmados e 77 mortes - 20 mais óbitos do que esta quarta.

(grifos em itálico são nossos)

No título desta matéria, nossa SD 1, informa-se sobre o isolamento social colocando-o como um benefício que, de acordo com um “estudo”, possibilitou “achatar a curva” das contaminações, numa linguagem específica da estatística, muito usada durante a pandemia por conta dos picos de óbito por covid-19. “Achatar a curva”, nesse sentido, significa que as mortes e casos diminuiriam como um resultado direto do protocolo adotado, conforme era defendido pela ciência dominante mesmo naquele momento inicial; esta mesma ciência à qual o veículo está identificado discursivamente.

Na SD 2, que compreende toda a notícia, chamou nossa atenção que a MA tenha usado informações da GM na publicação. Ao utilizar dados veiculados na Folha de S.Paulo, a partir

¹⁰² ISOLAMENTO começa a achatar a curva de coronavírus em SP, aponta estudo. **Brasil 247**, São Paulo, 26 mar. 2020. Disponível em: <https://www.brasil247.com/sudeste/isolamento-comeca-a-achatar-a-curva-de-coronavirus-em-sp-aponta-estudo>. Acesso em: 05 jun. 2024.

de uma matéria da repórter Carolina Moraes, o BR247 sugere haver algum alinhamento entre os veículos da MA e GM no que tange aos protocolos de saúde na pandemia. Ou seja, a MA dificilmente recorreria à MC como fonte, porque estão em posições divergentes em relação aos saberes científicos; mas isso não se dá em relação à GM.

Nesta mesma SD 2, o veículo apresenta a fonte como um “estudo” feito por “um professor” da “Universidade de São Paulo (USP)”. Ainda, sinalizar o governo de João Doria nesse tema do isolamento social e da diminuição dos casos de covid-19 simboliza um posicionamento de contraponto às decisões tomadas pelo Governo Federal porque, no cenário político, Doria representava saberes divergentes dos defendidos por Bolsonaro. Podemos entender isso melhor se pensarmos que notícias da MC sobre este mesmo protocolo, por exemplo, costumam vir por outra ótica: a do autoritarismo e da negação dos benefícios deste tipo de isolamento.

O discurso de contraponto do BR247 em relação às medidas adotadas pelo Governo Federal também pode ser visto quando é dito, no início da SD 2, que a pesquisa relatada compara dados de São Paulo com os do Brasil, explicando no final que o país teve aumento de óbitos segundo estatísticas diárias. Nesse cenário, São Paulo (cujo governo defendia protocolos amparados na ciência dominante) e o Brasil (cujo governo defendia protocolos sem base científica) representam interesses divergentes, e foi no primeiro que o resultado obtido era positivo, com o “achatamento da curva”. Assim, o modo de enunciar do BR247 tende a mobilizar saberes do espaço de memória da ciência em função do político, para fazer oposição ao negacionismo.

A seguir, abordando agora outro viés dos protocolos de saúde, analisaremos duas reportagens sobre o tratamento precoce com a hidroxicloroquina. A primeira delas mostra como a CNN desloca saberes científicos na *posição de identificação com a ciência* e parece se *contraidentificar com o senso comum e com o negacionismo*, ao dar espaço para “dúvidas de políticos” sobre esse protocolo de saúde.

Em relação a como se constituem os discursos a partir dessas últimas posições, observamos que enunciadores *identificados com senso comum* tendem a defender tratamentos contra a covid-19 a partir de experiências individuais e sem verificação científica, tal como Marconi e Lakatos (2000) explicam que se constrói o saber amparado em senso comum, de forma valorativa e inexata. Já pela *posição de identificação com o negacionismo*, significa-se a pandemia como não sendo uma síndrome grave; além disso, pode haver negação, silenciamento, distorção e refutação das investigações científicas em relação às recomendações

segundo a ciência dominante, pois o negacionismo nem sempre implicará uma negação explícita, mas “narrativas paralelas” ideologicamente preferíveis (Indursky, 2023).

A **matéria 21**, então, traz uma reportagem publicada na editoria de saúde em 6 de abril de 2020, compreendendo quatro SD. Nesse período, embora a hidroxicloroquina fosse estudada em diversos países, já havia comprovação científica de sua ineficácia contra a covid-19.

MATÉRIA 21 (CNNBR)

SD1 (TÍTULO): *Hidroxicloroquina: o que é o remédio e por que ele divide médicos e políticos*¹⁰³

SD 2: [...] Desde então, *parte das autoridades políticas e dos profissionais de saúde* passou a *defender* a aplicação do composto como *forma de conter a pandemia* da Covid-19. Entre eles, o presidente *Jair Bolsonaro* (sem partido), defensor enfático desta utilização.

Há relatos de pacientes em várias partes do mundo que *progrediram* após serem medicados com a *cloroquina*. No entanto, *segundo a OMS* (Organização Mundial de Saúde), *não há comprovação da eficácia do remédio* no tratamento contra a Covid-19, e há *efeitos colaterais perigosos* principalmente para quem tem problemas no coração.

SD 3: Por outro lado, *outra parte dos políticos e especialistas adotam uma postura mais cética e receiam os efeitos colaterais* decorrentes da ingestão do composto. No Brasil, dois *ministros da Saúde já caíram* por divergirem do presidente a respeito do composto[...].

SD 4: A professora Ana Paula Hermann, da UFRGS, aponta para a ocorrência de arritmias cardíacas fatais em parte dos pacientes que fazem a ingestão do composto. Ela ressalta que a cardiopatia é um dos principais fatores de risco associados aos casos graves da COVID-19. “Os pacientes com doença cardiovascular já são mais suscetíveis a desenvolver quadros mais graves, e o próprio coronavírus pode causar danos ao coração”. [...]

Um estudo que vinha sendo realizado em Manaus (AM) *foi parcialmente suspenso* depois que *11 pacientes morreram*. Os pesquisadores apontaram, justamente, a ocorrência de arritmias e batimentos cardíacos irregulares.

(grifos em itálico são nossos)

Produzindo um *efeito de neutralidade* decorrente de seu lugar discursivo, o discurso científico e político do título dado pela CNN BR direciona a interpretação para o entendimento de que haverá na matéria uma visão geral do assunto, explicando “por que” o tratamento precoce “divide médicos e políticos” (SD1), sugerindo ausência de consenso nas autoridades científicas e políticas quanto à medicação. A “Hidroxicloroquina” é a primeira palavra do título e foco principal da pauta.

¹⁰³ HIDROXICLOROQUINA: o que é o remédio e por que ele divide médicos e políticos. CNN Brasil, São Paulo, 06 abr. 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/hidroxicloroquina-o-que-e-o-medicamento-e-por-que-ele-divide-o-governo/>. Acesso em: 15 jun. 2024

Em seu discurso, apesar de dar espaço para os estudos e propagandas do Governo Federal em defesa da medicação, é o posicionamento contrário ao medicamento o que predomina na matéria. Tal oposição aparece nas SD 2 e 4, quando o veículo traz a OMS como fonte para dizer que o medicamento não tem eficácia comprovada, ressalta que há “efeitos colaterais perigosos” e usa repetidamente termos sobre problemas no coração que o remédio pode desencadear: “arritmias cardíacas fatais”, “cardiopatia”, “doença cardiovascular”, “danos ao coração”, “batimentos cardíacos irregulares”, ou mesmo quando informa que 11 pacientes morreram durante os testes.

Na SD 3, por sua vez, se discute o ponto de vista político do debate, também mencionado na SD 2. Em relação ao viés político, a CNN informa que Jair Bolsonaro foi “defensor enfático” da medicação e que “dois ministros da saúde já caíram” em função da discordância acerca de tal uso. Ainda, enuncia-se a existência de relatos dos pacientes que afirmam ter “progredido” após tomar hidroxicloroquina, e aqui entendemos que o veículo tende a aderir ao senso comum, deixando o não-dito dissimulado de que a medicação pode funcionar. Mesmo assim, de forma geral, prevalece na matéria o fato de que a experiência particular não significa comprovação científica e que “estudos” foram “parcialmente suspensos” por causa das mortes de 11 pacientes.

Assim, mesmo que enuncie pela *posição-sujeito de identificação com a ciência*, a CNN desloca sentidos do senso comum para essa posição, pois, apesar de o veículo mobilizar saberes do espaço de memória da ciência para mostrar que o tratamento precoce defendido enfaticamente por Bolsonaro não é seguro, ele textualiza a existência de depoimentos de melhora na SD2, reforçando que há relatos disso “em várias partes do mundo”. Dessa forma, ciência, política e senso comum aparecem como espaços entrecruzados para significar a pandemia, todavia por meio de um contraponto atenuado contra o negacionismo, diferente do que identificamos ocorrer no discurso da Folha.

De modo distinto, no entanto, quando a MA trata o assunto do tratamento precoce, ela tende a rechaçar esse método, sem deixar um não-dito de dúvidas ou uma oposição suavizada. Nesse escopo, a AP politiza o assunto e humaniza a pauta ao nomear uma paciente que usou o medicamento e faleceu alguns dias depois, sem, contudo, a família ser informada “da falta de eficácia e segurança do medicamento”. A reportagem é nossa **matéria 22** e foi publicada na seção especial do coronavírus, criada pela AP. Sua data de publicação é 20 de julho de 2020,

época na qual o Brasil tinha mais de mil mortes diárias e os protocolos ainda eram amplamente discutidos¹⁰⁴.

MATÉRIA 22 (AP)

SD 1 (TÍTULO): “Se tivessem me falado dos *perigos*, eu não teria autorizado”, diz irmã de *paciente medicada com cloroquina sem consentimento*¹⁰⁵

SD 2: *Zemilda*, 54 anos, que tinha pressão alta e sofria de obesidade mórbida e faleceu em maio, *foi tratada com a droga sem que a família fosse informada da falta de eficácia e segurança* do medicamento.

SD 3: [...] A dona de casa de 54 anos foi medicada com a hidroxicloroquina entre os dias 30 de abril e dia 4 de maio. Depois disso teve que fazer duas hemodiálises porque teve problemas nos rins. [...]

Na certidão de óbito de Zemilda Silva do Nascimento Gonçalves, constam como causas da morte insuficiência respiratória aguda e infecção por coronavírus, HAS (pressão alta) e hipercolesterolemia (colesterol alto). As duas *últimas complicações*, que Zemilda já apresentava ao ser internada, além de obesidade mórbida, *estão relacionadas com problemas cardíacos, o que torna ainda mais perigoso o uso de cloroquina e hidroxicloroquina*, como já comprovaram estudos realizados no Brasil e em outros países. No dia 17 de junho, a *Organização Mundial da Saúde (OMS) suspendeu definitivamente as pesquisas para avaliar a eficácia da cloroquina e de sua derivada, a hidroxicloroquina*, pois os resultados mostram que, *além de representar riscos para pacientes, não há benefício* na droga para tratar a doença provocada pelo novo coronavírus.

SD 4: “O principal prejuízo, na minha opinião, foi que o *Bolsonaro boicotou as orientações de isolamento social. A cloroquina foi parte desse combo*, porque ele vendeu às pessoas uma *falsa cura*, como *bom charlatão* que ele é. Isso fez com que muitas pessoas topassem se expor a um risco maior, e isso indiscutivelmente levou a dezenas de milhares de mortes.”

Até o fechamento desta reportagem, o *Brasil registrava mais de 2 milhões de casos* confirmados da Covid-19 e quase *80 mil mortes* decorrentes do vírus.

(grifos em itálico são nossos)

Compreendendo quatro SD, esta matéria traz discursos enunciados pela *posição-sujeito de identificação com a ciência* mas também *de identificação com a concepção político-social de esquerda*, que é uma característica marcante da MA em suas pautas. Por meio desta posição, os enunciadores tendem a expor as contradições políticas, sociais e econômicas da pandemia; defender o combate às desigualdades sociais e confrontar o anticomunismo. Sobre tais

¹⁰⁴ BRASIL passa de 92 mil mortes por Covid-19; média de óbitos na última semana é de 1.026. **G1**, Rio de Janeiro, 31 jul. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/07/31/casos-e-mortes-por-coronavirus-no-brasil-em-31-de-julho-segundo-consorcio-de-veiculos-de-imprensa.ghtml>. Acesso em 15 jun. 2022.

¹⁰⁵ “SE tivessem me falado dos perigos, eu não teria autorizado”, diz irmã de paciente medicada com cloroquina sem consentimento. **Agência Pública**, São Paulo, 20 jul. 2020. Disponível em: <https://apublica.org/2020/07/se-tivessem-me-falado-dos-perigos-eu-nao-teria-autorizado-diz-irma-de-paciente-medicada-com-cloroquina-sem-consentimento/>. Acesso em: 22 maio. 2024.

características da MA, Peruzo (2008) e Ferreira (1978) argumentam que esse segmento é reconhecido por representar resistência e reivindicações pela sociedade, produzindo um conteúdo que é crítico. Por isso, em seu jornalismo de oposição durante a pandemia, o discurso da MA tende a articular saberes que mobiliza sentidos de política, ciência e mobilização social, especialmente por meio da humanização da pauta.

Enunciado a partir do *lugar discursivo* determinado pelo *efeito de militância progressista*, afetado pela *formação ideológica de esquerda*, no título, o discurso da AP dá voz à irmã da vítima do caso em foco, ao utilizar uma fala direta na qual consta o termo “perigo” em relação ao tratamento precoce (SD1). Ao mesmo tempo, informa-se que não havia “consentimento” familiar para que o medicamento fosse usado. Um panorama da situação segue sendo apresentado na SD 2, que é o subtítulo da publicação, citando nome, idade e condição de saúde da paciente: “Zemilda, 54 anos, que tinha pressão alta e sofria de obesidade e faleceu em maio”. Nessa nomeação, entendemos haver o *efeito de humanização*, porque aborda-se um problema social de grande dimensão a partir de um caso.

Na SD 3, apresentam-se recortes da matéria que detalham o período de aplicação da medicação ser durante cinco dias. Além disso, informa-se que a paciente apresentava “complicações”, inclusive “ao ser internada”, as quais fazem o uso da hidroxicloroquina ser “ainda mais perigoso”. Nesse recorte, pela *posição-sujeito de identificação com a ciência*, o veículo mostra que sua fonte de informação acerca desse “perigo” relacionado à hidroxicloroquina foram “estudos” desenvolvidos “no Brasil e em outros países”, expondo que houve interesse no campo científico para pesquisar a utilidade do tratamento precoce, mas que, apesar disso, a comprovação era de “perigo” e não de eficácia. Ainda na SD 3, evoca-se a OMS como autoridade que “suspendeu definitivamente” as pesquisas do remédio em função dos “riscos” e nenhum benefício para curar a Covid-19.

Por fim, na SD 4, marca-se o *efeito de politização* das mortes durante a pandemia, porque o recorte que o veículo escolheu para a citação da irmã da paciente era tecendo críticas ao Governo: “Bolsonaro boicotou as orientações de isolamento social. A cloroquina foi parte desse combo, porque ele vendeu às pessoas uma falsa cura, como bom charlatão que ele é”. Ou seja, os protocolos de saúde durante a pandemia eram significados não apenas como fato científico, mas também político e social.

Em sequência, trazemos a **matéria 23**, outra reportagem da MA, que aborda temas de ampla dimensão também evocando vozes da sociedade, humanizando a pauta. Desta feita, o assunto era a vacina e o post foi publicado pelo portal BRF na editoria de saúde, em outubro de 2021, quando já havia imunização, contudo, as taxas de contaminação e óbito seguiam altas. A

discussão em jogo nesse período era a eficácia das vacinas. A análise abarca cinco SD da reportagem.

MATÉRIA 23 (BRF)

SD 1 (TÍTULO): 'Pandemia de *fake news*' dificulta combate ao coronavírus no Brasil, alertam *especialistas*¹⁰⁶

SD 2: Diversas *mortes* por covid-19 ocorreram *pela crença em tratamentos ineficazes* e *pela negação à vacina*.

SD 3: Em março de 2020, com a pandemia de covid-19 reconhecida pela Organização Mundial da Saúde (OMS), brasileiros começaram a receber informações sobre como se proteger do novo vírus. Pesquisadores, cientistas e médicos corriam contra o tempo buscando tratamentos e respostas sobre a doença. No entanto, ao mesmo tempo, outra pandemia tinha início no país: a da desinformação. Diversas notícias falsas e sem comprovação científica começaram a circular pelas redes sociais divulgando tratamentos milagrosos e até questionando a veracidade e a agressividade do novo coronavírus.

SD 4: Assim, muitas pessoas acreditaram em *tratamentos ineficazes* e não comprovados cientificamente e menosprezaram da (*sic*) letalidade do vírus e a efetividade das vacinas, incentivadas inclusive por autoridades políticas. Tudo isso dificultou ainda mais o combate e o controle do vírus no Brasil, segundo especialistas.

SD 5: Letícia Cruz, 22 anos, do município de Campo Largo (PR), diz se sentir *revoltada com as falas do presidente* que levaram muitos a acreditar nele. "*Minha madrinha não se vacinou por acreditar nas besteiras que o Bolsonaro falou sobre a vacina. Dizia que o presidente estava certo em chamar de 'país de maricas', porque tinham medo de uma 'gripezinha'*", conta. Sua madrinha, a professora aposentada Célia dos Santos Constatino, 54, faleceu de Covid-19 em janeiro de 2021. "*Foi intubada, sem poder se despedir da família*", diz Letícia.

(grifos em itálico são nossos)

Na SD1, o discurso do BRF é enunciado pela *posição-sujeito de identificação com a ciência* e traz o sentido sanitário do termo “pandemia” para o campo jornalístico em relação às notícias falsas, repercutindo o “alerta” de “especialistas” e explicando que sua fonte vem do saber científico. Na SD 2, subtítulo da reportagem, mostra-se de forma prática a dificuldade gerada pelas *fake news*, produzindo um *efeito de causa e consequência*: elas geram “morte” porque fomentam “crenças em tratamentos ineficazes” além da “negação à vacina”.

Nas SD 3 e 4, mobilizam-se termos que asseguram a posição científica do veículo em relação à pandemia: “OMS”, “pesquisadores, cientistas e médicos”, que fazem contraponto aos termos ligados ao negacionismo, como “tratamentos milagrosos” e o questionamento da

¹⁰⁶ PANDEMIA de fake news' dificulta combate ao coronavírus no Brasil, alertam especialistas. Brasil de fato, São Paulo, 30 out. 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/10/30/pandemia-de-fake-news-dificulta-combate-ao-coronavirus-no-brasil-alertam-especialistas>. Acesso em: 24 nov. 2023.

“agressividade do novo coronavírus”. Além disso, pela *posição de identificação com a concepção político-social de esquerda*, o BRF produz um *efeito de institucionalização política* relacionado à “pandemia da desinformação”, ao dizer que ela também é fomentada por “autoridades políticas” do Brasil, vindo de lideranças do país e não meramente do saber popular, mas de pessoas em posição de poder.

Ainda politizando a discussão, por fim, na SD 5, apresenta-se a humanização dessa pauta a partir de casos reais, nomeando vítimas e testemunhas, como também analisado na matéria anterior da AP. Nesse ponto, segue-se um *efeito de responsabilização* do Governo Bolsonaro pelas mortes e pela desinformação, por ele falar “besteiras” sobre a vacina e levar as pessoas a acreditarem nele, colocando a saúde delas em risco.

Em outro ponto de vista, agora de viés negacionista sobre as vacinas, a **matéria 24** mostra como parte da GM significava a imunização. Veiculada pela JP, a publicação repercute como notícia uma entrevista concedida pelo deputado federal (negacionista) Osmar Terra (MDB) ao programa “Os Pingo nos Is” no dia de 8 de dezembro de 2020, pela *posição-sujeito de identificação com o negacionismo científico* em relação à vacina.

MATÉRIA 24 (JP)

SD 1 (TÍTULO): ‘Uma vacina nunca terminou uma epidemia, é sempre a imunidade de rebanho’, diz Osmar Terra¹⁰⁷

SD 2: Curado da Covid-19, deputado afirmou que houve ‘erros sérios no enfrentamento à pandemia’: ‘Criou-se uma ilusão que se trancasse todo mundo em casa, daria certo, mas fracassou’

SD 3: Para o deputado, que também é médico, houve “erros sérios no enfrentamento à pandemia”, como as *políticas de isolamento social e a instauração de pânico na população*. “Criou-se uma ilusão que se trancasse todo mundo em casa, daria certo. Isso fracassou. Quem pauta essa epidemia não é o governador, é o vírus [...] Criou-se uma ilusão que ia proteger a população, mas não protegeu”, afirmou. Segundo ele, agora os governantes estão tentando criar “*uma solução mágica*”, que é a vacina.

SD 4: [...]O parlamentar disse, ainda, que tomou hidroxicloroquina e ivermectina. “Acho que todo mundo deveria fazer, é isso ou nada. *Não faz mal, não tem risco maior nos primeiros dias*, e pode ter influenciado, no meu caso, em não ter sido mais grave. Os médicos tem (*sic*) dito que o grupo que usa [cloroquina] tem formas menos graves da doença”, explicou o deputado. Segundo estudos científicos, a hidroxicloroquina não possui eficácia no combate ao coronavírus. Já em relação a ivermectina (*sic*), a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), analisa que não há estudos conclusivos sobre o seu uso no tratamento contra a doença.

¹⁰⁷ ‘UMA vacina nunca terminou uma epidemia, é sempre a imunidade de rebanho’, diz Osmar Terra. **JP News**, São Paulo, 08 dez. 2020. Disponível em: <https://jovempan.com.br/programas/os-pingos-nos-is/uma-vacina-nunca-terminou-uma-epidemia-e-sempre-a-imunidade-de-rebanho-diz-osmar-terra.html>. Acesso em: 22 maio. 2023.

(grifos em itálico são nossos)

No jornalismo, é comum a mídia dar voz a autoridades políticas em relação a assuntos em debate na sociedade. O modo como essa voz tem seu discurso formatado a partir de dada posição ideológica é que importa para entender o discurso da empresa de comunicação que veicula determinado fato. Nesse caso, a voz é de um deputado federal assumidamente negacionista, que tem espaço em um programa da emissora e em uma notícia do site, o que significa publicidade para o negacionismo, em diferentes formatos jornalísticos, para uma mesma manifestação opinativa contra a vacina.

Na formatação noticiosa escolhida pela JP na matéria 24, entendemos que, ao selecionar tal entrevista como informação a ser veiculada sem contestar as fontes, o veículo assume também uma *posição-sujeito de identificação com o negacionismo e com o senso comum*, cujos efeitos de sentido remontam à refutação do conhecimento científico dominante.

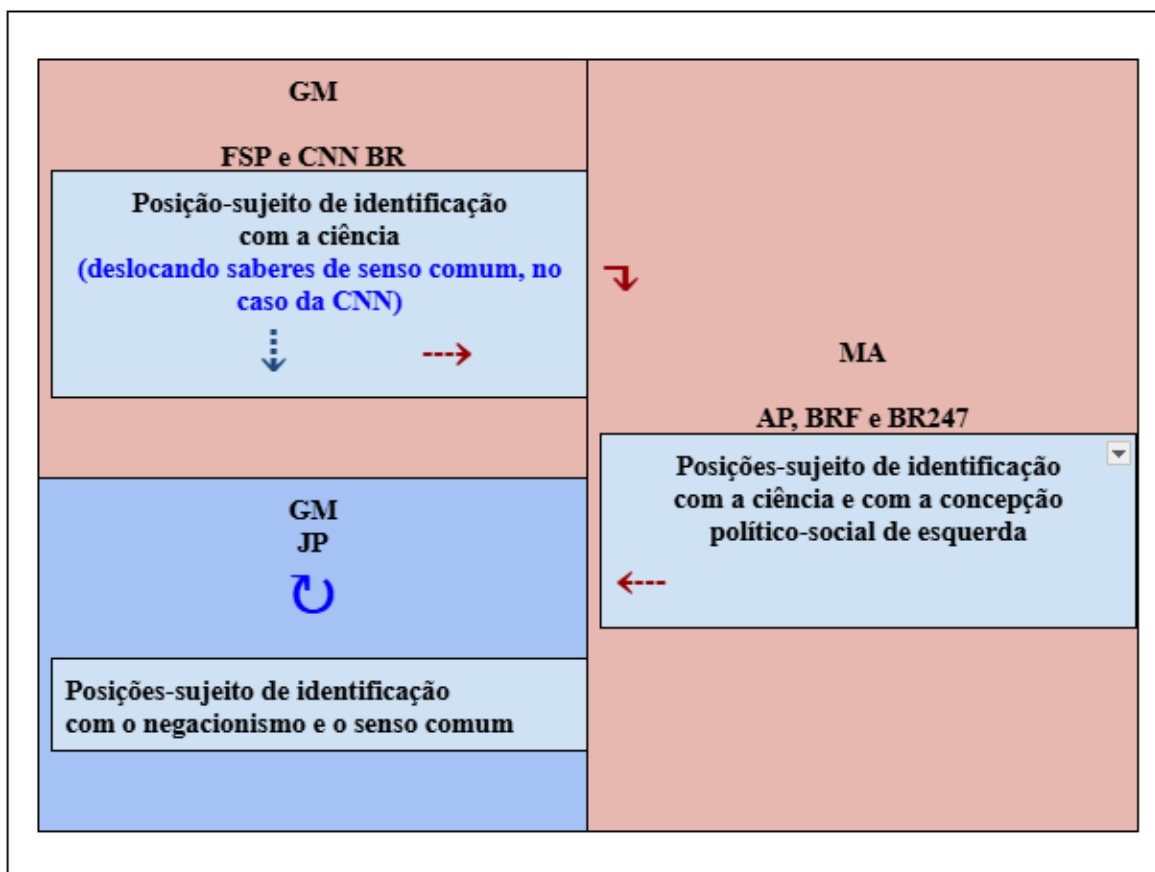
Em sua matéria, a JP destaca a frase do parlamentar Osmar Terra já no título (SD1), empregando os advérbios "nunca" e "sempre" para conferir um *efeito de verdade* sobre o que está sendo dito. A efetividade das vacinas em epidemias é negada pelo uso do "nunca", enquanto a imunidade de rebanho é apresentada como algo que "sempre" termina epidemias. Em nenhum momento, porém, a JP expõe bases científicas que sustentam essas declarações.

Nas SD 2 e 3, a JP continua a reproduzir o discurso do parlamentar, silenciando benefícios do isolamento social defendidos pela ciência dominante, como a redução de casos e óbitos — aspectos que a MA aborda, conforme visto na matéria 20. Na fala do deputado veiculada pela JP, a referência ao protocolo de saúde é "ilusão" e "erros sérios", afirmando-se que a medida não protegeu a população. Já no final da SD 3, a vacina é enunciada como "solução mágica", trazendo enunciados do campo poético para o científico, no qual mágica é ilusão; é ludibriação. O sentido mobilizado aqui é da vacina não ser funcional.

Na SD 4, por fim, a JP retoma o uso do tratamento precoce, o qual foi usado pelo parlamentar quando ele contraiu covid-19. Aqui, a JP reitera o *efeito de verdade* ao citar a afirmação de que, para o doente, "é tudo ou nada" no que se refere ao uso de cloroquina e ivermectina. A JP menciona, ainda, a falta de estudos conclusivos sobre a ivermectina, o que, na perspectiva construída na matéria, parece reforçar a ideia de esperança absoluta na abordagem "tudo ou nada", em contraste com a "mágica" da vacina e o "erro grave" do isolamento social.

Encerrando as análises dessa montagem 5, resumimos a seguir o jogo de posições implicadas nos discursos da GM e da MA sobre o modo como eles significaram os protocolos de saúde do tratamento precoce, do isolamento social e da vacinação:

Quadro 13 – O jogo de posições-sujeito em relação à montagem discursiva



Fonte: A autora (2024).

Diante dos dados analisados em relação aos protocolos de saúde, identificamos que os posicionamentos assumidos pela JP aproximam essa parte da GM da MC, ao mesmo tempo em que diferenciam esses segmentos da MA, já que esta última não mobiliza saberes ligados ao negacionismo ou ao senso comum.

Na sequência, nossa montagem discursiva 6 analisa as semelhanças entre a GM e a MC no que tange ao negacionismo científico. Analisamos matérias do segmento conservador sobre o *lockdown*, o tratamento precoce e a vacina; e, no caso da GM, focamos em postagens relacionadas ao tratamento precoce, com base em uma materialidade da JP.

Quadro 14 – Montagem discursiva 6: protocolos de saúde pública segundo a MC e a GM

MONTAGEM 6	
CAMPO CIENTÍFICO E POLÍTICO NOS DISCURSOS DA MC E DA GM	
<p>MC</p> <p>MATÉRIA 25: (BSM): Lockdown pode levar à morte 1,2 milhão de crianças.</p> <p>MATÉRIA 26: (CP): Efeito colateral da vacina chinesa pode ser pior que a Covid-19, diz neurocirurgião.</p> <p>MATÉRIA 27: (PN): Internet inicia campanha e pede #TeichLiberaCloroquina.</p>	<p>GM</p> <p>MATÉRIA 28: (JP): Bolsonaro diz que 30% das mortes por Covid-19 poderiam ser evitadas com cloroquina.</p>

Fonte: A autora (2024).

A **matéria 25** é do site BSM e seu tema é uma notícia que foi amplamente repercutida pelos conservadores no Brasil, abordando um estudo da revista *The Lancet*¹⁰⁸ sobre a adoção de *lockdown* poder resultar na morte de milhares de crianças; ao menos foi a manchete anunciada, muito embora a pesquisa “que fundamenta” essa informação não apresente tal conclusão.

Para fins de contextualização, a matéria 25 foi elaborada a partir de uma notícia em inglês do site *The Telegraph*¹⁰⁹, que traz declarações relativas a preocupações da Unifec, a agência da ONU para proteção à infância, acerca da vulnerabilidade infantil ante efeitos indiretos da pandemia. Nesse aspecto, tanto o artigo da *The Lancet* quanto a UNICEF parecem estimar o dado sobre as crianças ao apontar que o problema é político, mas por causa de sistemas de saúde enfraquecidos; e não por conta do *lockdown* em si, como o BSM dá a entender.

O problema que resultaria na vulnerabilidade infantil seria o uso *indiscriminado* do protocolo, '*Indiscriminate lockdowns*', nas palavras do chefe da saúde da Unicef. A referência, então, é sobre a adoção do protocolo de *lockdown* sem se considerar realidades locais de regiões

¹⁰⁸ ROBERTON, T. *et al.* Early Estimates of the Indirect Effects of the Coronavirus Pandemic on Maternal and Child Mortality in Low- and Middle-Income Countries. **The Lancet Global Health**, [https://www.thelancet.com/journals/langlo/article/PIIS2214-109X\(20\)30229-1/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/langlo/article/PIIS2214-109X(20)30229-1/fulltext). Acesso em 02 jul. 2024.

¹⁰⁹ UNICEF warns lockdown could kill more than Covid-19 as model predicts 1.2 million child deaths. **The Telegraph**, 13 maio 2020. Disponível em: <https://www.telegraph.co.uk/global-health/science-and-disease/unicef-warns-lockdown-could-kill-covid-19-model-predicts-12/>. Acesso em 02 jul. 2024.

vulneráveis e outras doenças que requerem: 1) cobertura vacinal (que a MC desincentiva), 2) rotina de cuidados essenciais e 3) mobilidade. Inclusive, na matéria do *The Telegraph*, a Unicef defendeu que houvesse isolamento regional, mas levando-se em conta pontos críticos e realidades locais. Em outras palavras, o alerta era sobre desconsiderar realidades regionais e a existência de sistemas de saúde fracos, de maneira que os líderes pudessem adotar novas abordagens de saúde pública, como atendimento domiciliar, para não prejudicar demandas indispensáveis de acesso a cuidados.

Agora, vejamos como essa pauta foi veiculada na MC, segundo o site BSM, n Reportagem publicada em 14 de maio de 2020, primeiro trimestre da pandemia:

MATÉRIA 25 (BSM)

SD1 (TÍTULO): *Lockdown* pode levar à morte 1,2 milhão de crianças¹¹⁰

SD 2: Segundo declarou Stefan Peterson, chefe de saúde da Unicef, em entrevista ao jornal britânico *The Telegraph*, *os bloqueios impostos pelos governos não são meios eficazes para o controle da pandemia, e fatalmente vão interromper serviços de saúde* e o abastecimento de comida em regiões pobres. Isso significa que *as crianças não vão morrer de Covid-19, mas de malária, pneumonia, diarreia — e fome*. A Unicef calcula que a mortalidade infantil tenha crescido 45% nos últimos meses, em parte como resultado dos *métodos radicais* de combate à pandemia.

SD 3: Peterson apontou a perplexidade e a *confusão dos governantes* diante da pandemia. “Receio que as medidas de bloqueio total tenham sido copiadas entre os países por falta de saber o que fazer, *sem a necessária contextualização local*”, declarou o médico.

SD 4: Em países de média e baixa renda, *o sarampo, a pneumonia, a diarreia, as mortes no parto e a inanição* representam um *risco muito maior* para a vida das crianças do que o *vírus chinês*. E não é o BSM quem está dizendo — é uma agência da *ONU!*

O *seu* *governador* já sabe disso?

(grifos em itálico são nossos)

Ao enunciar na SD1, no título da matéria, que o “*lockdown* pode levar à morte”, o discurso do BSM produz um *efeito de verdade*, por meio de uma articulação que relaciona *causa e consequência*, sendo a causa o isolamento e a consequência a morte. No entanto, tal articulação não condiz com a causa (isolamento indiscriminado sem considerar aspectos regionais) e a consequência (vulnerabilidade infantil) realmente argumentadas no artigo da *The Lancet* e na declaração da Unicef que dão base à pauta. Assim, por meio da *posição-sujeito de identificação com o negacionismo*, nesse caso em relação aos benefícios cientificamente

¹¹⁰ LOCKDOWN pode levar à morte 1,2 milhão de crianças. **Brasil sem Medo**, [s.l.], 14 maio 2020. Disponível em: <https://brasilsemmedo.com/lockdown-pode-levar-a-morte-12-milhao-de-criancas/>. Acesso em 11 mar. 2023.

comprovados do isolamento social (por região e mediante as responsabilidades políticas no gerenciamento dele), o BSM (e o *The Telegraph*) distorce a informação da pesquisa sobre o *lockdown* publicada na revista.

Na SD 2, segue-se tentando estabilizar na memória discursiva a mesma perspectiva negacionista presente no título, silenciando que a referência da Unicef era sobre isolamentos indiscriminados. Ainda, entre as consequências do isolamento (que, na verdade, são frutos de uma má gestão pública), lista-se a “fome” de maneira destacada, por ser precedida de um travessão após uma lista de doenças: “Isso significa que as crianças não vão morrer de Covid-19, mas de malária, pneumonia, diarreia — e fome”. Fome, por conseguinte, é um termo também ligado à economia, e chamar a atenção do leitor para a fome como consequência última da adoção do protocolo abordado remonta à defesa da economia, que foi um dos argumentos dos conservadores para se oporem ao *lockdown*.

Contraditoriamente, na SD 3, fala-se em “necessária contextualização local”, quando o veículo usa uma citação direta da Unicef. E, ainda que o veículo tenha usado essa fala para tentar atacar governantes que queriam adotar o *lockdown*, adjetivar como “necessária” a contextualização de um isolamento expõe que o título e a SD 2 da matéria 25 são enganosos e enviesados, porque visam a direcionar a interpretação para negar benefícios do isolamento como protocolo de saúde.

Mesmo assim, na SD 4, insiste-se no discurso negacionista e anticomunista, ao se mobilizar o campo político no enunciado “vírus chinês”. Provoca-se ainda o leitor contra os governadores de estados brasileiros quando o veículo formula a pergunta: “O seu governador já sabe disso?”. Dessa maneira, é traçado um paralelo semântico em relação ao *lockdown* poder também intensificar outras doenças e a fome no Brasil, onde o isolamento fosse adotado naquele primeiro trimestre da pandemia, quando a pauta foi veiculada.

Formulações a partir da *posição-sujeito de identificação com o negacionismo e com o anticomunismo* são constantes também no discurso do site CP no que tange aos protocolos, assim como se deu quando o discurso era sobre a origem do coronavírus. Nesse sentido, a próxima matéria analisada em três SD tem como tema a vacina contra a covid-19. O post é de 22 de outubro de 2020, quando o Brasil discutia a urgência da imunização contra a covid-19.

MATÉRIA 26 (CP)

SD 1 (TÍTULO): Efeito colateral da *vacina chinesa* pode ser *pior que a Covid-19*, diz neurocirurgião¹¹¹

¹¹¹ EFEITO colateral da vacina chinesa pode ser pior que a Covid-19, diz neurocirurgião. **Conexão Política**, Brasília, 22 out. 2020. Disponível em: <https://www.conexapolitica.com.br/ultimas/efeito->

SD 2: O *neurocirurgião* Paulo Porto de Melo, em entrevista ao *programa Pânico* desta quarta-feira, 21, explicou os *riscos e efeitos colaterais da Coronavac*, a vacina contra o novo coronavírus produzida pela empresa chinesa Sinovac em parceria com o Instituto Butantan.

Conforme noticiado pelo *Conexão Política*, *o governo federal optou por rejeitar a compra de 46 milhões de doses da vacina*.

SD 3: O *neurocirurgião* comparou o índice de efeito colateral da Coronavac ao da vacina contra a poliomielite.

“O público pode pensar que 5,37% é uma taxa baixa, mas representa, por exemplo, cem vezes mais chances de efeitos colaterais do que a vacina contra a pólio, que tem uma taxa de 0,05%. Por isso, talvez a vacina contra covid-19 mate ou prejudique mais gente do que a própria evolução da doença”, declarou.

(grifos em itálico são nossos)

Nesta **matéria 26**, já no título, o discurso funciona a partir da *posição-sujeito anticomunista*, pelo modo de nomear na SD 1 a vacina como “chinesa”, uma vez que os demais imunizantes costumam ser identificados pelas empresas farmacêuticas fabricantes (AstraZeneca, Pfizer, etc.). Ainda, simula-se um discurso científico em função do cargo de quem dá autoria à citação usada pelo veículo ser um “neurocirurgião”. Ademais, ao dizer que o “efeito colateral” de uma vacina “é pior que” a doença, constrói-se um discurso de negação dos benefícios da vacina.

Na SD 2, vemos o alinhamento da MC com a parte da GM com a qual ela se identifica, ao se referenciar como fonte um programa da Jovem Pan, o *Pânico*. Em seguida, com um discurso político, informa-se que o “governo federal” rejeitou “46 milhões de doses da vacina”, trazendo o efeito de sentido político de bom gerenciamento da pandemia pelo então presidente Jair Bolsonaro.

Por fim, na SD 3, sem nenhum critério científico que considere variáveis de tempo e teste, compara-se a vacina contra a covid-19 e a vacina contra pólio, criada em 1955, estabilizando o sentido negacionista da vacinação durante a pandemia do coronavírus, na perspectiva de que ela “mate ou prejudique mais” que a covid-19, cujos óbitos em outubro de 2020 no Brasil eram quase 160 mil.

Ainda analisando o modo como a MC aborda os protocolos de saúde, seguimos para a **matéria 27**, do site PN, que enuncia a partir da *posição-sujeito de identificação com o senso comum* para falar sobre o tratamento precoce. A publicação ocorreu em 11 de maio de 2020, na editoria “política nacional”.

[colateral-da-vacina-chinesa-pode-ser-pior-que-a-covid-19-diz-neurocirurgiao/](#). Acesso em 17 jun. 2023.

MATÉRIA 27 (PN)

SD 1 (TÍTULO): *Internet* inicia campanha e pede #TeichLiberaCloroquina¹¹²
 IMAGEM 1 / SD 2:



SD 3: Nesta segunda-feira (11), *usuários de redes sociais se uniram* em campanha para a *liberação da cloroquina*, um dos medicamentos que *pode ser eficaz* no tratamento contra a Covid-19. Usuários do twitter fizeram o pedido ao ministro da Saúde, Nelson Teich.

SD 4: Alguns usuários também pediram que o Ministério da Saúde libere a cloroquina para ser usada no *Sistema Único de Saúde (SUS)*.

A iniciativa rendeu frutos e levou a hashtag a ser um dos *assunto mais comentados* da rede social.

(grifos em itálico são nossos)

Em seu título, na SD 1, o discurso do veículo produz um *efeito de consenso* quando informa que a “internet pede” o tratamento precoce da cloroquina ao então Ministro da Saúde, Nelson Teich — o quarto ministro desta pasta na gestão de Bolsonaro, uma vez que os anteriores saíam do cargo por discordar desse mesmo protocolo também defendido pelo presidente do Brasil durante a pandemia.

O termo “internet” parece representar um sujeito social, que, segundo o CP, tem a iniciativa dessa “campanha” digital, projetando a totalidade da comunidade online, como um *senso comum* de que a população está a favor dos protocolos defendidos pelo Governo.

¹¹² INTERNET inicia campanha e pede #TeichLiberaCloroquina. **Pleno News**, Rio de Janeiro, 11 maio 2020. Disponível em: <https://pleno.news/brasil/politica-nacional/internet-inicia-campanha-e-pede-teichliberacloroquina.html>. Acesso em 10 set. 2022.

Buscando entender a real representatividade da “internet” citada pelo site, checamos na rede social X os dez perfis mencionados pelo PN como aqueles que pediam liberação da cloroquina. Para exemplificar, um desses perfis está na imagem 1, SD2, cujo print usado na publicação reproduz discursos de teorias de conspiração, ao dizer que o remédio é um “tratamento contra o comunismo”. Constatamos que todos os usuários apontados na publicação fazem postagens com conteúdo de direita e possuem identidade duvidosa, seja por usar foto de animal, ter perfil excluído ou enunciar sem traços humanizados, apenas com reposts políticos¹¹³. Ou seja, não há representação social plural ou significativa nesse sujeito “internet” que inicia campanhas e pede coisas ao governo.

Ainda assim, nas SD 2 e 3, retoma-se o *efeito de consenso* quando trocam “internet” por “usuários” e afirmam que o assunto esteve entre os “mais comentados da rede”. Tal perspectiva, enunciada pela *posição-sujeito de identificação com o senso comum*, aparece em outro post da montagem discursiva 6 em uma notícia da JP, veículo da GM. O assunto dela foi o tratamento precoce, a partir de uma declaração de Bolsonaro, cujos dados têm como fonte conversas dele com “muitos médicos”. A publicação é de outubro de 2020 e o veículo simula se *identificar com a ciência*:

MATÉRIA 28 (JP)

SD1 (TÍTULO): Bolsonaro diz que *30% das mortes por Covid-19 poderiam ser evitadas com cloroquina*¹¹⁴

SD 2 (SUBTÍTULO): “Eu sei que eu não sou médico, *mas conversei com muitos médicos*; ou você acha que eu inventei a cloroquina?”, afirmou o presidente.

SD 3: O presidente Jair Bolsonaro afirmou que *30% das mortes por Covid-19 registradas no Brasil poderiam ter sido evitadas* com o uso da cloroquina, um medicamento sem comprovação científica de eficiência contra a doença e rejeitado pela comunidade científica mundial.

SD 4: Em transmissão pelas redes sociais ao lado de uma apoiadora em Guarujá (SP), Bolsonaro citou um *suposto estudo da Sociedade Europeia de Cardiologia* afirmando que a *hidroxicloroquina não causa arritmia cardíaca*. “Eu sei que eu não sou médico. Mas conversei com muitos médicos ou você acha que eu inventei a cloroquina?”, questionou Bolsonaro, dirigindo-se à câmera no vídeo ao vivo. De acordo com Bolsonaro, *o estudo de que a cloroquina evita mortes pela Covid-19 vai chegar um dia*.

(grifos em itálico são nossos)

¹¹³ Em julho de 2024, ao buscarmos os @ deles, constatamos que: @jlianobremepas1 foi criado em maio de 2020, ano do post; @anavistein deletou o perfil; @sebastiaoreal foi excluído e outra pessoa usa agora desde 2022; já o @nilsonporfirio usa fotos animais aleatórios.

¹¹⁴ BOLSONARO diz que 30% das mortes por Covid-19 poderiam ser evitadas com cloroquina. **JP News**, São Paulo, 10 out. 2020. Disponível em: <https://jovempan.com.br/noticias/brasil/bolsonaro-diz-que-30-das-mortes-por-covid-19-poderiam-ser-evitadas-com-cloroquina.html>. Acesso em: 20 maio. 2023.

Inicialmente, na SD 1, o título escolhido pelo veículo para a **matéria 28** não deixa claro se a declaração de que “30% das mortes por Covid-19 poderiam ser evitadas com cloroquina” tem base científica ou não; apenas se repercute a fala do presidente, sem confrontar ou informar a fonte. No subtítulo, exposto na SD 2, também não se explica a fonte usada, embora sugira estar no campo científico, por causa da expressão “muitos médicos”. Discursivamente, projeta-se a mobilização do campo científico, contudo, a JP desloca saberes de senso comum para suas pautas sobre a pandemia, ao apresentar que o dado fornecido por Bolsonaro vem de “conversas”, demonstrando informalidade e ausência de critério científico para o fato enunciado no título.

Nas SD 3 e 4, no entanto, mostra-se que o tratamento é “sem comprovação científica” e tem rejeição “pela comunidade científica mundial”, e é por este enunciado que entendemos o funcionamento discursivo desta matéria: a JP usa o saber científico em função do senso comum, pois embora afirme que a medicação não tem eficácia comprovada, o foco da publicação no título dirige para o contrário disto. Ademais, informa-se a existência de um “suposto estudo” ainda não publicado, que daria base à declaração do título, tendo sido elaborado por um grupo — Sociedade Europeia de Cardiologia — que parece relevante para confrontar a “comunidade científica mundial” que rejeita a cloroquina. Assim, a partir dos argumentos de Pêcheux (2014), compreendemos que se há um distanciamento entre o enunciador e a *forma-sujeito* de uma FD, isso indica a *contraidentificação*. Nesse sentido, a JP questiona evidências científicas e mobiliza o senso comum ao falar de pesquisas não publicadas (sem revisão de pares) ou dados cuja fonte são conversas, apenas simulando aderir ao conhecimento científico.

Na sequência, a última montagem deste segundo movimento de análise se debruça sobre os confrontos entre os segmentos analisados até aqui, no que tange aos protocolos. O foco maior que demos foi à vacina, pois, a longo prazo, no período de escrita desta tese, foi o protocolo mais emblemático e de longas discussões, inclusive em 2024.

Esclarecemos que nosso intuito ao ter selecionado as matérias a seguir é analisar o jogo de posições relacionado à vacina, de forma a expor que, mesmo estando identificados com a ciência ou com a concepção político-social de esquerda, GM e MA não deixavam de informar as reações decorrentes das vacinas. O diferencial entre esses segmentos e a MC se configura pelos *efeitos de estímulo* e de *desestímulo à vacinação*, no sentido de as reações serem significadas como “raras” e “compensarem” no que diz respeito aos benefícios que a vacina oferece, ou da população ser vista como um tipo de “cobaia” da ciência.

Quadro 15 – Montagem discursiva 7: protocolos de saúde pública segundo a GM, a MC e a MA

MONTAGEM 7		
CAMPO CIENTÍFICO E POLÍTICO NOS DISCURSOS DA GM, MC E MA		
<p>GM</p> <p>MATÉRIA 29: (FSP) Sintomas leves após vacina contra Covid mostram que sistema imune está trabalhando; veja os mais comuns.</p> <p>MATÉRIA 30: (CNN) “Miocardite em crianças é complicação da Covid-19, não da vacina”, diz médica.</p>	<p>GM</p> <p>MATÉRIA 31: (JP) Mãe de adolescente que morreu após receber vacina da Pfizer diz que filha não tinha doença autoimune.</p> <hr/> <p>MC</p> <p>MATÉRIA 33: (BSM) Mãe relata pericardite em filho após vacina da Pfizer: “Não vacinem seus filhos”.</p> <p>MATÉRIA 34: (CP) Bolsonaro sobre vacina: “O povo brasileiro não será cobaia”.</p> <p>MATÉRIA 35: (PN) SP: Criança é internada com suspeita de AVC após se vacinar.</p>	<p>MA</p> <p>MATÉRIA 32: (BR247) Morte de adolescente não teve relação com vacina contra Covid-19, conclui governo de São Paulo.</p> <p>MATÉRIA 36: (BRF) Cientistas detectam como vacina da AstraZeneca gera coágulos.</p>

Fonte: A autora (2024).

A primeira matéria da montagem discursiva a ser analisada é a 29, da GM, publicada na FSP. O post é de janeiro de 2021, quando a vacina começou a ser aplicada no Brasil sob forte oposição e negação de sua eficácia pelo Governo Federal.

MATÉRIA 29 (FSP)

SD 1 (TÍTULO): *Sintomas leves* após vacina contra Covid mostram que *sistema imune está trabalhando*; veja os mais comuns¹¹⁵

SD 2 (SUBTÍTULO): Manifestações como febre e dor de cabeça podem surgir mas desaparecem em pouco tempo.

SD 3: Sintomas *muito leves* que podem aparecer após a aplicação de uma vacina não indicam que a pessoa foi infectada com o vírus *nem são sinais de que o imunizante não é seguro*. Essas *reações* mostram que o *sistema imunológico está em estado de alerta e trabalhando* para construir as defesas contra o patógeno e, assim, evitar o surgimento ou o agravamento da doença.

SD 4: Nas transmissões ao vivo pela internet e em encontros com seus apoiadores em Brasília, o *presidente Jair Bolsonaro* (sem partido) *costuma enfatizar os efeitos adversos das vacinas como algo negativo*, o que pode incitar medo dos imunizantes nas pessoas que o acompanham. Mas a *verdade é que*, apesar do desconforto da picada da agulha que pode amedrontar alguns, as vacinas contra a Covid-19 que já foram liberadas para uso emergencial em diversos países *são seguras e geram muito poucos efeitos colaterais* em geral.

(grifos em itálico são nossos)

Já no título da **matéria 29**, nossa SD1, o veículo informa que, após a imunização, a existência de “sintomas leves” é um bom sinal, o que gera um *efeito de atenuação* quanto à reação da vacina, para significar que ela é segura e confrontar *posições de identificação com o negacionismo*, pelas quais enuncia-se a negação dos benefícios da vacinação.

Nas SD 2 e 3, tenta-se regularizar esse mesmo efeito quando é dito que, entre os sintomas, a “febre” e a “dor de cabeça” acabam em “pouco tempo” ou que tais sintomas são “muito leves”. Ademais, reitera-se novamente o significado das reações: “o sistema imunológico está em alerta”. Logo, há aqui um incentivo à vacinação, apesar das reações, por meio de um enunciado constituído pela *posição-sujeito de identificação com a ciência*.

Um confronto entre a FSP e veículos que enunciam pelas *posições-sujeito de identificação com o negacionismo* relativo a esse benefício aparece na SD 3, quando Jair Bolsonaro é citado como um porta-voz que fala dos efeitos da vacina como algo negativo, quando, na verdade, cientificamente, se trata do oposto, segundo o informado pelo veículo. Assim, mobiliza-se o discurso científico, mas em função do político, em oposição ao negacionismo relacionado à imunização.

Avançando na linha do tempo da pandemia, em fevereiro de 2022, as discussões sobre as vacinas seguiam altas, o que resultava em muitas notícias e reportagens nesta temática. Nesse

¹¹⁵ SINTOMAS leves após vacina contra Covid mostram que sistema imune está trabalhando; veja os mais comuns. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 28 jan. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/01/sintomas-leves-apos-vacina-contracovid-19-mostram-que-sistema-imunologico-esta-trabalhando.shtml>. Acesso em: 12 jun. 2024.

sentido, a CNN fez um post para informar que a miocardite não era reação adversa da imunização, como parte da MC apontava ser.

MATÉRIA 30 (CNN)

SD 1 (TÍTULO): *MIOCARDITE em crianças é complicação da Covid-19, não da vacina*”, diz médica¹¹⁶

SD 2: Cristiana Toscano afirma que outro *impacto positivo na imunização* de crianças é a *redução* de aproximadamente *3 mil mortes e 11 mil hospitalizações*.

SD 3: Circulavam *boatos* de que a *doença* estava *atrelada a (sic) vacina* contra o coronavírus. No entanto, segundo a especialista, essa *associação não está correta*. [...]

De acordo com um *estudo* que visa contemplar quais são os impactos positivos da vacinação em crianças, a imunização desse público pode *reduzir* em aproximadamente *3 mil mortes e 11 mil hospitalizações*.

SD 4: “Em *São Paulo* também já conseguimos ver a *redução das hospitalizações*. O estado já *vacinou 54% das crianças* entre 5 e 11 anos.”

(grifos em itálico são nossos)

Diferentemente das declarações negacionistas enunciadas pela JP (da GM) e por veículos da MC, os discursos que predominam na GM e na MA tendem aos sentidos opostos: de reafirmação daquilo que é estabelecido cientificamente, especialmente em relação aos benefícios da imunização. Com base no conhecimento científico disponível em 2022, acreditava-se que a miocardite fosse decorrente da Covid-19 e não da vacina, ainda que em 2023 tenha sido provado que há, sim, relação (rara) com a vacina¹¹⁷. Nesse ponto, no entanto, o contraponto ao negacionismo está justamente relacionado ao que se tinha de evidência científica para poder circular a informação, e a MC só costuma veicular tais dados se eles fossem adequados às posições ideológicas negacionistas e de senso comum que sustentavam, como, por exemplo, se fosse a favor do tratamento precoce.

Quando a CNN traz a fala de uma médica no título (SD 1) desta **matéria 30** para defender a vacina e comentar sobre os riscos do imunizante em crianças, o *efeito* de sentido é de *incentivo* à vacinação — nesse caso, a infantil. O que também ocorre na SD 2, quando o

¹¹⁶ “MIOCARDITE em crianças é complicação da Covid-19, não da vacina”, diz médica. **CNN Brasil**, São Paulo, 19 fev. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/miocardite-em-criancas-e-complicacao-da-covid-19-nao-da-vacina-diz-medica/>. Acesso em: 15 jun. 2024.

¹¹⁷ A matéria de 2022 segue o que era dito na ciência até aquele momento. Um ano depois, em 2023, estudos comprovaram que a vacina pode, sim, ter esse efeito da miocardite. Na Folha, por exemplo, eles foram enunciados como sendo “raros e, “em um número muito pequeno de casos”, sendo a vacina ainda funcional por ter ajudado a salvar milhões de vidas. Detalhes em: ESTUDO revela mecanismo por trás de rara miocardite em adolescentes após vacina da Covid. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 05 maio. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2023/05/estudo-revela-mecanismo-por-tras-de-rara-miocardite-em-adolescentes-apos-vacina-da-covid.shtml>. Acesso em: 12 jun. 2024.

veículo usa a fala da médica para afirmar o “impacto positivo” da redução de “mortes” e de “hospitalizações”.

Na SD 3, são enunciados discursos que relacionam a vacina à miocardite, como se eles estivessem no campo do senso comum, classificando-os como “boatos”. Já os impactos positivos são apresentados com base em um “estudo”, o que sugere confronto entre ciência e senso comum. Por fim, na SD 4, prova-se que o “estudo” estava correto a partir de um caso prático: a diminuição de internações no Estado de São Paulo; o que significa vantagem no uso da vacina, apesar de 1 ano depois a relação (rara) entre ela e a miocardite ter sido provada.

Mostrando que a GM é heterogênea e seus diversos veículos divergem em relação aos protocolos de saúde pública, retomamos novamente a JP, que tende a colocar em evidência as reações (que outros veículos da GM e a MA abordam como raras), mesmo que não houvesse consenso científico sobre isso, porque não é o conhecimento científico que determina a seleção do fato, mas o favorecimento aos posicionamentos defendidos a partir da ideologia conservadora que interpela a JP (e a MC) em seu discurso.

A **matéria 31**, portanto, se refere a uma publicação de setembro de 2021, que faz um lamentável (ab)uso jornalístico¹¹⁸ do óbito em São Paulo de uma adolescente dias após ela receber a vacina da Pfizer.

MATÉRIA 31 (JP)

SD 1 (TÍTULO): Mãe de *adolescente que morreu após receber vacina da Pfizer diz que filha não tinha doença autoimune*¹¹⁹

SD 2: Isabelle Borges Valentim, de 16 anos, *começou a passar mal em casa menos de 12 horas depois de tomar a primeira dose da vacina da Pfizer em uma escola em São Bernardo do Campo, na grande São Paulo. A imunização era o maior desejo da jovem, que havia ganhado uma viagem para Disney da mãe há um ano, mas que precisou adiar a realização do sonho até que fosse vacinada contra a Covid-19.*

SD 3: Na última sexta-feira, 17, a *Secretaria Estadual de Saúde divulgou uma nota na qual descarta que a vacina tenha sido a causa da morte de Isabelle. Segundo a pasta, 70 profissionais analisaram o caso e concluíram que a menina tinha uma doença autoimune rara e grave chamada de “Púrpura Trombótica Trombocitopênica”, um distúrbio que envolve a formação de pequenos coágulos de sangue por todo o corpo. Os coágulos bloqueiam o fluxo*

¹¹⁸ Queremos expressar que lamentamos muito a dor da mãe entrevistada e que tantas dúvidas a tenham feito sofrer ainda mais em seu luto. Lamentamos que o caso tenha sido usado pelo jornalismo negacionista. Enquanto analistas, nossas ponderações a seguir consideram o discurso da JP e seus posicionamentos em torno da vacina a partir do caso, sem, contudo, que isso signifique algum juízo de valor relativo à mãe ou à adolescente citadas no caso. Isso vale para todos os demais apontamentos teóricos sobre outros sites que noticiam fatos semelhantes.

¹¹⁹ MÃE de adolescente que morreu após receber vacina da Pfizer diz que filha não tinha doença autoimune. **JP News**, São Paulo, 20 set. 2021. Disponível em: <https://jovempan.com.br/programas/jornal-da-manha/mae-de-adolescente-que-morreu-apos-receber-vacina-da-pfizer-diz-que-filha-nao-tinha-doenca-autoimune.html>. Acesso em: 22 maio. 2023.

de sangue para os órgãos vitais como o cérebro, o coração e os rins. Cristiane Borges é a mãe de Isabelle e pela primeira vez aceitou falar publicamente sobre o caso.

SD 4: De acordo com Cristiane, *o laudo médico não bate com a certidão de óbito* de Isabelle, *informação confirmada* também pelo *Secretário Municipal de Saúde de São Bernardo do Campo*, Geraldo Sobrinho. “Os cardiologistas presentes descartaram aquilo que está no atestado de óbito. Ela não faleceu daquilo que está no laudo”, revelou. O *Estado de São Paulo*, por meio de nota, *informou* que *distribui* para aplicação em adolescentes *somente vacinas* contra a Covid-19 *autorizadas pela Anvisa*. A nota diz ainda que, *de 2,4 milhões jovens imunizados, apenas 0,001 de eventos adversos foram identificados*. O mais grave relacionado ao laboratório Pfizer foi a *miocardite*, uma inflamação do músculo do coração que pode surgir como uma complicação de diferentes tipos de infecção no organismo, causando sintomas como dor no peito, falta de ar ou tonturas.

(grifos em itálico são nossos)

O título dado pela JP na SD 1 produz um *efeito de verdade*, ao articular sentidos *de causa* (vacina) e *consequência* (óbito), desestimulando a vacinação a partir do relato de um caso e não de estudos científicos. O veículo aqui projeta em seu discurso um modo *de humanização* na abordagem desta pauta, o que também costuma ocorrer em veículos de MA, mas a partir de determinações ideológicas opostas. Parte da GM e MC tendem a humanizar a pauta para negar benefícios da imunização; a MA, por outro lado, o faz para validar esse protocolo.

Nesta matéria 31, o relato selecionado pela JP que colocamos na SD 2 informa que a adolescente “começou a passar mal 12 horas depois de tomar a primeira dose” e que isso ocorreu em uma escola. Ressalta-se ainda o fato da vacina ser “o maior desejo” da menina, pois ela viajaria para a Disney e isso só poderia ocorrer mediante a vacinação, segundo as normas internacionais da época. Nesta mesma SD, a JP fala que “o sonho” da jovem em relação à viagem foi adiado e sugere que foi por causa da necessidade de vacinação; quando, de fato, o sonho foi adiado porque havia uma pandemia no mundo. A razão do adiamento não era a vacina, mas a pandemia; no entanto, isso é distorcido no discurso do periódico numa estratégia neoconservadora de exploração do sentimento de pessoas da classe média, tendo em vista que uma viagem à Disney é um bem de custo alto. Ainda, interdiscursivamente, esse modo de enunciar promove um apelo pela liberdade de ir e vir, que era uma das bandeiras conservadoras para fazer oposição aos protocolos defendidos pela ciência dominante.

Em sequência, nas SD 3 e 4, é mostrado que os atores institucionais envolvidos no caso foram contraditórios. A Secretaria Estadual de Saúde, por um lado, descartou a vacina como causa da morte. Segundo o órgão, a jovem tinha “Púrpura Trombótica Trombocitopênica”,

doença “rara e grave”. Já o secretário de Saúde do município de São Bernardo do Campo confirmou que o “laudo médico” não estava de acordo com a certidão de óbito”; o que, da forma que está exposto, deixa ainda mais margem para desincentivar a vacina.

Nesse sentido, a **matéria 32**, do BR247, mostra como a MA abordou esse mesmo caso de forma a não desincentivar a imunização, dando voz apenas ao que a ANVISA concluiu e ao posicionamento do STF. Ou seja, o foco dado e as vozes selecionadas não são escolhas aleatórias: conforme ressaltamos na análise 31, no caso da JP, a humanização das pautas tende a ocorrer em função do negacionismo; em contraponto, todavia, a MA busca saberes científicos e a humanização das pautas para validar o conhecimento científico. Assim, no que tange à discursivização das reações das vacinas segundo a MA, a matéria 32 é de 22 de setembro de 2021:

MATÉRIA 32 (BR247)

SD 1 (TÍTULO): ANVISA conclui que *morte de adolescente de SP não foi causada por vacina da Pfizer*.¹²⁰

SD 2: A adolescente de 16 anos foi vítima, na verdade, de uma *doença autoimune chamada Púrpura Trombótica Trombocitopênica (PPT)*, que também não tem relação com a vacina.

SD 3: "A causalidade foi classificada como *coincidente*, ou seja, *descartou-se a possibilidade* de o óbito ter sido *relacionado à administração da vacina*", disse a agência em comunicado.

SD 4: O ministro do *Supremo Tribunal Federal (STF)* Ricardo Lewandowski afirmou na terça-feira que cabe aos entes federativos definir se vão promover a vacinação de adolescentes maiores de 12 anos contra Covid-19, citando que a *suspensão da imunização por conta do evento "não encontra amparo em evidências acadêmicas, nem em análises estratégicas"* realizadas internacionalmente.

(grifos em itálico são nossos)

Mostrando que é um enunciador identificado com a ciência, o BR247 não silenciou a morte da jovem em SP, mas a noticiou a partir do parecer da ANVISA, sinalizando no título, nossa SD 1, qual foi a conclusão do órgão acerca do óbito: “não foi causada por vacina”.

Nas SD 2 e 3, reitera-se a ausência dessa relação do óbito com o imunizante e informa-se qual foi a causa: “Púrpura Trombótica Trombocitopênica (PPT)”. Na SD 4, por meio de uma fala vinda de um ministro do “Supremo Tribunal Federal”, desencoraja-se a suspensão da aplicação dessa vacina, já que associá-la ao óbito “não encontra amparo em evidências

¹²⁰ ANVISA conclui que morte de adolescente de SP não foi causada por vacina da Pfizer. **Brasil 247**, São Paulo, 22 set. 2021. Disponível em: <https://www.brasil247.com/coronavirus/anvisa-conclui-que-morte-de-adolescente-de-sp-nao-foi-causada-por-vacina-da-pfizer>. Acesso em: 05 jun. 2024.

acadêmicas”. Confronta-se, assim, a *posição-sujeito de identificação com o senso comum e com o negacionismo*, por meio da qual a MC e parte da GM enunciam.

A seguir, em confronto aos sentidos desta matéria 32, a **matéria 33** é da MC, do site BSM, publicada em março de 2022, seguindo a linha da JP na matéria 31, que recorre à dor das mães e casos problemáticos para informar sobre o processo de vacinação, desincentivando-a ao instrumentalizar essa tragédia.

MATÉRIA 33 (BSM)

SD 1 (TÍTULO): Mãe relata *pericardite* em filho após vacina da Pfizer: “Não vacinem seus filhos”¹²¹

SD 2: A maioria das mortes por covid entre janeiro e fevereiro deste ano no município de Londrina, onde ocorreu o caso, *se deu entre pacientes* que tomaram ao menos duas doses da vacina.

SD 3: A mãe de um adolescente de 13 anos relatou que seu filho sofreu um *infarto três dias após vacinação* com o *soro experimental* da gigante farmacêutica Pfizer e foi diagnosticado com *pericardite causada*, segundo *atestado médico*, por uma *reação* ao “imunizante”. O caso aconteceu em Londrina (PR) [...]

Sobre a *pressão das escolas* para que os pais submetam seus filhos ao *experimento* com vacinas, Alessandra fez o seguinte apelo: “*Não vacinem os seus filhos*. As crianças nunca foram um risco, só eu sei o que passei com meu filho”.

SD 4: Contra o apartheid sanitário

Na última terça-feira (22), as mães do grupo *Eu Decido Pelo Meu Filho* conseguiram uma *grande vitória* na Câmara Municipal de Londrina. Por 15 votos a 4, os vereadores aprovaram um projeto de lei que *proíbe a exigência do passaporte vacinal* no município.

(grifos em itálico são nossos)

Em seu título, nossa SD1, o BSM é mais direto em relação ao *efeito de desincentivo à vacinação*, ao colocar em destaque a fala direta “não vacinem seus filhos”, dita pela mãe do adolescente que teve “pericardite após vacina da Pfizer”. O termo “após”, nesse cenário, funciona sob um sentido ligado à *causa* (vacina) e *consequência* (pericardite). Essa mesma maneira de enunciar é mobilizada na SD 2, subtítulo da notícia, quando o BSM afirma que “a maioria das mortes” no município do caso, em dois meses, foi “entre pacientes que tomaram ao menos duas doses da vacina”, retomando a sugestão de existir relação entre vacina e morte.

Pela *posição-sujeito de identificação com o negacionismo e com o senso comum*, a designação dada pelo veículo à vacina na SD 3 é de “soro experimental”. Ainda, o site tenta estabilizar o sentido de “experimento” quando menciona “pressão das escolas”, atribuindo a

¹²¹ MÃE relata pericardite em filho após vacina da Pfizer: “Não vacinem seus filhos”. **Brasil sem Medo**, [s.l.], 24 mar. 2022. Disponível em: <https://brasilsemmedo.com/mae-de-adolescente-relata-pericardite-apos-vacina-da-pfizer-nao-vacinem-seus-filhos/>. Acesso em 07 mar. 2023.

elas uma prática totalitarista em relação às recomendações científicas e políticas de vacinação. Essa atribuição de totalitarismo é reiterada na SD 4, com o subtítulo dado pelo BSM, de “apartheid sanitário”, o qual desloca saberes do espaço de memória político em relação à segregação racial na África do Sul para significar a pandemia no Brasil, em relação à exigência dos cartões de vacina para circulação em locais públicos.

A perspectiva de experimento, inclusive, é recorrente na MC em outros sites, conforme demonstramos abaixo em uma notícia do CP publicada em outubro de 2020, quando a vacina ainda era uma discussão e não havia chegado ao território brasileiro.

MATÉRIA 34 (CP)

SD 1 (TÍTULO): Bolsonaro sobre *vacina*: “O povo brasileiro não será *cobaia*”¹²²

SD 2: Presidente *voltou a dizer* na manhã desta quarta-feira que não comprará *imunização dos chineses*.

SD 3: O líder também afirmou que “o povo brasileiro não será *cobaia* de ninguém” e que a *fase de testes* em que a imunização está atualmente *não justificam* que o governo faça *investimentos financeiros*.

– Não se justifica um *bilionário aporte financeiro* num medicamento que sequer ultrapassou sua fase de *testagem*. Diante do exposto, minha decisão é a de não adquirir a referida vacina – completou.

(grifos em itálico são nossos)

Nesta **matéria 34**, o *efeito de desincentivo* à vacina aparece quando, na SD1 (o título), o CP recorre a uma fala do então presidente do país usando o termo “cobaia” para se referir a quem espera pela imunização. Além disso, na SD 2, a *posição-sujeito de identificação com o anticomunismo* também é a que o veículo se filia ao usar uma fala do presidente para enunciar que ele “não comprará a imunização dos chineses”, o que recebe destaque no discurso da CP.

Na SD 3, o veículo retoma o dito anteriormente sobre a vacina estar em “fase de testes”, o que não seria suficiente para efetuar um “bilionário aporte financeiro”. Nesse ponto, sugere-se que uma compra antecipada representaria irresponsabilidade, e não precaução. Ademais, ao deslocar termos do espaço de memória econômico — “bilionário”, “aporte financeiro”— para falar sobre a negação à compra de vacina fabricada pelos chineses especificamente, interdiscursivamente, sustenta-se que há um interesse econômico do governo chinês na venda do imunizante.

¹²² BOLSONARO sobre vacina: “O povo brasileiro não será cobaia”. **Pleno News**, Rio de Janeiro, 21 out. 2020. Disponível em: <https://pleno.news/brasil/politica-nacional/bolsonaro-sobre-vacina-o-povo-brasileiro-nao-sera-cobaia.html>. Acesso em 09 fev. 2023.

No que diz respeito ao discurso sobre a insegurança das vacinas, a **matéria 35** também expressa essa perspectiva, afinal, tais casos eram amplamente repercutidos nas mídias conservadoras e parte da GM. A reportagem é de fevereiro de 2022 e o que estava em jogo na época era o processo de vacinação em crianças.

MATÉRIA 35 (PN)

SD 1 (TÍTULO): SP: Criança é internada com *suspeita de AVC após se vacinar*¹²³

SD 2: A Prefeitura da cidade de Macatuba, em São Paulo, informou que uma criança de 8 anos *pode ter sofrido um acidente vascular cerebral (AVC)* 11 dias após tomar a *primeira dose da vacina* contra a Covid-19. Ela está internada na Unidade de Terapia Intensiva (UTI) de um hospital particular de Botucatu.

Segundo o perfil do Instagram da gestão municipal, a criança apresenta sonolência, dor de cabeça e tem um lado do corpo paralisado. *Seu estado, no entanto, é estável.* Ela segue em observação e consegue conversar com a família.

SD 3: Leia também

- 1 *Procura por vacinação* infantil contra a Covid está em *baixa*
- 2 *Enfermeira injeta agulha sem aplicar vacina* em criança no RJ
- 3 Covid: *Justiça manda pais vacinarem* aluna do Pedro II
- 4 "Perco o que for, mas *não tomo vacina*", *dispara* Theo Becker

SD 4: A Prefeitura de Macatuba aguarda, agora, o resultado das investigações por parte do Governo do Estado de São Paulo. Assim que um parecer for enviado ao município, iremos torná-lo público – disse o município.

O comunicado da gestão também destacou que as *vacinas são seguras* e aprovadas pela Anvisa.

– É bom lembrar que todas as vacinas aplicadas em adultos e crianças são *aprovadas pela Anvisa* (Agência Nacional de Vigilância Sanitária). A *imunização é essencial* para que possamos *vencer a pandemia*, tanto que o *agravamento dos casos* da doença *caiu* de maneira acentuada nos últimos meses em todo o Brasil – finalizou.

(grifos em itálico são nossos)

No título da matéria, nossa SD1, sinaliza-se “suspeita” contra o imunizante, sob a possibilidade de que ele provoque acidente vascular cerebral (AVC). Fazendo deslocamentos de saberes políticos na *posição-sujeito de identificação com o negacionismo*, ainda que não se mencione nenhum estudo científico, nas SD 2 e 4, o veículo usa informações oriundas de uma autoridade institucional: a prefeitura da cidade de Macatuba, em SP. Ademais, o PN cita a fala direta da prefeitura no que diz respeito à vacina ser “essencial” e “aprovada pela ANVISA”. Apesar disso, entendemos que há uma *identificação com o negacionismo*, porque, em um

¹²³ SP: Criança é internada com suspeita de AVC após se vacinar. **Pleno News**, Rio de Janeiro, 04 fev. 2022. Disponível em: <https://pleno.news/brasil/sp-crianca-e-internada-com-suspeita-de-avc-11-dias-apos-se-vacinar.html>. Acesso em 21 ago. 2022.

mesmo post, fala-se tanto em importância quanto em suspeita, ambos a partir de vozes da prefeitura, o que gera uma contradição e desconfiança na imunização.

O *efeito de institucionalização política* para dizer que a vacina é segura, pelo uso da fala direta de líderes locais, todavia, é confrontado dentro da própria reportagem, na SD 3. Nela, colocamos quais matérias o veículo escolheu como sugestão de leitura de assunto semelhantes no espaço “leia também”, nas quais vemos o posicionamento negacionista do veículo. Nessa ótica, as matérias indicadas possuem direcionamentos de interpretação sobre a vacina que indicam *efeitos de: desconfiança* em “1. Procura por vacinação [...] está em baixa”; *corrupção* em “2. [...] injeta agulha sem aplicar vacina”; *totalitarismo* em “3. Covid: justiça manda [...] vacinarem [...]”; e *desincentivo* em: “[...] não tomo vacina [...]”.

Em posicionamento oposto, retomamos o modo como a MA significava as reações das vacinas sem recorrer a um funcionamento discursivo que desincentivasse a imunização. Assim, finalizamos as análises da montagem 2 com o site BRF, que publicou uma matéria a respeito disso em dezembro de 2021:

MATÉRIA 36 (BRF)

SD 1 (TÍTULO): Cientistas detectam *como vacina da AstraZeneca gera coágulos*¹²⁴

SD 2: Uma equipe de *cientistas* do Reino Unido e dos Estados Unidos afirmou ter descoberto o mecanismo que faz com que a vacina contra covid-19 da empresa AstraZeneca *possa provocar o desenvolvimento de coágulos sanguíneos em algumas pessoas*.

A equipe, que publicou seus resultados no jornal americano Science Advances, detectou que uma proteína no sangue é atraída por um componente-chave da vacina, o que por sua vez gera uma reação do sistema imunológico que, em combinação com *outros fatores que ainda não foram determinados*, leva à chamada *trombocitopenia trombótica imune (PTI)*.

SD 3: A *vacina da AstraZeneca se mostrou eficaz* contra a covid-19 e *ajudou a salvar milhares de vidas* na pandemia, mas acabou *marcada*, sobretudo na Europa, *pelo temor* de que *gere coágulos* sanguíneos, o que levou vários países a restringir o uso dela.

[...]

Em alguns *raros casos*, o sistema imunológico gera então anticorpos para atacar a proteína PF4 agregada ao adenovírus. À medida que esses anticorpos também se ligam à proteína, os coágulos se desenvolvem, indica a pesquisa.

SD 4: Casos extremamente raros

"A ITP ocorre apenas em *casos extremamente raros* porque uma *cadeia complexa de eventos deve ocorrer* para desencadear esse efeito colateral", disse um dos autores, Alan Parker, da Universidade de Cardiff.

A formação de coágulos em *uma minoria de pacientes* levou muitos governos a limitar o uso da vacina da AstraZeneca, que, entretanto, é a *mais barata e fácil de transportar*.

¹²⁴ CIENTISTAS detectam como vacina da AstraZeneca gera coágulos. **Brasil de fato**, São Paulo, 02 dez. 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/12/02/cientistas-detectam-como-vacina-da-astrazeneca-gera-coagulos..> Acesso em: 24 nov. 2023.

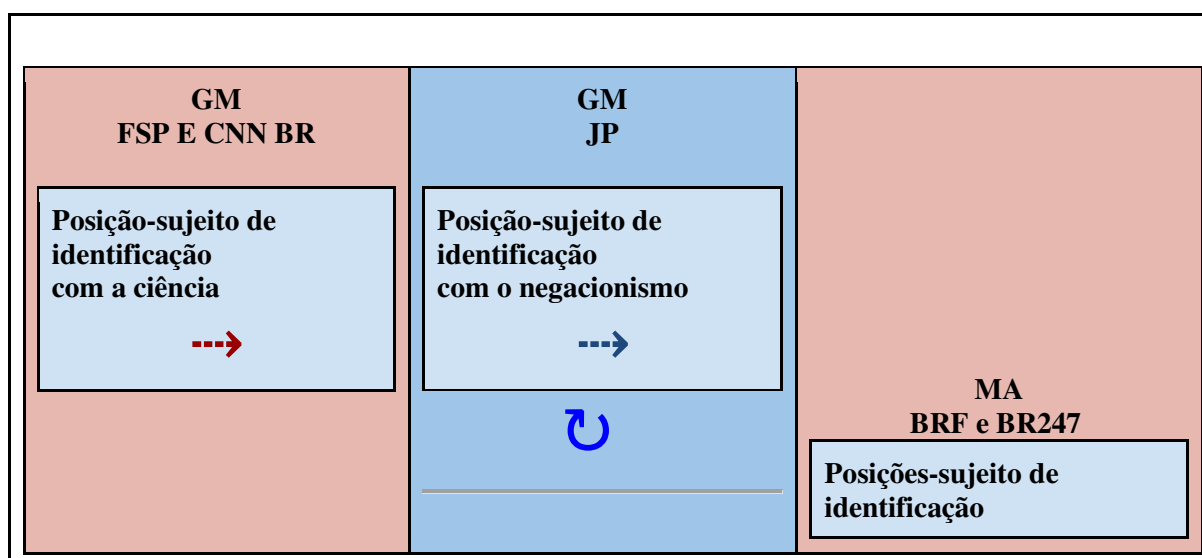
(grifos em itálico são nossos)

Por meio da *posição-sujeito de identificação com a ciência*, no título dado à postagem pelo BRF (SD1) e na SD 2, informa-se que “cientistas” descobriram o modo de uma das vacinas gerar coágulos em “algumas pessoas”, devido a um conjunto de fatores sob investigação que leva à “trombocitopenia trombótica imune”.

Nas SD 3 e 4, o veículo produz um *efeito de atenuação* dessa reação da vacina, ao mencionar que ela ocorre em casos “raros”, “extremamente raros” e numa “minoridade de pacientes”. Além disso, essa atenuação é reforçada ao se expor os benefícios do imunizante que “se mostrou eficaz”, “ajudou a salvar milhares de vidas” sendo também o “mais barato e fácil de transportar”. Portanto, de forma geral, tanto se informa sobre as reações a partir de saberes do espaço de memória da ciência quanto os benefícios da vacinação são comparados com os “raros” sintomas. Assim, o efeito que predomina é de incentivo à vacinação, marcando a filiação do veículo à *posição de identificação com a ciência*.

De modo geral, então, diante dessas 18 análises do nosso segundo tema analítico relacionado aos protocolos de saúde para enfrentamento à pandemia, identificamos que parte da GM e MC produziram sentido sobre o isolamento social, o tratamento precoce e a vacinação para refutar a ciência dominante e legitimar saberes negacionistas ou de senso comum. Em contrapartida, outros veículos da GM e a MA validaram apenas as medidas referendadas na ciência dominante. O quadro 16 indica, resumidamente, o jogo de posições pelo qual os três segmentos enunciaram:

Quadro 16 – O jogo de posições-sujeito em relação à montagem discursiva 7





Fonte: A autora (2024).

A análise desse movimento reafirma nossa tese de que versões diferentes da pandemia circularam nos segmentos estudados, mesmo quando havia semelhança nos discursos deles. Ainda que parte da GM e a MA sejam ambas antinegacionistas, por exemplo, por conta das distintas filiações ideológicas (neoliberal e à esquerda), às quais estão interpeladas, os confrontos com o negacionismo não se dão do mesmo jeito. Essa variação também existe nos discursos de parte da GM e da MC, tendo em vista que a MC é mais incisiva nas suas oposições à ciência dominante e a GM precisa simular a neutralidade.

Assim, observamos que a circulação-confronto de sentidos se configurou pela mobilização de saberes vindos dos espaços de memória da ciência, da economia, e do senso comum, de forma a, por um lado, estabilizar a adoção de protocolos defendidos pela ciência, e, por outro lado, desestabilizar isso para negar/refutar ou minimizar sua eficácia.

4.3 Discurso sobre as responsabilidades na gestão da pandemia: prioridades do Poder Público em debate

Este último movimento analítico também tem materialidades que remontam aos protocolos de saúde pública, mas sob outra perspectiva: o funcionamento discursivo relativo à forma como os segmentos formularam sentidos sobre a gestão da pandemia. Nessa ótica, organizamos três montagens discursivas do *corpus* de análise, com 11 matérias, para entender o jogo de posições em relação ao saber científico e ao político no que tange às diretrizes do Poder Público para enfrentamento da pandemia.¹²⁵

Na primeira montagem discursiva de análise, são abordados os discursos de parte da GM e da MC, enunciados pela posição *de identificação com o negacionismo e com o senso*

¹²⁵ Lembramos o significado das siglas para facilitar a compreensão: GM – FSP (Folha de S.Paulo, CNN NR (CNN Brasil) e JP (Jovem Pan); MA – AP (Agência Pública), BRF (Brasil de Fato), e BR247 (Brasil 247); MC – BSM (Brasil sem Medo), CP (Conexão Política) e PN (Pleno News).

comum, que retoma posicionamentos do então presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, sobretudo os contrários ao STF e a opositores políticos do ex-presidente. Na segunda montagem, identificamos os confrontos internos da GM em relação ao jogo de posições dominantes *de identificação com a ciência*, que confrontam os sentidos negacionistas enunciados na montagem anterior. A terceira montagem discursiva, por fim, analisa como a MA se posicionava mobilizando saberes do espaço de memória da ciência a partir da *posição de identificação com a concepção político-social de esquerda*.

Levamos em consideração que: no discurso da MC, havia uma projeção de falsa binaridade entre vida e economia na defesa das ações do Governo Federal, além de uma suposta denúncia de totalitarismo das lideranças políticas que defendiam o isolamento ou obrigatoriedade da vacina; no discurso da GM, o jogo foi entre a posição de identificação com a ciência e com o negacionismo, em torno da responsabilização do Governo Federal ou da defesa dele; e, no discurso da MA, havia uma problematização política sobre vida e economia, juntos, no sentido de que a responsabilidade por ambos era do Poder Público (Governos nas esferas federal, estadual e municipal).

4.3.1 Efeitos de sentido acerca das responsabilidades sobre a vida *e/ou* a economia

A seguir, nossas primeiras matérias do terceiro movimento analítico trazem as publicações que representam o jogo de posições de identificação com o negacionismo, relacionadas aos discursos mais recorrentes de parte dos grandes conglomerados e do segmento conservador. As matérias da montagem 8 são dos primeiros seis meses de 2020, no auge da pandemia, sendo as duas reportagens iniciais de março e maio, referentes ao tratamento precoce; e as outras duas de abril e maio, acerca da economia em relação à adoção dos protocolos.

Quadro 17 – Montagem discursiva 8: responsabilidades na gestão da pandemia segundo GM e MC

MONTAGEM 8	
CAMPO CIENTÍFICO E POLÍTICO NOS DISCURSOS DA MC E PARTE DA GM	
GM	MC
MATÉRIA 37 (JP): Bolsonaro: ‘O que alguns poucos governadores estão fazendo é um crime ’.	MATÉRIA 38: (PN): Bolsonaro acusa estados de dificultar acesso à cloroquina.

	<p>MATÉRIA 39 (CP): “Ele destrói a economia dele e agora vem com cara de virgem imaculada dizer que o governo federal tem que ajudar”, diz Bolsonaro sobre Doria.</p> <p>MATÉRIA 40 (BSM): Depois da UTI, é o cemitério e não queremos isso para o Brasil”, disse Bolsonaro ao sair de reunião no STF.</p>
--	--

Fonte: A autora (2024).

A primeira análise da montagem discursiva 8 é a **matéria 37**, da JP, representando a parte da GM que tenta regularizar sentidos de defesa dos posicionamentos negacionistas do Governo Federal, ao mesmo tempo em que tenta regularizar sentidos de acusação para os governadores e prefeitos, cujos posicionamentos pró-ciência dominante divergiam dos do presidente. A publicação foi veiculada em março de 2020, começo da pandemia:

MATÉRIA 37 (JP)

SD 1 (TÍTULO): Bolsonaro: ‘O que *alguns poucos governadores* estão fazendo é um *crime*’¹²⁶

SD 2: Minutos antes de *trocar farpas e acusações com o governador de São Paulo, João Doria*, durante reunião virtual com os chefes do Executivo nos estados do Sudeste, o presidente da República, Jair Bolsonaro, disse que o que “*alguns poucos governadores e alguns poucos prefeitos* estão fazendo no Brasil é um *crime*”. O mandatário *não concorda com algumas medidas de restrição impostas* por governos e prefeituras para conter o avanço da pandemia de coronavírus.

SD 3: “*Eles estão arrebatando com o Brasil, estão destruindo empregos. E aqueles caras que falam ‘ah, a economia é menos importante do que a vida’. Cara pálida, não dissocie uma coisa de outra. Sem dinheiro e sem produção, nós vamos viver do quê?*”, acrescentou.

[...]

SD 4: O presidente disse ainda que *espera que o vírus não mate ninguém*, mas ressaltou que *outros vírus já mataram e não houve “essa comoção toda”*. “Ontem, ouvi um relato das palavras do presidente *Trump*, dos Estados Unidos. Está em uma *linha semelhante à minha*.”

(grifos em itálico são nossos)

¹²⁶ BOLSONARO: ‘O que alguns poucos governadores estão fazendo é um crime’. **JP News**, São Paulo, 25 mar. 2020. Disponível em: <https://jovempan.com.br/noticias/brasil/jair-bolsonaro-governadores-coronavirus-critica.html>. Acesso em: 22 maio. 2023.

Nesta reportagem, na SD 1, que é o título, há um discurso que evoca um *efeito de criminalização* dos governadores, explicado na SD 2 como sendo também em relação aos prefeitos, no que diz respeito a “medidas de restrição impostas” por eles. Ainda, apresenta-se uma atenuação da força que a oposição a Bolsonaro tem, quando se diz nas SD 1 e 2 que são “poucos” esses governadores e prefeitos.

Na SD 3, apresenta-se a forma que o veículo interpreta as ações nos Estados e reproduz o *efeito de criminalização* contra os opositores de Bolsonaro, listando em citação direta como tal crime se dá, ao usar termos ligados ao espaço de memória econômico: “eles estão arrebetando com o Brasil, estão destruindo empregos”. Nessa mesma citação do presidente colocada na matéria pelo veículo, simula-se um argumento muito usado pelos defensores do isolamento social: “ah, a economia é menos importante do que a vida”. A isso, é feita uma falsa correlação entre economia e vida, sugerindo-se que, na pandemia, ambas possuem a mesma importância: “Cara pálida, não dissocie uma coisa de outra. Sem dinheiro [...] vamos viver do quê?”.

Na SD 4, por sua vez, identificamos dois efeitos específicos que requerem nossa atenção: 1) *de minimização da letalidade do coronavírus*, projetada sobre quem se comove com as mortes em decorrência da covid-19, conforme o recorte “outros vírus já mataram e não houve ‘essa comoção toda’; e 2) *de alinhamento internacional dos conservadores*, no que diz respeito a identificação entre Bolsonaro (Brasil) e Trump (EUA) acerca da abordagem negacionista dos riscos do coronavírus e combate à pandemia. Este segundo efeito, então, simula uma América (norte e sul) conservadora unida em aliança, algo constante no discurso da JP.

Discutindo a relação entre os governos federal e estaduais no Brasil, a MC, representada pelo site PN, reitera o discurso de que há uma crise de liderança no país. Sob um *efeito de culpabilização* em relação aos governadores, na **matéria 38**, o site conservador PN discute o embate de opiniões sobre o tratamento precoce. A publicação é de maio de 2020:

MATÉRIA 38 (PN)

SD 1 (TÍTULO): Bolsonaro *acusa estados* de dificultar acesso à *cloroquina*¹²⁷

SD 2: O presidente Jair Bolsonaro *voltou a defender o uso da hidroxicloroquina para o tratamento da Covid-19*. Em conversa com *apoiadores* na porta do Palácio da Alvorada, nesta segunda-feira (11), Bolsonaro afirmou que alguns estados estão dificultando a venda do remédio.

¹²⁷ BOLSONARO acusa estados de dificultar acesso à cloroquina. **Pleno News**, Rio de Janeiro, 11 maio 2020. Disponível em: <https://pleno.news/brasil/politica-nacional/bolsonaro-acusa-estados-de-dificultar-acesso-a-cloroquina.html>. Acesso em 10 set. 2022.

– Tem estado que não está aceitando, tá dificultando. Tem a cloroquina nas farmácias aqui em Brasília, em alguns estados não. Nós *vamos tentar correr atrás* para saber por que não tem – afirmou.

SD 3: Também nesta segunda, *internautas cobraram* do ministro da Saúde Nelson Teich um posicionamento sobre o uso do fármaco. Com a tag #TeichLiberaCloroquina.

(grifos em itálico são nossos)

Na SD 1, identificamos que o título formulado, em que o veículo recorre a uma fala de Bolsonaro, apresenta um discurso cujo *efeito é de acusação aos governadores*. Essa acusação é sobre a alegada dificuldade para se obter o tratamento precoce da “cloroquina”: medicamento que não tinha comprovação científica e cuja defesa era construída a partir da *posição-sujeito de identificação com o negacionismo e com o senso comum*.

Na SD 2, o discurso do veículo reitera a defesa “da hidroxicloroquina para o tratamento da Covid-19”, demonstrando seu alinhamento com a *posição de identificação com o senso comum*, a que Bolsonaro também está filiado. Ainda, é produzido um *efeito de consenso* sobre a eficácia do medicamento, nessa mesma SD e na 3, quando o PN menciona os “apoiadores na porta do Palácio da Alvorada” e os “internautas” que “cobraram” ao então ministro da Saúde para liberar o remédio, simbolizando um “sujeito coletivo” que sempre produz sentido de modo identificado às pautas defendidas por Bolsonaro — refutadas por opositores políticos dele. Dessa forma, o discurso do PN projeta, ao mesmo tempo, acusações contra os governadores e o consenso sobre a defesa da população para o tratamento precoce.

A relação conflituosa entre o presidente e os governadores também foi um assunto explorado pelo site CP na **matéria 39**, a partir de uma *posição filiada ao negacionismo*, cujo foco dado foi para as dificuldades econômicas ante os efeitos dos protocolos de saúde adotados em São Paulo. A publicação foi veiculada em abril de 2020, quando o Brasil vivia uma alta de casos e óbitos por covid-19 e o estado de SP tinha recordes de mortes¹²⁸:

MATÉRIA 39 (CP)

SD 1 (TÍTULO): “Ele *destrói a economia* dele e agora vem com *cara de virgem imaculada* dizer que o governo federal tem que ajudar”, diz Bolsonaro sobre Doria¹²⁹

¹²⁸ APÓS força-tarefa para análise de testes, SP confirma mais 20 mortes; total vai a 208. **G1**, São Paulo, 02 abr. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/04/02/apos-forca-tarefa-sp-confirma-mais-20-casos-e-vai-a-208-obitos.ghtml>. Acesso em: Acesso em 17 fev. 2023.

¹²⁹ “ELE destrói a economia dele e agora vem com cara de virgem imaculada dizer que o governo federal tem que ajudar”, diz Bolsonaro sobre Doria. **Conexão Política**, Brasília, 02 abr. 2020. Disponível em: <https://www.conexaopolitica.com.br/ultimas/2020/04/02/ele-destroi-a-economia-dele-e-agora-vem-com-cara-de-irgem-imaculada-dizer-que-o-governo-federal-tem-que-ajudar-diz-bolsonaro-sobre-doria/>. Acesso em 17 fev. 2023.

SD 2: Na entrevista concedida ao programa ‘*Os Pingos Nos Is*’, da *Rádio Jovem Pan*, o presidente *Jair Bolsonaro* falou sobre o governador de São Paulo, *João Doria* (PSDB).

Segundo o chefe do Executivo federal, Doria “*faz política o tempo todo*”.

(grifos em itálico são nossos)

Esta matéria 39 se trata de um post curto do CP que promove dois efeitos de sentido principais, materializados no título, na SD 1, onde o site adota novamente a estratégia de usar citações de lideranças conservadoras para significar a pandemia. O primeiro é o *efeito de culpabilização*, em relação ao Governo de São Paulo pela crise econômica local, decorrente da quarentena implementada por ele no início da pandemia para conter as contaminações. Nesse recorte, o veículo recorre a uma fala de Bolsonaro: “Ele destrói a economia dele”. Já o segundo é o *efeito de isenção do presidente* acerca de qualquer responsabilidade financeira dele: “agora vem [...] dizer que o governo federal tem que ajudar”.

Outro funcionamento discursivo importante desta matéria é o que se dá quando o veículo seleciona uma fala de Bolsonaro que mobiliza saberes do campo religioso no enunciado: “com cara de virgem imaculada”, deslocando sentidos religiosos para o campo político para dar uma conotação de hipocrisia e fingimento, significando Doria como alguém que simula inocência após fazer algo errado (destruir a economia). Sustenta-se, assim, no discurso do CP, o efeito de culpabilização do governo de SP.

Pelas condições de produção do discurso, sabemos que Doria e Bolsonaro representavam protocolos de saúde opostos na gestão da pandemia; o primeiro era pró-isolamento e pró-vacina; enquanto o segundo era pró-tratamento precoce e contra os outros dois protocolos incentivados por Doria. Por isso, neste site, significar a gestão feita em SP como “destruidora” é uma forma de manifestar alinhamento à gestão de Bolsonaro. Ainda, o fato do CP usar uma entrevista do programa ‘*Os Pingos nos Is*’, da JP (SD 2), reforça o alinhamento entre a MC e parte da GM neste apoio à gestão do governo federal.

A próxima matéria é do BSM, publicada em maio de 2020. Nesse período, as discussões sobre os protocolos de saúde dividiram opiniões dos políticos brasileiros nas esferas federal, estadual e municipal, de forma que o STF precisou intervir em diversas ocasiões. A pauta a seguir é acerca de uma reunião entre Bolsonaro, alguns ministros de Estado e um representante da suprema corte brasileira.

MATÉRIA 40 (BSM)

SD 1 (TÍTULO): "Depois da UTI, é o cemitério e não queremos isso para o Brasil", disse Bolsonaro ao sair de reunião no STF.¹³⁰

SD 2: O presidente Jair Bolsonaro se reuniu na manhã desta quinta-feira (7) com os ministros do governo Walter Souza Braga Netto (Casa Civil), Fernando Azevedo e Silva (Defesa), Paulo Guedes (Economia), *empresários da indústria* e o presidente do Superior Tribunal Federal (STF), Dias Toffoli.

SD 3: A reunião não estava programada e foi marcada de última hora para promover o *diálogo entre o governo Bolsonaro e o STF*. Em seu discurso, o presidente declarou sua *preocupação com a crise econômica* em consequência da pandemia do novo coronavírus. "O objetivo da nossa vinda aqui, *nós sabemos do problema do vírus*, que devemos ter todo cuidado possível, *preservar vidas*, em especial *daqueles mais em risco*, mas temos um *problema* que vem cada vez mais nos preocupando: *os empresários trouxeram essas aflições*, a questão do desemprego, a questão da economia não mais funcionar. *O efeito colateral do combate ao vírus não pode ser mais danoso que a própria doença*", relatou.

(grifos em itálico são nossos)

Na SD 1, o BSM traz em seu título uma fala de Bolsonaro que relaciona “UTI” e “cemitério” de uma forma que projeta o então presidente como a voz responsável que não quer “isso [UTI e cemitério] para o Brasil”. Nesse sentido, conforme se demonstra na SD 3, “UTI” é uma referência às internações pela doença; enquanto “cemitério” representa a fome em decorrência da crise econômica. Neste site, enunciar os dois termos desde o título e mencionar que foi dito após uma reunião do presidente com o STF é uma estratégia do veículo para tentar estabilizar na memória discursiva um *efeito de comprometimento* relacionado ao governo federal, projetando que este executa uma boa gestão da pandemia.

Retomando esse ponto de vista, na SD 2 apresenta-se um dado relevante na tentativa do BSM em construir um sentido para Bolsonaro como bom gestor da pandemia, que se dá numa perspectiva política e econômica, mas não na sanitária, conforme podemos comprovar quando analisamos a lista informada de quem estava na reunião: “O presidente Jair Bolsonaro, ministros do governo [...] (Casa Civil), [...] (Defesa), [...] (Economia), empresários da indústria e o presidente do STF”. Pela lista mencionada, percebemos que não havia representantes do campo médico-científico, nem mesmo o ministro da saúde! Estavam apenas representantes dos campos político, jurídico e econômico. Vemos aqui, pelo equívoco, uma falha nessa construção do “bom gestor”, pois mostra-se que o saber científico é apagado.

¹³⁰ "DEPOIS da UTI, é o cemitério e não queremos isso para o Brasil", disse Bolsonaro ao sair de reunião no STF. **Brasil sem Medo**, [s.l.], 07 maio 2020. Disponível em: <https://brasilsemmedo.com/depois-da-uti-e-o-cemiterio-e-nao-queremos-isso-para-o-brasil-disse-bolsonaro-ao-sair-de-reuniao-no-stf/>. Acesso em 09 mar. 2023. Acesso em 08 mar. 2023.

Em relação ao discurso de veículo na SD 3, o espaço de memória econômico é o que tem o saber mais mobilizado, conforme os enunciados: “preocupação com a crise econômica” e “mas temos um problema que vem cada vez mais nos preocupando: os empresários [...] desemprego, a questão da economia não vai mais funcionar”.

Embora haja uma tentativa do BSM para formular que a vida é um tema importante para o governo, a conjunção adversativa “mas”, que introduz a maior preocupação do líder, sugere que a economia é a urgência mais relevante, até pelo fato de ser um conectivo de oposição semântica. Ademais, no final da SD 3, por meio de uma fala de Bolsonaro, o veículo sugere que a urgência econômica é maior do que sanitária: “O efeito colateral do combate ao vírus não pode ser mais danoso que a própria doença”, cuja tese remete ao *sensu comum*, no sentido da falsa polarização pela qual mais pessoas morreriam de fome do que em decorrência da Covid-19.

De maneira oposta a esse funcionamento discursivo pelo senso comum e pelo negacionismo que identificamos em parte da GM e da MC, outra parte da GM significou as responsabilidades na gestão da pandemia a partir da *posição de identificação com a ciência* e apresentando um funcionamento discursivo pelo viés político.

Demonstrando como se deu tal produção de sentidos, a montagem discursiva 9 a seguir traz quatro matérias para análise, sendo duas da FSP, veiculadas em março de 2020 e março de 2021; e duas da CNNBR, veiculadas em março de 2020 e outubro de 2021. Os assuntos abordados nas produções foram o primeiro discurso de Bolsonaro sobre a pandemia, a rejeição do governo às vacinas da fabricante Pfizer, a divisão da base de apoio do então presidente e o relatório final da CPI da pandemia.

Nesses enfoques citados, escolhemos essas pautas para buscar abranger momentos diferentes da crise sanitária desencadeada pelo coronavírus e explicar que quando se tratava do discurso sobre protocolos de saúde ou responsabilização da pandemia, parte dominante da GM evocava o espaço de memória científico para significar a pandemia por um viés político, em oposição ao negacionismo e ao senso comum.

Quadro 18 – Montagem discursiva 9: responsabilidades na gestão da pandemia segundo a GM

MONTAGEM 9			
CAMPO CIENTÍFICO, ECONÔMICO E POLÍTICO NO DISCURSO DA GM			
MATÉRIA 41 (FSP): Bolsonaro contrariou órgãos de saúde e distorceu cenário sobre coronavírus; veja discurso comentado.	MATÉRIA 42 (FSP): Governo rejeitou 70 milhões de doses da Pfizer, das quais 3 milhões poderiam já ter sido aplicadas.	MATÉRIA 43 (CNNBR): Líderes do governo no Senado e no Congresso defendem isolamento social.	MATÉRIA 44 (CNN BR): CPI da Pandemia: relatório final pede indiciamento de 78 pessoas e duas empresas.

Fonte: A autora (2024).

A **matéria 41** aborda um importante momento político da pandemia: um dos pronunciamentos oficiais de Bolsonaro, conforme reportagem veiculada na FSP em 24 de março de 2020, 14 dias após a pandemia ser oficialmente declarada pela OMS:

MATÉRIA 41 (FSP)

SD 1 (TÍTULO): Bolsonaro *contrariou órgãos de saúde e distorceu cenário sobre coronavírus;* veja discurso comentado¹³¹

SD 2: Em pronunciamento na noite desta terça-feira (24), o *presidente* Jair Bolsonaro (sem partido) *criticou o fechamento de escolas e do comércio, contrariou orientações dos órgãos de saúde e atacou governadores.*

As declarações imediatamente provocaram *repúdio* de congressistas, governadores, no Judiciário e em diferentes setores da sociedade.

SD 3: Em sua fala, Bolsonaro *questionou procedimentos* que têm sido *adotados por todo o mundo*, como o fechamento de escolas, e *minimizou riscos da doença*, como ao sugerir que as medidas de controle se restrinjam apenas aos mais velhos, além de contrariar órgãos de saúde e distorcer o cenário da pandemia.

SD 4: (DISCURSO) *Assim fizemos, quase contra tudo e contra todos. Grande parte dos meios de comunicação foi na contramão. Espalharam exatamente a sensação de pavor, tendo como carro-chefe o anúncio do grande número de vítimas na Itália. Um país com grande número de idosos e com um clima totalmente diferente do nosso.*

(COMENTÁRIO DA FOLHA) A OMS (Organização Mundial da Saúde) elevou a classificação da Covid-19 no último dia 11 para pandemia, conceito que envolve a rápida disseminação geográfica. A entidade repetiu na ocasião pedido de “*ação urgente e agressiva*” pelo mundo e falou em preocupação com os “*níveis alarmantes de contágio e de falta de ação.*”

¹³¹ BOLSONARO contrariou órgãos de saúde e distorceu cenário sobre coronavírus; veja discurso comentado. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 25 mar. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/03/bolsonaro-contrariou-orgaos-de-saude-e-distorceu-cenario-sobre-coronavirus-veja-discurso-comentado.shtml>. Acesso em: 25 maio. 2024.

A explicação demográfica de Bolsonaro para a dimensão da tragédia na Itália já foi dada anteriormente, quando disse que o país europeu tinha população idosa como Copacabana, na zona sul do Rio. Segundo pesquisas, *o clima mais quente do Brasil não é uma garantia de contenção do novo coronavírus.*

(grifos em itálico são nossos)

Diferente do que tende a ser destacado em mídias do segmento conservador — que são citações negacionistas de Bolsonaro, em discurso direto e sem contestação —, o título dado pela FSP, na SD 1, indica o posicionamento antinegacionista do veículo, quando é feita uma avaliação do conteúdo dito por Bolsonaro, que será significado como algo distorcido e oposto ao que é recomendado segundo a ciência dominante: “[...] contrariou órgãos de saúde e distorceu cenário sobre coronavírus [...]”. Além disso, o periódico informa que comentará o pronunciamento do então presidente, indicando um jornalismo de posição que é mais característico da MA, e não da GM, no qual assume-se que há posicionamento político de contestação ao governo federal.

Nas SD 2 e 3, o veículo retoma e tenta regularizar na rede de memória a oposição que a gestão de Bolsonaro representava em relação ao que era defendido pela ciência dominante. O veículo faz isso ao expor sua avaliação quando apresenta o cenário e o conteúdo da fala de Bolsonaro nos seguintes recortes: “criticou o fechamento de escolas e do comércio, contrariou orientações dos órgãos de saúde e atacou governadores”, “questionou procedimentos que têm sido adotados por todo o mundo” e “minimizou riscos da doença”. Manifestando a existência de confronto contra o negacionismo de Bolsonaro nas esferas de poder e na sociedade civil ante ao fato, o discurso da matéria produz um *efeito de repúdio* quanto às declarações do presidente, enunciando que tais falas geraram “repúdio de congressistas, governadores, no Judiciário e em diferentes setores da sociedade”.

Em sequência, na SD 4, dois focos principais são estabelecidos: um no pronunciamento de Bolsonaro e outro na resposta opinativa dada pela Folha, evidenciando o posicionamento do veículo em identificação com a ciência e desidentificação com o negacionismo.

Na primeira parte da SD4, o veículo mostra que há um ataque do presidente direcionado a “grande parte dos meios de comunicação”, os quais foram “na contramão” do que ele defendia, assustando e causando pavor na população. Além de expor o ataque ao jornalismo, a FSP mostra que o posicionamento do presidente representa um discurso de viés negacionista sobre a dimensão dessa pandemia, o que quase institucionaliza a diretriz de negação dela no Brasil, como argumentou Calil (2023, p. 17), para quem essa fala de Bolsonaro representou “intencionalidade genocida”, dado o teor de desinformação enunciado.

Nesse mesmo recorte da SD4, a FSP reitera a *posição-sujeito de identificação com o negacionismo* no discurso de Bolsonaro, quando ele sugere que a grande alta de casos na Itália — “carro-chefe” do pânico causado pelo jornalismo — foi porque o país tinha “grande número de idosos” e “clima totalmente diferente do nosso”, o que delimita um espaço de interpretação de que o clima do Brasil seria um ponto positivo contra o avanço da pandemia; algo que chegou a ser anunciado na MC,¹³² mas era uma fake news.

Em identificação com a ciência, por meio da resposta colocada na segunda parte da SD4, a Folha defende a “grande parte dos meios de comunicação” atacada por Bolsonaro, recorrendo às recomendações de “ação urgente e agressiva” pedida pela OMS, por causa dos “níveis alarmantes de contágio e de falta de ação”, dito na data da declaração oficial de pandemia. O veículo também confronta a informação equivocada do presidente em relação à Itália, e afirma que há “pesquisas” segundo as quais “o clima mais quente do Brasil não é uma garantia de contenção do novo coronavírus”.

Um ano depois da matéria que analisamos, a FSP mobiliza um discurso cujo efeito é *de responsabilização* direcionado a Bolsonaro, confrontando o negacionismo científico dele no que tange à rejeição do presidente às ofertas de vacina da Pfizer. A **matéria 42** foi veiculada em março de 2021:

MATÉRIA 42 (FSP)

SD 1 (TÍTULO): *Governo rejeitou 70 milhões de doses da Pfizer, das quais 3 milhões poderiam já ter sido aplicadas*¹³³

SD 2: *Vacinas que deixaram de ser aplicadas equivalem a cerca de 20% das doses já distribuídas no país até agora*

SD 3: *Embora tenha feito reuniões anteriores com representantes do governo, a farmacêutica fez a primeira oferta em 14 de agosto de 2020, segundo informações obtidas pela Folha. A proposta previa 500 mil doses ainda em dezembro de 2020, totalizando 70 milhões até dezembro deste ano.*

[...] Sem aprovação do governo, uma nova proposta foi apresentada em 11 de novembro. Com o passar do tempo, governos de outros países foram tomando o lugar do Brasil, e as primeiras doses ficariam para janeiro e fevereiro —2 milhões de unidades. Dessa vez, o contrato ficou em vias de ser assinado, segundo pessoas envolvidas nas negociações disseram à Folha.

SD 4: *A Pfizer não foi a única a ter propostas rejeitadas. Documentos mostram que outros laboratórios também tiveram ofertas que previam entregas mais cedo ignoradas, a exemplo do Instituto Butantan, que hoje é responsável por pelo menos 78% das vacinas já distribuídas no país contra a Covid.*

¹³² ALIADO: Sol forte pode matar coronavírus em 34 minutos. **Pleno News**, Rio de Janeiro, 23 jun. 2020. Disponível em: <https://pleno.news/saude/coronavirus/aliado-sol-forte-pode-matar-coronavirus-em-34-minutos>. Acesso em 23 jun. 2020.

¹³³ GOVERNO rejeitou 70 milhões de doses da Pfizer, das quais 3 milhões poderiam já ter sido aplicadas. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 06 mar. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/03/governo-negou-3-vezes-ofertas-da-pfizer-e-perdeu-ao-menos-3-milhoes-de-doses-de-vacina.shtml>. Acesso em: 25 maio. 2024.

[...]

SD 5: Procurado, o *Ministério da Saúde não se manifestou* até a publicação desta reportagem.

(grifos em itálico são nossos)

Em um modo de enunciar que aciona um *efeito de responsabilização* do governo, a FSP informa no título (SD 1) não apenas o fato da rejeição da compra do imunizante, mas acrescenta que “milhões de doses poderiam já ter sido aplicadas”, o que é reforçado nas SD 2 e 3 sobre a rejeição representar “20%” do que o Brasil distribuiu até aquele momento, sete meses depois da primeira oferta, que se deu em “agosto de 2020”.

Nas SD 4 e 5, segue-se visando uma estabilização dos sentidos de responsabilização para Bolsonaro, diante da exposição de que “governos de outros países foram tomando o lugar do Brasil”, “A Pfizer não foi a única a ter propostas rejeitadas” e “Ministério da Saúde não se manifestou até a publicação desta reportagem”. Assim, o veículo produz um *efeito de responsabilização* do governo por causa da ausência de imunizantes no país e de resposta sobre isso, tendo em vista o Ministério da Saúde não haver se manifestado sobre o assunto, conforme dito na SD 5.

Outra abordagem no discurso da GM em relação aos problemas na gestão da pandemia foi acerca da falta de alinhamento na base de apoio do governo federal durante a pandemia e a responsabilização dele pela crise sanitária no Brasil. Nesse tópico, em março de 2020, a CNN mostrou que os conflitos não eram apenas entre o presidente e seus ministros, pois os parlamentares ligados a Bolsonaro também estavam divididos:

MATÉRIA 43 (CNNBR)

SD 1 (TÍTULO): *Líderes do governo no Senado e no Congresso defendem isolamento social*¹³⁴

SD 2: Os líderes do governo no Senado, Fernando Bezerra Coelho (MDB-PE), e no Congresso, senador Eduardo Gomes (MDB-TO), assinaram um *manifesto* em que lideranças da Casa *declaram apoio ao isolamento social* como forma de combater a pandemia do novo coronavírus, marcando um *contraponto à posição do presidente* Jair Bolsonaro (sem partido).

SD 3: Intitulado “Pelo isolamento social”, o documento diz que “a experiência dos países que estão em estágios mais avançados de disseminação da doença *deixa claro* que, diante da *inexistência de vacina ou de tratamento médico plenamente comprovado*, a medida mais eficaz de minimização dos efeitos da pandemia é o *isolamento social*.”

SD 4: O Senado deve aprovar ainda hoje o projeto de lei que estabelece o pagamento de um *auxílio emergencial* no valor de R\$ 600, por três meses, a

¹³⁴ LÍDERES do governo no Senado e no Congresso defendem isolamento social. **CNN Brasil**, São Paulo, 30 mar. 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/lideres-do-governo-no-senado-e-no-congresso-defendem-isolamento-social/>. Acesso em: 15 jun. 2024.

pessoas de baixa renda. O chamado “coronavoucher” deverá ser ampliado para trabalhadores intermitentes.

(grifos em itálico são nossos)

De antemão, em seu título, na SD 1, o discurso da CNN sinaliza que o confronto com negacionismo do governo federal também se dava entre os parlamentares que faziam parte da base de apoio dele. Isso se confirma na SD 2, quando o veículo caracteriza o “manifesto” dos parlamentares “em apoio do isolamento social” como “contraponto à posição de Bolsonaro”. Ainda, pela *posição de identificação com a ciência*, na SD 3 regulariza-se na memória discursiva o sentido de que o “isolamento social” era o protocolo “mais eficaz” por não existir vacina na época nem “tratamento plenamente comprovado”.

Já na SD 4 mobiliza-se um discurso econômico para relacionar a necessidade do isolamento defendido por deputados e senadores com uma contrapartida financeira do Poder Público. Dessa forma, duas medidas (isolamento e assistência financeira pública) são vinculadas no discurso do veículo para constituir um *efeito de boa gestão* dos parlamentares em oposição à responsabilização de Bolsonaro.

Também expondo falas diretas de Bolsonaro e apresentando um contraponto científico, a CNN Brasil mostrou seu posicionamento *de identificação com a ciência* quando noticiou o relatório final da CPI da Pandemia, em outubro de 2021.

MATÉRIA 44 (CNNBR)

SD 1 (TÍTULO): *CPI da Pandemia: relatório final pede indiciamento de 78 pessoas e duas empresas*¹³⁵

SD 2: [...] O relatório final ainda *pede que* o presidente *Jair Bolsonaro* (sem partido) seja *afastado* de todas as *redes sociais* para a “*proteção da população brasileira*”.

O encaminhamento é reforçado após *fala do presidente* em uma live, na última quinta-feira, em que *ele associa a vacina* contra a Covid-19 à *Aids de forma mentirosa*. A informação falsa foi *refutada pelas principais entidades médicas* do país.

SD 3: Veja a lista das 80 sugestões de indiciamento e seus respectivos crimes:

JAIR MESSIAS BOLSONARO – Presidente da República – art. 267, § 1º (epidemia com resultado morte); art. 268, caput (infração de medida sanitária preventiva); art. 283 (charlatanismo); art. 286 (incitação ao crime); art. 298 (falsificação de documento particular); art. 315 (emprego irregular de verbas públicas); art. 319 (prevaricação), todos do Código Penal; art. 7º, parágrafo 1, b, h e k, e parágrafo 2, b e g (crimes contra a humanidade, nas modalidades extermínio, perseguição e outros atos desumanos), do Tratado de Roma

¹³⁵ CPI da Pandemia: relatório final pede indiciamento de 78 pessoas e duas empresas. **CNN Brasil**, São Paulo, 26 out. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/cpi-da-pandemia-relatorio-final-pede-indiciamento-de-76-pessoas-e-duas-empresas/>. Acesso em: 15 jun. 2024.

(Decreto nº 4.388, de 2002); e arts. 7º, item 9 (violação de direito social) e 9º, item 7 (incompatibilidade com dignidade, honra e decoro do cargo), crimes de responsabilidade previstos na Lei no 1.079, de 10 de abril de 1950

(grifos em itálico são nossos)

Nesta matéria 44, o título dado pela CNN Brasil, na SD 1, indica que se apresentará o resultado final da CPI da pandemia, dando destaque ao pedido de “indiciamento” e apontando a quantidade de pessoas e empresas indiciadas. Ao enunciar pela *posição-sujeito de identificação com a ciência*, o modo pelo qual o discurso da CNN explica a responsabilização da pandemia na SD 2 em relação ao documento final da CPI não é neutro e se dá pelo *efeito de confronto* sobre as desinformações ditas pelo então presidente da república, Jair Bolsonaro. Esse efeito está materializado nos recortes: “ele [Bolsonaro] associa a vacina contra a Covid-19 à Aids de forma mentirosa” e “A informação falsa foi refutada pelas principais entidades médicas do país”.

Já na SD 3, quando são listados os crimes atribuídos a Bolsonaro na CPI, isso ocorre sem o efeito de confronto existente na primeira SD, o que sugere alinhamento do veículo em relação às conclusões da CPI e confronto no que tange aos posicionamentos negacionistas de Bolsonaro; ou seja: confronta-se o discurso de Bolsonaro, mas não o pedido de que ele seja indiciado. Dessa forma, entendemos existir um *efeito de responsabilização* do ex-presidente em relação à má condução da pandemia no Brasil, vistos na apresentação dos alegados crimes, enunciados por meio de saberes do espaço de memória jurídico, como: "infração", "prevaricação", "violação de direito social", etc.

A próxima e última montagem discursiva, por fim, continua a análise sobre as responsabilidades na gestão da pandemia, desta feita para compreender como a MA se aproxima e se diferencia da GM para responsabilizar Bolsonaro por meio da *posição-sujeito de identificação com a ciência e com a pandemia com a concepção político-social de esquerda*.

As matérias em sequência são de junho de 2020, maio de 2021 e maio de 2022, abordando questões de raça em relação aos óbitos, a baixa vacinação no Brasil e um discurso do então ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, na OMS.

Quadro 19 – Montagem discursiva 10: responsabilidades na gestão da pandemia segundo a MA

MONTAGEM 10		
CAMPO CIENTÍFICO, ECONÔMICO E POLÍTICO NO DISCURSO DA MA		
<p>MATÉRIA 45: (AP): Em duas semanas, número de negros mortos por coronavírus é cinco vezes maior no Brasil.</p>	<p>MATÉRIA 46: (BRF): Com baixa vacinação, Brasil lidera ranking de mortes por covid entre países do G-20.</p>	<p>MATÉRIA 47: (BR247): Na OMS, Queiroga esconde 665 mil mortos pela Covid no Brasil e diz que governo Bolsonaro combateu corrupção na Saúde.</p>

Fonte: A autora (2024).

A **matéria 45** é uma reportagem da AP, publicada em junho de 2020, durante as primeiras altas de óbitos no Brasil.

MATÉRIA 45 (AP)

SD1 (TÍTULO): Em duas semanas, número de *negros mortos por coronavírus é cinco vezes maior* no Brasil¹³⁶

SD 2: De 11 a 26 de abril, *mortes de pacientes negros* confirmadas pelo Governo Federal foram de pouco mais de *180 para mais de 930*. Além disso, a quantidade de *brasileiros negros hospitalizados* por Síndrome Respiratória Aguda Grave (SRAG) causada por coronavírus *aumentou para 5,5 vezes*.

Já o *aumento de mortes de pacientes brancos foi bem menor*: nas mesmas duas semanas, o número chegou a pouco mais que o triplo. E o número de brasileiros brancos hospitalizados aumentou em proporção parecida.

SD 3: Agora, ele observa que até *mesmo as pessoas que conseguiram ficar em casa relaxaram as restrições da quarentena*. “As pessoas tinham a esperança, no começo, de *conseguir o auxílio emergencial do governo* e não precisar sair de casa. Só que tem todas essas *burocracias* que as pessoas *não conseguiram resolver*, muitas pessoas não têm qualidade de internet e não conseguiram baixar o aplicativo, aí o dinheiro do auxílio não vem. Isso também é um fator que faz as pessoas voltarem às ruas.”

SD 4: Ministério da Saúde diz que não há estudos que apontem raça como fator de risco.

Apesar dos dados mostrarem que negros tiveram maior aumento de óbitos e registram mais mortes entre hospitalizados, o *Governo Federal não divulga* em detalhes essas informações. Não há, por exemplo, a informação de quantos casos foram confirmados por raça/cor ou o número de testes em negros, brancos e outros grupos.

[...]

Falta de dados sobre população negra é problema histórico no Brasil.

(grifos em itálico são nossos)

¹³⁶ EM duas semanas, número de negros mortos por coronavírus é cinco vezes maior no Brasil. **Agência Pública**, São Paulo, 30 jun. 2020. Disponível em: <https://apublica.org/2020/05/em-duas-semanas-numero-de-negros-mortos-por-coronavirus-e-cinco-vezes-maior-no-brasil/>. Acesso em: 22 maio. 2024.

É característico do discurso da MA a circulação de pautas que articulem o fato jornalístico com um viés social dele, sendo esta uma diferença desse segmento em relação à GM. Nessa perspectiva, na SD 1, o título da matéria 45 compreende um enunciado construído a partir da *posição-sujeito de identificação com a concepção político-social de esquerda*, ao se discutir as mortes crescentes “cinco vezes mais” de uma parcela da sociedade que é mais vulnerável na pandemia: a população negra.

Na SD 2, no entanto, o veículo não se restringe a registrar o aumento das mortes no meio da população negra em decorrência da covid-19, pois também compara esse dado com o que ocorre entre a população branca, relacionando o fato com o número “bem menor” de óbitos e internações de brancos, constituindo, assim, um *efeito de problematização da desigualdade social*.

Já nas SD 3 e 4, o efeito é direcionado à *responsabilização* do governo devido à vulnerabilidade enfrentada pela população negra. Essa vulnerabilidade se dá na falta de assistência do “governo” e do “Ministério da Saúde”, cujas medidas foram burocráticas, prejudicando a acessibilidade para “muitas pessoas” que “não têm qualidade de internet e não conseguiram baixar o aplicativo [do auxílio emergencial]”, fazendo-as “voltarem às ruas”.

Ainda, a AP ressalta na SD 4 que a “falta de dados sobre população negra é problema histórico no Brasil”, e não apenas pela falta de estudos durante a pandemia, mas historicamente, indicando que a questão é um problema conjuntural, o que sugere que há também um negacionismo do governo em relação ao racismo no país.

Seguindo nossas análises, caracterizamos agora como o BRF produziu sentido em relação às responsabilidades sobre o processo de vacinação no Brasil. A postagem é de maio de 2021, nos primeiros meses de imunização no país.

MATÉRIA 46 (BRF)

SD 1 (TÍTULO): Com *baixa vacinação, Brasil lidera ranking de mortes por covid entre países do G-20*¹³⁷

SD 2: Dos 20 países que integram o G-20, o Brasil lidera o ranking do total de mortes por covid-19 a cada 1 milhão de habitantes. Quando a régua muda para o total de doses aplicadas por 100 habitantes, o Brasil cai para a 11ª posição, atrás, por exemplo, de Turquia, Arábia Saudita e China.

Os dados são da plataforma *Our World in Data*, da Universidade de Oxford. Os 20 países representam 80% da produção econômica mundial, cerca de 65% da população global e 75% quartos do comércio internacional.

¹³⁷ COM baixa vacinação, Brasil lidera ranking de mortes por covid entre países do G-20. **Brasil de fato**, São Paulo, 31 maio. 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/05/31/com-baixa-vacinacao-brasil-lidera-ranking-de-mortes-por-covid-entre-paises-do-g-20>. Acesso em: 24 nov. 2023.

SD 3: Para Helio Bacha, infectologista e membro da Sociedade Brasileira de Infectologia, os números poderiam ser outros se a política sanitária do governo federal fosse diferente.

“É evidente que nós tivemos um atraso na vacinação, porque houve uma subestimação da importância da vacina”, ressalta.

(grifos em itálico são nossos)

Em seu título, na SD 1, a notícia do BRF sugere haver uma relação entre a “baixa vacinação” no Brasil e ele apresentar a liderança “no ranking de mortes” em países do G-20. Na SD 2, por meio da *posição-sujeito de identificação com a ciência*, enuncia-se tendo como fonte científica a plataforma “*Our World in Data*, da Universidade de Oxford”.

O *efeito de responsabilização* do Governo Federal em relação ao duplo problema da baixa vacinação e alta de óbitos aparece na SD 3, na citação de um “membro da Sociedade Brasileira de Infectologia”, cujo enunciado selecionado pelo BRF para estar na matéria traz a argumentação do fato de que: “os números poderiam ser outros se a política sanitária do governo federal fosse diferente”. Assim, em seu jornalismo de posição, o veículo mobiliza a ciência em função do político para mostrar a má gestão do Governo Federal na pandemia em relação à vacinação.

Por fim, nossa última matéria analisada é do BR247, numa pauta sobre o que o Ministério da Saúde do Brasil apresentou à OMS no que tange ao quadro da pandemia no país. O post é de maio de 2022.

MATÉRIA 47 (BR247)

SD1 (TÍTULO): Na OMS, *Queiroga esconde 665 mil mortos* pela Covid no Brasil e diz que governo Bolsonaro combateu corrupção na Saúde¹³⁸

SD 2: *Ministro ignorou as diversas denúncias de corrupção* reveladas pela *CPI da Covid* e tentou desfazer a imagem *negacionista* que pesa sobre Bolsonaro diante do mundo.

SD 3: “Desde o começo, o governo Bolsonaro trabalhou para preservar vidas, equilibrando justiça social e saúde”, alegou o ministro.

O brasileiro também *omitiu a campanha de Bolsonaro contra as vacinas*, dizendo apenas que o país adquiriu 650 milhões de vacinas e que mais de 80% da população completaram vacinação.

(grifos em itálico são nossos)

¹³⁸ NA OMS, *Queiroga esconde 665 mil mortos* pela Covid no Brasil e diz que governo Bolsonaro combateu corrupção na Saúde. **Brasil 247**, São Paulo, 23 maio. 2022. Disponível em: <https://www.brasil247.com/coronavirus/na-oms-queiroga-esconde-665-mil-mortos-pela-covid-no-brasil-e-diz-que-governo-bolsonaro-combateu-corrupcao-na-saude>. Acesso em: 05 jun. 2024.

Quando o BR247 fala sobre os dados expostos na OMS pelo então ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, o veículo evoca um discurso que produz um *efeito de denúncia* em face do representante do governo esconder “665 mil mortos pela Covid”, conforme a SD1. Em um modo distinto das mídias conservadoras que tendem a expor ações do governo sem avaliá-las, a MA o faz expondo justamente o que é apagado ou deixado à margem nessas ações.

Na SD 2, por exemplo, afirma-se que Queiroga “ignorou denúncia de corrupção” e “tentou desfazer a imagem negacionista” da gestão bolsonarista da pandemia. Além disso, na SD 3 também se destaca que o governo federal fez campanha “contra as vacinas”. Dessa forma, a imagem “maquiada” projetada para o Brasil na OMS foi informada pelo BR7 ao mesmo tempo em que o veículo produz um *efeito de responsabilização* de Bolsonaro pelas mortes na pandemia.

Pelo que foi exposto nas 11 matérias deste terceiro movimento de análise, voltado para as responsabilidades no gerenciamento da pandemia, GM, MA e MC apontaram diferentes responsabilizações: predominantemente, a GM e MA enunciam em *identificação com a ciência* e *identificação com as posições negacionistas e de senso comum*, as quais confronta para culpabilizar a má gestão federal da pandemia. Por outro lado, a MC e parte não-dominante da GM confrontam-se com as *posições de identificação com a ciência*, pois enunciam para estabilizar sentidos que favorecem protocolos de saúde sem comprovação científica e baseados no senso comum. Ainda, frequentemente, é na MA que os protocolos defendidos pela ciência circulam a partir de saberes que também problematizam a pandemia como uma questão político-social.

Considerando as 47 análises que abordam origem do coronavírus, protocolos de saúde e responsabilidades na gestão da pandemia segundo os discursos da GM, MC e MA, verificamos que, de forma geral, esses discursos se caracterizam pela circulação-confronto de sentidos mobilizados a partir dos espaços de memória científico, econômico e político para dar legibilidade ao acontecimento discursivo da pandemia. Nesse sentido, os veículos discursivizaram a partir de determinações ideológicas divergentes, pró-ciência e contra a ciência, que representa o maior eixo de disputa na (des)estabilização de sentidos durante a pandemia.

Esse jogo de sentidos científicos e anticientíficos evoca direcionamentos de interpretação que se constroem a partir de dados *lugares discursivos* dos quais as mídias enunciam. Na GM, predominantemente, cujo lugar é determinado pelo *efeito de neutralidade informativa*, afetado pela *formação ideológica neoliberal*, o direcionamento da interpretação tende a ser pró-ciência, confrontando a gestão negacionista do governo federal, mas elevando

a pauta econômica de modo a sustentar ideias neoliberais de mercado, ainda que isso não seja assumido. Na MA, cujo lugar é determinado pelo *efeito de militância progressista*, afetado pela *formação ideológica de esquerda*, são mobilizados saberes científicos e sociais que problematizam politicamente os assuntos das reportagens, também visando à culpabilização do governo federal e à defesa de interesses geopolíticos de esquerda, que são assumidos no segmento. Por fim, a MC, cujo lugar discursivo é determinado pelo *efeito de militância neoconservadora*, afetado pela interpelação decorrente da *formação ideológica de direita*, saberes negacionistas da ciência e em defesa do Governo Federal são mais recorrentes.

A circulação-confronto de sentidos, então, ocorre de diversas maneiras: internamente na GM, pelo confronto entre saberes científicos e políticos anticomunistas; e, externamente na GM, em alianças de parte dela com a MA, por ambas aderirem ao antinegacionismo, ou em aliança com a MC, por ambas aderirem ao negacionismo. Ainda, o funcionamento discursivo se deu pelo político e pelo econômico, porque a mobilização dos saberes científicos ou anticientíficos refletiam a conjuntura das forças políticas simbolizadas nos três segmentos, por meio dos enunciados formulados a partir das posições-sujeito de *identificação com a ciência* (parte dominante da GM e MA), *com a concepção político-social de esquerda* (MA), e *com o anticomunismo, negacionismo* e *com o senso comum* (parte não-dominante da GM e MC).

As análises, portanto, confirmam nossa hipótese de que os três segmentos de mídia estudados circularam (e confrontaram) diferentes versões de uma mesma pandemia de covid-19, seja pela ótica do saber científico dominante ou pela ótica das teorias da conspiração que negam/distorcem/silenciam o saber científico, num jogo de desregularização de sentidos sobre a pandemia.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: VERSÕES DO ACONTECIMENTO DISCURSIVO DA PANDEMIA DE COVID-19 NO BRASIL NAS MÍDIAS JORNALÍSTICAS BRASILEIRAS

No começo da pandemia de Covid-19, em 2020, pensamos no projeto de pesquisa que se transformou nesta tese enquanto esse acontecimento histórico central de nossa investigação se desenrolava, e este foi nosso maior desafio: entender para onde olhar e por que isso seria relevante para os estudos discursivos. Nesse questionamento, ao nos depararmos com uma ampla gama de discursos jornalísticos que tentavam explicar a crise sanitária em curso, percebemos que havia uma lacuna de investigação no que diz respeito a um tipo de mídia emergente no cenário brasileiro e seus modos de enunciar sobre o campo científico: chamamos esse segmento de mídia conservadora (MC). Ainda, julgamos relevante não investigar apenas ele, mas também os confrontos de sentido que se produziram em relação a outros segmentos que já eram estudados em Análise do Discurso — grande mídia (GM) e mídia alternativa (MA) —; afinal, desencadeou-se um acontecimento discursivo com a instituição do *status* de pandemia e isso reverberou como acontecimento jornalístico em inúmeras pautas. Logo, estudar os três segmentos ao mesmo tempo nos daria uma visão ampla acerca do funcionamento do discurso jornalístico no Brasil e de como a noticiabilidade do fato se constitui discursivamente, por determinações ideológicas.

A partir desse panorama, então, nossa questão de pesquisa foi: de que modo a circulação-confronto de formulações e sentidos em veículos de mídia jornalística na internet ressoou e deu legibilidade ao acontecimento discursivo da pandemia de covid-19? Buscando resposta a essa pergunta, nosso estudo teve como objetivo geral compreender como o acontecimento discursivo da pandemia de covid-19 ressoou na circulação-confronto de formulações e sentidos em veículos de mídia jornalística na internet. Especificamente, visamos a: 1) analisar de que modo os lugares discursivos dos quais os veículos da GM, da MA e da MC enunciam afetaram a produção de sentidos sobre a pandemia; e 2) investigar a maneira pela qual saberes da ciência, da política, da economia, dentre outros, participaram da constituição das redes de legibilidade do acontecimento discursivo da pandemia nos gestos de interpretação desses veículos.

Assim, selecionamos 47 notícias e reportagens publicadas entre 2020 e 2023 em nove sites dos segmentos escolhidos, considerando três movimentos discursivos de análise relacionados ao que entendemos como as principais pautas jornalísticas que repercutiram o acontecimento discursivo da pandemia: primeiro analisando os discursos sobre origem e

letalidade do coronavírus; depois levando em conta os discursos sobre a eficácia dos protocolos de saúde pública; e, por fim, investigando os discursos sobre as responsabilidades de gerenciamento da crise sanitária instalada no Brasil.

Em nossa pesquisa, verificamos que havia pelo menos cinco posições-sujeito nessa circulação-confronto de sentidos, cujos discursos eram de identificação com a ciência, com a concepção político-social de esquerda, com o anticomunismo, com o senso comum e com o negacionismo. Desse modo, no jogo de posições pelas quais os sujeitos enunciadorees significaram a pandemia, GM e MA se aproximaram discursivamente na defesa da ciência e contra o negacionismo científico, mas seus modos de enunciar foram segundo os interesses ligados às filiações ideológicas que as interpelam. Outra parte da GM e a MC, em divergência, aderiram ao anticomunismo, ao negacionismo e ao senso comum, atendendo à agenda ideológica conservadora de direita.

Identificamos, por conseguinte, que os lugares discursivos dos quais GM, MC e MA discursivizaram foram determinantes para guiar como os sujeitos enunciadorees produziram sentido a partir dessas posições-sujeito, retomando e deslocando efeitos de sentido possíveis de serem evocados por elas, para estabilizar na memória discursiva o que fosse coerente com suas filiações. Por exemplo, na GM, o *efeito de neutralidade* tinha que existir em discursos enunciados pela posição-sujeito de identificação com a ciência, ainda que sentidos ligados ao mercado fossem produzidos nas pautas de saúde, de forma que a ciência fosse mobilizada em função do econômico. Já na MA, mesmo em pautas bastante técnicas do ponto de vista sanitário, o efeito de *militância progressista* se materializava nos saberes geopolíticos de esquerda ou na problematização de questões sociais, como o racismo, enunciados nas produções jornalísticas. Na MC, o efeito da *militância neoconservadora* estava presente na constante retomada dos discursos negacionistas e de culpabilização do governo (comunista) da China.

Predominantemente, então, saberes dos campos científico, econômico e político se entrecruzaram ao longo das análises, apontando como os nove veículos estudados deram legibilidade ao acontecimento da pandemia, significando esse acontecimento de diferentes formas, as quais nos levam à verificação de nossa tese e hipóteses.

De forma geral, nossa tese de que existiam diferentes versões da pandemia de covid-19, as quais divergiam entre si, se confirmou. O leitor de cada um desses segmentos leu uma pandemia diferente, conforme comentamos a seguir sobre nossas três hipóteses específicas.

Em relação à confirmação da hipótese 1, acerca da versão da pandemia segundo o discurso da GM, esta se construiu de duas formas diferentes: a) na FSP e na CNNBR, predominantemente, foi sustentada a partir do conhecimento científico dominante; b) na JP, foi

significada por meio da refutação dos saberes dominantes da ciência. No que tange ao primeiro modo, corroborava-se em parte o viés antinegacionista também presente na MA; mas, dada a pluralidade da GM, os discursos da JP se alinhavam aos da MC (conforme pressupomos em nossa hipótese 2). Apesar de distintas, ambas as versões da GM foram afetadas pela *formação ideológica neoliberal*, especialmente na mobilização de vozes norte-americanas para produzir sentido sobre a China.

Confirma-se o fato de que, na GM, o efeito de culpabilização relacionado à China foi sustentado no âmbito da probabilidade, no que tange à interpretação de que houve negligência do governo chinês. Dessa maneira, predominantemente, nesse segmento, circularam informações sobre a origem natural do coronavírus, a necessidade de adoção de protocolos de saúde conforme a ciência defendia, e a responsabilização da gestão de Jair Bolsonaro pela crise sanitária no Brasil.

Em relação à confirmação da hipótese 2, acerca da versão da pandemia segundo o discurso da MC, em todos os veículos dela, também confirmamos nossa hipótese para o segmento, cujo discurso foi predominantemente de viés anticomunista, antichina e negacionista, tendo ligações com parte da GM. Ainda que se projetasse um verniz científico, na verdade, tal saber era mobilizado para retomar uma leitura negacionista da pandemia. Nesta interpretação dada pela MC, a origem do coronavírus foi significada como intencional, a necessidade de protocolos recomendados pela ciência era refutada em detrimento de se estabilizar na memória outros protocolos embasados no senso comum; e as responsabilidades de gestão da pandemia eram direcionadas para criminalizar opositores do governo federal como responsáveis pelos problemas decorrentes da crise sanitária. Neste cenário de luta pelos sentidos, vimos que termos ligados ao marxismo e ao comunismo ganharam sentidos que se deslocam no discurso da MC. Um exemplo disso foi a emergência do termo político “vírus chinês” para o campo científico.

Nossa hipótese 3 em relação à versão da pandemia segundo o discurso da MA foi confirmada também nos três sites. Para esse segmento, não há possibilidade de a origem da pandemia ser significada como intencional, inclusive, predominantemente, a MA defendia que essa origem era natural e que havia uma politização nos discursos norte-americanos que culpavam o país asiático pela origem da covid-19. Ainda, de maneira oposta à MC, havia responsabilização e denúncia do negacionismo do Governo Federal vigente na pandemia.

Acreditamos que, ao comparar os três segmentos, relacionando seus discursos à repercussão do acontecimento discursivo da pandemia de covid-19, contribuímos para os estudos discursivos no que tange à problematização da relação entre o fato jornalístico — que

é técnico e segue uma linha editorial — e o fato discursivo — que é ideológico e afeta a interpretação nessa mediação dos acontecimentos.

Mostramos que um mesmo acontecimento discursivo terá sua legibilidade constituída nas mídias informativas por meio de variados processos ideológicos, retomadas e deslocamentos de sentidos nas redes de memória, numa prática simbólica que direciona distintas significações. Ou seja, diferentes segmentos constroem e sustentam versões específicas dos fatos que elegem ser notícia, pois, conforme argumenta Orlandi (2001), há um comprometimento dos sujeitos interpelados ideologicamente com a versão que concerne às posições por eles assumidas.

Sob essa ótica, a diversidade existente na forma como GM, MC e MA significaram a pandemia se dá porque, como define Pêcheux (1995), o sentido não é único e se determina de acordo com as posições ideológicas envolvidas quando as palavras são produzidas. Ainda, o papel da memória nesse processo de significação é preponderante porque a constituição dos sentidos passa por ela, no que tange à dissimulação do interdiscurso nas formações discursivas. É assim que pré-construídos ligados ao anticomunismo, por exemplo, afetam a interpretação sobre um vírus que surge na China, produzindo efeitos de sentidos que sugerem haver intencionalidade no surgimento da pandemia.

Nesta tese, então, verificamos que a repercussão do acontecimento discursivo da pandemia não se deu de forma homogênea e que ela envolveu uma disputa de sentidos no confronto de discursos entre GM, MC e MA. Por isso, em uma dada mídia, a pandemia é uma arma biológica; enquanto para outra mídia vem de um processo natural. É importante seguir refletindo teoricamente acerca da pandemia de covid-19, para não perdermos de vistas os sentidos que ela tem e ainda pode ter, os quais não estão dados e não são homogêneos, afinal, como explica Orlandi (2001, p. 19): “A incompletude é característica de todo processo de significação”. Inclusive, novas pesquisas sobre origem do vírus ou legitimação das vacinas seguem acontecendo mesmo em 2024, o que demonstra o quanto esse acontecimento é instável, mesmo quatro anos depois de seu início. Ainda, precisamos nos manter atentos a opacidade desse acontecimento no que tange aos posicionamentos negacionistas, que são danosos à evolução da ciência e ao bem da sociedade.

Ademais, na nossa análise, demonstramos particularidades, divergências e aproximações possíveis entre GM e MA, e entre parte da GM e MC. Também, acreditamos ter colaborado teoricamente no que diz respeito a importância de não olhar MC e GM como um mesmo bloco, mas estudá-las considerando suas naturezas distintas, principalmente no cenário

histórico atual, já que a MC é uma mídia emergente que tem posicionamentos inclusive acusatórios contra a GM, a quem chama de “extrema imprensa”.

Devido a existência de poucas pesquisas sobre a MC no campo da análise do discurso e ao fato de nossa pesquisa se limitar temporalmente à pandemia de covid-19 entre 2020 e 2023, entendemos que estudos futuros podem aproveitar a base histórica e teórica que trouxemos para analisar como esse segmento trabalha a memória a partir de outros recortes: eleições, guerras internacionais que envolvem parceiros comerciais do Brasil, crises humanitárias relativas ao refúgio e à xenofobia etc., o que desejamos seguir fazendo também.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de estado**: Nota sobre os aparelhos ideológicos de estado. Tradução: Joaquim José de Moura Santos. Lisboa: Editorial Presença, 1980 [1970].
- ALVES, W.; PIMENTA, D. N.; ANTUNES, M. N. Cenas discursivas da pandemia de Covid-19: o discurso sobre o isolamento social na imprensa. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação Em Saúde**, n. 15, v. 1, p. 18-32, 2021. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/2204>. Acesso em: 09, abr. 2023.
- AQUINO, J. K. S. Reflexos do liberalismo conservador no Brasil. *In*: MONTEIRO, Átila Brandão *et al* (org.). **Ensaio de Filosofia Brasileira**. Fortaleza: EDUECE, 2021, p. 69-92. Disponível em: <https://www.uece.br/eduece/wp-content/uploads/sites/88/2021/12/Ensaio-de-Filosofia-Brasileira.pdf>. Acesso em 04 jun. 2023.
- BARBOSA, Mariana (org). **Pós-verdade e fake news**: reflexões sobre a guerra de narrativas. Rio de Janeiro: Cobogó, 2020. Edição do Kindle.
- BATISTA, A. S.; PEREIRA, A. M dos S. Discursivização das 100 mil mortes por covid-19 em primeiras páginas e capas de jornais e revistas do Brasil. *In*: BAALBAKI, Angela; SILVA, Luiz Felipe Andrade. (orgs.). **Discursos da pandemia**: entre dores e incertezas. Campinas, SP: Pontes, 2020, p. 81-98.
- BECKER, M. L. Mídia alternativa: trajetória, conceitos e experiências. *In*: WOITOWICZ, Karina Janz (org.). **Recortes da Mídia Alternativa**: histórias e memórias da comunicação no Brasil. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2009.
- BENETTI, Marcia. Análise de discurso como método de pesquisa em comunicação. *In*: MOURA, C. P; LOPES, M. I. V. (org). **Pesquisa em comunicação**: metodologias e práticas acadêmicas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.
- BIROLI, F.; MIGUEL, L.F. **Notícias em disputa**: mídia, democracia e formação de preferências no Brasil. São Paulo: Contexto, 2017. Edição do Kindle.
- BOBBIO, Norberto. **Direita e esquerda. Razões e significados de uma distinção política**. Tradução de Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Editora da Universidade Paulista, 2^a reimpressão, 1995.
- BOMBARDELLI, J. **Sujeito, sociedade, neoliberalismo e sentido no discurso da contabilidade**. 2019. 201f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre-MG. 2009.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Seguido de: A influência do jornalismo e Os jogos olímpicos. Tradução: Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997 [1930].
- CALIL, Gilberto. O pronunciamento de Bolsonaro que consolidou a diretriz negacionista e comprova sua diretriz genocida. **Revista História & Luta de Classes**, ano 18, ed. 35, mar. 2023, p. 71-75.

CASARÕES, Guilherme. Eleições, política externa e os desafios do novo governo brasileiro. **Pensamiento Propio**, v. 24, p. 231-274, 2019.

CASTELLS, Manuel. **O poder da comunicação**. Tradução: Vera Lúcia Mello Joscelyne. Revisão de tradução de Isabela Machado de Oliveira Fraga. 2. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017 [2009].

CARVALHO, Olavo. Do marxismo cultural. **Olavo de Carvalho**: site oficial. 08 jun. 2002. Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/escolha-desgracada/>. Acesso em: 15 maio. 2024.

CAZARIN, Ercília Ana. A representação do sujeito no discurso político de L. I. Lula da Silva. **Caderno Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 37, p. 5-10, jul./dez, 1999.

CORTES, Gerenice Ribeiro de Oliveira. O gigante das diretas está na direção certa? Memória e metáfora no discurso virtual sobre o Brasil. *In*: GRIGOLETTO, Evandra; DE NARDI, Fabiele Stockmans; SOBRINHO, Helton Flávio da Silva (org.). **Silêncio, memória, resistência**: a política e o político no discurso. Campinas, SP: Pontes, 2019, p. 135-150.

COSTA, G. C. da. Notas sobre gestos de interpretação: o sem-sentido e o não-sentido em face do distanciamento social. **Calidoscópico**, v. 19, n,1, p.77-87, 2021.

COURTINE, J.-J. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Paulo: EdUFSCar, 2014.

COURTINE, Jean-Jacques. Definição de orientações teóricas e construção de procedimentos em análise de discurso. **Policromias**, v. 1, n. 1, 2016, p. 14-35. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/policromias/article/view/4090/3058>.

CUNHA, Magali do Nascimento. **Do púlpito às mídias sociais**. Evangélicos na política e o ativismo digital. Curitiba, PR: Appris, 2019.

D'ANCONA, Matthew. **Pós-verdade**: a nova guerra contra os fatos em tempos de Fake News. Barueri: Faro editorial, 2018.

DELA-SILVA, Silmara. Do acontecimento jornalístico ao discursivo: o discurso sobre a televisão no Brasil. *In*: DE AZEVEDO, N. P. da S. G.; FONTE, R. F. L. (orgs.). **Análise do discurso**: Mo(vi)mento de interpretações. Curitiba: CRV, 2011, p. 157-166.

DELA-SILVA, Silmara. (Des)Construindo o acontecimento jornalístico: por uma análise discursiva dos dizeres sobre o sujeito na mídia. *In*: FLORES, G. G. B.; NECKEL, N. R. M.; GALLO, S. M. L. (orgs.). **Discurso em rede**: Cultura e Mídia (vol. 1). Campinas, SP: Pontes. 2015. p. 213-232.

DELA-SILVA, Silmara. Na mídia, uma pandemia: sobre o discurso midiático em seu funcionamento. *In*: GALLI, F. C. S.; BIZIAK, J. dos S.; ZOPPI-FONTANA, M. G. (orgs.). **O não-sentido como espaço de (r)existências**: Processos de subjetivação na pandemia. São Carlos: Pedro e João, 2020. p. 387-399.

DELA-SILVA, Silmara; MATHEUS, Mario Luiz Bezerra Feitosa. Sobre o discurso publicitário governamental em tempos de pandemia. *In*: BAALBAKI, Angela; SILVA, Luiz

Felipe Andrade. (orgs.). **Discursos da pandemia: entre dores e incertezas**. Campinas, SP: Pontes, 2020, p. 183-201.

DOWNING, John. D. H. **Mídia Radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2002.

DUARTE, André; CÉSAR, Maria Rita. Notas sobre o neoliberalismo, neoconservadorismo e a crise da democracia brasileira. **Currículo sem Fronteiras**, v. 22, p. 1-18, 2022.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. **A arte da quarentena para principiantes**. São Paulo: Boitempo, 2020. Formato: epub.

FERRARI, Pollyana. **Jornalismo Digital**. São Paulo: Editora Contexto, 2014. *Ebook*.

FERREIRA, Maria Nazareth. **A imprensa operária no Brasil – 1880-1920**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1978.

FIGUEIRA SOBRINHO, Nelson. **A Guerra da Notícia – A política do silêncio no Jornal Nacional e no discurso de Jair Bolsonaro relatado pelo telenoticiário na pandemia de Covid-19**. 2024. 234 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel.

FLORES, Giovana G. Benedetto; NECKEL, Nádia Régia Maffi. Notícia ou informação? Efeito de neutralidade e silenciamentos históricos. *In: GRIGOLETTO, Evandra; DE NARDI, Fabiele Stockmans; SOBRINHO, Helton Flávio da Silva (org.). Silêncio, memória, resistência: a política e o político no discurso*. Campinas, SP: Pontes, 2019. p. 261-274.

FREITAS, Diana Barbosa de. **Uma análise discursiva dos modos de textualização do político em páginas de mídias tradicionais e alternativas do facebook**. 2021. Dissertação (Mestrado em Linguagem e Ensino) – Universidade Federal de Campina Grande, Pós-graduação em Linguagem e Ensino, Campina Grande, PB, 2021.

GALVÃO-LACET, Vanda Késsia Gomes; FARIAS, Washington Silva de. A origem do coronavírus no discurso de sites jornalísticos brasileiros em 2023: culpabilização da China em pauta. **Tabuleiro de Letras**, [S. l.], v. 17, n. 2, p. 12–28, 2023. DOI: 10.35499/tl.v17i2.18980. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/18980>. Acesso em: 27 jan. 2024.

GIBBS, Graham. **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GILSON, Daniela Varnier. **Discurso, política e poder: o negacionismo na pandemia de covid-19 no Brasil**. 2022. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Pós-graduação em Ciências da Linguagem, Tubarão, SC, 2022.

GRIGOLETTO, E. Do lugar social ao lugar discursivo: o imbricamento de diferentes posições-sujeito. *In: FERREIRA, M. C.; INDURSKY, F. (orgs). Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites*. São Carlos: Claraluz, 2007. p. 123-134.

HARVEY, David. **O neoliberalismo**: história e implicações. Tradução de Adail Sobral e Maria Estela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 2008.

HARVEY, David. **O enigma do capital e as crises do capitalismo**. Tradução de João Alexandre Peschanski. São Paulo, SP: Boitempo, 2011.

INÁCIO, A. A.; ALMEIDA, T. M. G. DE; SCHLESENER, A. H. Observações sobre método, teoria política e educação em Antonio Gramsci. **Revista Katalysis**, v. 21, p. 210-218, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-02592018v21n1p210>. Acesso em: 20 abr. 2024.

INDURSKY, Freda. Formação Discursiva: esta noção ainda merece que lutemos por ela? *In*: INDURSKY, Freda e FERREIRA, Maria Cristina Leandro (org.). **Análise do Discurso no Brasil**: mapeando conceitos, confrontando limites. São Carlos: Claraluz, 2007, p. 163-172.

INDURSKY, Freda. Entrevista. *In*: MARIANI, B.; SILVA, S. D. Discurso político: processos de significação em tempos de fake news – uma entrevista com Freda Indursky. **Caderno de Letras da UFF**, Niterói, v. 30, n. 59, 2019. p. 13-31.

INDURSKY, Freda; RODRIGUES, Andréa. Entrevista com freda indursky / Interview with Freda Indursky. **Pensares em Revista**, [S. l.], n. 17, 2020. DOI: 10.12957/pr.2020.47301. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/pensaresemrevista/article/view/47301>. Acesso em: 7 abr. 2024.

INDURSKY, Freda. As formas do silêncio como acontecimento discursivo. *In*: DIAS, C. C.; COSTA, G. C. da; BARBAI, M. A. (org.). **Manifesto Silêncio**: uma leitura da obra de Eni P. Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 2023, p. 53-71.

KAYSEL, A. O anticomunismo é um outro nome para o ódio à democracia, avalia pesquisador. [Entrevista]. **Jornal da Unicamp**, Campinas, 22 dez. 2022. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/index.php/ju/noticias/2022/12/22/o-anticomunismo-eum-outro-nome-para-o-odio-democracia-avalia-pesquisador>. Acesso em: 29 jul. 2024.

LAGE, Nilson. **Teoria e Técnica do texto jornalístico**. 7. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

LYNCH, Christian; CASSIMIRO, Paulo Henrique. **O populismo reacionário**. São Paulo: Contracorrente, 2022. Formato: epub.

MACHADO, Arlindo. Apresentação à edição brasileira do livro *Mídia Radical*. *In*: DOWNING, John. D. H. **Mídia Radical**: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2002. p. 9-15.

MALERBA, J.; FERNANDES, R. Conspiracionismo e negacionismo político-midiático: complementaridades discursivas entre Bolsonaro e Sikêra Júnior sobre a pandemia de Covid-19. **Revista Mídia e Cotidiano**, n. 15, v. 3, p. 51-72, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/rmc.v15i3.50961>. Acesso em 15 mar. 2023.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação e jornalismo**. A saga dos cães perdidos. São Paulo: Hacker, 2000.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 2000.

MARIANI, B. S. C. **O comunismo imaginário**: práticas discursivas da imprensa sobre o PCB (1922-1989). 259 f. Tese (Doutorado no Instituto de Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

MARQUES, Luís Henrique. **Teoria e prática de redação para jornalismo impresso**. Bauru, RS: Editora Edusc, 2003.

MARQUES DE MELO, José. **Gêneros e formatos jornalísticos**: um modelo classificatório. **INTERCOM - RBCC**, São Paulo, v. 39, n. 1, p.39-56, jan./abr. 2016.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria da comunicação**: ideias, conceitos e métodos. 6. ed. revista e atualizada. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

MBEMBE, Achile. Necropolítica. **Arte & Ensaios**, n. 32, 2016.

MELO, S. H. D. O discurso de neutralidade da imprensa. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 5, n. 1, p. 29-40, jul/dez. 2004.

MOURA, H. **O vírus bandido**. Linguagem e política na pandemia. Campinas - SP: Editora da Unicamp, 2023.

OLIVEIRA, José Carlos. “A cultura científica e a Gazeta do Rio de Janeiro (1808-1821)”, **Revista da Sociedade Brasileira de História da Ciência**, Campinas, n.17, p. 29-58, jan./jun. 1997.

OLIVEIRA, Lucinéia; CORTES, Gerenice. A covid-19 como acontecimento discursivo: um “carnaval” de sentidos nas mídias digitais. **RUA**, v. 29, n. 2, p. 493-512, 2023.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. Campinas-SP: Pontes, 2001.

ORLANDI, E. P. A análise de discurso e seus entre-meios: notas a sua história no Brasil. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 42, p. 21–40, 2002. DOI: 10.20396/cel.v42i0.8637039. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637039>. Acesso em: 4 jun. 2023.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 6. ed. Campinas-SP: Pontes Editores, 2005.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 5. ed. Campinas, SP: Pontes, 2007.

ORLANDI, Eni. Silêncios: presença e ausência. **ComCiência**, Campinas, n.101, 2008. Disponível em: <http://comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=38&id=456>. Acesso em: 18 jun. 2022.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso em análise:** sujeito, sentido, ideologia. Campinas, Pontes, 2012.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Eu, tu, ele:** discurso e real da história. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2017.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Volatilidade da interpretação: política, imaginário e fantasia. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MjCsJxfiXtg>. **Youtube**. Congresso da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN). 2020. Acesso em 08 de ago, 2021.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Volatilidade da interpretação: política, imaginário e fantasia. **Cadernos de Linguística**, v. 2, n. 1, p. 01-15, 2021.

PASINATTO, R. O funcionamento discursivo das fake news sobre as vacinas contra Covid-19: sentidos que (ir)rompem o digital e produzem efeitos na vida do sujeito e da sociedade. **Gláuks - Revista de Letras e Artes**, v. 21, n. 1, p. 280-302, 2021.

PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (orgs). **Por uma análise automática do discurso**. Tradução de Bethania S. Mariani *et al.* 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997 [1969]. p. 61-161.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni P. Orlandi *et al.* 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995 [1975].

PÊCHEUX, Michel. Sobre a (Des-)construção das teorias linguísticas. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 1, n. 2, p. 7–32, 1998. DOI: 10.20396/lil.v2i2.8663552. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/lil/article/view/8663552>. Acesso em: 31 maio. 2023.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, P. *et al.* (org.). **Papel da memória**. Tradução e introdução de José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, Michel. **O Discurso:** estrutura ou acontecimento. Tradução por Eni P. Orlandi. 5. ed. Campinas: Pontes Editores, 2008 [1988].

PÊCHEUX, Michel. Ousar pensar e ousar se revoltar. Ideologia, marxismo, luta de classes. **Décalages**, v. 1, n.14, 2014 [1984]. Disponível em: <http://scholar.oxy.edu/decalages/vol1/iss4/15/>

PÊCHEUX, Michel. **Análise de discurso:** Michel Pêcheux. Textos selecionados: Eni P. Orlandi. 4. ed. Campinas: Pontes, 2015 [1984].

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

PERUZO, Cicília M. Krohling. Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados: reelaboraões no setor. **Revista Palavra Clave**, v. 11, n. 2, p. 367-379, 2008.

PETRI *et al.* (org). **Ditos e não-ditos**. Discursos da, na, e sobre a pandemia. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

PETRI, Verli; VENTURINI, Maria. Cleci. Eu sou o presidente”: os ditos, os não-ditos e os reditos na política de estado brasileira em tempos de pandemia. **Signo y seña**, n. 38, out. 2021.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana.; FREIXO, Adriano de. (orgs). **Brasil em transe: Bolsonaro, Nova Direita e Desdemocratização**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2019. Formato: epub.

PRADO, Michele. **Tempestade ideológica**. Bolsonaro, a alt-right e o populismo iliberal no Brasil. São Paulo: Editora Lux, 2021. Formato epub.

PUGLIA, L. S. Gramsci e os Intelectuais de Direita no Brasil contemporâneo. **Revista Teoria e Cultura**, v. 13 n. 2. p. 40-54, dezembro, 2018.

ROCHA, Camila. **Menos Marx, mais Mises: o liberalismo e a nova direita no Brasil (2006-2018)**. 2018, Tese (Doutorado em Ciência Política) – Universidade de São Paulo, Pós-graduação Ciência Política. 2018.

SILVA, C. L. S. da. Mídia e ascensão conservadora. **Argumentum**, Vitória, v. 9, n. 2, p. 172-182, maio/ago. 2017.

SILVA, F. dos S. S.; ALMEIDA, T. F. de; ARAÚJO, L. M. B. M. de. Isolamento, distanciamento social e quarentena: produção de sentidos na pandemia da covid-19. *In*: SILVA, M. M. da; CARVALHO, L. P.; SANTOS, J. A. B. (orgs). **Pandemia em (Dis)Curso**. Catu: Bordô-Grená, 2022. p. 49-66.

SILVA, Marcone Oliveira da. **A apresentação do mundo pela linguagem do jornalismo**. 2004, Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco, Pós-graduação em Letras e Linguística. 2004.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O futuro começa agora**. Da pandemia à utopia. São Paulo: Boitempo, 2021.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A., 1966.

SOUZA, Sarah Corrêa de.; OLIVEIRA, Michelle Roxo. Jornalistas Egressos de Grandes Redações Para Projetos Alternativos de Jornalismo: significados sobre a mudança de trajetória e os sentidos do trabalho. **Anais do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, São Paulo, 2016.

SPONHOLZ, Lirian. O que é mesmo um fato? Conceitos e suas consequências para o jornalismo. **Revista Galáxia**. São Paulo, n. 18, p-59-69, dez. 2009.

USCINSKI, Joseph E.; ENDERS, Adam, M, **Conspiracy Theories: A Primer**. 2. ed. New York: Rowman & Littlefield. 2023

VIANNA, Lucas. Oliveira.; MENDONÇA, Matheus. Thiago. Carvalho. “E conheceréis a verdade, e a verdade vos libertará”? A retórica religiosa na construção do “mito” bolsonarista

e sua recepção pelo evangelicalismo brasileiro. **Antropolítica - Revista Contemporânea de Antropologia**, v. 55, n. 2, p. 1-27, maio/ago. 2023.

WOITOWICZ, K. J. Por uma outra história da mídia. *In*: WOITOWICZ, K. J. (org.). **Recortes da mídia alternativa: histórias e memórias da comunicação no Brasil**. Ponta Grossa: ED. UEPG, 2009.

WURMBRAND, R. **Torturado por amor a Cristo**. São Paulo: Imprensa Metodista, 1976.

XUE, X. **As Boas Mulheres da China: vozes ocultas**. Trad. Manoel Paulo Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

ZIZEK, Slavoj. 2020. Um golpe como 'Kill Bill' no capitalismo. *In*: DAVIS, M. *et al.* (orgs.). **Coronavírus e a luta de classes**. Brasil: Terra sem Amos, 2020.

ZOPPI FONTANA, Mónica Graziela. Mulheres em Discurso: linguagem, política e verdade. **Revista Heterotópica**, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 30–39, 2020. DOI: 10.14393/HTP-v2n1-2020-55558. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/RevistaHeterotopica/article/view/55558>. Acesso em: 8 maio. 2023.

ZOPPI FONTANA, Mónica Graziela. Pós-verdade e enunciação política: entre a mentira e o rumor. *In*: CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice; PIOVEZANI, Carlos. (orgs.). **Discurso e (pós)verdade**. São Paulo: Parábola, 2021.